ELISE BRYANT ★ LYNN PAINTER ★ J. ELLE

JESSE Q. SUTANTO ★ KATHARINE MCGEE ★ JULIE MURPHY ★ SLOAN HARLOW

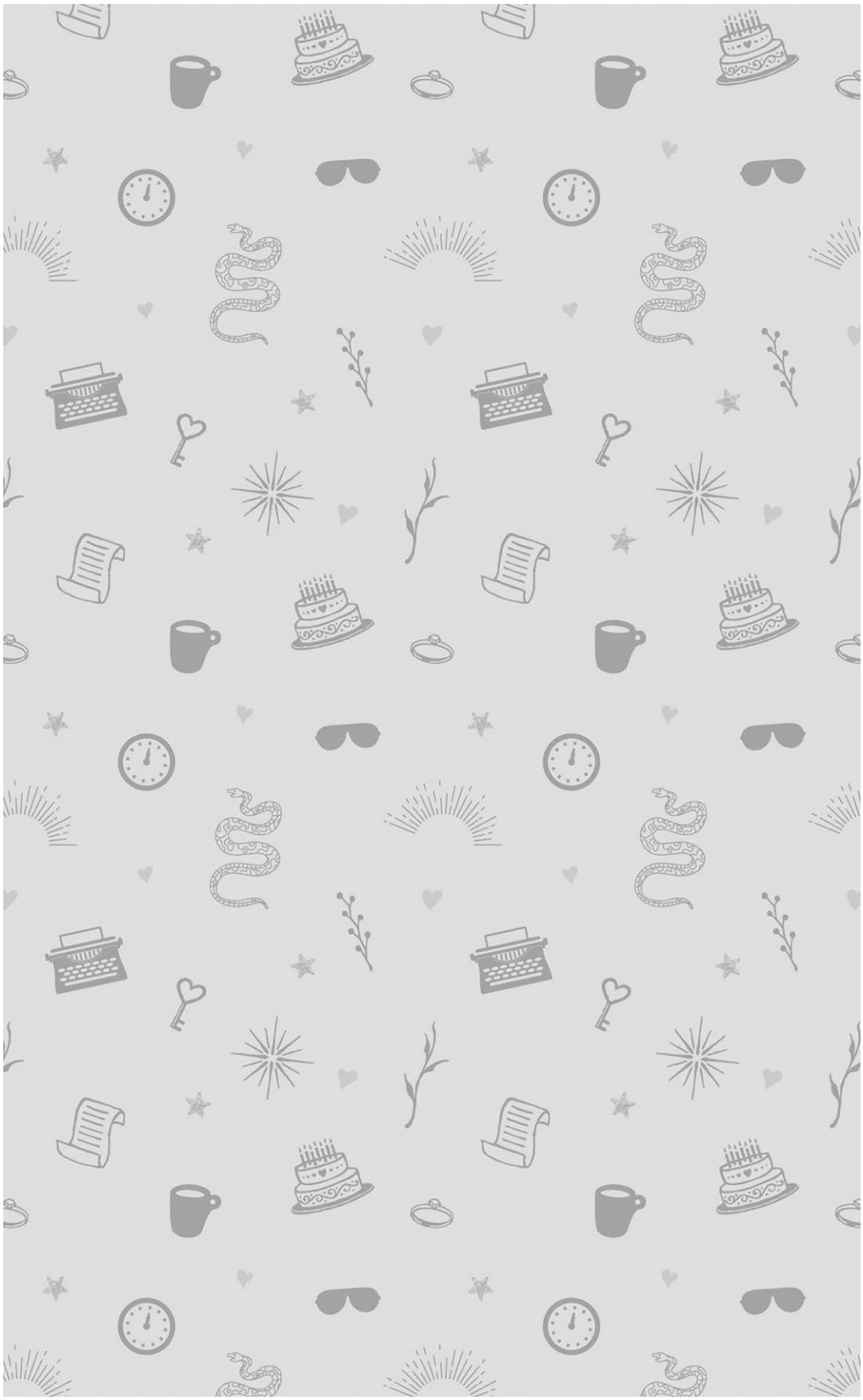
JENNIFER DUGAN ★ LAURA SEBASTIAN ★ SARA SHEPARD ★ JESSICA GOODMAN

13 HISTÓRIAS DE AMOR



UMA ANTOLOGIA INSPIRADA NAS MÚSICAS DE TAYLOR SWIFT

CRYSTAL MALDONADO ★ KRYSTAL MARQUIS



13 HISTÓRIAS DE AMOR

UMA ANTOLOGIA INSPIRADA NAS MÚSICAS DE TAYLOR SWIFT

Elise Bryant ✦ Jennifer Dugan ✦ J. Elle
Jessica Goodman ✦ Sloan Harlow
Crystal Maldonado ✦ Krystal Marquis ✦ Katharine McGee
Julie Murphy ✦ Lynn Painter
Laura Sebastian ✦ Sara Shepard ✦ Jesse Q. Sutanto

Tradução de
Beatriz D'Oliveira e Nathália Dimambro

intrínseca

TÍTULO ORIGINAL
13 Little Love Stories: An Anthology Inspired by Taylor Swift Songs

COPIDESQUE
Thaís Carvas

PREPARAÇÃO
Thais Entriel

DESIGN DE CAPA
Jessica Jenkins

IMAGEM DE CAPA
Muratart Adobe Stock

E-ISBN
978-85-510-1876-7

Edicao digital: 2026

Todos os direitos desta edição reservados
EDITORA INTRÍNSECA LTDA
Av. das Am ricas, 500, bloco 12, sala 303
Barra da Ti uca, Rio de Janeiro - RJ
CEP 22640-904
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T741

13 histórias de amor [recurso eletrônico] : uma antologia inspirada nas músicas de Taylor Swift / Elise Bryant ... [et al.] ; tradução Beatriz D'Oliveira, Nathália Dimambro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2026.
recurso digital

Tradução de: 13 little love stories : an anthology inspired by Taylor Swift songs
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1876-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Bryant, Elise. II. D'Oliveira, Beatriz. III. Dimambro, Nathália. IV. Título.

CDD: 813
26-105333.0 CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

intrinseca.com.br

@intrinseca

editoraintrinseca

@intrinseca

@editoraintrinseca

intrinsecaeditora

SUMÁRIO



[Avançar para o início do texto]

CAPA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
MÍDIAS SOCIAIS

ELISE BRYANT
O grande gesto

J. ELLE
Tudo que eu não disse

JESSE Q. SUTANTO
Só para nós dois

LYNN PAINTER
Aconteceu numa quarta-feira

KRYSTAL MARQUIS
Trabalho em grupo

JESSICA GOODMAN
Que freio

SLOAN HARLOW

Cinco verões

JULIE MURPHY

O cardigã em questão

CRYSTAL MALDONADO

Era uma vez no baile

KATHARINE MCGEE

Estamos aqui agora

LAURA SEBASTIAN

Ouro dos tolos

JENNIFER DUGAN

Demorou, mas Ali se tocou

SARA SHEPARD

Divergências criativas

SOBRE AS AUTORAS

O GRANDE GESTO

Elise Bryant



Playlist: "Fifteen"

A PISTOLA DE COLA QUENTE não está funcionando, e ela precisa funcionar, por ue essa a minha última chance de dar um eito na minha vida.

Eu sei, *eu sei* ue muita pressão para uma pistola de cola uente. Seria muito mais prático pedir um conselho minha mãe ou, pelo menos, a um ser humano de verdade. Mas eu estou meio ue desesperada. E essa pistola de cola uente, essa folha de EVA cor-de-rosa e toda a purpurina e tinta ue consegui comprar na lo a de artesanato com o resto do dinheiro ue ganhei de aniversário são tudo o ue tenho.

Eu te odeio digo para a pistola.

Ela tem funcionado em dois modos: ou tão escaldante ue os tubos de cola escorrem assim ue os enfio nela, ou estranhamente fria, o ue um baita feito, considerando ue verão em Long Beach e a gente não tem ar-condicionado. E isso *não* está me a udando a colar as letras de papel-cartão branco ue cortei com todo o cuidado... as letras ue formam a mensagem ue preciso entregar agora, esta noite, se uiser ue as coisas voltem a ser como antes. Se uiser ser perdoada.

Um fio de cola fervente cai nos meus dedos e eu ogo a maldita pistola no chão.

Eu te odeio, eu te odeio, EU TE ODEIO

arriet A voz preocupada da minha mãe ecoa do corredor. Tudo bem aí

Ela se preocupa com tudo. Tenho a impressão de ue está sempre tocando minha testa ou conferindo minha localização ou consultando livros ue os programas de TV indicam a respeito de como criar adolescentes da maneira certa. Mas acho ue, desta vez, sua preocupação válida, por ue estou *falando* com uma pistola de cola uente.

Al m disso, não saio do uarto desde o último dia letivo, exceto para torrar todo o meu dinheiro na lo a de artesanato. E tenho ouvido a mesma música sem parar, praticamente fazendo um cosplay da Bella na uela cena de *Lua Nova*, depois ue o Edward a abandona e ela fica sozinha, se perguntando uem ela agora ue não mais metade da uele par. E isso... , eu me identifico. Só ue uma situação bem menos legal sem a uele filtro do filme e *com* a realidade fedida de ficar sentada numa cadeira, olhando para o nada, sem nem tomar banho.

Não foi nada Tá tudo bem

Estou bem. S rio. Agora ue tenho um plano. Uma missão.

 o seguinte, eu vou fazer um grande gesto.

Essa sempre foi minha parte favorita de livros e filmes de romance. uando algu m percebe ue errou ao deixar o verdadeiro amor escapar e sai correndo pelo aeroporto (ue, por algum motivo, não tem nenhum protocolo de segurança) para recon uistá-lo. Ou contrata uma banda para fazer uma serenata, um avião ue escreve mensagens com fumaça no c u ou uma trupe de acrobatas para declarar os sentimentos ue deveria ter confessado há muito tempo. E então, todos os erros cometidos são es uecidos na hora. A música aumenta, os cr ditos sobem. O leitor aperta o livro contra o peito e suspira de alegria. Felizes para sempre.

A uestão ue eu não vou sair correndo para a Itália como a Bella, e com certeza não tenho grana para contratar uma banda, mas o grande gesto ue plane ei ainda bastante respeitável: pedrinhas na anela, erguer um cartaz enorme. um clássico. E vai funcionar... eu sei ue vai. Tem ue funcionar.

Só ue, primeiro, preciso terminar o cartaz, e se essa pistola de cola uente continuar me sabotando, vou ter ue pensar em outra coisa. *E se eu só pintar?* Balanço a cabeça assim ue a ideia surge, por ue vai ficar horrível. Gaile sempre diz (ou sempre *dizia*, n) ue eu tenho a letra de um assassino em s rie, e ela tem razão.

Ah, espera aí. Fita dupla face Sei ue a fita dupla face ue sobrou da mudança, no ano passado, está por a ui, em algum lugar. Eu a usei para cobrir cada canto dessas paredes bege e sem graça com pôsteres de filmes com grandes gestos: *Para todos os garotos que já amei, Meu eterno talvez e Rye Lane: Um amor inesperado*...

Meus olhos vão direto para a estante de livros e focam na pilha de caixas organizadoras cor de creme em cima dela. Minha mãe as comprou em uma da uelas lo as ue praticamente *só* vendem caixas organizadoras e as deixou no meu uarto como uma dica para eu me livrar das caixas de sapato ue eu usava para guardar as coisas. Subo na cadeira ue estava unto da escrivaninha para conseguir alcançar o topo da estante e apoio um p na terceira prateleira para me firmar en uanto pego a caixa em ue acho ue está a fita dupla face. Mas aí, sem uerer, derrubo outra caixa igualzinha. E claro ue a *pior* caixa. A uela ue eu nunca mais ueria abrir. A ue eu deveria ter ueimado em vez de ter colocado em cima da estante, possibilitando ue isso acontecesse.

Todo o conteúdo da caixa se espalha pelo chão, todas as lembranças do meu relacionamento com Oliver. Todos os ob etos ue guardei por ue não conseguia olhar para eles sem chorar, mas tamb m não suportava a ideia de ogar fora.

A camiseta desbotada da Velvet Underground, o ingresso para o Art Theatre, flores secas do corsage ue usei no baile de primavera, um bilhete e pilhas de imagens da cabine de fotos do Mode. Minha pulseira verde-neon de acesso aos bastidores.

Cada lembrança me leva de volta ao passado. Para antes de eu discutir com uma pistola de cola uente e escalar a mobília, me agarrando a um grande gesto como última esperança. Para antes de eu estragar tudo.

LEMBRANÇA 1: A CAMISETA DELE

Eu não esperava ue o primeiro ano do ensino m dio fosse ser o melhor da minha vida. Tipo, eu não era tão iludida assim.

Mas pensei ue começar o primeiro ano em uma nova escola depois de me mudar para uma nova cidade poderia ser uma boa. Eu poderia ser a novata

misteriosa e intrigante. Poderia escolher exatamente ual personalidade eu gostaria de ter e me livrar de todas as minhas antigas vers es.

Só ue as pessoas na Escola Preparatória illmore não eram nada parecidas com as da minha antiga escola de ensino fundamental, em Fresno. E não sei se a culpa era do ensino fundamental ou de Fresno, mas, assim ue passei por a uelas portas, me senti totalmente despreparada. Era como se todo mundo tivesse se matado de estudar para uma prova, en uanto eu nem sabia ue cursava a uela mat ria. As garotas usavam roupas impecáveis e sabiam passar rímel sem deixar os cílios todos colados, e andavam com a postura reta, como se estivessem totalmente confortáveis com seus corpos e nem um pouco nervosas em compará-los com o dos outros. Elas pareciam fazer *skin care* e ter opini es fortes e corretas sobre o capitalismo e o patriarcado. Eram incríveis sem nem fazer esforço.

E tudo em mim na mesma hora começou a parecer... *muito* forçado. Passei horas pensando nas minhas roupas na noite anterior o eans perfeito, a camiseta perfeita , mas ali eu me dei conta de ue estava tudo errado. Ficou claro ue eu nunca me encaixaria na uele lugar, não importava o ue fizesse. Então, uando enfim chegou a hora do intervalo, eu á tinha decidido ue o melhor a fazer seria ficar na minha, ser discreta; assim, ningu m notaria ue *eu* tamb m era toda errada.

Só ue aí Gaile apareceu.

Ela tinha um black power de cachos ruivos e uma explosão de sardas na pele marrom-clara. Suas roupas eram uma overdose de dopamina: um vestido com estampa rosa e vermelha, sapatilhas de cetim amarelo e braços cheios de pulseiras de miçanga das cores do arco-íris.

Ela tamb m não se encaixava ali, mas de um eito diferente. Gaile era como um filhote de cisne em meio a um bando de patinhos e, mesmo sendo caloura, vi ue uma hora o ogo ia virar para ela. Por ue Gaile tinha uma postura ue fazia parecer ue estava tentando *não* se encaixar. Como se á tivesse entendido tudo e estivesse apenas esperando impacientemente ue a ficha do resto de nós caísse.

Então, e o ensino m dio Ela se sentou no canto do pátio onde eu estava escondida, atrás de uma pilastra de concreto, como se a gente tivesse combinado de se encontrar ali. ual a sua avaliação

Minha avaliação

, tipo, cinco estrelas Dois oinhas Se uiser ser mais detalhista, pode at fazer uma escala de um a dez.

Senti meu estômago contrair en uanto eu procurava por olhos semicerrados ou um sorriso sarcástico ue indicassem ue ela decidira se sentar ao meu lado por ue eu parecia um alvo fácil para zoaç es. Mas seus olhos escuros eram límpidos e gentis, e ela sorria como se tivesse genuinamente interessada na resposta.

ero. Estrelas ou oinhas.

Ela assentiu.

Por favor, expli ue.

E agora ue eu tinha sua atenção, sentia uma grande necessidade de mant -la. ueria dizer a coisa certa, parecer inteligente, para ela não se arrepender de ter escolhido conversar comigo.

ue eu achei... achei ue o ensino m dio fosse ser diferente, sabe Mas parece ue estamos na mesma corrida de sempre. E eu... *tropecei*. Tropecei e caí logo na largada, então não tenho mais esperança de alcançar os outros.

Na mesma hora, uis engolir as palavras. A uela garota não estava uerendo ouvir *metáforas*. Fi uei toda vermelha de vergonha e *agradeci* mentalmente melanina ue não permitia ue a manifestação física do meu constrangimento ficasse visível.

Nossa, isso soou muito dramático. Desculpa falei.

Não foi dramático. Tipo, fala mesmo *exatamente* assim.

Ah. ã, ...

Eu sempre achei ue seria como nos filmes. Tipo, sabe no primeiro filme de *Crepúsculo*...

Eu amo *Crepúsculo* Senti meu rosto ueimar de novo. *Fala baixo, Harriet. Não exagera.* Mas ue fi uei muito surpresa em ouvi-la mencionar algo ue *eu* citaria se não estivesse tentando parecer esperta e interessante.

 uer dizer, sei ue brega. E problemático.

Tudo problemático. Ela deu de ombros. Mas então, pois . Sabe como todo mundo fica obcecado pela Bella logo de cara Todos os garotos uerem namorar ela, todas as garotas uerem ser amigas dela... e talvez namorar ela tamb m. Toda esse lance de não-sou-como-as-outras-meninas. E

agora, a ui estou eu, ue *realmente* não sou como as outras meninas, e ningu m nessa escola liga para isso.

Ela gesticulou para a própria roupa, com um sorrisinho bem-humorado e autodepreciativo.

Então, concordo continuou. ero estrelas. Estrelas negativas Implorei para os meus pais me matricularem a ui, em uma escola normal, para eu poder fazer amigos. Eu estudava em casa... eu sei, ue surpresa. Mas sei lá. Talvez eu tenha me enganado.

Observei as várias pulseiras ue ela usava; pareciam pulseiras da amizade. Gaile seguiu meu olhar.

Ah, eu mesma ue fiz. uer uma Antes ue eu pudesse responder, ela pegou uma e a colocou no meu pulso como se não fosse nada, embora, na uele dia solitário, tenha sido *tudo* para mim. E ual o seu nome Acho ue uma coisa importante de saber, se vamos passar por isso untas.

ã Levei um momento para lembrar meu nome, por ue estava distraída pelo ue ela tinha acabado de dizer. *Isso significa...?* arriet. Eu me chamo arriet.

Gaile deu uma risada alta, mas aí pareceu perceber ue eu estava envergonhada, por ue estendeu a mão e apertou meu braço de um eito reconfortante.

Não, arriet um nome legal ue tamb m tenho nome de gente velha. Eu me chamo Gaile.

Gaile e arriet. Parece *mesmo* ue dividimos um uarto em uma casa de repouso.

Meu Deus, s rio, o ue nossos pais tinham na cabeça

Assim como ela, eu tamb m ri alto. E não me senti constrangida por isso.

Para ser usta, acho ue ter um nome antigo perfeito para meninas ue não-são-como-as-outras-meninas.

Tem razão. Nosso destino na escola á estava traçado disse ela, s ria.

Então, espero ue esses adolescentes figurantes percebam logo o ue isso significa e comecem a nos venerar como devem.

claro ue ningu m nunca nos venerou, mas, com Gaile, me encaixar parecia bem menos importante. Nós nos encaixávamos na nossa amizade. Passávamos os intervalos conversando sobre os filmes ue gostamos e

trocando nossos livros favoritos da Becky Albertalli e do Julian inters. Passávamos os fins de semana tentando seguir complicados tutoriais de cabelo no ouTube, bebendo chá com leite e rosas no Merchant e comprando mais livros na Bel Canto.

E, sem ela, eu provavelmente nunca teria levantado os olhos do chão por tempo suficiente para notar Oliver reparando em mim.

Não olhe agora, mas alerta de Edward a noroeste.

Estávamos sentadas no canto do pátio, atrás da pilastra de sempre.

Noroeste Para ue lado fica noroeste

Sei lá, mas sempre uis falar isso. ã, perto do carrinho de caf Meio próximo da mesa onde o pessoal oga *Magic* Temos visita. Sempre uis dizer isso tamb m.

Eu sabia ue devia ser discreta, mas me virei na mesma hora e dei de cara com olhos azuis ue, sim, estavam olhando para mim. Ele era alto e magro, mas com ombros largos e fortes. Mesmo de onde eu estava, dava para ver ue eram definidos; provavelmente eu conseguiria traçá-los com os dedos por cima da camiseta cinza fina ue ele usava. Tinha uma banana estampada na frente da camiseta. Na poca, eu não sabia ue se tratava da capa de um álbum da Velvet Underground, mas á estava plane ando pes uisar no Google na uela noite. Cabelo escuro e ondulado caía sobre olhos ue, s rio, eram do tom perfeito de azul, e seus lábios carnudos estavam curvados de um lado, bem de leve, como se estivessem sempre prontos para sorrir. E aí eu me perguntei o ue aconteceria comigo se ele sorrisse *mesmo*, como eu continuaria funcionando, por ue a simples sugestão de um sorriso á me fez sentir um frio na barriga não, uma *nevasca* , e como seria possível voltar ao normal depois disso

oa-hoa-hoa-hoa-hoaaaaa cantarolou Gaile baixinho, mas pareceu mais ue ela estava berrando a música de *Crepúsculo* num megafone.

Cala a boca falei entre dentes, dando tapinhas no braço dela. Baixei os olhos rápido, *com firmeza*, de volta ao chão. Mas... uem ele

o Oliver, da Time de futebol. Ele do último ano, faz aula de geografia comigo.

Ar ueei uma sobrancelha, por ue o garoto era lindo e provavelmente criado em algum laboratório baseado nos meus gostos específicos , mas com

certeza não era ogador de futebol americano.

Da *banda* Time de Futebol. Eles tocam muito lá na Mode. Nunca fui, por ue, como voc sabe, meus pais acham ue shows de música vão corromper a preciosa filha deles, mas á ouvi falar.

Claro que ele tem uma banda. A nevasca aumentou dentro de mim, gelando ainda mais meu estômago.

Arris uei outro olhar e ele ainda estava me encarando como se eu fosse a única pessoa no pátio inteiro. Como se eu fosse algo brilhante, em vez de sem graça.

E aí ele sorriu, ai meu Deus, ele *sorriu*. E foi ainda melhor do ue eu imaginava: dentes brancos e alinhados e covinhas profundas. Na uele momento, senti ue estava criando asas e voando rumo ao sol.

Ah, arriet, ele está a fim de voc .

Foi um momento igualzinho aos ue eu tinha lido em livros, exatamente como a ueles ue eu via acontecer com outras garotas nos filmes.

Só ue finalmente estava acontecendo comigo.

LEMBRANÇA 2: INGRESSOS PARA O ART THEATRE

Voc precisa usar esse vestido.

Não posso usar esse vestido. Não posso usar vestido nenhum. Parece forçado demais.

Então por ue voc tem o vestido Se não vai usá-lo...

Gaile estava dentro do meu closet, segurando um vestidinho com mangas bufantes ue eu amais usaria no primeiro encontro com Oliver.

Ele não foi falar comigo na uele dia em ue notei ue estava reparando em mim; em vez disso, deixou seu sorriso tomar conta da minha cabeça por uase duas semanas enlou uecedoras. Mas, por fim, se sentou do meu lado na biblioteca e sussurrou um *oi* ue me deixou toda arrepiada. Oliver pegou meu exemplar de *O sol é para todos*, disse ue era seu livro favorito, e eu disse ue era o meu tamb m, embora só estivesse lendo para a aula de literatura e ainda não tivesse uma opinião formada sobre a história.

Ele continuou esbarrando em mim de propósito; me emprestou um livro

grosso e aclamado, depois me mandou o link de um álbum triste e aclamado. Eu não amei nenhum dos dois na verdade, nem se uer curti , mas eu gostava do eito como ele me olhava todo animado esperando minha opinião, como se fosse a única coisa com a ual se importava. Eu sabia o ue precisava dizer para manter a uele sorriso em seu rosto, para manter a uela sensação deliciosa no estômago, na ual estava viciada. E agora finalmente íamos num encontro, o ue parecia muito s rio e adulto, afinal, uem ainda era chamado para *encontros* Um encontro oficial, não apenas uma saída em grupo.

Amiga, esse vestido tipo o vestido vermelho de *Ela é demais*... ou o e uivalente a, sei lá, uma transformação completa do Paolo em *O diário da princesa*. Não usar esse vestido... praticamente cuspir nas regras. blasf mia

O amor ue eu e Gaile compartilhávamos por romance tinha se tornado a base da nossa amizade.

Tá bom, mas eu realmente odeio ue nessas com dias rom nticas antigas a garota tenha ue mudar totalmente para con uistar o cara. ual o problema de usar óculos, afinal

Percebi ue Gaile ar ueou a sobrancelha uando eu disse isso, mas na hora não me to uei do motivo. Pensei ue ela só estivesse irritada por eu não seguir seus conselhos de moda. Então, botei o vestido, tomando o cuidado de não borrar o gloss e o rímel ue tinha levado um tempão para acertar.

Então, voc vai anotar tudo, n Ou espera, ue tal me colocar no FaceTime e me carregar no bolso para eu acompanhar tudo ao vivo

Não sei, estava pensando ue voc podia só se esconder nos arbustos na frente do cinema.

Ela riu.

Falando s rio, voc tipo o Cristóvão Colombo dos relacionamentos, só ue sem os assassinatos e, sei lá, a sífilis... Bom, acho ue Cristóvão Colombo não foi uma boa comparação. Me fala algu m ue realmente descobriu alguma coisa.

Gaile, eu parei de prestar atenção na parte da sífilis.

Ah, voc entendeu Voc a primeira de nós duas a ir em um encontro de verdade no *ensino médio*, e estamos prestes a descobrir informaç es importantes. Não dá para aprender tudo de fontes secundárias. E depois ue voc tiver a melhor noite do mundo com o Oliver e ver como essas coisas são

na vida real, vou saber o ue fazer uando o James finalmente me chamar para sair, se ue *um dia* ele vai chamar.

Ele vai chamar Meus olhos bateram no celular, a tela iluminada na minha cama.

Sei lá. Não sei mesmo. Ele muito legal e faz um monte de perguntas uando conversamos por mensagem, mas na escola ele me trata feito todo mundo. E eu não entendo, por ue...

Eu estava ouvindo. Juro. Mas ao mesmo tempo tamb m estava correndo para ler a mensagem de Oliver ue esperava por mim.

Ele chegou exclamei, interrompendo alguma frase sobre o ascendente de James. Mas *Oliver tinha chegado*. agora

Ah, hã, certo. Uhul

Dei um abraço apertado em Gaile e peguei minha a ueta eans para me proteger do tempo frio de outono, soprando bei os en uanto saía e prometendo ue continuaríamos a conversa sobre James depois. Então corri para a porta antes ue minha mãe percebesse a presença de Oliver e chegasse lá primeiro. Assenti en uanto ela me lembrava de compartilhar minha localização e voltar no máximo s nove, o ue era cedo at demais, e mais alguma coisa provavelmente tão constrangedora ue eu não ouvi por ue bati logo a porta. E ali estava Oliver. Recostado no carro, brilhando ao pôr do sol... feito um sonho, com num filme, *meu* filme.

Seu olhar atento provocou uma onda de calor na minha pele, mas totalmente diferente do rubor de vergonha habitual. Era como estar envolta em um cobertor ue tinha acabado de sair da secadora, ou segurando uma xícara de chá de camomila diante de uma lareira acesa. Ele me olhou de um eito ue eu sempre uis ser olhada. Abri um sorriso tão grande ue minhas bochechas chegaram a doer.

Voc ... uau. Voc está linda disse Oliver, e eu sorri mais uando ele abriu a porta do carona e me guiou para dentro apoiando a mão na base das minhas costas.

Seguimos por Long Beach at um pe ueno cinema *art déco* ao ual eu nunca tinha ido, ue ficava escondido entre lo inhas vintage bem fofas e murais coloridos na Fourth Street.

Esse filme recebeu ótimas críticas. Não da A24, mas tipo, na mesma

vibe, sabe

Ah, eu *amo* A24.

Eu não fazia ideia do ue era A24, mas parecia o tipo de coisa ue eu *deveria* conhecer assim como tudo de ue Oliver gostava e ue eu teria ue aprender a gostar pes uisando depois no Google ual era a opinião certa sobre a uilo.

De todo modo, depois ue o filme começou, eu sa uei ual era vibe. Não tinha um personagem para a gente torcer. Não tinha um momento rom ntico ou engraçado. Pelo visto, não tinha orçamento para iluminação. Não tinha sentido... Bem, com certeza *tinha* algum sentido, mas eu não entendi ual era, por ue estava *muito* concentrada na mão de Oliver.

A mão dele estava apoiada na lateral do assento e, mesmo na sala escura do cinema, eu conseguia ver seu dedo mindinho se esticando. A uele movimento mínimo me deixou toda tensa e fez meu estômago se revirar.

Então, em vez de prestar atenção no cara de gola alta fazendo um monólogo na tela, eu estava pensando em como, de modo bem casual e totalmente relaxado, colocar a mão na lateral do assento tamb m, com a palma para cima. Para ue ele soubesse ue podia segurá-la.

E uando Oliver finalmente segurou a minha mão e seu dedinho roçou minha coxa, exposta pelo vestido curto, fiz um lembrete mental para agradecer Gaile, por ue ela tinha *toda razão* sobre esse look. Eu estava tentando não sair voando de alegria nem hiperventilar nem entrar em combustão espont nea, por ue nossas mãos estavam se tocando Nossos dedos, entrelaçados Memorizei cada calo ue ele havia ganhado depois de tanto tocar guitarra, compus *sonetos* sobre todos eles, e tentei plane ar um eito de segurar a mão de Oliver para sempre, por ue a uilo fazia meu coração acelerar, eu me sentia dese ada e *presente*. Sentia ue era para isso ue a minha mão existia, ue ela só estava esperando por esse momento.

Só ue, uando o filme estava uase chegando ao final, comecei a surtar por ue não tinha prestado atenção em nada, e Oliver provavelmente ia uerer discuti-lo depois, como sempre fazia com as coisas ue me recomendava. E eu não teria uma noite para pes uisar no Google e descobrir a coisa certa a dizer. E, se eu *não* tivesse nada a dizer, ele talvez percebesse ue a uilo tudo tinha sido um erro e nunca mais segurasse minha mão da uele eito.

Banheiro. E vou no... hã, falei, apontando para a porta e, com relut ncia, separando nossos dedos.

Entrei numa cabine e abri um site de críticas de filmes e o Reddit, mas tudo parecia muito... esot rico, enigmático e desnecessariamente complexo. E, sinceramente, ao ler os artigos ue diziam por ue a uele filme era bom, por ue era importante... tive a impressão de ue as pessoas ue haviam gostado do filme só gostavam *por causa* disso. Por ue gostar os destacava como algu m ue *tinha entendido*. E era tão diferente das coisas ue eu curto... filmes ue nos fazem sentir todo tipo de emoção, despretensiosos, divertidos. Arte ue vai direto ao ponto, sem rodeios, ue ual uer um compreende... e ue, no processo, nos conecta.

Mas eu sabia ue nunca poderia dizer nada disso a ele. Pelo menos, ainda não. Com certeza não seria capaz de explicar por ue *Harry e Sally — Feitos um para o outro* era de fato melhor do ue, tipo, *Cidadão Kane*, uando meu c rebro estava todo zoado por ter tocado a mão dele e uerendo tocar mais.

Então, mandei mensagem para Gaile.

Socorro! Odiei esse filme, apesar de não ter prestado atenção em nada, e ele deve estar achando que eu amei e entendi tudo

E também, ele segurou minha mão!!!!

E, claro, ela respondeu na mesma hora.

Só fala pra ele que você achou muito profunda a mensagem sobre a natureza efêmera da vida. Acho que é sobre isso que todos esses filmes chatos falam

E também, 🧚🧚🧚 !!!!!

uando Oliver e eu entramos no carro dele depois do filme, segui o conselho de Gaile e falei o ue ela havia sugerido. Na mesma hora, ele sorriu e estendeu a mão para tocar meu rosto como se eu fosse um tesouro.

Nossa, arriet, voc tão... tão incrível, de verdade. Como fui o primeiro cara a chegar em voc

Senti uma pontada de culpa por ele ter acreditado ue a uela opinião era realmente minha. Talvez ele nem *me* conhecesse de verdade. Será ue isso significava ue seus sentimentos tamb m eram falsos

Mas aí Oliver se inclinou e pressionou a boca na minha, me conduzindo com delicadeza a entreabrir os lábios, e essas preocupaç es sumiram feito nuvens passageiras. E tudo em ue eu conseguia pensar era em como a uilo

parecia certo, em como era bom ser bei ada assim. Ser dele.

uando cheguei em casa, depois de responder s perguntas da minha mãe s pressas e escapar para a segurança do meu uarto, comecei a dançar. Eu *nunca* danço. Só ue na uele momento, simplesmente pareceu a coisa mais natural a se fazer... al m de ligar para Gaile, o ue eu faria depois. Mas primeiro, levantei os braços, girei pelo uarto e fiz uns passos ue lembravam vagamente o endrick Lamar no Super Bowl. Dancei o *eletric slide*, ainda gravado na minha memória muscular da aula de educação física do ensino fundamental. Sacudi os ombros e balancei o corpo, e at considerei fazer a dança da minhoca...

arriet, ah, arriet... *meu bem*. *isso* ue voc está fazendo a ui dentro

Sou trazida de volta ao presente, sentada no chão, rodeada pelas lembranças de Oliver, al m de tesouras, purpurina, papel-cartão e a bendita fita dupla face ue tamb m deve ter caído no meio da confusão.

Então eu meio ue entendo por ue minha mãe está me olhando desse eito.

Ela se senta ao meu lado no chão, fazendo carinho na minha cabeça e depois no meu ombro.

uerida, eu sei ue esse t rmino deve parecer o fim do mundo, mas não precisa ser... pode ser o começo do seu *novo* mundo.

E este o spoiler de como tudo isso acaba, caso a luta com a pistola de cola uente, o cosplay de Bella e o cec não tenham bastado.

Eu levei um p na bunda.

Namoros de escola raramente duram para sempre. E sei ue agora não parece, mas uma hora, mais para a frente, voc vai ficar *feliz* de não ter durado. Voc ainda está descobrindo uem voc uer ser, então faz sentido ue alguns relacionamentos acabem. Acho ue voc vai perceber ue esse relacionamento foi um aprendizado, uma lição pela ual ainda será muito grata. Na verdade, eu tenho um livro...

Está tudo bem, mãe. Eu estou bem.

Uso todas as minhas forças para não revirar os olhos.

Seu olhar vai at o meu cartaz inacabado, mas, graças a Deus, ela não diz

nada. Em vez disso, se p e de p e recua lentamente, com as mãos erguidas, como se eu fosse um animal selvagem e imprevisível prestes a atacar... o ue meio ue parece ser o ue minha mãe acha desde ue entrei na puberdade.

Eu vou pegar o livro para voc . Não *precisa* ler, mas pensa nisso com carinho, tá bom Foi indicação da Jenna Bush ager.

Ela sai antes ue eu possa protestar, e finalmente reviro os olhos. E olha, eu sei ue ela tem razão, só ue ningu m pensa *ah, isso é uma lição valiosa* en uanto está passando pela situação. difícil ter perspectiva uando ainda se está no meio do furacão.

Al m do mais, não como se eu tivesse pensado ue nós íamos nos *casar* um dia. Mas, sabe, talvez fôssemos para a mesma faculdade e morássemos untos em um apartamentinho en uanto ele tentava conseguir um contrato com alguma gravadora e eu escrevia meu primeiro roteiro, e aí, depois ue nós dois tiv ssemos alcançado o sucesso, ele tiraria casualmente uma caixinha do bolso e...

Aff, tá bom, eu me iludi. E fui *burra*. Tão, tão burra. Mas não sou mais assim. Agora sei do ue preciso e o ue devo fazer.

E de repente amanhã, depois ue tiver consertado as coisas, eu possa sorrir para minha mãe e dizer *você tinha razão* e ler algumas páginas do tal livro. Sei ue ela só está tentando a udar.

Olho para a bagunça de lembranças espalhadas ao meu redor, os restos do meu relacionamento com Oliver. O bilhete ue ele me passou em aneiro, dizendo *Você é minha namorada? Marque sim ou não.* Meu corsage do baile de primavera, em abril.

Então pego a pulseira verde-neon de acesso aos bastidores da Mode, a ue usei em todos os shows da Time de Futebol, o lembrete cintilante, para mim e para todo mundo, de ue eu era dele, a escolhida. E me lembro de como me senti na uela última noite, a noite ue mudou tudo, e todas as noites desde então: atordoada, magoada... envergonhada.

LEMBRANÇA 3: PULSEIRA DE ACESSO AOS BASTIDORES

Eu não previ o ue ia acontecer, afinal, era uma noite de sábado como outra

ual uer.

Estávamos na Mode. Foi ali ue eu passei uase todos os fins de semana do m s de maio, suspirando pelo Oliver en uanto ele tocava guitarra no palco ou recostada em seu peito, com suas mãos na minha cintura, en uanto assistíamos a alguma outra banda. Não sei dizer exatamente uando essa programação se tornou rotina, em vez de ficar no meu uarto passando tempo e rindo com Gaile, e eu sentia falta disso... de verdade. Mas, embora ela *sempre* fosse convidada, seus pais consideravam a Mode um antro de pecados e hormônios, e nunca a deixavam ir. E ela dizia ue entendia por ue eu precisava estar lá se uisesse ficar com Oliver. De todo modo, ela tinha o James... Os dois não estavam namorando ainda, mas eu sabia ue uma hora ia rolar, como tinha rolado comigo.

arriet, acho melhor a gente terminar.

Foi assim ue fui informada de ue meu primeiro relacionamento estava acabando, no sofá bordô nos bastidores da Mode. Eu estava usando a camiseta da Velvet Underground ue Oliver me dera, mesmo sem nunca ter gostado muito da banda.

ue... voc sabe, eu vou para a Universidade de Los Angeles no outono, e não uero, hã... *te* prender. Voc merece se divertir no resto do ensino m dio.

A Universidade de Los Angeles fica pertinho daqui, uis responder. *E eu já me divirto com você.*

E s vezes eu tenho a impressão... de ue a gente não se conecta Voc fica tão... uieta. Sinto ue ainda não te conheço de verdade, sabe, por ue voc não deixa eu me aproximar. Então, talvez voc tamb m ueira terminar Acho ue nós dois sabíamos ue isso iria acontecer, mas, tipo, faz um tempinho ue estávamos com medo de falar.

Eu uis responder: *Eu fico quieta porque quero garantir que vou falar a coisa certa. Você não me conhece de verdade porque eu mesma ainda não sei quem eu sou, porque estou toda hora escolhendo entre o que é certo e o que é verdadeiro*. uis lembrá-lo da uela vez em ue tentei me abrir mais... uando vimos outro filme e eu disse ue achei chato, ue cin filos pretensiosos podiam aprender algumas coisinhas com Nora Ephron e Jenny an... e ele apenas deu risada.

Mas, em vez disso, mantive a boca fechada, conformada. uieta. Por ue

essa era a única coisa ue eu sabia fazer perto dele.

Tá bom.

Tá bom

Os olhos azuis de Oliver me fitaram com atenção, mas eu não senti o mesmo calor de antes. Em vez disso, senti a aus ncia de calor, como uma súbita tempestade tomando o c u e blo ueando o sol.

Tá bom.

Eu me levantei, passei por ele e saí para descobrir ue o c u cinzento de unho tinha dado lugar a uma chuva fraca. Eu sabia ue ia acabar com a minha chapinha, mas saí no meio da tempestade mesmo assim. E comecei a correr para o único lugar ue fazia sentido. Para a única pessoa ue me *conhecia* de verdade e saberia o uanto eu estava magoada.

 uando cheguei ao caminho de pedras ue levava casa de Gaile, ladeado por lavandas e ascl pias, diminuí o passo, sentindo uma súbita pontada de preocupação. Fazia um tempo ue eu não ia lá. Será ue ainda podia aparecer da uele eito E tinha outra coisa, algo ue eu não conseguia lembrar...

Mas então, ela abriu a porta antes mesmo ue eu batesse, como se á estivesse esperando algu m.

Desculpa falei, secando as lágrimas, o catarro e a chuva do meu rosto.

Eu deveria ter mandado mensagem. Voc vai sair com o James

Não, eu e o James nem estamos... Eu estava... esperando voc . Os olhos castanho-escuros dela observaram meu rosto sob a luz fraca da l mpada da varanda, e Gaile assentiu como se tivesse encontrado a resposta. Mas voc nem lembrou. Claro ue não lembrou.

A gente... tinha marcado alguma coisa

Por m, assim ue fiz a pergunta, me dei conta de ue havia es uecido das mensagens ue ela me mandou na uela manhã.

Você, eu e os cinco filmes de Crepúsculo hoje à noite? Prometo não fazer minha cara de Renesmee... o tempo todo.

É brega eu dizer que tô com saudade? Porque eu tô com saudade!!!

Só ue, logo depois, Oliver tamb m me mandou mensagem dizendo ue uma de suas bandas favoritas iria tocar na Mode...

Eu es ueci... Meu Deus, eu sou *tão* escrota. Voc tem todo o direito de ficar brava comigo. *Por favor*, fica brava comigo, mas antes, pode me dar um

abraço Por ue o Oliver acabou de terminar comigo e como se tivessem arrancado meu coração. Eu nem sei como vou continuar vivendo, Gaile... Ele disse ue eu...

arriet. Ela me interrompeu com uma voz fria, estranha. Eu não sou só a sua melhor amiga engraçadinha em um filme. Isso a ui vida real... a *minha* vida real tamb m.

Como assim Eu sei disso.

Voc acha ue eu fico a ui esperando at voc uerer passar tempo comigo Contando os minutos at poder ouvir os detalhes da sua grande história de amor At voc me conceder o privil gio de te consolar e te dar conselhos Ela bufou e balançou a cabeça. Voc mudou tanto só para fazer o Oliver gostar de voc , e tipo, uem foi ue decidiu ue ele era tão incrível, para começo de conversa Ele age como se fosse todo diferentão, mas na verdade, ele e os amigos usam as mesmas camisetas vintage falsas de lo a de departamento. Não tem *nada* de diferente em lo as de departamento. Al m disso, a banda dele p ssima.

A banda dele não p ssima...

De todas as coisas ue eu podia ter dito, escolhi a pior possível. E eu nem acreditava mesmo nisso. Só estava muito acostumada a falar coisas ue não eram verdade para manter o ue eu ueria.

Mas agora ue minha melhor amiga estava na minha frente, chateada, parecendo ter desistido de mim, perder Oliver pareceu uma bobagem. Perder Gaile seria uma ferida profunda; algo ue talvez nunca sarasse.

Tá vendo Voc nem consegue admitir ue a banda dele p ssima, mesmo eu *sabendo* ue isso ue voc acha.

Tem razão comecei, mas Gaile seguiu falando, como se os sentimentos dela fossem uma lata de Coca-Cola sacudida ue acabou de ser aberta.

arriet, a pessoa ue voc e as coisas ue voc gosta são legais. Foi por isso ue viramos amigas. Eu *gostava* de voc . Mas essa versão... eu nem conheço. E eu... não sei se uero continuar sendo amiga dela.

Eu tinha acabado de dizer ue parecia ue meu coração havia sido arrancado, mas a uilo me mostrou ue ele ainda estava ali, pouco antes de ser realmente dilacerado e pisoteado. Destruído.

Gaile, não. Voc não está falando s rio.

Ela ergueu a mão.

Acho ue preciso de um tempo.

Sua expressão era de tristeza, mas tamb m de determinação. Eu não achava ue havia algo ue eu pudesse dizer para melhorar a situação, então fi uei em sil ncio de novo.

Tudo bem.

Olhei para o chão en uanto a porta se fechava, então me virei e voltei sozinha para casa.

E aí está, o final desta triste história. Perdi minha melhor amiga e meu namorado na mesma noite.

Passei as últimas semanas solitárias do meu primeiro ano do ensino m dio olhando para o chão e dese ando sumir.

Mas uma coisa ue percebi depois de todo esse tempo ue passei no meu uarto, remoendo tudo, ue esse *não foi* o final. Foi apenas o começo E meu grande gesto vai nos levar ao verdadeiro final, ao felizes para sempre... com pelo menos um deles. Com a pessoa mais importante.

Sei ue parece loucura, mas acho ue o certo a se fazer depois de tudo ue fiz de errado. Posso me desculpar e expressar meus sentimentos. Posso fazer barulho em vez de sil ncio. Posso enfim começar a caminhar rumo arriet ue uero ser.

No entanto, en uanto colo as últimas letras ME DESCULPA perfeitamente cortadas em papel-cartão, percebo ue esse cartaz não parece *nada* certo. Está horroroso. Parece ue foi feito por uma criancinha ue não estava nem um pouco a fim de fazer a uilo.

Não posso levar isso. Esse cartaz não vai resolver nada... talvez at piore as coisas. Mas então, meus olhos esbarram na caixa de lembranças, e uma nova ideia começa a surgir. Uma ideia ue pode ser... realmente boa. Não só boa, *perfeita*.

Paro na cozinha a caminho da saída para pegar mais alguns suprimentos e depois saio discretamente de casa antes ue minha mãe venha me interrogar ou oferecer outro livro.

Envolta no ar ameno da noite de verão, percorro o caminho de pedra at um arbusto de lavanda sob a anela. Enfio as mãos nos bolsos, procurando as pedrinhas. São pe uenas, para não uebrar o vidro. Os filmes nunca mostram o uanto importante arremessar com cuidado, uma linha t nue entre um grande gesto e uma contravenção. São necessárias sete tentativas at a luz se acender e o rosto sardento da única pessoa ue *merece* meu grande gesto aparecer...

Gaile se inclina na anela, esfregando os olhos sonolentos. Os cachos ruivos estão presos em um co ue alto, e ela usa um pi ama listrado nas cores do arco-íris. Gaile franze o nariz, confusa, e eu sei ue preciso agir rápido antes ue a raiva desperte e ela feche a anela.

Espera. Só espera... Tenho uma coisa para te mostrar

Está na hora.

Coloco a grande panela de aço na grama e ogo lá dentro todo o conteúdo da caixa de lembranças. Tiro do bolso a caixinha de fósforos ue peguei na gaveta da cozinha e acendo um, ogando-o na panela unto com todas as minhas lembranças de Oliver. As chamas se erguem mais rápido e mais alto do ue eu esperava, a uecendo minha pele.

arriet... Ai, meu DEUS, arriet sussurra Gaile da anela, os olhos arregalados. *O que* voc está fazendo Voc não pode fazer isso

E, tudo bem, vendo todos esses pap is e fotos ueimando a ui na minha frente, com faíscas caindo na grama seca me dou conta de ue talvez esse não tenha sido um plano tão bem pensado. Se ao menos a uela *maldita* pistola de cola uente não tivesse tomado tanto do meu tempo.

Não, ... Tem razão. Mas eu só ueria provar uma coisa grito para ela. ueria provar uma coisa se tornando uma *incendiária*

Tenho a impressão de uase ouvir uma risada, mas tenho medo de criar esperanças.

Bom, não. uer dizer, sim. ue... fez mais sentido na minha cabeça. Mas, tipo, estou botando fogo nessa versão de mim... Indico as chamas, ue estão chegando a um tamanho preocupante. A versão ue não te deu a atenção ue deveria. A versão ue estava agindo como se fosse a protagonista, sendo ue *você* tamb m . A versão...

Já entendi, amiga ela solta uma risada inconfundível. Agora, hã,

tenta não botar fogo no meu uintal.

Tem razão. Pode deixar

Tento apagar o fogo pisando nos itens em chamas, mas, uando percebo ue essa ideia assustadora e nem de longe tão fácil uanto parece, Gaile desce correndo as escadas e sai pela porta da frente carregando uma arra de água. En uanto ela apaga o fogo, dou graças a Deus por não ter acordado seus pais, por ue eles provavelmente tamb m iam pensar ue sou uma *incendiária*.

Então, por ue voc fez tudo isso pergunta ela depois ue as chamas se apagam e a fumaça paira ao nosso redor.

, hã... um grande gesto começo, e os lábios dela se curvam, por ue ela ama grandes gestos tanto uanto eu. Ainda há esperança. Por ue eu te amo, Gaile. E sinto muito. Fiz besteira. Fiz muita besteira

, fez mesmo.

E, tipo, *ainda* não sei uem eu sou. Não sei uem eu uero ser. Eu me lembro do ue minha mãe disse mais cedo, sobre algumas relaç es acabarem conforme eu vou descobrindo uem eu uero ser, e não sei se ela tem razão sobre isso, mas... A única coisa ue eu *sei* ue uero ser sua amiga, Gaile. Fi uei tão deslumbrada por ue o Oliver me ueria. Achei... Achei ue essa fosse a minha história, ficar com ele, ser *dele*. Mas não . Eu e voc , essa a minha história.

Ela suspira, cutucando a panela cheia de pedaços ueimados aos nossos p s.

Então, olha, eu não uero ue a sua história se a eu e voc .

Meu coração se aperta.

Ah, certo. Entendo...

Eu me viro para ir embora, á me imaginando sentada na cadeira encarando o vazio. Talvez eu acrescente um pote de sorvete dessa vez, para dar uma variada.

Mas Gaile segura minha mão. Sinto as pulseiras da amizade em seu braço, ue combinam com a minha, a uela ue ela me deu no primeiro dia.

O ue eu uero dizer ue nossa amizade não precisa ser sua história inteira. Por ue, como sua amiga, como algu m ue te ama, eu uero ue *você* se a a sua história. E uero fazer parte dela, sim... mas só se voc se interessar pela minha história tamb m.

Eu me interesso Juro A sua história a minha favorita. E eu não vou me es uecer disso de novo.

Ela ar ueia a sobrancelha, examinando meu rosto, e não sei bem o ue v ali dessa vez. Mas sei ue eu disse a coisa certa *e* a verdade. Sei ue estou sendo eu mesma, de forma aut ntica. Sei ue isso tudo ue posso ser.

Por fim, Gaile assente.

Tá bom, grande gesto aceito.

Grande gesto aceito grito tão alto ue, se os pais dela ainda não tinham acordado, agora com certeza acordaram. Assim como toda a vizinhança.

Sim. Ela ri e me puxa para um abraço apertado. E agora ue isso está resolvido, vamos ter uma conversinha sobre segurança contra inc ndios.

Ela aperta minha mão, eu entrelaço nossos dedos, e entramos untas na casa dela.

TUDO QUE EU NÃO DISSE

J. Elle



Playlist: "Love Story"

RJ

COMEÇA COM UMA FAÍSCA, UM sobressalto no meu peito, uando ela me olha.

Ela entra saltitando na confeitaria, acompanhada dos amigos, bebendo chá gelado. Não consigo desviar a atenção de seus olhos castanho-esverdeados brilhantes, do rosto corado e do cabelo castanho preso em marias-chi uinhas. Ela está usando apenas eans e camiseta lisa, com um monte de pulseiras de miçanga em cada braço. Brincos em formato de picol pendem de suas orelhas, um diferente do outro.

A garota se aproxima do balcão e encosta o dedo no vidro, apontando para um cupcake de chocolate ue acabei de decorar. Ela me olha, aí ue eu sinto; meu coração dispara, meus olhos ficam mare ados, tudo fica embaçado.

Ele é mais bonito do que eu esperava.

A voz em minha cabeça vívida, como um vento gelado no rosto. Eu hesito e levo a mão ao peito, tentando entender. Acabei de ouvir os pensamentos dela Percebo ue estou bo uiaberto. Ela continua me olhando. Minha visão volta ao normal. A garota tem uma pintinha na bochecha, debaixo do olho. Então, de repente, paro de enxergar de novo. Eu pisco, mas não adianta.

Ele vai ficar me olhando desse jeito ou vai me dar o cupcake? Talvez ele saiba quem eu sou. Talvez ele se lembre.

A garota com brincos de picol desvia o olhar e volta a entrar em foco, remexendo a alça da bolsa. Tento falar alguma coisa, mas o ue sai parece mais o guincho de um ratinho. Minha colega de trabalho, ue prefere ser

chamada por seu título oficial minha irmã toma a dianteira.

Mais alguma coisa al m do cupcake pergunta Delilah.

A garota observa os outros doces. As cores da confeitaria embaçam. Meu coração acelera. A mesma sensação retorna, mais forte desta vez.

Um macaron de crème brûlée, de repente? Eu deveria experimentar tudo que posso. Nunca mais vou voltar aqui mesmo.

Os amigos cochicham atrás dela, mas ainda estou atordoado, tentando organizar os pensamentos.

Então só isso insiste Delilah.

Talvez ela ueira um macaron tamb m digo, testando minha teoria maluca. O de cr me br l e.

Os olhos da garota encontram os meus. Ela franze a testa, curiosa.

ã, claro, sim. Parece ótimo.

Ela me observa. Eu a observo.

Estou ouvindo os pensamentos dela. Eu realmente estou ouvindo os pensamentos dela!

Espera. Será que ela consegue ouvir os meus?

A garota fica corada. Assente.

Agarro o balcão para não perder o e uilíbrio. De algum eito, avançamos at o caixa, atordoados. Os amigos dela soltam risadinhas, observando nossa interação es uisita.

Eles sabem? Procuro os olhos dela.

Ela balança a cabeça. *Não.*

Apenas nós.

Reprimo um sorriso, mas uma risada me escapa. A garota olha para o relógio e me dou conta de ue ainda estou olhando para ela feito um paspalho.

E aí, vai me deixar pagar ou não pergunta ela em voz alta, e eu levo um segundo para perceber ue não estamos mais nos comunicando em segredo.

Ela tira uma pulseira de miçangas verdes do bolso e a coloca unto das outras no braço. Presto atenção para ouvir seus pensamentos de novo, mas não ouço nada. A confeitaria está nítida, e meu coração está calmo.

Ah... ou não respondo.

Ela franze a testa, confusa.

uer dizer... a segunda opção. Eu, hã, não vou deixar voc pagar. Não ue não vou deixar. Não estou te controlando nem nada. Só uis dizer... desculpa, hã... Estou suando. Posso pagar para voc

Por u

Por u

Ela estende o cartão de cr dito de novo e eu me esforço para ouvir seus pensamentos, mas nada acontece. uero perguntar se ela á passou por isso antes. Eu nunca pensei ue pudesse fazer algo assim uero perguntar tantas coisas.

Mas e se for coisa da minha cabeça E se a uela meia lata de energ tico ue encontrei no fundo da geladeira ho e de manhã, ue com certeza estava vencida, fez alguma coisa com meu c rebro e isso tudo for uma alucinação Minhas mãos suam. Eu a observo, buscando algum sinal de ue ela percebeu meu nervosismo. Ela me olha, impassível. ueria poder ouvir seus pensamentos só mais uma vez.

Eu pago consigo dizer, por fim. ã, por ue... Por ue ela bonita Será ue eu posso falar isso superficial Por ue temos uma conexão (ue provavelmente estou imaginando) Voc parece não uerer pagar. Espera. Não era isso ue eu ueria dizer.

Ela inclina a cabeça. Então cai na gargalhada, e eu volto a respirar.

Tá bom, pode pagar. ual o seu nome

RJ.

São as iniciais de u O olhar penetrante dela se fixa em mim, e meu pescoço es uenta.

Nada de especial.

Ela pega a caixinha com os doces e sorri.

Bom, obrigada, RJ-nada-de-especial.

Antes ue ela vá embora, pergunto:

E o seu

A garota olha ao redor, os amigos á estão indo para a porta. uando ela responde, como se não tivesse mais ningu m por perto:

Jules. Jules Marlo.

Ela vai embora.

Marlo.

Tipo, a irmã de uinton Marlo. Da uela família Marlo. Eu me lembro do dia em ue entreguei as fitas de segurança ue levaram prisão de uinton, na lo a de conveni ncia na nossa lo a de conveni ncia. A lo a ue ele tentou assaltar. A uele dia não apenas apareceu nos noticiários, mas riscou um fósforo em uma rivalidade ue á estava encharcada de gasolina.

O Açougue Marlo fica em frente nossa confeitaria, do outro lado da praça. Eles não compram nada a ui. Nós não compramos carne lá. As regras são antigas, passadas de geração em geração. Ficamos do nosso lado da Grove. O lado deles da praça cheira a sangue e a fumaça. O nosso cheira a açúcar e a canela, eles dizem isso como se fosse um xingamento e nos acusam de ocultação de bens. Nós os acusamos de lavagem de dinheiro. Afirmamos ue eles usam magia para burlar o sistema. Eles afirmam ue subornamos os vereadores para nos manter no poder. A pior parte ue... talvez tudo se a verdade. Segundo a minha mãe: *os Vale e os Marlo não se misturam. Nunca se misturaram. Nunca vão se misturar.*

Mas o aviso da minha mãe não consegue afastar a sensação de ue conhecer essa garota foi coisa do destino.

Preciso v -la de novo.

JULES

Já uase meia-noite, e minha mãe anda de um lado para o outro no meu uarto, pegando nas minhas coisas e espalhando suas impress es digitais; o vaso de asmim perto da anela, a lavanda fresca no balde no chão, as velas votivas na cômoda. Eu a sigo, limpando em sil ncio cada superfície ue ela toca. O cheiro de sangue do açougue ainda está nela, grudando em tudo.

E então O ue voc descobriu pergunta ela.

uma confeitaria. Eles vendem cookies e coisas assim. O ue voc achou ue eu fosse descobrir

Não menciono ue RJ me olhou como se me conhecesse. Não menciono ue ele conseguiu ler meus pensamentos, nem ue apenas pessoas da família Marlo deveriam ser Sussurrantes e ue os Vale não deveriam ter magia alguma.

Voc comeu alguma coisa de lá

Sim, mãe. Um cupcake.

Ela cruza os braços e empina mais o nariz.

E tinha gosto de carne

Eu mordo o interior da bochecha.

Não. Tinha gosto de chocolate. Por ue era um cupcake.

Minha mãe acha ue eles estão uerendo entrar no mercado de venda de carnes. Primeiro, isso ridículo. Segundo, uem se importa

 uando me pediu para atravessar a Grove Street a fronteira ue divide o território dos Vale do território dos Marlo e espionar a família Vale, eu soube ue ela tinha enlou uecido de vez. O último Marlo ue fez isso acabou enforcado na praça da cidade. Tudo bem, isso foi há uns duzentos anos, mas, para a minha família, a história não ficou no passado. Eles falam como se tivesse acontecido ontem; como se a forca ainda estivesse lá no meio da praça, esperando, só por garantia. Essa rivalidade perpassa tudo o ue fazemos. Os avisos sussurrados nos antares em família, as regras implícitas na escola. Segundo minha mãe, os Vale usam seus sorrisos açucarados para esconder a própria ambição. Eles encantam e manipulam para conseguir posiç es de poder, contratos da prefeitura, manchetes de ornal. En uanto isso, nos acusam de sermos violentos, como se nossa magia nos tornasse monstros. absurdo como essa história vai longe; como molda esta cidade.

E, sendo totalmente sincera, não dou a mínima para o ue alguns caras ue á morreram pensavam dos Vale mais de um s culo atrás.

Ainda assim, um Marlo entrando numa lo a dos Vale não apenas motivo de fofoca... munição. E minha mãe ueria ue eu desse a eles um arsenal inteiro. Torci para ue meu pai interferisse, mas ele só ficou em sil ncio, olhando para o nada, como sempre. E agora ele usa as contas de V u Mental todo dia, então não consigo ler seus pensamentos para entender o por u . Meu pai desistiu de discutir com ela há anos. Desistiu de agir como um pai.

Então, tirei minhas pulseiras de ade o V u Mental característico da nossa família, o único verdadeiro indicativo do meu sobrenome , vesti a roupa mais sem graça ue tenho e convenci meus amigos a irem comigo. Não ue eu tivesse escolha. Então entrei na lo a ue parecia mais inofensiva do lado deles da Grove.

E disse meu nome uele garoto. Feito uma idiota.

Sinto um calor só de me lembrar do cabelo desgrenhado e dos olhos verde-claros dele. Eu ueria ue ele soubesse meu nome. ueria saber o nome dele. Mesmo ue ele tenha entregado a filmagem ue botou meu irmão na cadeia. Mesmo ue minha mãe fosse arrancar a cabeça da uele garoto por se uer olhar para mim.

Minha mãe está segurando a caixinha com o macaron de cr me br l e.

Por favor, não encosta nisso.

Eu devorei o cupcake, mas uis ficar com o macaron mais um tempo. Um lembrete. Reprimo o sorriso se formando em minha boca e, em vez disso, roo as unhas. Nunca conheci algu m fora da minha família capaz de ler meus pensamentos. Com RJ, não pareceu invasivo. Em casa, isso costuma ser um incômodo diário, mas com ele, foi como compartilhar um segredo.

Minha mãe dá um tapa na minha mão, para eu tirá-la da boca. Dói. Eu fecho os punhos.

Voc realmente não viu nada

Nadinha.

Ela se apoia na minha cômoda, tocando as folhas da or uídea ue consegui manter viva por trinta e sete dias, o ue, para mim, uma grande con uista. *Sai do meu quarto. Sai do meu quarto. Por favor, só sai do meu quarto!*

Aff resmunga ela, levando o dorso da mão testa.

Então, volta a andar de um lado para o outro bem uando algo bate de leve na minha anela.

Atravesso o uarto e puxo a cortina. RJ está parado entre os arbustos, pegando outra pedrinha. Meu coração para. O ue ele está fazendo a ui Como passou pelos port es Ele acena e sinto o peito apertar de p nico. Se minha mãe o vir se ual uer pessoa o vir ele está morto. Literalmente.

RJ deve estar maluco. Ele deve adorar se meter em encrenca. Não deve ter nenhuma noção do perigo, nem ligar para a própria segurança.

Por ue voc está sorrindo

Eu estou sorrindo

Isso assunto s rio continua minha mãe, irritada.

Eu me afasto da anela e me volto para a porta, tentando faz -la sair, mas ela segue tagarelando.

Algum detalhe Alguma pista Ouviu alguma conversinha sussurrada Ou sobretudos escuros Esse tipo de gente se mete em assuntos muito sórdidos, Jules.

Nada. Tudo parecia extremamente comum e sem graça. Exceto RJ. Não sei por ue tem e uipes de construção entrando e saindo da uele lado da Grove. Não senti nenhuma vibe estranha. Um garoto educado me vendeu um cupcake e eu comi. Só isso. Já acabamos

Um garoto educado Minha mãe estreita os olhos azuis. Dou mais um passo para longe da anela. Ela atravessa o uarto e segura meu ueixo com força. Não tem nada de educado nos Vale. Seus olhos escurecem. As fronteiras dos territórios foram delimitadas pelo seu...

Tataravô. Eu sei.

Afasto sua mão do meu rosto.

Com sangue completa ela.

A veia ao lado de seu olho late a. Minha mãe sai do uarto furiosa e eu corro at a anela. Ele ainda está lá. Meu coração se aperta uando levanto o vidro.

O ue está fazendo a ui sussurro o mais alto ue posso.

Não sei. RJ está com as mãos nos bolsos, a fran a castanha caindo nos olhos. Ele sorri, e isso acaba comigo. ueria ouvir seus pensamentos de novo.

RJ, voc não pode ficar a ui.

Então desce.

S rio Aff. Meu coração acelera. uero descer. Por ue eu uero descer Não consigo parar de sorrir. Como

Ele abre um sorriso torto e estende os braços.

Eu te pego.

Eu devo estar louca. Por ue subo no parapeito, passo as pernas para fora e pulo.

RJ

Eu falho miseravelmente na missão de segurá-la, mas consigo me ogar

debaixo dela e amortecer a ueda.

Ai resmunga Jules, tirando o p debaixo da minha axila. Ela se levanta passando a mão na roupa para se limpar.

Desculpa. Voc está bem

Abaixa. Ela segura meu braço e me puxa para os arbustos esculpidos ue ladeiam a casa. Se algu m te vir, voc está morto.

Espero ue ela ria, mas isso não acontece. Nós dois nos enfiamos nos arbustos e nos acomodamos em um espaço entre os galhos. Jules encontra uma pedra e eu me sento no chão. A luz da lua ilumina metade do rosto dela, deixando a outra metade nas sombras. Meu coração está disparado. Eu me concentro na vibração em meu peito e presto atenção.

Nada.

Minha pulsação está normal. Não consigo ouvir mais nada.

Não tem como ouvir mesmo. Ela mexe em uma pulseira de pedrinhas verdes no braço. Se eu tirar isso a ui, ual uer outro Sussurrante por perto vai poder ouvir tamb m.

Uma pulseira? É assim que ela faz isso?

— Sim responde ela. um V u Mental.

Eu me sinto nu, exposto. Jules pode ouvir meus pensamentos, mas eu não posso ouvir os dela.

Ela tira a pulseira e sorri.

Pronto.

Os olhos dele são da cor da grama da manhã coberta por orvalho fresco. Minha mãe vai matar nós dois se nos pegar aqui.

Não uero te arrumar problemas.

Eu disse meu nome e voc veio mesmo assim. Ela me entrega o V u Mental. Experimenta.

Eu pego a pulseira, incapaz de olhá-la nos olhos. Vir a ui foi uma p ssima ideia, mas eu precisava v -la de novo. Precisava entender por ue temos essa estranha conexão.

Sou um Vale. Isso óbvio. Cabelo escuro desgrenhado, mandíbula marcada, nariz proeminente e um único brinco na orelha es uerda. Minha vida inteira está no lado leste da Grove. Minha família dona da confeitaria, da lo a de chá, do restaurante de tapas, do estúdio de tatuagem, do sebo de

livros e de alguns outros estabelecimentos... inclusive um banco. Aos dezesseis anos, voc escolhe uma área e começa sua vida. isso ue os Vale fazem: abrem negócios.

Mas não era isso ue eu ueria fazer. Delilah me impediu de entrar no escritório do nosso pai para dizer a ele ue eu tinha outros ob etivos. Ela insistiu ue eu seria mandado para algum col gio interno se fizesse isso. O ue com certeza seria ainda pior do ue ser obrigado a abrir um negócio.

Minha irmã ueria abrir uma confeitaria e estava cansada de esperar ter idade suficiente . Ela me procurou com o conceito todo pronto, dos ogos americanos cor-de-rosa at as mesas de bistrô, e me forçou (sob ameaça de encher meu saco pelo resto da vida) a falar para o nosso pai ue a ideia era minha. Agora, sou um Vale de dezessete anos ue passa tr s horas por dia (seis, nos fins de semana) colocando cobertura em cupcakes, em vez de enfrentar minha família e dizer ue não uero ter negócio nenhum

 uero ser escritor.

 uero untar letras e criar histórias. uero me afogar em energias e sentimentos. Mas aspirar a ser um artista morto de fome não nada respeitável.

Jules sorri. Eu desvio o olhar e ve o a pulseira no chão.

 Voc ouviu tudo isso resmungo.

Se me sentia nu antes, agora sou apenas ossos.

 Voc está ficando roxo. Ela ri. Eu tamb m não gosto muito dos meus pais. Jules roça os dedos no meu oelho. Não tem nenhuma magia de verdade no to ue dela, mas, de algum modo, parece mágico. Se vale de alguma coisa, eu gosto da sua confeitaria.

 tudo ideia da Lilah. Ela ue pensa em tudo. Eu só faço o trabalho braçal.

 Bom, a cobertura do meu cupcake estava perfeita. Então, pode se gabar.

Eu flexiono o braço, torcendo para ue ela ve a nos meus olhos o brilho ue ve o nos dela. Devolvo o V u Mental, percebendo ue gosto ue Jules ouça meus pensamentos. Gosto dessa sinceridade nua e crua.

Afasto o cabelo dos olhos e a observo brincar com o V u antes de ogá-lo de lado na grama.

 Então, ual a dos seus pais Já ouvi umas coisas sobre os Marlo.

Extorsão. Chantagem. Ata ues cibern ticos. Já ouvi at ue eles cortam os corpos dos inimigos no açougue.

Ata ues cibern ticos Não. Ela faz uma careta. Mas o resto Tudo verdade. Jules dá de ombros como se tamb m não acreditasse. Estão tentando me fazer entrar nos negócios da família, como chamam, mas at agora consegui resistir.

Engulo em seco. Torcia para ue os rumores fossem exagerados.

Somos todos Sussurrantes. Viver com tantas vozes na cabeça um saco, mas, com a minha mãe, de enlou uecer ual uer um. Ela...

Somos interrompidos por um barulho. A anela de Jules sendo aberta. Ela pega a pulseira e coloca de volta no braço, depois leva um dedo aos meus lábios. Meu coração es uece como bater.

Jules chama uma voz.

Não nos mexemos.

Encontre sua filha, Stewart. Ela uma malcriada diz a mulher, como se a culpa fosse de Stewart. Mande ela responder uando eu chamar.

 uando a anela se fecha, estou ensopado de suor. Não ueria colocá-la em apuros. Não ueria dificultar mais as coisas. Fico sem saber o ue dizer, as palavras se misturando na minha cabeça. Jules segura minha mão e entrelaça nossos dedos.

Está tudo bem sussurra ela. Mas, por favor... podemos nos ver de novo

Fico atônito. Parece loucura dizer sim, mas ainda uero me sentar e aproveitar a sua presença como se ela fosse o sol. uero entender como uma garota como Jules se encaixa na uela família. No entanto, outro encontro uma p ssima ideia. errado. Não seguro para nenhum de nós. A melhor coisa a fazer ir embora e nunca mais v -la.

Mas, como sou um idiota, respondo:

Me encontra amanhã no Lago Místico. Debaixo do velho bordo, ao pôr do sol.

JULES

A grama balança ao vento, e ouço RJ chamando meu nome. Corro, descalça, para encontrá-lo margem do Lago Místico, onde ele á está tirando a calça eans desbotada. RJ mergulha na água e eu acelero o passo, me ogando logo depois dele. Atin o a água com um cho ue gelado, e a sensação de liberdade.

As semanas passam como dias.

Meses como instantes.

Pi ueni ues sob o bordo, assistindo ao pôr do sol, passeios de bicicleta pelo par ue, caia ue, brincadeiras na areia, arremessar pedrinhas na água, caminhar pela grama alta, fazer coroas com flores selvagens, o c u noturno refletindo no lago, correr a toda de volta para casa antes do horário de recolher, chegar na praça da Grove Street, onde ele vai para um lado e eu, para o outro. Ficar me revirando na cama, sonhando em fazer tudo de novo no dia seguinte.

Imprudente.

Arriscado.

Precioso.

Momentos.

Compartilhando pensamentos secretos, coisas ue sentimos profundamente, mas não temos coragem de dizer em voz alta.

O interesse de RJ por universidades fora do estado, ue ele escondeu dos pais, o futuro indese ado para o ual está se lançando, sua irmãzinha chorando at pegar no sono por motivos ue ele não entende, a carta ue escreveu para os pais contando como se sente de verdade, mas ue ueimou na lareira, os ata ues de p nico ue o mant m acordado noite, a sensação nauseante de não se encaixar em lugar nenhum.

E os meus pensamentos. Madrugadas tentando abafar as brigas dos meus pais com minhas canç es favoritas. As reuni es secretas ue minha mãe tem com pessoas da cidade, para tramar, conspirar e manipular. A polícia aparecendo no meio da noite, dois anos atrás, para levar meu irmão. Minha mãe culpando a família Vale. Minha or uídea morrendo.

 á lágrimas.

Risadas.

Tantas risadas.

Esta tarde, ele está sentado com as pernas estendidas, a brisa de verão

soprando seu cabelo bagunçado. A camiseta está embolada na grama, o sol a uecendo sua pele. Estou deitada de costas no colo dele, olhando as nuvens. Meus dedos roçam seus braços.

No lago, não há árvores, nenhum vento farfalhando nas folhas. RJ ergue os olhos do papel, corado.

Continua.

 á apenas meu coração, pulsando nos ouvidos uando olho para ela.

Ele amassa o papel. idiota.

Cala a boca, seus sentimentos por mim não são idiotas.

Eu aperto o nariz dele.

E uem disse ue sobre voc

Eu me sento, pego o colar de V u Mental ue fiz para ele, largado ao nosso lado no chão, e o balanço.

Engraçadinho.

Voc á se perguntou o ue aconteceria se a gente nunca mais fosse embora uestiona RJ.

Se resolv ssemos morar a ui no Místico

Ele pega o bu u de flores ue colhemos e começa a colocá-las uma a uma na minha trança. uando termina, unta o resto das flores e as oferece para mim. Eu as aceito.

Podíamos ficar a ui. Ele me conduz at debaixo de uma árvore de flores brancas, perto da água. A luz dourada do pôr do sol filtrada pelas folhas. RJ coloca o bu u na minha mão e me posiciona com delicadeza. Meu coração acelera. Eu ficaria a ui... diz ele baixinho. E a gente poderia...

Ficar assim para sempre.

RJ sussurro.

Ele abre os braços e eu mergulho neles, descansando a cabeça em seu peito, deixando ue me abrace. Fingindo ue o mundo não nos arrancaria um do outro.

Nós temos o agora digo. Não podemos olhar al m disso. Se não, tudo vai se complicar.

Eu me aconchego ainda mais nele, eliminando ual uer espaço entre nós. RJ apoia o ueixo na minha cabeça. uando o sol desaparece no horizonte, eu me afasto, mas ele não me solta.

Mais um pou uinho pede RJ. Só dessa vez.

Então eu fico. Me afundo em seus abraços apertados. Me enterro com as flores ue ele pôs em meu cabelo.

Já está escuro uando vamos embora. Chegamos praça, mas, antes ue eu possa me despedir... eu a ve o.

Minha mãe.

Parada no limite da Grover Street, me esperando.

JULES

Minha mãe me leva ao meu uarto. Ela anda de um lado para o outro, em sil ncio, e para a cada poucos passos apenas para me olhar feio.

Eu posso explicar.

Voc vai ficar de boca calada a menos ue eu te faça uma pergunta. Sua voz cortante. E não vai falar sobre isso com ningu m. Sabe, eu me perguntei por onde voc andava nessas últimas semanas... faltando a antares, almoços, passando o dia todo fora. E no fim das contas voc estava se encontrando s escondidas com ele

Minha mãe se aproxima, pisando firme, e enfia um dedo no meu peito.

Eu solto o ar pelo nariz, tentando controlar a raiva.

Eles vão saber ue foi coisa nossa murmura ela, mais para si mesma do ue para mim. Vai ser difícil de acobertar. A mandíbula dela se contrai, o p batendo no chão. Se suspeitarem, podem ir atrás do cargo do seu pai na prefeitura. Minha mãe remexe as contas do colar em seu pescoço.

ue os c us não deixem eles tentarem colocar a culpa em nós.

A culpa de u pergunto, com um aperto no peito.

O garoto está levando uma surra, obviamente

As palavras dela me deixam sem fôlego. Não consigo respirar. Minha mãe vive desconfiada, mas nunca faz ameaças vazias.

Por u sussurro, horrorizada.

E ainda estou sendo boazinha. Ele deveria ser enforcado na praça. Mas ho e em dia as pessoas são mais tolerantes, pelo visto. Voc ficou vagabundeando pela cidade com o garoto ue mandou seu irmão para a cadeia

e pensou ue não íamos fazer nada

O RJ diferente...

Tão ing nua. Rome Jaryn Vale entregou a uelas gravaç es de segurança. A udou a condenar uinton. E agora está tentando seduzir a única filha da família Marlo ue restou sibila ela. Ele provavelmente estava espionando. Ganhando sua confiança para poder nos acusar de ainda mais crimes.

Não respondo, mais alto dessa vez. Ele não estava plane ando nada.

Ele não gosta de voc de verdade. Minha mãe estreita os olhos. Me conte tudo ue fizeram untos. Cada mínimo detalhe.

Não nada disso rebato, minha voz falhando, mas não de medo. Ele escreve. Eu sei coisas sobre RJ ue ele nunca contou a ningu m. Mantenho o pulso com o V u Mental no bolso. Ele p e flores no meu cabelo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Ele não má pessoa. E me trata melhor do ue todos nesta casa... e não vou fingir ue não

Minha mãe avança, agarra meu pulso e arranca o V u Mental. As miçangas se espalham pelo chão. Tento alcançar meus brincos, os ue protegem contra Sussurrantes, mas ela me impede.

Não pense. Não pense. Não pense.

Tento preencher a cabeça com besteiras colher flores, combinar miçangas, ual uer coisa menos RJ , mas o rosto dele surge na minha mente. Seu sorriso. O som de seus pensamentos em minha cabeça.

Ele não um mentiroso. Eu o conheço. Ouvi a sinceridade de seus pensamentos, e ele ouviu os meus.

Minha mãe congela.

Voc está mentindo diz ela baixinho. Ele um Sussurrante Um Vale

Algo no meu sil ncio a perturba. Seus olhos buscam os meus e eu ve o... o lampe o de dúvida dando lugar ao medo.

Não murmura ela para si mesma. Voc está mentindo. Então, ela avança na minha direção. Acho bom voc não estar mentindo.

Mas tarde demais. Todas as memórias v m superfície: a mão dele na minha, o vento fazendo o lago ondular, nossas vozes misturadas no sil ncio.

Não consigo impedir. Tudo volta de uma só vez. E minha mãe ouve cada detalhe.

Ela recua.

Sua garota idiota.

Ela marcha at a porta. Eu corro atrás.

Voc não vai encostar nele Ou eu uro ue conto a uem uiser ouvir das suas reuni es secretas, dos policiais ue voc suborna, dos corpos ue voc esconde...

A mão dela acerta meu rosto. O ue escuto a seguir o som da porta sendo fechada, me trancando no uarto.

RJ

Não sei onde estou, mas tudo dói. Eu me encolho ainda mais no chão frio. Então mãos me agarram pelos braços, e ve o meu pai e meu tio me colocando de p .

Achei ue voc estava trabalhando at mais tarde na confeitaria diz meu pai. Mas Lilah me contou ue voc tem faltado o trabalho há semanas. E agora aparece assim, feito um pedaço de carne amaciada

Rich, pega leve pede meu tio.

Meu pai fica em sil ncio durante todo o percurso at a casa do meu tio e, depois, at a nossa. uando chegamos, Delilah vai correndo at a cozinha em busca de gelo. Meu pai fica parado num canto, sem dizer uma palavra, en uanto minha mãe e minha irmã me cobrem de bolsas com gelo. Tudo dói, mas não consigo pensar em nada al m da palidez de Jules ao ver a mãe. O olhar dela me assombra. tudo culpa minha.

Meus pais me fazem explicar toda a situação: como eu e Jules nos conhecemos, uando foi isso, e o ue andamos fazendo. Não menciono o bordo nem o Lago Místico. Seria como compartilhar um pedaço de nós. Não menciono ue sou capaz de ler os pensamentos dela. Não uero ue meus pais pensem ue tem mais alguma coisa de errado comigo. Gosto de poder ler os pensamentos de Jules. Gosto de ue isso se a nosso segredo.

 uando termino as explicaç es, minha mãe está horrorizada; a bolsa de

gelo em suas mãos caiu no chão.

Isso tudo por causa do filho mais velho deles. Estavam esperando uma oportunidade para punir voc afirma meu pai, cerrando a mandíbula.

O assalto ao posto de gasolina. uinton foi preso por roubo mão armada em uma das nossas lo as de conveni ncia, do nosso lado da Grove. Por acaso, eu estava lá no dia, cuidando do inventário. uando a polícia chegou, entreguei as imagens das c meras de segurança. Só isso. Não foi culpa minha.

Eles vão pagar por isso diz meu pai. Rome, não saia de casa at encerrarmos esse assunto.

 ue assunto

Tento me levantar, mas minhas pernas estão bambas. Minha irmã esfrega o rosto.

Pai diz ela, mas ele á foi embora.

RJ chama minha mãe. Seu pai sabe o ue melhor. uma situação muito delicada.

Mãe, ela diferente.

Ela uma Marlo. Eles são todos iguais.

 uando ela se afasta, eu subo mancando as escadas at meu uarto, com a a uda de Lilah, e grito.

JULES

Já faz uma semana ue não saio do meu uarto, cu a anela foi barricada. Minha mãe me traz comida e volta a trancar a porta. Eu não falo. uase não como. Penso em fugir, mas não sei para onde iria. Se não posso ficar com RJ... então, ual o sentido Melhor ficar a ui, murchando com minhas plantas. Minha or uídea morreu de vez, e essa foi a gota d água.

Consegui secar as flores ue RJ botou na minha trança. Guardei-as entre as páginas de um diário onde venho escrevendo cartas para ele... apenas pensamentos ue ele não está por perto para ouvir. RJ gostaria disso. Espero ue um dia possa ler. Se eu voltar a encontrá-lo. Vigio a anela, olhando para os arbustos lá embaixo. Será ue ele me es ueceu Será ue está bem Deixo o diário na anela, com as p talas secas despontando, para caso ele apareça,

saiba ue não o es ueci. Ainda penso nele. Sinto sua falta. Ainda o dese o.

Eu choro e choro e choro, em vez de dormir, no ue parece ser a noite mais longa da história.

 uando acordo, mais uma semana se passou.

Nada de som de passos do lado de fora da anela.

Nada de pedrinhas batendo no vidro.

Nada do sol cálido na minha pele.

Nada de flores frescas no meu cabelo.

Nada de cupcakes.

Nada de lago.

Nada de RJ.

Apenas paredes. Apenas o farfalhar baixinho das contas de ade deslizando entre meus dedos. Eu me obrigo a dormir. A não sentir nada. A não ser nada.

E me pergunto se algo pior aconteceu.

RJ

Já faz muito tempo ue não ouço a voz dela... nem mesmo em meus pensamentos.

Delilah bate na porta do uarto.

A gente vai ou não vai

Só um minuto

Eu me apresso a recolher as cartas espalhadas pelo chão. Algumas estão amassadas, outras cuidadosamente dobradas. São todas para Jules. Palavras ue ela não ouviu. Sentimentos dos uais ela precisa saber.

Delilah abre a porta e enfia a cabeça para dentro.

Preciso passar protetor solar

Voc não está no comando resmungo.

Toda vez ue saí de casa nas últimas semanas, tive companhia do meu pai ou de Lilah. Desde a surra, mal tive permissão de chegar perto da praça. Perto demais da fronteira dos Marlo. Tenho me sentido ansioso, espera do próximo golpe, ou de alguma notícia horrível de retaliação. Preciso sair da ui. Felizmente, ho e meu pai finalmente cedeu. Tenho permissão de ir ao lago...

com Delilah, ue sem dúvidas me deduraria se eu fizesse ual uer besteira.

Depois de untar as cartas, eu as enfio na bolsa. Um dia, ainda vou entregá-las a Jules. Ela precisa saber ue, mesmo ue o universo este a determinado a nos separar, meus sentimentos por ela são reais. Ainda uero ficar deitado na grama com ela pelo tempo ue ela uiser. Ainda estou desesperado para pegar sol ao lado dela e ouvir seus pensamentos.

uando abro a porta, Delilah está parada ali, com protetor solar demais no rosto, óculos escuros, um chap u de bolinha e sandálias de salto combinando.

Vai trocar de roupa suspiro.

Ela coloca as mãos na cintura e me segue, tropeçando nos saltos.

Mamãe disse ue eu estou no comando. Vou com essa roupa.

Tenho certeza de ue não foi isso ue ela uis dizer.

Delilah cutuca a minha bolsa.

O ue tem aí

Eu recuo.

Só umas coisas para fazer en uanto estivermos lá.

Tipo escrever sussurra ela, bem alto, e eu espero meu pai sair correndo do uarto aos berros.

Mas isso não acontece. Ele não está em casa. o e não vai rolar esse tipo de pesadelo. Obrigo Lilah a ir falar com a nossa mãe, e ela troca a roupa para short eans, uma camiseta e t nis. Muito mais apropriado para ir ao lago. Ela fica de cara fechada durante todo o percurso.

uando chegamos lá, eu a levo para alimentar os patos e apostamos corrida algumas vezes pela grama. Eu a deixo vencer, por ue ela gosta disso. Então, uando Lilah vai dar um mergulho, eu pego o diário e escrevo outra carta para Jules, dizendo ue este lugar não o mesmo sem ela. O sol não tem um brilho tão uente nem tão intenso. A água está fria demais, e os pássaros fazem muito barulho.

Depois, acrescento essa folha pilha de cartas e amarro com barbante e uma única conta de ade. Encontro um bom lugar sob o bordo onde costumávamos passar o tempo e as deixo ali, cobrindo-as com um pouco de terra e uma pedra para ue não se am levadas pelo vento.

O ue isso pergunta Lilah, se esgueirando atrás de mim e me dando um susto.

Nada, sua xereta. Está pronta para ir

Ela tenta pegar os pap is, mas eu entro no caminho.

Lilah, por favor.

sobre a uela garota

Cruzo os braços.

E por ue eu não deveria contar para a mamãe

como a confeitaria, Lilah. s vezes, nossos pais se enganam. Eles odeiam essa garota por causa do sobrenome dela. Voc entende o uanto isso absurdo

Ela uma Marlo.

Então voc tamb m sofreu lavagem cerebral.

Ela revira os olhos.

Se voc confia minimamente em mim, confie no ue estou dizendo continuo.

Eu nunca vi voc desse eito.

Eu nunca me senti desse eito.

Minha irmã se afasta.

Dois dias se passaram desde ue fomos ao lago, e meus pais não mencionam as cartas ue deixei embaixo do bordo. Lilah guardou meu segredo. Dar uma confeitaria para a minha irmãzinha está rapidamente se mostrando uma das melhores decis es ue á tomei.

Mais tr s dias se passam.

Lilah e eu visitamos o lago outra vez.

As cartas não estão lá, mas não há ual uer tipo de resposta nem bilhete.

Mais um dia se passa.

Então outro.

E mais outro.

 uando Lilah pergunta se uero voltar ao lago, eu cubro a cabeça com o travesseiro e recuso. Não adianta. Jules á me es ueceu ou me superou, ou sei lá. Lilah me dá um cupcake de morango com creme para eu afogar as mágoas. Passo dias na cama.

At ue, um dia, ouço uma pedrinha na minha anela no meio da noite.

Vou correndo at lá, piscando para a ustar a visão ao escuro. Jules está ali fora, embaixo da minha anela, usando um vestido branco esvoaçante. Seu cabelo está trançado e caindo sobre o ombro. Ela colocou uma coroa de flores na cabeça. Abro a anela.

Jules

Eu li suas cartas

Leu

Recebi uma entrega misteriosa de cupcakes com um bilhete dentro do bolinho dizendo me encontre no lugar de sempre . uase engoli o papel. uando fui ao lago, encontrei as cartas debaixo do bordo.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

Eu fi uei esperando voc aparecer diz ela. uase morri sem saber o ue tinha acontecido com voc . E aí me dei conta: por ue estou esperando Voc se arriscou e me encontrou na primeira vez. Por ue não posso fazer o mesmo

Ela pega um bu u de flores do campo e uma carta de dentro da bolsa.

Escrevi isso para os seus pais. sobre nós dois, explicando por ue não ueremos tomar parte na rivalidade deles e nos envolver nessa confusão. Por ue ueremos seguir nosso coração e acreditar no amor.

Eu não sei o ue dizer.

Já deixei a mesma carta para os meus pais. Talvez, com o tempo, eles entendam ue o ódio um fardo pesado demais para carregar.

Jules. Eu pisco, mas ela continua ali. Voc disse a eles...

Que vamos fugir juntos, pensa ela. Jules oga a carta para mim. Eu a leio.

Voc está falando s rio.

Voc sempre diz ue não consegue enfrentar seus pais e falar o ue dese a. Essa a sua chance. Diga sim.

Eu me remexo. Meu coração dispara en uanto olho para o meu uarto e para os vestígios da vida sem graça ue levei no último m s. Faz semanas ue não me sinto tão vivo uanto neste momento.

Eu o amo, pensa Jules, e meu coração uase para. Senti falta de estar na cabeça dela. *E sei que ele me ama.*

Eu amo voc , Jules. Eu te amo mesmo.

Então vem comigo. Vamos embora, só nós dois. Vamos encontrar outro

lago com uma árvore bonita fora de Boston, onde não existam Marlos nem Vales Vamos aproveitar a única vida ue temos. Diga sim

Essa a decisão mais irresponsável ou a mais cora osa ue á tomei. Tiro um momento para escrever minha própria carta aos meus pais. Uma carta ue eu deveria ter escrito há muitos anos. Acrescento-a carta de Jules, fecho o envelope e escrevo o nome dos meus pais na frente. Então, desço pela treliça, pego Jules no colo e a bei o.

SÓ PARA NÓS DOIS

Jesse Q. Sutanto



Playlist: "Ours"

NÃO CONTA COMO SE ESCONDER se ningu m está te procurando. Ou talvez conte, o ue faria disso o ogo de pi ue-esconde mais depressivo do mundo.

Ou o mais tran uilo digo en uanto me sento no chão, tomando o cuidado de ficar longe da anela, para ue ningu m me ve a lá de dentro.

Eu falo sozinha agora. Comecei no dia em ue chegamos a Denison, Iowa, dois meses atrás, e meio ue gostei. Faz eu me sentir menos sozinha. Claro ue não faço isso uando tem gente por perto, por ue a linha entre ser considerada exc ntrica/engraçadinha e ser taxada de maluca bem t nue. E eu á fui taxada de muita coisa por a ui. Em ordem de menos pior pior de todas:

1. Panda Express (Tentei explicar s pessoas ue, embora eu tenha ascend ncia chinesa, sou tecnicamente indon sia, e pandas não são uma esp cie nativa da Indon sia, mas não adiantou. Eu teria insistido mais, só ue aí lembrei ue o animal mais famoso da Indon sia o orangotango, e *panda* com certeza um rótulo melhor do ue *orangotango*, então parei de tentar corrigir todo mundo.)
2. Biscoito da Sorte (Sabe o ue irônico Eu nunca tinha comido um biscoito da sorte at chegar aos Estados Unidos. Semana passada, uando Madison me chamou assim, eu respondi: , e a ui está o seu recado. Baixei a voz para um tom grave e misterioso, e Madison chegou a arregalar um pouco os olhos, como se achasse mesmo ue eu fosse capaz de prever o

futuro. Madison Lewis, eu preve o... ah, apenas uma vidinha medíocre. ue peninha de voc . Depois saí correndo, por ue sou muito boa em física e Madison uns dez centímetros mais alta ue eu, o ue significa ue as chances de eu sofrer um traumatismo craniano se ela me acertasse estavam entre 30 e 45 .)

3. Barbie de Bali (uando me chamaram assim pela primeira vez, admito ue achei ue fosse um elogio. Tipo, uem não uer parecer uma Barbie Mas aí eu me virei e vi ue o garoto ue tinha dito isso Jake Miller estava me olhando com uma expressão de no o. Todos os meus instintos de sobreviv ncia entraram em ação, e cheguei a colocar a mão no bolso de trás, onde carrego um minidesodorante aerossol, tanto para usar no corpo uanto para usar como spray de pimenta. At ho e, sempre ue ve o Jake por perto, eu me enfio em outro corredor, outra sala, e me escondo lá at ele passar.)

4. Ting Tong (ou Ching Chong ou Ling Long etc. Voc entendeu. Para o meu azar, meus pais me batizaram de Ting Ting. Significa *graciosa* em mandarim e, na Indon sia, eu fre uentava uma escola internacional onde estava rodeada de nomes de todas as culturas. Todo mundo entendia ue fazer piada com o nome dos outros era proibido, por ue o nome de uase todos tinha significados bem infelizes em outros idiomas.)

Já me deram mais uma meia dúzia de apelidos, mas os outros são bem sem graça, então nem vou me dar ao trabalho de ficar repetindo-os. Só tento não chamar atenção e conto os dias at me formar, ir embora de Iowa e me mudar para Seattle. Não sei nada sobre Seattle, al m do fato de ue uma cidade enorme, movimentada e cheia de cafeterias, mas sei o bastante para achar ue provável ue eu não passaria todo intervalo me escondendo.

Correção: não estou me escondendo, por ue, de novo, não tem ningu m me procurando. Encontrei o lugar perfeito na escola, ue me garante total privacidade. uma plataforma es uisita, ue começa debaixo de uma das anelas do segundo andar da biblioteca. estreita demais para ser uma sacada, mas tem pelo menos meio metro de largura, então dá tran uilo para eu me sentar com as pernas balançando na beirada. Ningu m vem na biblioteca durante o intervalo, então ningu m nunca vai me encontrar a ui.

E assim ue a gente gosta digo, dando uma mordida no meu

sanduíche.

E então uase morro de susto uando a anela ao meu lado se abre. tão repentino, tão inesperado, ue uase caio da plataforma. Na verdade, eu teria caído se a pessoa não tivesse segurado meu ombro com firmeza. O resto do meu sanduíche não tem a mesma sorte, e sai voando das minhas mãos; eu assisto, pesarosa, en uanto ele cai no gramado. Por um segundo, considero pular atrás dele, mas o aperto em meu ombro aumenta.

 melhor não pular atrás do seu sanduíche alerta o garoto, me segurando.

 Se eu der uma cambalhota ao aterrissar, talvez d certo respondo, olhando saudosa para o sanduíche.

 Voc faz ginástica

Eu pressiono os lábios.

 Eu faço *silat*.

 O ue isso

 Como voc não sabe...

Finalmente desvio os olhos do sanduíche, pois á se passaram mais de cinco segundos, então não dá mais para recuperá-lo, e viro a cabeça para o garoto. E então es ueço o ue estava dizendo. Ele lindo. Cabelo castanho, covinha no ueixo, olhos azuis e redondos, ue no momento estão bem abertos, me encarando.

 Não uer chegar um pou uinho para trás, para evitar a morte certa pergunta ele.

 Ah . Eu me afasto da beirada at estar com as costas apoiadas na parede outra vez.

Ele solta meu ombro e diz:

 Voc me deu o maior susto.

Ele sai pela anela e se abaixa para se sentar ao meu lado.

 ã, o ue voc está fazendo pergunto.

Só por ue ele o garoto mais bonito ue á vi na vida real não significa ue uero companhia. Ou será ue significa Não sei, no momento, minha necessidade de passar tempo sozinha está brigando com meus hormônios.

 Comendo meu almoço responde ele, gesticulando para o saco de papel pardo em sua mão.

A ui Por u

Ele dá de ombros, pegando um sanduíche.

Sei lá. Por ue voc está a ui

Eu gosto de almoçar sozinha.

, bom, eu tamb m. Ele dá uma mordida no sanduíche, depois parece lembrar ue perdi o meu e me oferece. uer de mortadela.

Eu reparo ue ele não me olha nos olhos en uanto fala. Só dá uma olhadinha de relance e logo desvia o olhar para algum ponto acima da minha testa. Por algum motivo, isso me faz baixar um pouco a guarda. Estendo a mão e pego o sanduíche inteiro.

Valeu.

ã, eu não uis dizer o sanduíche todo.

Dou uma mordida enorme e devolvo o sanduíche para ele. Por alguns segundos, ficamos em sil ncio en uanto mastigamos. Então digo:

Acho ue, á ue voc me fez derrubar o meu sanduíche, eu deveria ficar com o seu todo.

Ele ar ueia as sobrancelhas.

Voc uer dizer á ue eu salvei sua vida ao te impedir de cair da plataforma

O garoto dá outra mordida. Só resta um uarto do sanduíche.

Ningu m precisaria me salvar se voc não tivesse me dado um susto

Pego o sanduíche da mão dele e enfio tudo na boca.

Ei exclama o garoto, olhando incr dulo para minha boca cheia. Então, cai na gargalhada. Meu Deus do c u diz ele, entre risadas , não acredito ue... como voc conseguiu enfiar tudo na boca Caramba, Ting, voc muito engraçada.

Ele sabe meu nome. Fico feliz de ainda estar mastigando e não precisar responder, mas por dentro estou tipo: *Ele sabe meu nome!* uando finalmente engulo, pergunto:

Como voc sabe meu nome

Voc a garota nova. Todo mundo sabe seu nome.

O garoto parece prestes a dizer mais alguma coisa, então muda de ideia e baixa os olhos para o próprio colo.

Ah, tá. E ual o seu

Voc não sabe Tem noção de ue estamos na mesma turma de Literatura Inglesa, n

Penso em como sempre mantenho a cabeça abaixada uando entro em uma sala de aula, evitando contato visual com ual uer um, torcendo para não chamar mais atenção do ue á chamo.

Não, eu não sabia disso.

Tudo bem diz ele, então faz de novo a uilo de olhar nos meus olhos e depois desviar para acima da minha cabeça. Eu sou o Eric.

Percebo ue não sei mais o ue dizer agora ue á perguntei o nome dele. Estou meio enferru ada no uesito socialização. Então apenas aceno com a cabeça e olho para o nada, torcendo para parecer pensativa e misteriosa.

E aí, hã começa ele , voc vem a ui todo dia

 uase todo dia. s vezes fico no banheiro da biblioteca, uando não uero me dar ao trabalho de sair pela anela.

Eric ri de novo.

Não uero me dar ao trabalho ue formal. Gostei.

Sim respondo, s ria. Somos bem formais lá no meu país acrescento, por ue a melhor defesa um rápido ata ue antes de um recuo mais rápido ainda.

Só depois me dou conta de ue não tenho como fugir rápido da ui, a não ser ue eu decida mesmo pular da plataforma.

Legal, eu não sabia disso comenta Eric, sem nenhum traço de sarcasmo na voz. Na verdade, eu não sabia uase nada sobre a Indon sia antes de voc vir estudar a ui.

E agora sabe

Dei uma pes uisada, então sei um pouco mais.

Voc deu uma pes uisada

Uma onda de calor invade meu estômago, e agora sou eu uem não consegue olhá-lo nos olhos.

Sim, achei ue parecia legal.

E o ue voc descobriu

 ue enorme Ele sorri para mim antes de desviar o olhar. Tem mais de duzentos milh es de pessoas lá, e muito caf .

Sinto uma de minhas muralhas ceder devagar, e percebo ue estava tensa,

meio ue esperando ue ele dissesse algo ofensivo sobre meu país. Odeio ue eu sempre espero por isso desde ue me mudei para cá. O pensamento me deixa triste de repente. Faz com ue eu ueira me encolher e dormir at o ano letivo acabar e podermos voltar para passar as f rias em casa. Meu pai faz parte de uma força-tarefa internacional ue estuda resili ncia climática em comunidades agrícolas, e tivemos o azar de ele ser designado para cá e não para um lugar maneiro, tipo, sei lá, o Japão. Abraço meus oelhos contra o peito.

Voc uer ue eu vá embora pergunta Eric.

Não, penso. *Por favor, fique.* Mas o ue sai da minha boca :

Talvez.

Tudo bem diz ele, começando a se levantar, mas então para. Bom, espera. Este o único lugar seguro para mim na escola toda.

Eu solto um riso irônico.

Por ue voc precisa de um lugar seguro na escola Voc se encaixa.

Não muito.

Reviro os olhos.

Ah, tá. Voc , um atleta e mais alto ue todo mundo, tem dificuldade de se encaixar. Minha voz sai mais afiada do ue eu pretendia. Acho ue estou num humor pior do ue pensava.

Eric me oferece um sorrisinho.

Se não estivesse tão ocupada tentando manter dist ncia de todo mundo, talvez percebesse ue não implicam só com voc .

aí ue eu olho para ele, olho de verdade, para al m da beleza óbvia e da altura impressionante. Eric tem uma postura vulnerável em ue não reparei de primeira, mas ele parece a definição de um atleta de ensino m dio, alto e forte. Isso não significa ue automaticamente poupado de zoaç es

Por ue implicam com voc pergunto, c tica.

Provavelmente por ue sou autista.

Ah.

A falta de contato visual faz sentido agora. Ele ri.

Ficou com pena de mim por ue estou no espectro

Não retruco. uem devia se sentir mal uem implica com voc por causa disso. Tenho certeza de ue isso capacitismo.

Acho ue eles não ligam muito para capacitismo a ui comenta Eric, então me lança um olhar rápido e acrescenta: Nem para racismo.

 resmungo, infeliz. Mesmo assim, acho ue eu tenho prioridade sobre este lugar por ue voc maior ue eu. Voc pode socar a cara das pessoas ue fazem bullying com voc . Eu não posso me dar a esse luxo.

Ele ar ueia as sobrancelhas de novo, arregalando os olhos.

 ã, claro, eu vou sair por aí batendo nas pessoas, sim. Com certeza a direção da escola vai aceitar numa boa. Ele revira os olhos. Para algu m tão inteligente, voc fala muita besteira, Ting.

Como voc sabe ue eu sou inteligente Está dizendo isso só por ue sou asiática

Estou apenas brincando, mas no fundo, sei ue tamb m estou falando meio s rio. Não consigo me impedir de testá-lo, por ue, apesar de tudo, estou desesperada por um amigo, e uero saber se ele seria um bom candidato.

Não, espertinha. Sei disso por ue voc faz aula de cálculo e de uímica org nica.

Voc tamb m está nessas turmas

Nossa, eu realmente preciso começar a prestar mais atenção nas minhas turmas.

De eito nenhum. Mal estou dando conta de trigonometria.

Ah. Então como voc sabe ue eu faço cálculo e uímica org nica

 Sei lá murmura ele. Eu reparo nas coisas. Gosto de observar as pessoas.

Isso uma característica do autismo ou algo seu

Ele olha para cima por um momento, pensando.

Voc faz muitas perguntas. Isso uma coisa da Indon sia ou uma coisa sua

Uma coisa minha respondo, sem hesitar.

Bom saber.

Bem, fico feliz ue concordamos ue este lugar meu.

Ele inclina a cabeça para trás e dá uma risada.

 Não concordamos nada. Desculpa, mas não vou abrir mão do meu esconderi o. Ele basicamente salvou minha vida no ensino m dio.

Estou tentando pensar em uma resposta espertinha uando o sinal toca.

Nós dois resmungamos, então trocamos um olhar.

Vamos lá diz ele. Se nos atrasarmos para a aula, vão reparar.

Ele passa pela anela e pula para dentro da biblioteca.

Caminhamos em sil ncio e, uando chegamos ao t rreo, Eric vira es uerda e eu direita, e tento não pensar nele pelo resto do dia.

Bem, eu tentei não pensar no Eric, mas foi meio difícil fazer isso uando (1) eu não tenho amigos. Já mencionei isso, n E (2) ele tão alto E bonito E fofo E eu tenho dezesseis anos, o ue significa ue meu corpo 90 feito de uma cacofonia de hormônios confusos e 10 de Pepsi. E (3) ele tamb m muito... legal.

Então, no dia seguinte, assim ue o sinal do intervalo toca, eu corro direto para a biblioteca, onde caminho rápido entre as estantes at a anela. Pelo vidro, á dá para ver ue a plataforma está vazia, e a decepção me esmaga feito um pedregulho gigante.

Você brigou com ele pelo lugar, digo a mim mesma. *Talvez ele ache que está sendo legal ao te deixar em paz.*

Abro a anela e estou prestes a sair por ela uando algo na plataforma chama minha atenção. uma tulipa de origami presa sob uma pedra. Eu me abaixo e a pego. A tulipa laran a e foi dobrada meticulosamente. Dentro há um bilhetinho, ue eu desdobro.

Tenho treino de beisebol na hora do intervalo, então você pode ficar com o lugar hoje.

Eric

P.S.: O lugar ainda é meu, só estou te emprestando.

Um sorriso se espalha devagar pelo meu rosto, feito mel escorrendo. Leio as palavras várias vezes, sorrindo feito uma criancinha o tempo todo, então corro at a mesa mais próxima, onde rasgo uma folha do meu caderno.

Não se preocupe, vou cuidar direitinho do MEU lugar.

Ting

P.S.: Gostei da tulipa.

Depois, pes uiso *origami* no Google e encontro uma das dobraduras mais simples: um tsuru. Sigo as instruç es e faço um tsuru meio amassado. Dá para o gasto. Coloco a dobradura e meu bilhete para Eric na plataforma. Meu sorriso dura o intervalo inteiro, mas desaparece na aula de uímica org nica, uando Nathan Brown me chama de alter hite de Chinatown .

Na manhã seguinte, chego escola dez minutos mais cedo, e a primeira coisa ue faço ir at a plataforma. Torço para ue o tsuru não este a mais lá, o ue significaria ue Eric o pegou. Mas, uando chego, encontro algo ainda melhor: um novo origami, desta vez um sapo. A alegria toma conta de mim e tenho vontade de gritar feito uma criança. O bilhete dentro do sapo diz:

Um tsuru? Que básico. Esperava mais.

Eric

P.S. Vou permitir que você divida MEU lugar comigo hoje. De nada.

Abro rapidamente a mochila e pego a cobra de origami ue preparei na noite passada. Levei uarenta e cinco minutos de concentração extrema para dobrá-la, e estou muito mais orgulhosa do ue deveria. Penso por um momento no ue escrever, e sorrio uando a resposta perfeita me ocorre.

O tsuru foi só um aquecimento. Não queria te assustar com minhas incríveis habilidades em origami.

Ting

P.S. Meu almoço de hoje é muito melhor que o seu. Prepare-se para ficar com inveja.

Ok, eu estava morrendo de curiosidade para saber ual o seu almoço diz Eric assim ue abre a anela.

Eu sorrio e levanto meu sanduíche. Ele franze a testa.

Um sanduíche Muito bom, Ting. Jamais imaginaria. Tão criativo.

, mas voc sabe do ue meu sanduíche

Sei lá responde ele, se sentando ao meu lado.

Dá uma mordida. Sem espiar.

Espero ue voc tenha noção do uanto estou confiando em voc agora.

Isso me faz hesitar. Antes ue Eric possa dar a mordida, eu afasto o sanduíche.

sanduíche de *rendang*.

O ue isso

um prato indon sio. Carne cozida com leite de coco e especiarias. Sobrou do antar de ontem, e achei ue daria um bom sanduíche. Tamb m colo uei cenoura e nabo em conserva e rodelas de pepino fresco.

Parece ótimo, de verdade. Por ue essa cara de preocupação

Não sei respondo. Do nada pensei ue voc poderia odiar e ue talvez eu estivesse sendo sem noção por fazer voc experimentar algo sem saber o ue .

Me dá isso a ui.

Ele pega o meu sanduíche e dá uma mordida enorme. Nem me dou conta do uanto estou nervosa at ele dizer:

mm

Eu me inclino para a frente, os olhos fixos no rosto dele.

S rio Voc gostou

Ele assente com vigor e dá outra mordida.

Espera, não come tudo grito, tentando pegar o sanduíche de volta.

Em vez disso, agarro o braço dele e o puxo na minha direção. Eric segura o sanduíche en uanto eu como um pedaço, e a proximidade de sua mão faz meu rosto es uentar. Se ele percebe, não demonstra.

Isso faz meu sanduíche de mortadela parecer bem sem graça começa ele, e suspira ao ver meu sorriso vitorioso. Voc está se achando, n

Nas semanas seguintes, a primeira coisa ue faço uando chego escola conferir a plataforma. s vezes, chego primeiro, s vezes Eric chega antes. Toda manhã, colocamos um novo origami lá, com um bilhetinho dentro, e ver um passarinho, um rato, uma rosa, e assim por diante, sempre dispara uma faísca de felicidade dentro de mim. Eu guardo todos, claro. Eles estão enfileirados na anela do meu uarto, e são a primeira coisa ue ve o uando acordo. Gosto de me virar na cama e observar como a luz do sol banha cada um em um brilho dourado. E, antes de dormir, gosto de encostar neles e lhes dese ar boa noite. Tenho vontade de perguntar ao Eric se ele guarda os origamis ue faço, mas parece idiota demais, então não pergunto. Garotos provavelmente não fazem essas coisas.

Conforme as semanas passam, começo a gostar do Eric mais do ue eu esperava. Sim, ele bonito, mas tamb m a pessoa mais gentil ue á conheci. Ele sempre parece interessado em descobrir coisas novas, e uando pergunta sobre minha cultura, mesmo ue algumas perguntas se am meio ignorantes, dá para ver ue está sendo sincero, e isso me faz uerer compartilhar o máximo possível com ele. Eu o a udo com trigonometria e ele me explica filosofia e política, e a expectativa de v -lo na escola o ue me faz levantar da cama todo dia.

Conto ao Eric sobre meu sonho bobo de ue o emprego do meu pai nos permita passar alguns anos nos Estados Unidos, pois uero estudar na Universidade de ashington, só por ue gosto do nome Seattle e uero passar os fins de semana visitando cafeterias. Ele me diz ue isso ridículo, eu digo ue o rosto dele ridículo, e retomamos o hábito de implicar um com o outro e conversar sobre tudo e coisa nenhuma. Somos muito bons em passar tempo untos. noite, fico deitada na cama relembrando as muitas maneiras como fizemos um ao outro rir na uele dia, e pego no sono sorrindo. Me apaixonar pelo Eric parece a coisa mais inevitável do mundo.

O problema ue, uanto mais gosto de Eric como amigo, mais tenho medo de contar a ele ue meus sentimentos vão muito, muito, muito al m

disso. Ele o único amigo ue tenho a ui, e se não sentir o mesmo por mim, sei ue vou ficar envergonhada demais para manter nossa amizade. E tenho uase certeza de ue, se eu o perder, não vou ficar nada bem. Então as semanas passam, eu não digo nada, e continuamos passando tempo untos e trocando origamis.

Agora ue conheço o Eric, eu o ve o pela escola o tempo todo. E as pessoas implicam mesmo com ele. Apesar de seu porte impressionante, com uase 1,90m de altura e ombros largos, muitos dos outros garotos o consideram uma presa fácil. A princípio, não entendo, mas depois fica evidente ue Eric tinha razão sobre se destacar por suas diferenças. Todo mundo nota como ele não consegue olhar diretamente nos olhos das pessoas ao falar, como anda um pou uinho diferente, seu eito meio es uisito. Todas as coisas ue eu amo nele, mas ue os outros veem como traços ue o tornam estranho e o transformam num alvo.

Sempre ue ve o Eric sendo xingado, me intrometo e mando a pessoa calar a boca. Geralmente elas riem e dizem algo tipo: Eric, voc tão covarde ue precisa ue sua namoradinha baixinha te defenda Aí, o Eric me segura e me puxa para longe.

Só ignora, Ting. Toda vez ue voc faz isso, eu levo o maior susto. Não vale a pena. Não uero ue voc se machu ue.

Eu á disse ue faço aula de *silat*. E carrego spray de pimenta.

Pego a lata de aerossol e mostro para ele, ue fica bo uiaberto.

Não permitido carregar arm... Espera, isso não spray de pimenta. desodorante.

Mas serve. Vai doer pra caramba se levar um ato nos olhos.

Eric faz a uela coisa de erguer as sobrancelhas um momento antes de dar risada, e eu uase pulo em cima dele ali mesmo e digo ue estou perdidamente apaixonada. Mas me seguro. Em vez disso, sorrio e digo ue ele vai ver só, ue meu desodorante ainda vai salvar o dia.

uando isso finalmente acontece, nenhum de nós acha graça. Estou pegando

minhas coisas no armário uando Jake Miller aparece atrás de mim, se inclina para bem perto e diz:

 ue tal voc parar de dar para a uele es uisito e sair com um homem de verdade

Se eu disser ue não fi uei com medo, estarei mentindo, por ue estou uase me mi ando nas calças. De algum modo, consigo dizer:

Dar o u

Jake me lança um olhar lascivo, descendo os olhos deliberadamente do meu rosto para o meu corpo. Sinto meu estômago embrulhar.

Ei, sai de perto dela exigiu a voz de Eric, a alguns passos de dist ncia. Ele vem na nossa direção.

O alívio ue sinto ao ouvir a voz dele atordoante, mas assim ue Eric se aproxima, Jake se vira e acerta um soco bem no nariz dele. Ouço um estalo horrível e alguma coisa me domina. Es ueço ue tenho metade do tamanho de Jake Miller. Es ueço ue estou na escola. Sem pensar, parto para cima dele com o cotovelo estendido.

Tudo bem, vamos pausar um segundo. Preciso explicar o ue o *silat*. uma arte marcial indon sia, ótima para garotas e pessoas mais baixinhas, por ue ensina a maximizar a força dos golpes usando oelhos e cotovelos, uma ação proibida na maioria das artes marciais. Não um esporte bonito; brutal, difícil e incrivelmente eficaz.

E Jake Miller descobre isso uando meu cotovelo acerta sua boca. Antes ue ele possa reagir, meu oelho atinge sua virilha. Jake desaba e, uando ve o Nathan Brown se aproximando com uma expressão assassina, pego meu desodorante e o disparo bem na cara dele. Nathan grita, esfregando os olhos. Eu aponto o spray para a multidão ue se aglomerou ao nosso redor e grito:

Podem vir, seus filhos da p...

Voc os chamou de u pergunta meu pai, me olhando chocado.

A diretora Davis repete a informação e meu pai me encara como se eu fosse uma completa estranha.

Onde voc aprendeu essas coisas uestiona ele.

Minha mãe pigarreia.

Desculpe, mas não ve o ual o problema. Voc disse ue esses garotos atacaram minha filha. Parece ue ela se defendeu muito bem.

Na verdade, os meninos disseram ue ela os atacou primeiro responde a diretora Davis.

Depois ue eles bateram no amigo dela rebate a minha mãe.

Ela uebrou dois dentes de Jake Miller afirma a diretora, s ria.

Sim diz minha mãe, orgulhosa. Ela faz aula de *silat*. Uma arte marcial muito útil, como voc pode ver.

O resto da reunião não corre nada bem, e logo eu me encontro no banco de trás do carro dos meus pais.

Expulsa diz meu pai, atordoado.

Por legítima defesa resmunga minha mãe. Nunca ouvi falar de uma coisa dessas E a uele valentão não uebrou o nariz do coitado do garoto Por ue ele não foi expulso Estou te dizendo, enry, á cansei deste país. Não podemos criar nossa filha em um lugar em ue ela expulsa por se def...

Eu sei responde meu pai. Os olhos dele me encontram pelo espelho retrovisor. Parece exausto, mas abre um sorrisinho. Eu concordo. Tamb m tenho tido dificuldades em me adaptar, e um amigo me indicou para um cargo na Universidade da Califórnia, em San Diego. Acho ue vamos nos encaixar melhor lá.

Sinto como se meu mundo estivesse desabando.

Não podemos nos mudar para San Diego grito.

Mamãe se vira no banco e me lança um olhar compreensivo.

Sinto muito, uerida. Sei ue vai sentir falta do seu amigo, mas as coisas serão muito melhores na Califórnia. O pessoal lá bem mais diverso, mais receptivo a imigrantes.

Não

Para o meu horror, agora ue toda a adrenalina da luta passou, eu caio no choro.

Mamãe estica o braço para trás e aperta minha mão e, embora eu saiba ue uma posição desconfortável, ela continua segurando a minha mão por todo o caminho at em casa.

San Diego bem melhor ue Denison. At faço alguns amigos a ui, e gosto bastante deles, mas nenhum tão engraçado ou fofo uanto Eric. Nós dois trocamos mensagens o tempo todo. Ele me manda fotos do nariz uebrado e do processo de cicatrização, e eu mando fotos de coisas aleatórias, como uma folha ue encontrei um dia e ue parecia um p . Nossas conversas são casuais. Eu não comento ue sinto falta dele todos os dias, ue levei todos os origamis ue ele me deu e ue agora eles enfeitam a anela do meu novo uarto. ue ainda são a primeira coisa ue ve o uando acordo e a última antes de dormir, e ue penso em nós, sentados na nossa plataforma, com as pernas balançando no ar, disputando sanduíches. Não digo ue nem olho para outros garotos, por ue não consigo tirar Eric da minha cabeça.

No último ano do ensino m dio, digo a ele ue vou tentar entrar na Universidade de ashington, e ele diz ue vai tentar universidades em Iowa. Fico olhando para o celular um tempão, digitando **Pode se candidatar à UW também? Sinto sua falta**. Então apago a mensagem, depois digito de novo e apago mais uma vez, e assim por diante. At ue cedo ao impulso e clico em enviar. Um momento depois, a palavra *Visto* aparece sob a mensagem. Meu coração bate tão forte ue acho ue vou desmaiar. Tr s pontinhos aparecem, então somem. Ai, meu Deus. Ele está digitando uma resposta. Uma eternidade se passa en uanto observo a ueles tr s pontinhos surgindo e sumindo. Meu Deus, ue sofrimento. Não aguento mais. Digito Brincadeira! Ignora! Vai fazer algo divertido no fim de semana? Depois, ogo o celular debaixo do travesseiro e me obrigo a sair do uarto para pegar um lanche no primeiro andar. Mais tarde, uando enfim olho o celular de novo, ve o ue ele respondeu apenas Vou assistir a umas partidas de beisebol. Engulo o nó de decepção e retomo nosso papo casual de sempre.

 uando recebo a notícia de ue entrei na Universidade de ashington, consigo apenas abrir um sorriso en uanto meus pais pulam e se revezam bei ando minha cabeça. Eric me disse ue passou para a Universidade do Estado de Iowa, e sei ue acabou. Vamos para faculdades diferentes, conhecer gente nova, e, com o tempo, nossas mensagens ficarão cada vez mais esporádicas, at eu me dar conta de ue não nos falamos há dias, depois semanas, e logo ele será apenas um cara ue eu conheci durante o ensino m dio.

No entanto, at ue me animo no dia da mudança. O campus lindo e Seattle tudo ue eu sonhei. Mamãe e papai me a udam a levar meus pertences para o dormitório, ue vou dividir com mais duas garotas. Umas dela se chama Jina, ela bem legal e curtiu minha ideia de usar desodorante como spray de pimenta, então claro ue fui com a cara dela. Mas uando meus pais vão embora, me pego segurando o choro. Sem eles e sem Eric, nunca me senti tão sozinha.

Vou dar uma volta pelo campus anuncia Jina, a caminho da porta. Ela para. Ei, Ting, voc es ueceu uma caixa a ui.

Oi Olho para as duas malas grandes ue trouxe. Eu não trouxe nenhuma caixa.

Bom, está com seu nome. At mais, colega de uarto

Então, ela vai embora.

Caminho at a porta e, de fato, há uma caixa de papelão com meu nome. Sorrio. Meus pais devem ter me deixado uma surpresa. Carrego a caixa para dentro do uarto, estranhando ao perceber como leve. Eu me sento na cama e a abro. Meu coração para.

Dentro da caixa estão todos os origamis ue fiz com o maior cuidado para o Eric. At mesmo o tsuru todo troncho e triste. Tem um cartão enterrado no meio deles. Eu o abro devagar, com a visão embaçada pelas lágrimas.

Não precisamos mais brigar por uma plataforma. Acho que podemos concordar que este lugar é nosso.

Eric

P.S. Você pode sair do quarto, por favor?

Eu pulo da cama e corro at a porta, rindo e chorando ao mesmo tempo, e dessa vez me ogo nos braços dele sem hesitar.

ACONTECEU NUMA QUARTA-FEIRA

Lynn Painter



Playlist: "Begin Again"

SADIE

MAIS CINCO MINUTOS E EU vou embora.

O cara á estava meia hora atrasado, e, como eu tinha chegado meia hora mais cedo para dar uma conferida no lugar ue havia sido uma pedra no meu sapato por mais tempo do ue ueria admitir, eu á estava pronta para sair dali.

Dedicar uma hora do meu tempo a um encontro s cegas com algu m ue obviamente não iria aparecer era mais do ue generoso da minha parte.

E, para falar a verdade, eu estava aliviada.

Não ueria mesmo sair com um desconhecido.

Mais uma Pepsi Black perguntou a bartender, e o tom ue usou para falar *Pepsi Black* deixava claro ue ela achava um crime eu não pedir algo como um dry martini.

E um baita t dio.

Não, valeu. Pode me trazer a conta, por favor

Ela me lançou apenas um olhar antes de ir at o caixa atrás do bar.

Então *tá*.

O Rosebud Bar não era um lugar para pessoas ing nuas. Era receptivo uelas ue conheciam as regras, ue pertenciam ao clube, mesmo ue o

clube não existisse. Seus membros tinham a sensibilidade inata para zombar de futilidades e citar Proust en uanto saíam para fumar um cigarro muito necessário.

Se algu m de fato *quisesse* se encaixar na uele lugar, amais conseguiria.

O ambiente era escuro e silencioso, literário e crítico, exatamente como eu imaginava sempre ue Dylan me mandava mensagens, avisando Vamos passar no Bud depois da aula.

Agora ue eu estava ali, conseguia imaginar perfeitamente Dylan e seus amigos da faculdade de Artes ogados na ueles ban uinhos, analisando *O castelo*, de afka, com a bartender, en uanto eu o esperava na casa dele feito uma criança depois da escola, tomando achocolatado no sofá, atenta ao barulho do carro dele entrando na garagem.

Para ser sincera, uase cancelei o encontro uando o sr. Furão escolheu a uele lugar, por ue pareceu um mau agouro recomeçar usto no bar favorito *dele*.

Mas aí decidir ir at ali como uma esp cie de exorcismo.

ue eito melhor de acabar com a minha depressão do ue ter um encontro no lugar ue Dy amava e para o ual nunca, nem uma vez, me convidou

Vem comigo eram as palavras ue eu sempre uis ouvir, duas palavrinhas mágicas e tão simples, mas ue ele nunca se uer cogitou dizer.

No entanto, depois de ter levado um bolo, e de ter visto a uele santuário ue apenas confirmara o ue Dylan provavelmente sempre soubera ue eu amais conseguiria fazer parte da uele clube , eu estava mais do ue pronta para dar o fora.

Paguei a conta e á estava fechando a bolsa uando ouvi algu m me chamar:

Sadie

Eu me virei, uma parte minúscula esperando encontrar *Dylan* talvez por ue ele fosse a única pessoa ue eu conhecia ue fre uentava o Rosebud. Mas, em vez disso, encontrei um cara muito alto, de cabelo escuro, com os olhos semicerrados e um meio-sorriso, como se esperasse confirmação de ue eu era mesmo a Sadie.

Oi

Estreitei os olhos, tentando decifrar a uele enigma. avia *algo* familiar no

rosto dele, mas de um eito distante, como se a gente tivesse se esbarrado em outra vida.

Ele era, falando de maneira ob etiva, absurdamente gato, mas eu não estava no clima para homem *nenhum* no momento, bonito ou não.

Jess DeLuca disse ele, levando a mão ao peito. Grupo de estudos do nono ano

Ai, meu Deus falei, dando uma risada e ficando bo uiaberta, por ue, *cacete*, não acreditava ue esse cara era *aquele* Jess. Como voc está

Jess tinha sido meu colega de turma por um semestre inteiro no nono ano. Nossa escola exigia ue todos os alunos participassem do grupo de estudos, o ue significava ue, en uanto alguns alunos de fato estudavam, a maioria só passava um período por dia conversando com os colegas com uem dividiam a carteira.

Jess era essa pessoa.

Nossa, ele era incrível. Usava uma a ueta de couro preta todo dia, dando a impressão de ue fazia coisas muito maduras nos fins de semana; coisas perigosas e sexy ue a pobre e tímida Sadie nem imaginava.

E ele tinha a uele meio-sorrisinho ue me deixava tonta.

Claro ue eu era *super a fim* dele. Jamais teria tido coragem de falar com o sr. Ja ueta de Motociclista se ele não tivesse caído na minha mesa de estudos, e Jess provavelmente amais teria se interessado em conversar comigo se eu não tivesse caído na dele. Mas, na uele semestre, passávamos uma hora por dia untos, falando sobre tudo e sobre nada.

Ele era um garoto genuinamente engraçado, o tipo capaz de ouvir uma história tagarelada por uinze minutos e depois soltar uma tirada tão perfeita ue a única reação possível era ter um acesso de riso incontrolável (o ue sempre rendia um olhar feio da professora do grupo de estudos, aliás).

E ele costumava fazer desenhos na palma da minha mão com uma canetinha, o ue sempre me deixava com um enorme frio na barriga.

Mas nunca nos víamos fora do grupo de estudos, e nunca mais o encontrei depois da uele semestre.

Parece ue voc está indo embora observou ele, apontando com o ueixo para as chaves na minha mão.

, eu *estava* confirmei. Mas não estou com pressa.

S rio uer beber alguma coisa e botar o papo em dia ou coisa assim Ele ergueu a mão na mesma hora, como se tamb m tivesse percebido a conotação do ue havia acabado de falar, e acrescentou: Sem segundas intenç es.

Claro respondi, e senti um arrepio uando, depois de indicar uma mesa livre atrás de nós, ele apoiou a mão na base das minhas costas.

Foi um to ue bem suave en uanto cruzávamos o salão, nada íntimo nem desrespeitoso, mas depois de me sentar, ainda sentia o contato de seus dedos ao longo da minha coluna.

Não me entenda mal disse ele, com o sorriso irônico ue, mesmo com o passar dos anos, era *muito* familiar, e gostei de como o gesto ainda me pareceu confortável , mas não acredito ue voc está usando All Stars com esse vestido.

Ah. Ele não gosta dos meus sapatos confortáveis.

Dylan era alto como Jess, e sempre ueria ue eu usasse saltos. Dizia ue era por ue gostava de pernas , mas sempre suspeitei de ue fosse por ue tenho 1,55m e nossa diferença de altura trinta e cinco centímetros evidenciava os seis anos de diferença de idade entre nós, lembrando-o de uando uma pessoa pensou ue fôssemos professor e aluna, em vez de namorados.

No entanto, como eu gostava mais de Dylan uando ele estava feliz, usava saltos sempre ue saíamos.

Uma tentativa pat tica de parecer mais velha por causa dele.

Por ue voc não acredita perguntei.

Eu gostava da combinação e gostava do conforto, então a opinião de um homem sobre meus sapatos não me interessava nem um pouco, mas fi uei curiosa.

Por ue, Sadie O Connor respondeu ele, confirmando ue ainda possuía a uele sorrisinho perigosamente atrevido , pessoas ue usam vestidos *assim* geralmente não usam sapatos desse tipo.

Ainda não sei se voc está me ofendendo ou não retru uei, rindo, mas o incômodo passou, por ue o tom dele deixou bem claro ue Jess gostava tanto do meu vestido de verão (*muito obrigada, DeLuca*) uanto dos meus t nis.

, estou me enrolando todo comentou Jess, com um sorriso mais envergonhado. ue adoro um All Star e acho ue voc está estilosa pra cacete, sabe Agora, vou calar a boca.

Eu estava rindo uando um garçom se aproximou da mesa.

Voc s uerem pedir alguma coisa perguntou ele, parecendo, se possível, ainda *mais* entediado do ue a bartender.

Tem comida a ui perguntou Jess. Talvez uns nachos

Ah, seu tolinho, aqui é o Rosebud.

Não.

Jess ficou olhando para o cara como se esperasse mais alguma coisa, e, uando o homem apenas o encarou todo s rio, disse:

Bom, então me traz um Dr. Pepper, por favor

S rio deixei escapar.

Ele estreitou os olhos, os lábios se curvando na uele sorrisinho enviesado.

Não aprova a minha escolha

 ue voc parece o tipo de pessoa ue prefere um Manhattan. E provavelmente feito com uís ue em vez de conha ue.

Na verdade, estou a ui a trabalho e ainda tenho umas coisas pra terminar, então vou ficar só no refrigerante explicou ele. Mas desconfio secretamente de ue todo mundo ue diz ue gosta de Manhattan está mentindo.

Eu gosto de Manhattan disse o garçom.

 mesmo devolveu Jess, com ironia.

Vou uerer uma Pepsi Black, por favor pedi com uma risadinha, me sentindo vingada pelo fato de algu m como Jess *também* não pedir uma bebida sofisticada.

Então, me fala, Sadie O Connor continuou Jess uando o garçom se afastou , o ue voc andou fazendo desde o nono ano

Nossa, bastante tempo para resumir, n

Voc passou esse tempo todo na balbúrdia, não foi provocou ele. Só consegue me dizer o ue fez ho e de manhã por ue o resto não passa de um borrão, certo

Dá para perceber só de me olhar

Ah, eu sou muito intuitivo disse Jess, assentindo. Mas pode mentir.

Me conta o ue voc teria feito se não tivesse passado o tempo todo por aí ue nem um universitário extasiado.

O garçom serviu nossas bebidas sem dizer uma palavra.

Acho ue levei uma vida bem entediante. Dei de ombros, incomodada por ter ue falar de mim mesma, á ue não tinha *feito* muita coisa ainda. Fui para o ensino m dio, depois entrei para a faculdade e bem, *ainda* estou na faculdade. Eu me formo m s ue vem.

S rio Eu tamb m. Os olhos dele não se desviaram dos meus, não foram atraídos para algo s minhas costas ue parecesse mais interessante. Me diz ue voc cursou escrita criativa.

Não tinha como ele lembrar não *tinha como*.

Cursei, sim confirmei, sentindo uma expectativa crescer en uanto esperava a resposta dele.

 ue bom. Por ue *ainda* penso na uele seu conto de terror bizarro, a uele baseado em *Tito*

Tito Andrônico Não acredito ue voc se lembra disso

Não consegui conter o sorriso; era impossível bancar a indiferente, por ue era surreal ue ele ainda se lembrasse de uma bobeira ue eu tinha escrito no nono ano. Só ue não havia sido bobeira para mim eu estava em p nico ao mostrar a história para ele.

Tá brincando Eu achei incrível.

Achou?

Nossa, obrigada. Pigarreei, precisando mudar de assunto por ue estava sentindo meu rosto em chamas. Voc disse ue ainda está estudando Pela sua roupa, pensei ue á estivesse em algum emprego importante. Ou voc só muito fã de *calças sociais?*

Jess estava usando uma calça *elegante*, com camisa e gravata e belos sapatos, parecendo mais um executivo ou empresário ou um modelo de revista do ue um cara da minha idade.

Isso fez um canto de seus lábios se curvar de novo. Meu Deus, a uele sorriso. Era meio uvenil e, ao mesmo tempo, meio malicioso. O tipo de sorriso ue fazia a gente dar risadinhas constrangedoras e es uecer a longa lista de motivos pelos uais tinha perdido interesse no amor.

Estou fazendo um estágio, então as *calças sociais* são uma necessidade da

vida adulta respondeu, assentindo.

ue tipo de estágio Voc faz faculdade de u

Engenharia civil.

Não sei o ue eu esperava, mas definitivamente não era essa resposta.

Espera, *o quê?* Balancei a cabeça. Não sei por u , mas nunca imaginei ue voc fizesse o tipo *engenheiro*.

Foi a a ueta de couro, n

Talvez admiti, rindo. Voc passava uma imagem de fodão, ue não se importava com nada, o ue no geral não combina com o pessoal de exatas.

Era essa imagem mesmo ue eu ueria passar usando a uela a ueta todo santo dia.

A conversa fluiu fácil a partir daí, como se estiv ssemos retomando de onde paramos aos catorze anos. O garçom nos trouxe mais bebidas e mal notamos. Jess era esperto, naturalmente engraçado e era fácil conversar com ele.

Ele me contou, luz da vela vermelha na mesa, ue estagiava fazia dois anos na uela firma de engenharia, e ue por isso, embora ainda estivesse se formando, parecia saber o ue estava fazendo. Parecia curtir de verdade o trabalho, *gostar* do ue tinha escolhido estudar, e era legal ouvir algu m falar da futura carreira como se fosse só um emprego, não algo ue o definia.

Tamb m era legal não ser tratada como uma criança por ainda *estar* na graduação.

Então, voc vem sempre a ui perguntou ele, indicando o bar.

Nossa, não respondi, talvez meio rápido demais. Eu ia encontrar uma pessoa, mas ela não apareceu.

Espera era um encontro s cegas

Por algum motivo, não fi uei com vergonha de admitir para ele.

Pois , meio ue era, mas eu estava tão apavorada com a ideia ue fi uei feliz de ele não ter aparecido.

Claro ue ficou disse Jess, enfático, se inclinando um pouco em minha direção. Acredite, voc *não* ia uerer sair com o sr. Furão.

E como sabe disso perguntei, pegando meu refrigerante.

Bem, para começar, ele escolheu este lugar para o encontro.

Voc não gosta da ui indaguei, inexplicavelmente feliz com a ideia.

uma merda respondeu Jess, franzindo a testa. pretensioso, e

nem tem comida. o tipo de lugar fre uentado por caras ue uerem *parecer* inteligentes. Mas eu te pergunto: ue pessoa inteligente escolhe ir para um lugar sem comida e sem televisão

Pelo visto, voc falei, deixando escapar uma risada involuntária.

Voc ainda uma espertinha disse ele, rindo e balançando a cabeça devagar.

Era *essa* a imagem ue eu passava aos catorze anos Fi uei surpresa. De espertinha

Pior ue era. Voc era muito engraçada, o ue foi uma surpresa, por ue parecia uma ratinha nervosa.

Eu era tão es uisita.

Talvez, mas eu ficava todo dia derretendo dentro da uela a ueta de couro só para voc me achar maneiro, então uem era *mesmo* es uisito

Voc , com certeza respondi, sorrindo.

N Jess assentiu. E, só para constar, eu não vim a ui por ue uis. Minha empresa está reformando este pr dio.

Ah.

Adoro o pr dio, odeio o Bud.

Isso me fez cair na risada de novo.

Como eu estou rindo no Rosebud?

Então, voc e o sr. Furão iam antar de verdade Ou só ficar tomando drin ues caros

O celular de Jess se acendeu com uma notificação, ue ele olhou e ignorou.

Acho ue a ideia era antar tamb m, mas foi minha tia Debbie ue armou tudo, então eu não sabia os detalhes.

Voc confia tanto assim na sua tia

Digamos ue ela me pegou em um momento de fragilidade. Tia favorita, se recuperando de um ata ue cardíaco, chantagem emocional descarada.

Nossa, ue combo.

Voc sabe como respondi.

Bom, e o ue voc acha de ir antar *comigo?* perguntou Jess, e fi uei surpresa com o uão natural a uilo soou. *Tranquilo.* A sensação foi mesma de uando Annie (minha melhor amiga) perguntava se eu ueria ir comer frango frito com ela (a resposta era sempre sim, aliás). Por ue encontrar voc

acabou com ual uer chance de eu conseguir trabalhar.

De ue tipo de comida estamos falando perguntei, de repente me sentindo mais leve, mais brincalhona, do ue me sentia em muito tempo.

Voc ue manda, O Connor. Desde ue não se a tipo, mariscos de um food truck.

Está brincando meu único vício respondi, fazendo um bi uinho exagerado.

Seu único vício mariscos de food truck Duvido muito retrucou ele, sorrindo. Preciso de mais informaç es.

O u uer ue eu faça uma lista dos meus maus hábitos

Top tr s, por favor.

Respirei fundo e estreitei os olhos.

Tá bom. ã, número um achocolatado feito com Nes uik. Já me disseram ue muito brega, mas eu não mando no meu coração.

Achocolatado coisa de gente com paladar apurado, o ue tem de brega nisso Estamos falando de uma precisão chocolatícia a ui, chegando microdose específica de pó de chocolate em nível molecular, e acho ue voc devia ter orgulho do seu vício. ual o número dois

Eu diria ue o número dois fast-food. Sei ue p ssimo, mas voc pode ter certeza de ue vai me encontrar no drive-thru do Taco Bell mais próximo no dia do pagamento.

O ue voc pede Tortilha com carne moída Tacos de uei o com molho *sour* extra

uesadilla de carne, sem molho, e refrigerante de limão.

Muito bom. Meio es uisito não ter molho, mas não vou ulgar. Agora, manda o número tr s, O Connor.

Meu Deus, ele não mudou nada. Jess podia at ter se tornado um homem incrivelmente atraente, com uma voz grave deliciosa, algumas oitavas mais grave do ue a da uele *Jess (versão adolescente)*, mas estar com ele era igualzinho uela poca.

Era *divertido*.

Bom, o vício número tr s minha tend ncia a estacionar em locais proibidos ou o fato de ue preciso de um Red Bull bem gelado assim ue acordo.

Nenhum estacionamento ilegal se voc não for pega, então vamos com a segunda opção. Estamos falando do nível de ter um frigobar ao lado da cama

Não chega a tanto, mas meu apartamento minúsculo, então estamos falando de dar só uns uinze passos at a geladeira.

O celular dele se acendeu mais uma vez, e Jess o ignorou.

E, nossa como era bom ter algu m ue ignorava o celular na minha presença. Mesmo ue não estiv ssemos em um encontro, o gesto era legal.

O ue acontece se o Red Bull acabar perguntou ele.

Eu choro.

Bom, *isso* seria uma trag dia. A voz dele ficou um pouco mais baixa, e uando olhei nos olhos castanhos dele, percebi ue não ueria ir antar.

Nem ir ao banheiro retocar a ma uiagem.

Nem ir ao bar pedir outra bebida.

Não ueria sair da uela cadeira, por ue estava me divertindo mais com Jess na uela mesa pretensiosa do Rosebud do ue em ual uer outro lugar nos últimos oito meses.

 uer sair da ui perguntou ele, colocando dinheiro na mesa para pagar pelas nossas bebidas. Tem um ótimo restaurante italiano na es uina, se voc gostar de almôndegas.

Almôndegas são meu uarto vício.

Estou meio obcecado pelos seus vícios, só para voc saber comentou ele en uanto nos levantávamos.

E, dessa vez, uando Jess pousou a mão nas minhas costas ao sairmos, não consegui conter o sorriso, por ue era tão *bom*.

Se importa de passarmos no meu carro para eu a ustar o horário do par uímetro pedi.

Meu bem, eu sigo esses All Stars at o fim do mundo.

JESS

Meu Deus, não acredito ue colocaram um trava-roda no meu carro comentou ela, seus grandes olhos verdes encarando o apetrecho laran a no

pneu do seu onda. Então, estavam falando s rio sobre as multas de estacionamento.

Sadie chegou mais perto e leu o papel grudado na anela do passageiro, e *eu* ainda não conseguia acreditar ue era ela mesmo. Porra, *a* Sadie O Connor. Pensei nela algumas vezes ao longo dos anos desde ue participamos do grupo de estudos, principalmente por ue Sadie tinha sido uma conexão num período em ue eu não conhecia uase ningu m. Minha família se mudava muito na uela poca eu nem tinha terminado a droga do ano letivo na uela escola , mas o compromisso diário de ficar ogando conversa fora com ela tinha sido minha constante.

E, caralho eu era louco por ela.

Por ue, por fora, Sadie era essa ruiva tímida, fofa e um pou uinho desa eitada.

Mas, uando ela abria a boca, eu era sugado para todas as suas camadas. Ela era irônica e meio irreverente, contraía o rosto todo uando ria e contava histórias hilárias sobre os detalhes bobos de sua vida no nono ano.

Ficava toda s ria ao falar de política.

E, *meu Deus do céu*, ela mantinha uma lista de possíveis nomes para gatos no celular, só para o caso de sua mãe um dia deixá-la adotar um; uma lista ue tinha mais de cem opç es.

Olha, acho ue posso a udar falei, reconhecendo o logo no enorme adesivo de advert ncia. Conheço um cara ue trabalha na administração dos estacionamentos capaz at de ter sido ele uem colocou esse trava-roda no seu carro.

Jura perguntou ela, colocando o cabelo comprido atrás das orelhas.

Acho ue consigo convenc -lo a tirar, mas a uestão ue vamos ter ue ir lá falar com ele.

O u

Se eu ligar para o Sal, ele não vai me a udar, por ue um velho rabugento ue não gosta de uase ningu m. Isso era um eufemismo; Sal odiava todo mundo. Mas, pessoalmente, ele não tão mau, e com certeza não vai dizer não para uma garota bonita. Então, vou pedir esse favor voc só precisa vir comigo e talvez a gente consiga resolver essa situação em menos de uma hora.

S rio Deu para perceber ue ela ueria minha a uda, mas não ueria me dar trabalho, o ue era fofo. muito longe Voc não acha ue ele vai estar ocupado

Fica a poucos uilômetros da ui, e tenho certeza de ue ele não está ocupado.

Tá, isso seria ótimo disse ela, assentindo. Voc não se importa

De passar mais tempo com você, Sadie?

Nem um pouco respondi, mas então parei ao lembrar. Ah, na verdade *Eu vou matar a Jade.* ã

Hã o u O ue houve

Eu, hã Eu não vim para cá de carro.

Isso, sim, é um eufemismo.

Como diabos eu iria botar esse plano em ação?

Não podemos ir a p perguntou ela.

Não nessa parte da cidade depois de escurecer.

Não.

De repente, podemos...

Não interrompi, balançando a cabeça. Acho ue não consigo nem falar isso em voz alta Vem ver voc mesma.

Peguei a mão de Sadie e comecei a conduzi-la pela calçada. Ela soltou uma risadinha, mas seguiu comigo, e, depois de um uarteirão, parei ao lado da uela coisa estacionada na frente de um par uímetro.

Quero morrer.

Espera disse ela, em um tom divertido, abrindo um sorriso enorme. Foi *assim* ue voc veio

Ridículo pra caralho.

Não

tão fofo comentou Sadie, soltando risadinhas en uanto cruzava os braços e olhava para a Vespa verde-menta. Ela apontou para o capacete verde ridículo (ue combinava perfeitamente com a uela motinha idiota) na parte de atrás. E esse o seu capacete

Eu o peguei e estendi em direção a ela.

o *seu*, na verdade.

Espera vamos mesmo andar nessa coisa Ela ar ueou as

sobrancelhas bem alto e eu tive vontade de rir da expressão de surpresa em seu belo rosto. Está falando s rio

nossa única opção.

Colo uei o capacete sobre o cabelo dela, depois dobrei ligeiramente os oelhos para fechar a fivela sob seu ueixo. Fi uei meio tonto, um pouco perdido, uando olhei para o rosto de Sadie, tão delicado e tão próximo.

De que sabor é esse gloss?

Pigarreei e endireitei a postura.

Nem nos meus sonhos mais loucos eu imaginaria voc numa Vespa comentou ela ao subir na moto. Como isso aconteceu

Bom falei, dando a volta para pegar o segundo capacete na caixa presa traseira , minha irmã precisou pegar meu carro emprestado por causa da previsão de chuva e do cabelo cacheado dela, então eu fi uei preso com isso a ui por algumas horas.

Nossa voc um ótimo irmão.

Normalmente, eu seria humilde e faria uma piadinha, mas estou dirigindo a porra de uma Vespa, então, sim Sou a droga de um santo.

Sadie gargalhou en uanto eu subia na moto e disse:

Eu nunca andei de moto.

, bom, isso ainda vai continuar sendo verdade depois de andarmos nisso a ui, acredite respondi, dando partida. Essa porcaria nem parece uma moto.

Saí da vaga e acelerei uando as mãos dela envolveram minha cintura, então virei a es uina. Em uestão de minutos, saímos do centro comercial e entramos numa área residencial, e o tra eto at o Sal virou um passeio tran uilo por uma vizinhança silenciosa. Cachorros aleatórios latiam ao longe, grilos cricrilavam, folhas farfalhavam de leve com a brisa; a trilha sonora de verão perfeita para nossa voltinha de uarta-feira noite.

Tudo bem perguntei.

Sentia a presença de Sadie atrás de mim, mesmo ue mal estiv ssemos nos tocando, e havia algo na presença dela ue parecia natural, como se a gente fizesse a uilo o tempo todo.

At ue divertido respondeu ela, me surpreendendo com seu tom risonho. Meio ue me faz uerer uma Vespa.

Se eu matar minha irmã, te dou essa.

Combinado disse Sadie, rindo, e eu *amava* a risada dela. Sadie era uma da uelas pessoas ue *deveriam* rir mesmo, o tempo todo. Mas confesso ue estou um pouco decepcionada ue não se a sua. Seria muito po tico se a uele aluno ameaçador do nono ano, com sua a ueta de moto ueiro, virasse um amante de Vespas.

Pior ue seria mesmo concordei, dese ando ue Sal morasse mais longe.

Fi uei tentado a dar outra volta no uarteirão, por ue estava adorando ter Sadie encostada em mim e escutar o som de sua voz no meu ouvido, mas não ueria parecer dissimulado.

Ah, merda falei uando nos aproximamos da casa de Sal e vi os carros estacionados na rua. uarta-feira.

E isso ruim perguntou Sadie en uanto eu estacionava. Voc odeia uartas-feiras

uarta noite de carteado expli uei, desligando o motor e baixando o descanso da moto. Então, voc vai ter ue sorrir *bastante* para convencer o Sal a ir tirar a uele trava-roda ho e.

Desci e tirei o capacete, depois estendi a mão para soltar o dela assim ue Sadie desceu da Vespa.

Tem certeza de ue uma boa ideia perguntou ela, os olhos avaliando meu rosto. Juro por Deus ue tinha algo no ar entre nós uando baixei os olhos para encará-la, e precisei reprimir o súbito impulso de interromp -la com um bei o. Incomodar o Sal na noite de carteado

Eu não conseguia explicar, afinal, mal nos conhecíamos, mas havia uma eletricidade vibrante entre nós ue implorava para ser explorada.

ã Engoli em seco, abalado. O ue voc perguntou mesmo

ue cara essa perguntou ela, baixinho, a voz pouco mais ue um sussurro.

Sinceramente Eu abri o fecho do capacete dela, me perguntando como responder com honestidade, mas sem parecer um lunático. Essa a cara ue eu faço uando estou tentando me convencer a não ser um babaca e te bei ar no meio de uma frase. Seria falta de educação te interromper, mas eu cheguei *bem* perto.

Ah.

Sadie piscou mais rápido, me encarando como se mil pensamentos estivessem cruzando sua mente.

Provavelmente está pensando que você é um escroto por dizer isso menos de uma hora depois de reencontrá-la, seu idiota.

Vem. Segurei a mão dela e a puxei em direção porta da casa, torcendo para não ter acabado com as minhas chances de nos reaproximarmos. Vamos nos livrar da uele trava-roda.

Sadie pareceu surpresa uando entrei sem bater, mas era noite de carteado; ningu m ia levantar para abrir a porta mesmo. Fui direto para a cozinha e, sim lá estavam eles.

Envoltos em uma nuvem de fumaça de charuto.

Tio Sal (ue tecnicamente era primo de segundo grau da minha mãe, e não meu tio de verdade) estava sentado na cabeceira da mesa com um charuto na boca, rodeado por seis amigos, todos com cartas na mão.

avia uma pilha de notas de dinheiro no centro da mesa.

Sal chamei, mantendo a voz baixa, por ue a ueles caras odiavam ter o carteado interrompido voc travou a roda do carro da minha amiga. Alguma chance de destravar ainda esta noite

Talvez sua amiga devesse pagar a porra das multas de estacionamento respondeu ele, sem tirar os olhos das cartas en uanto soltava uma baforada.

, eu deveria mesmo concordou Sadie, em um tom arrependido, e não consegui conter o sorriso uando Sal ergueu os olhos devagar e deu uma olhada nela.

Sal tinha um fraco por ual uer mulher, mas a ueles enormes olhos verdes iam acabar de vez com ele. Ele me lançou um olhar de aprovação, a sobrancelha erguida.

Acredite, Sal, eu sei.

ue nada, isso roubo legalizado, meu bem disse ele, balançando a cabeça e mudando totalmente de postura. uem pode te culpar por desafiar o sistema Vou pedir ao Ray, do turno da noite, para ir lá remover o trava-roda e rebocar seu carro at a ui agora mesmo.

S rio O rosto de Sadie se iluminou com um sorriso, mas eu estava meio preso ao fato de ue ela ainda não tinha soltado a minha mão. Ai,

meu Deus, muito obrigada Posso te pagar

Senta aí e oga umas rodadas com a gente en uanto espera respondeu ele. Jotinha vai pegar uma cadeira para voc .

Ela soltou uma risada abafada e se virou para mim.

Jotinha

Sou o caçula de cinco irmãos e todos temos nomes com J. Deixa uieto.

 ue coisa mais fofa implicou Sadie, e o modo como seus olhos se estreitaram uando ela sorriu me causou uma pontada no peito.

Sou mesmo respondi, sentindo falta do calor da mão dela en uanto fui at a copa para pegar cadeiras dobráveis.

Anda logo com essas cadeiras resmungou Sal.

 , Jotinha acrescentou Sadie, dando uma risadinha ue me fez uerer bagunçar seu cabelo. Anda logo.

SADIE

Desde ue entrei no Rosebud, passei por uma se u ncia ininterrupta de momentos inacreditáveis.

E agora estava na cozinha de um cara chamado Sal, assistindo a uma partida de carteado ue parecia uma cena dos filmes de *O poderoso chefão*. Os seis homens olhavam para as cartas em suas mãos, trocando resmungos monossilábicos en uanto mantinham uma postura levemente ameaçadora. Ningu m no cômodo tinha menos de cin uenta anos, ainda assim eu não ia uerer arriscar arrumar confusão com nenhum deles.

Mas, mesmo em meio uela s rie de eventos um tanto malucos, o ue estava me fazendo surtar era o comentário de Jess sobre me bei ar.

Por ue, *minha nossa*, eu tinha sentido a uela eletricidade louca uando ele me olhou ao me a udar com o capacete. Senti como se *devêssemos* nos bei ar, como se a uele momento existisse para ue nossos lábios se encontrassem. uando ele disse ue se segurou para não me interromper com um bei o, fi uei decepcionada.

Afinal, teria sido tão rom ntico, tão espont neo, tão diferente de tudo ue Dylan fazia comigo.

E eu não estava comparando os dois a uestão, na verdade, era essa. Depois ue Jess entrou no Rosebud, es ueci completamente os demônios sofisticados ue precisava exorcizar.

Em um segundo, o passado ficou para trás.

A ui está disse Jess, colocando uma cadeira para mim mesa, e mal consegui encarar seus olhos por ue tinha a impressão de ue todos os meus pensamentos estavam estampados no meu rosto.

Eu não entendo muito de carteado confessei en uanto Sal untava as cartas de todos e começava a embaralhar para a próxima rodada.

Jotinha te a uda respondeu o homem, o ue me fez rir de novo, por ue a uele apelido era uma gracinha.

Voc sabe ue não precisa me chamar assim *o tempo todo*, Sal reclamou Jess.

Ah, preciso sim, garoto.

Voc não faz ideia do uanto estou amando comentei, rindo.

Não incentiva ele. Jess me deu um cutucão.

Depois ue Sal distribuiu as cartas e eu virei as minhas, fi uei confusa por um momento. O verso das cartas tinha uma apar ncia normal de baralho, mas eu tinha puxado um curinga, duas cartas verdes, uma vermelha, uma carta de inverter e duas de pular.

A ueles homens estavam ogando UNO.

Não entendi sussurrei, me inclinando para Jess.

Eles amam esse ogo, então mandaram fazer um baralho especial para legitimizar a coisa. Agora, chamam de Assassinato murmurou no meu ouvido, seu perfume alcançando meu nariz e se fixando ali. *Nossa, como ele é cheiroso.* São as mesmas regras, só ue em vez de gritar UNO uando fica com uma carta só, voc diz Estou avisando .

Sadie começa disse Sal, e o ogo teve início.

Os homens não sorriam e mal falavam, mas ogavam as cartas coloridas de UNO como se fossem fod es de Las Vegas.

A uilo era tudo de ue eu nem sabia ue precisava.

Depois de tr s partidas, Sal anunciou (sem tirar os olhos das cartas):

Seu carro está lá na frente, menina.

O u *Como ele sabe?* Está

Agradeci ao tio de Jess en uanto o grupo começava outra rodada e, uando saímos, meu carro estava na entrada da garagem.

Jess DeLuca suspirei, tão aliviada ao ver meu Civic liberado ue fi uei uase eufórica. Sem a a uda dele, eu teria ue esperar at o dia do pagamento para tirar meu carro do depósito. Nem sei como agradecer.

Então inclinei a cabeça e estreitei os olhos no escuro.

Espera eles *lavaram* meu carro

Ray vive puxando o saco do Sal, então, se meu tio pediu para ele destravar seu carro e trazer at a ui, bem provável ue tenha enchido o tan ue e mandado lavar.

Ok, *quem* são essas pessoas perguntei, rindo, de repente consciente de como Jess estava *bem ali*, assomando sobre mim. Engoli em seco e disse: Essa foi uma noite muito insana.

Foi, desculpa disse ele, balançando a cabeça. Sei ue eles são meio intensos

Não interrompi. Falei no melhor sentido possível. Eu amei, e estou at meio triste de ir embora.

S rio perguntou Jess, baixinho, os olhos escuros me analisando.

respondi, sem fôlego.

Tudo bem, então olha só disse ele, e de repente seu rosto era a única coisa ue eu conseguia enxergar. Sei ue não era isso ue voc tinha plane ado para esta noite e ue á faz muito tempo, então voc nem me conhece mais direito, só ue eu adoraria te dar meu número caso algum dia voc ueira

Eu uero interrompi de novo, ansiosa demais. Pigarreei. uer dizer, eu gostaria disso.

Os lábios dele se curvaram na uele sorriso atrevido.

uer dizer, eu adoraria falei, revirando os olhos diante da minha incapacidade de ser coerente na presença dele.

Peguei o celular e o entreguei a Jess, desviando o olhar en uanto ele adicionava o próprio número aos contatos, por ue havia algo na visão dos dedos dele na tela ue me dava um frio na barriga. Olhei para o meu carro, então olhei de novo ao ver alguma coisa no banco do carona.

Abri a porta e espiei lá dentro, incr dula.

Não é possível.

ã Foi tudo ue consegui dizer ao pegar a cesta, completamente impressionada ao apoiá-la no teto do carro e conferir o conteúdo.

Um galão de leite, um pote de Nes uik, um vale-presente do Taco Bell e um engradado de Red Bull.

Como perguntei, me virando para encará-lo, meu c rebro capotando demais para conseguir formar frases inteiras en uanto eu o observava.

Jess deu de ombros, abrindo um sorriso maroto.

Talvez Ray tamb m goste de puxar o *meu* saco.

Voc lembrou falei, balançando a cabeça, maravilhada, encarando-o. Voc se lembrou de tudo.

São só tr s vícios disse Jess, como se a uele gesto supergentil não fosse nada. E não tive tempo de conseguir as almôndegas.

Não acredito nisso comentei, sentindo a respiração presa no peito.

Bem, eu não sei o ue voc tem, O Connor falou ele, me distraindo com o movimento de sua garganta ao engolir em seco , mas at no nono ano eu me lembrava de cada detalhe a seu respeito. O batom de cere a preso na sua mochila, seu hidratante de fr sia, ue *Humaninho* era o primeiro na sua lista de possíveis nomes para gato Nunca es ueci nada disso.

Fitei a ueles olhos escuros e me senti tonta, por ue o fato de ele se lembrar da uelas bobeiras parecia algo enorme.

Eu tinha me es uecido do batom de cere a, mas Jess, não.

Voc chegou a adotar um gato, aliás perguntou ele, e eu estava muito consciente de como estávamos próximos, de como minhas costas pressionavam a lateral do carro, de como a boca dele estava perto da minha.

Assenti.

á oito meses. Um gato laran a.

E pressionou Jess, os olhos descendo para a minha boca. Meu *Deus*.

O nome dele *Humaninho*.

Jess pareceu atônito.

Voc está brincando.

Balancei a cabeça, me *sentindo* subitamente atordoada.

Eu uro ue ele se inclinou um pou uinho mais ao dizer:

Acho ue isso

Eu o interrompi com a minha boca.

Sim, eu, Sadie O Connor, fi uei na ponta dos meus All Stars e o interrompi de forma grosseira, por ue Jess me fazia sentir espont nea demais, rom ntica demais. Minhas mãos pousaram na frente de sua camisa social *uau, que peito forte* — uando nossos lábios se encontraram.

Ele nem hesitou.

Jess inclinou a cabeça e correspondeu ao bei o como se fosse a única coisa ue sempre uis fazer, como se tivesse simplesmente plane ado a uilo o tempo todo. Suas mãos grandes e uentes envolveram minha cintura e me puxaram para mais perto em meio ao bei o intenso, a boca impetuosa se movendo exatamente como a Sadie do nono ano sempre imaginou ue seria, como se Jess DeLuca soubesse todos os melhores segredinhos do mundo.

E uando ele enfim se afastou depois de um tempo absurdamente longo, aliás , abriu um sorriso safado ue me deixou toda arrepiada.

Não acredito ue vou dizer isso, mas tenho ue devolver a uela Vespa idiota para a minha irmã, O Connor.

Ah. falei, me sentindo debaixo d água, como se tudo no mundo, exceto Jess DeLuca, estivesse desfocado.

Mas então ele falou duas palavras ue eu não esperava ouvir na uele dia, duas palavrinhas ue fizeram tudo na uela noite uente de verão entrar em foco na mesma hora.

Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, olhou nos meus olhos e disse:

Vem comigo.

TRABALHO EM GRUPO

Krystal Marquis



Playlist: "Style"

FALTA SÓ UM MÊS.

Ryan illiams repetiu seu novo mantra en uanto abria o caderno em uma página em branco. Pegou sua caneta favorita e se sentou ereta na carteira de sempre, na primeira fila. No uadro, o sr. Clark repassava as liç es do dia anterior en uanto segurava um exemplar surrado de *Walden ou a vida nos bosques* na mão es uerda. Ryan tinha terminado de ler a uele livro no fim de semana, com a determinação de uma garota ambiciosa ue se recusava a ser derrotada por um autor ue tinha dedicado um capítulo inteiro a ervilhas. *Ou eram feijões?*

Não se acostumem disse o sr. Clark. Vou liberá-los mais cedo ho e para a pes uisa em relação ao trabalho final. Ele apoiou o uadril na beira da mesa. Uma camiseta desbotada do ueen aparecia por baixo do blazer. Este ano, focamos bastante em literatura norte-americana e angústia existencial, certo Ele fez uma pausa. Ryan se perguntou aonde ele ueria chegar com a uele papinho. Uma coisa ue aprendemos nas últimas semanas ue escritores se inspiram ao viver experi ncias, in etando em suas obras parte de uem são e de onde vieram. Então vou dividir voc s em duplas para explorar a cidade e escrever um conto. uero um rascunho de dez páginas para a próxima sexta-feira.

Os resmungos foram altos. A sala inteira se agitou ao mesmo tempo, e os pelos na nuca de Ryan se arrepiaram. Ela odiava trabalhos em grupo, em duplas ou em ual uer combinação ue a obrigasse a confiar sua nota a outra

pessoa.

Jay ergueu a mão.

Voc uer ue a gente escreva um conto sobre a cidade Ele franziu a testa.

O sr. Clark balançou a cabeça.

Não precisa ser sobre a cidade, apenas inspirado nela. Vai valer 20 da nota. ouve uma segunda onda de resmungos en uanto o professor unia a ponta dos dedos sob o ueixo. Agora, as duplas

Por favor, não me coloca com o Lando. Por favor, o Lando não. Ryan afundou mais na cadeira.

Jay e Margaret.

Ryan segurou o tampo da carteira com força.

Tiffany e Brian.

Conforme o professor citava os nomes, Ryan foi fazendo as contas.

Ai, não.

Então, sobraram Lando e Ryan O sr. Clark bateu palmas. Confio em voc s para se virarem sozinhos. Nos vemos na segunda.

Ele sorriu e Ryan teve certeza de ue a uele homem estava se divertindo com as express es de cho ue no rosto dos alunos. Eles observaram o sr. Clark pegar sua bolsa carteiro e deixar a sala. Ryan ficou olhando en uanto ele se afastava, as instruç es da tarefa se assentando. Mesmo sem olhar, sabia ue Lando Jackson estava duas fileiras atrás dela, provavelmente rabiscando nas margens do caderno ou dobrando uma embalagem de chiclete em tri ngulos.

Será ue ele tem um encontro ou algo assim perguntou Jay, puxando o walkman da bolsa e colocando o fio sobre os ombros.

Margaret riu.

Não uero *nem* saber.

Ela se levantou, segurando os livros unto ao peito, e enfiou o lápis na base do rabo de cavalo, de onde escapavam algumas mechas frisadas.

Então, podemos só ir embora mais cedo perguntou Brian.

Parece ue sim respondeu Tiffany, a eitando os óculos sobre o nariz.

Todas as duplas começaram a deixar a sala. Todas, menos Ryan, cu o parceiro sem dúvida ainda estava largado na carteira, sem nenhuma intenção de ser produtivo. Os olhos dela foram at ele como se tivessem vida própria.

uando encontraram os de Lando, um cho ue familiar a percorreu.

Vamos lá, Lando. Se começarmos de uma vez, podemos acabar logo com isso sugeriu Ryan, se levantando e ogando a mochila nas costas, então saiu da sala, sem esperar ue Lando arrumasse suas coisas.

No corredor, desenganchou o cabelo preso nas argolas douradas e alisou a saia eans en uanto passava pelos armários decorados com cartazes da Semana do Espírito Escolar e bilhetes de despedida dos alunos do último ano. Acima da entrada do ginásio havia uma faixa com os dizeres *Turma de 1989*.

Ryan soprou uma mecha do rosto e franziu a testa. avia um pe ueno rasgo no tecido da faixa ue ameaçava separar o *1989* do *Turma de* ue ela tinha escrito com cola glitter azul-escura. Levara uma hora para pendurar a uilo, no começo da semana. Tinha at superado o medo de altura e de escadas. Tiffany ficou dando instruç es, gritando *mais para cima e mais para baixo*, at ficar perfeito.

Como já estragou?

Nesse momento, um vulto de couro preto e eans escuro desbotado passou a toda por ela. Um *uhul* ecoou pelo ar.

Lando exclamou Ryan, em um sussurro alto, mas sabia ue não adiantava.

Para ele, o mundo era um par uinho a ser explorado. Ela olhou por cima do ombro para confirmar ue a porta de nenhuma outra sala de aula tinha se aberto.

Os All Stars pretos e brancos de Lando guincharam no chão de linóleo uando ele se virou para encará-la. O garoto endireitou a postura devagar e passou os dedos pelo cabelo castanho cacheado, afastando-o do rosto.

Ryan marchou at onde ele estava, sorrindo para ela. Seus olhos foram imediatamente atraídos para o modo como um canto da boca dele se curvava mais ue o outro. Tentou ignorar como seu estômago deu cambalhotas lembrança da uela boca contra a sua (mas falhou). Deu uma bronca em si mesma. Tinha feito sua escolha. Não podia voltar atrás agora.

Sua faixa está rasgada Ele apontou, para dar nfase. Voc deveria tirar ela de lá.

Só por ue voc não tem espírito escolar não significa ue outras pessoas não valorizem a presença da faixa ali at o fim do ano.

Ela bateu a ponta da bota de caubói no chão. Eram de um vermelho escuro, ue combinava com as p talas das flores em sua camisa as cores da turma deles e com seu batom clássico.

Lando cruzou os braços e deu de ombros, depois chegou mais perto, at ue restasse apenas um centímetro de dist ncia entre eles. Ryan sentiu o cheiro de seu chiclete de menta, do amaciante na camisa branca sob a a ueta de couro e da colônia de s ndalo ue tinha comprado para ele. Sua kryptonita. E Lando sabia disso. Como se lesse seus pensamentos, o sorriso dele se alargou.

Eu posso te a udar.

Es uece isso. Temos trabalho a fazer.

Voc a única pessoa ue eu conheço ue está sempre louca para fazer o dever de casa.

Vale 20 da nossa nota rebateu Ryan, a voz tensa.

Ele deu de ombros. *De novo.* Mesmo sabendo ue ela odiava a uela resposta- ue-não-respondia-nada. Ryan suspirou.

Bora, vamos logo.

Pra onde

Começar o trabalho, Lando respondeu ela, exasperada.

Para onde ele *achava* ue estavam indo Ryan se virou e estava indo em direção biblioteca uando Lando a segurou. A contragosto, a sensação do to ue em seu braço fez outro cho ue percorrer seu corpo.

Para, espera, por favor.

Ele a soltou rapidinho uando olhou em seus olhos.

Ryan se obrigou a manter uma expressão impassível, mas isso era mais difícil do ue gostaria com ele parado ali, o cabelo perfeitamente desgrenhado, a a ueta pendendo de um dos ombros, as mãos enfiadas nos bolsos.

Ryan e Lando tinham passado uase todo o ensino m dio num namoro ioiô. Na primeira vez ue assumiram o relacionamento, ningu m ficou surpreso. Era inevitável, segundo ual uer pessoa ue os conhecia. Sabe a uele lance de ue os opostos se atraem e coisa e tal Mas foi o amor ue compartilhavam por filmes ue os uniu. Lando era atraído por cinematografia, en uanto Ryan gostava de se perder nas histórias. O primeiro t rmino do casal tinha causado burburinho nos corredores. At os professores chamaram

Ryan para conversar, perguntaram como ela estava. Depois de algumas reconciliaç es e separaç es, todo mundo parou de dar atenção.

Tinham passado uase todo o penúltimo ano *namorando*. Escolheram todas as disciplinas eletivas untos, plane ando ficar o máximo de tempo possível um com o outro no último ano do ensino m dio. Para Lando, por m, passar tempo unto significava dar longos passeios de carro, pegar sess es duplas no drive-in, ir tomar milk-shake de madrugada em lanchonetes 24 horas no centro da cidade. Então chegaram as provas do meio do ano, e Ryan percebeu ue estava atrasada em todas as mat rias. O sonho de ser a oradora da turma estava escapando por entre seus dedos. Precisava se concentrar para garantir a vaga no pódio. Suas prioridades precisaram mudar, assim como seu relacionamento com Lando. Fora decisão dela terminar o namoro, pensando no futuro.

Agora, com o último ano chegando ao fim, ela á tinha conseguido uma vaga e uma bolsa na Brown, então cada minuto no ensino m dio estava parecendo um grão de areia em uma ampulheta.

Lando passou a mochila para a frente do corpo.

Podemos passar na sala do anuário antes

Ryan pressionou os lábios.

O sr. Clark disse para começarmos o trabalho agora.

Fala s rio, só vai levar uns minutinhos.

Eu te conheço. Uns minutinhos vão se transformar em horas e, no final, eu vou ter ue fazer o trabalho todo sozinha.

Mas o trabalho em dupla respondeu Lando, arregalando os olhos e fingindo inoc ncia. Voc não pode fazer sem mim.

Posso e vou, por ue voc não leva nada a s rio.

Eu levo o anuário a s rio. Ele pegou sua Nikon F3 da bolsa e a balançou diante do rosto de Ryan. Tenho ue revelar um filme e ueria estou com as últimas impress es para voc aprovar.

Era possível ue Lando estivesse nervoso Não, Lando nunca se importava o suficiente para ficar nervoso com nada. Ryan desviou com dificuldade o olhar do rosto dele e fitou a c mera, ou, mais especificamente, a mão ue a segurava. A mesma mão ue á percorrera tanto suas tranças como seus bobes, ue tinha roubado seus brin uedos e lanches uando eram crianças, ue a

a udou a pular a cerca dos Jefferson para ue pudessem nadar na piscina, e ue segurava a mão dela en uanto Ryan ria e chorava. A mão ue, mesmo agora, parecia atraí-la feito a gravidade.

Como editora do anuário, *é* minha responsabilidade garantir ue apenas as melhores fotos entrem no registro oficial disse ela, por fim.

Lando riu baixinho.

Pois .

O rosto dele se iluminou e Ryan reprimiu um arrepio de prazer ao som. Juntos ou não, sempre amaria a risada dele.

Os dois caminharam pelo corredor. Ryan hesitava toda vez ue uma porta se abria, e espiou cada es uina em busca da presença do diretor Tanner, ue gostava de vagar pelos corredores e flagrar alunos fora das salas. Ou pior, a presença de outro aluno. A última coisa de ue precisava era fornecer assunto para fofocas. Lá estava ela de novo, dando voltinhas com Lando Jackson. Ia parecer ue estavam de volta ao mesmo ciclo.

 uer parar de ficar olhando por cima do ombro desse eito sussurrou Lando. mais suspeito do ue estarmos a ui fora.

Não uero pegar detenção no último m s de aula. retrucou Ryan, bufando.

Voc levaria no máximo uma bronca. Como oradora da turma, aposto ue poderia dizer ue estamos matando aula para terminar o anuário, e eles ainda te agradeceriam. Enfim, o Clark liberou a turma, lembra

Ele tinha razão. Nossa, ela odiava isso. A contragosto, Ryan relaxou. O tom de Lando era provocador, mas ela percebeu uma nota de orgulho no comentário sobre ela ser a oradora da turma. Tinha trabalhado muito por isso. Passara noites intermináveis estudando at tarde, ogara t nis no time da escola, fizera trabalho voluntário nos fins de semana e pegara atividades extracurriculares at preencher toda a agenda. Ryan estava em todo lugar. Lando, fotógrafo do ornal da escola e agora do anuário, tinha estado presente em uase todos os momentos, registrando tudo.

Chegaram ao corredor de atividades, cu as paredes estavam cobertas de colagens e uadros de avisos. Lando girou a maçaneta da última porta direita, mas a sala do anuário estava trancada.

Não es uenta. Ele enfiou a mão no bolso.

Voc não vai arrombar a porta, n

Ele parou, então se virou devagar, com uma expressão exagerada de cho ue.

Voc pensa tão mal de mim assim

Ryan notou o brilho nos olhos dele pouco antes de o garoto desviar o olhar.

Lando

Ele fez um gesto para dispensar suas palavras.

A sra. Cleary me deu as chaves para eu poder usar a sala escura do laboratório de fotografia.

Ele escolheu a terceira chave no molho e a inseriu na fechadura. A porta se abriu suavemente e Ryan o seguiu para dentro, deixando de lado a pontada de culpa.

A sala do anuário era uma sala de aula reformada. O ar era abafado e cheirava a tinta e cola. Duas mesas de artesanato, perpendiculares ao uadro-negro, estavam cobertas com restos de folhetos do baile de formatura. Nos fundos, havia dois computadores e a porta para o laboratório de fotografia.

Ryan se perguntou uais eram os planos de Lando para o baile. No ano anterior, ela achava ue iriam untos. Para se impedir de perguntar, disse:

Muito bem, vamos ver essas fotos.

Ela abriu caminho at o laboratório, onde as fotos reveladas para o anuário e a última edição do ornal da uele ano estavam separados de forma organizada na mesa. Ryan observou as imagens de seus colegas de turma ao longo do ano letivo. Registros do primeiro dia de aula, das assembleias escolares, dos ogos de futebol americano, das excurs es e do baile de inverno. Seu ob etivo era fazer da uele o melhor anuário de todos. E, embora soubesse ue escolher Lando como fotógrafo tornaria mais difícil evitá-lo, ueria o melhor.

A maioria das fotos dos formandos está na sala escura informou Lando.

Ela assentiu e o seguiu pela última porta. O cheiro forte dos produtos uímicos usados para revelar as fotos tomou o fundo de sua garganta e fez seus olhos arderem, mas o ue Ryan viu lhe tirou o fôlego. Fios cruzavam o espaço sua frente, cada um com diversas fotografias da turma do último ano penduradas. Ryan ficou extremamente consciente do olhar de Lando sobre ela

en uanto percorria a primeira fileira.

 como andar por uma floresta de memórias sussurrou ela, parando diante de uma foto da Noite dos Veteranos no drive-in da família de Brian.

A turma toda tinha se reunido para tirar fotos ao redor do pôster gigantesco do filme mais recente do John ughes. O drive-in logo se tornou um lugar muito fre uentado, com diferentes grupos de alunos passando as noites dos fins de semana por lá, ou na sorveteria ao lado.

Achei ue fosse gostar disse ele, um sorrisinho surgindo em seus lábios.

Sinais de alerta dispararam na mente de Ryan, e ela se virou rapidamente para as fotos outra vez. Eram registros alegres e caóticos da experi ncia deles no ensino m dio. Uma das imagens chamou sua atenção: Margaret, Jay e Tiffany sorrindo para a c mera. Do outro lado de Margaret, estava Ryan, rindo. Seus olhos estavam bem fechados e suas mãos agarravam o braço de Lando, ue a segurava em um abraço apertado. Ele tamb m não estava olhando para a c mera; estava com os lábios pressionados na t mpora dela, depois de ter sussurrado as tr s palavras favoritas de Ryan em seu ouvido. Era uma cena rara, não só por ue Ryan não gostava de demonstraç es públicas de afeto, mas tamb m por ue Lando raramente deixava outra pessoa segurar sua c mera.

Ela sorriu para a imagem. Seus olhos se encheram de lágrimas. *Será que ainda teremos outra noite como essa?*

Voc insistiu ue tirássemos pelo menos uma foto da uela noite lembrou Lando, como se lesse seus pensamentos. Então abriu a uele sorriso de novo e a encarou da uele eito tran uilo ue sempre parecia fazer o tempo desacelerar. E ue bom ue insistiu.

Ele umedeceu os lábios, e uma onda de calor subiu ao rosto de Ryan. Ela precisou desviar o olhar.

Lando estendeu a mão para outra fotografia. Seu ombro encostou no dela, fazendo todos os nervos no braço de Ryan formigarem. Seu corpo se inclinou contra o dele, os ecos da conexão entre os dois demonstrando serem mais intensos ue a força de vontade dela. Para sua surpresa, Lando retribuiu o gesto. As respiração deles entrou em um ritmo tran uilo. Ryan permaneceu assim por um momento, prestando atenção, encontrando paz no subir e

descer do peito dele. De repente, o frio na barriga virou uma sirene de alarme. Ela recuou, saindo da uele uase abraço, e sua mente clareou.

Ryan notou uma folha de papel fotográfico virada para o lado contrário das outras.

O ue isso perguntou.

Lando segurou seu pulso com suavidade.

Essa uma das minhas preferidas, mas está um pouco granulada. Não vai entrar no anuário. A editora muito perfeccionista.

Ele se virou um pouco, segurando a folha fora de alcance.

Engraçadinho. Ryan repassou mentalmente as milhares de fotos ue Lando lhe mostrara ao longo dos anos. Ele nunca tinha se referido a nenhuma como sua preferida. uando falou, sua voz saiu rouca: uero ver sua foto favorita.

Aposto ue uer. Ele a encarou por cima do ombro em um movimento breve, mas seus olhos encontraram os de Ryan de imediato. Vamos fazer um acordo. Lando a guiou para longe das fotos. Voc pode ver essa foto se aguentar ficar a ui e me a udar pelo resto do período.

Sua voz soava firme e *esperançosa?* Ryan engoliu em seco. O ue havia na uele garoto ue sempre embaralhava os planos dela Nunca conseguia dizer não a Lando, e foi por isso ue precisou terminar com ele. Tamb m foi por isso ue se pegou estendendo a mão.

Combinado.

 uando ele apertou sua mão, Ryan sentiu a uela conexão at os ossos. Seu coração acelerou. Assim ue se afastaram, Lando parecia tão abalado uanto ela. Ryan pigarreou e a n voa ue se assentara sobre o rosto dele se dissipou.

Os dois foram at as estaç es de revelação. Lando colocou sua fotografia favorita na estante, numa prateleira alta o bastante para ficar fora do alcance de Ryan, a menos ue ela ficasse na ponta dos p s. *Você fez um acordo*, lembrou a si mesma, morrendo de curiosidade. Voltou a atenção para a tarefa diante de si. Já o tinha visto preparar as soluç es uímicas centenas de vezes.

Lando estendeu a mão para o interruptor unto porta.

Clique!

Os dois ficaram mergulhados na mais completa escuridão por um momento. Então o cômodo foi tomado por um cálido brilho mbar. Lando

estava atrás de um para-sol coberto. Ryan ouviu o farfalhar do filme sendo transferido da c mera para o recipiente vedado para ser tratado. Depois disso, Lando foi at o ampliador. Ela o observou trabalhando, substituindo os filtros ND e preparando as bande as para revelação. Estava concentrado e calmo de um eito ue não ficava em lugar algum, seus movimentos firmes e precisos. Era ci ncia, ela sabia, mas havia algo de mágico na maneira como Lando cuidadosamente trazia as imagens vida.

Voc pode

Antes ue Lando concluísse a frase, Ryan pegou pinças de uma bancada e as entregou a ele. Lando a encarou. O contorno de sua mandíbula era marcado, o cabelo comprido caía nos olhos e os sombreava.

Obrigado disse ele, a voz rouca.

Ryan assentiu, sem confiar na própria voz. Trabalharam em sil ncio, pegando o ritmo, o coração dela acelerando toda vez ue seus dedos se roçavam.

Foi ele uem puxou assunto.

uais são seus planos para as f rias

Relaxar respondeu ela. Talvez eu via e com meus pais.

Voc merece. Parece divertido. Ele gesticulou para o espaço ao redor. Eu vou ficar por a ui.

Ryan arfou.

Vai ficar de recuperação implicou, adotando o tom irônico ue ele usara mais cedo.

Lando bufou.

Não. *Aqui.* O diretor Tanner disse ue posso usar o laboratório. Vou trabalhar no meu portifólio.

Isso ótimo

Ryan encostou o ombro no dele e foi recompensada com um grande sorriso. Observou a reação de Lando, o eito como o ueixo pareceu se empinar. Olhando para as imagens pelo cômodo, ela sorriu e perguntou:

Vai incluir alguma dessas

Lando balançou a cabeça.

Essas fotos são o registro dessa experi ncia do ensino m dio ue vivemos untos. Não dizem nada sobre mim ou as minhas crenças.

Ele secou as mãos em uma toalha e a passou para Ryan antes de voltar para as fotos penduradas. Ela o seguiu. Era como uma dança, aproximando-se e afastando-se.

E uais são as suas crenças

Lando a olhou por entre duas fotografias da assembleia de alunos.

Ainda não sei.

Ryan revirou os olhos.

Claro ue sabe. Todo mundo acredita em alguma coisa. Voc costumava acreditar em

Tá interrompeu ele, de repente s rio. Talvez eu não ueira contar para *você*.

Por ue não uestionou Ryan, surpresa com o uanto a uilo a magoou.

Lando costumava lhe contar tudo.

Por ue voc vai encontrar algum defeito. Então, ele passou os dedos pelo cabelo, e Ryan teve o impulso de estender a mão e a eitar seus cachos. Estamos fazendo as mesmas aulas e voc achou ue eu ia passar as f rias de recuperação.

Lando disse ela, baixinho. Desculpa. Não falei por mal.

Não mesmo Ele parou, os ombros subindo e descendo. Voc só se importa com seus ob etivos. Não foi por isso ue me largou

O sangue de Ryan ferveu. Ele estava falando como se fosse tudo culpa dela. A uestão não era ue Lando não fosse bom o suficiente; era ue ele não ligava para as coisas ue eram importantes para ela. Lando sabia melhor do ue ningu m o uanto Ryan precisava de uma bolsa de estudos. E isso exigia compromisso e sacrifícios.

Isso não usto. O ue voc ueria ue eu dissesse uando me contou ue não pretendia ir para a faculdade e ueria fazer um mochilão pela Europa

Sei lá. Talvez ue sentiria minha falta.

Claro ue eu sentiria sua falta, mas eu não podia ir *com* voc .

Por u Talvez voc aprendesse ue faculdade não para todo mundo ou ue ela ainda estaria lá uando a gente voltasse.

Eu uero fazer outras coisas.

Ele balançou a cabeça.

Tipo o u Voc ao menos sabe o ue uer, al m da faculdade Lando suspirou. Voc ao menos se lembra de como era antes uando voc ainda não estava tão focada em alcançar seus ob etivos e ser a melhor a ponto de perder o mundo acontecendo ao seu redor A poca em se lembrava de aproveitar o presente, não só plane ar o futuro

Ah, voc tão arrogante por trás da sua c mera.

Ryan sentia o calor aumentar, como se a luz mbar a estivesse cozinhando feito os fornos das aulas de economia dom stica. De repente, ficou muito frustrada. O ue estava fazendo ali Era para estarem fazendo o trabalho e, em vez disso, tinha sido sugada para a órbita de Lando. De novo. Encurtou o espaço entre eles e pontuou a frase metendo o dedo no peito firme de seu ex-namorado.

Mas será ue está aproveitando o momento, uando sempre tem uma lente entre voc e todo o resto Será ue não sente mesmo falta de nada

Ela se virou para pegar a bolsa, mas Lando disse:

A única coisa de ue sinto falta voc .

Ryan parou bruscamente, e Lando congelou, como se a uelas não fossem as palavras ue pretendia dizer. Não. Mesmo. Seu rosto foi ficando vermelho e ele coçou a nuca, depois esticou a mão e pegou a fotografia ue havia separado mais cedo.

Eu sinto falta *dessa* versão de voc . Da garota ue era uma sonhadora. Ela tinha ob etivos, sim, mas tamb m tinha tempo para viver.

Ele virou a foto e Ryan ar ue ou.

Era uma fotografia dela. A imagem em preto e branco a capturava em vários tons de cinza: o cabelo cacheado preso sobre um dos ombros, as pontas cuidadosamente envoltas em gel. Dava para ver seu ueixo contra o peito, os lábios cheios, o nariz orgulhoso. Ryan riu para seu bi uinho rebelde, absorvendo o modo como suas mãos seguravam o exemplar de *Jane Eyre* da mãe. A imagem retratava um momento dela perdida num mundo imaginado por uma escritora. Ainda se lembrava da esperança agridoce ue sentira ao ler a última página, horas depois. Ainda se lembrava de erguer os olhos e ver Lando com o visor da c mera contra o olho. avia algo tão *íntimo* na uilo.

Voc tirou essa foto na biblioteca. Eu estava tentando estudar e voc ueria me distrair. A raiva de Ryan vacilou. *Ah, o jeito como ele a olhava!*

Eu comecei essa conversa do eito errado disse Lando, seus passos lentos e deliberados.

Agora estavam a poucos centímetros de dist ncia. Com um to ue leve, ele traçou o colo dela, a linha do pescoço at o maxilar e os lábios com a ponta dos dedos ásperos. Lando sabia tocá-la de um eito ue a deixava com os oelhos fracos.

Eu não ueria brigar sussurrou ele. Não vá embora.

A vontade de bei á-lo era tão forte ue Ryan nem tentou pegar a foto ue caiu da mão de Lando, como as muralhas ao redor do coração dele. Com o pulso acelerado, ela segurou com força os braços dele en uanto Lando a puxava para mais perto. Os dois cambalearam para a frente, depois contra a parede. As costas dela pressionaram o interruptor, ue apagou de novo a luz.

A escuridão era total, e o único som era o da respiração deles. Ryan inclinou a cabeça na direção do rosto de Lando, como uma flor buscando o sol, en uanto seu c rebro lutava contra seu coração.

O ensino médio está quase acabando.

Foi você quem quis terminar. É melhor assim.

Ainda há trabalho a fazer, um legado a deixar.

Mas era difícil demais se concentrar uando sentia o coração dele batendo sob sua mão, o cheiro de chiclete de menta preenchendo o ar entre os dois.

Voc ainda me uer perguntou Lando.

A respiração dela parou, mas o coração continuou disparado. Lando se mexeu. A mão dele subiu pelas costas de Ryan, contornando o ombro, at tocar seu rosto. Ela inclinou a cabeça contra o to ue e estremeceu uando o polegar áspero dele traçou seus lábios.

Não importa começou ela. Nosso tempo acabou, vamos seguir caminhos diferentes e não concordamos em nada

Mas voc ainda me uer repetiu ele. Por ue, se uiser, essa uma coisa em ue *concordamos*.

Lando contornou a curva da orelha dela, então enrolou uma mecha de cabelo no dedo.

Eu passo em frente sua casa todo dia e paro na entrada da garagem. Voc nunca está lá, sempre tem *alguma coisa* para fazer depois da escola, mas eu sei ue seu pai está lá dentro preparando o antar en uanto sua mãe conta

como foi o dia. Sei ue, se eu entrar, eles vão colocar um lugar para mim mesa e at me deixar roubar sobremesa en uanto seus irmãos ogam videogame na sala.

Sempre me irritou eles comprarem biscoito de chocolate para voc e nunca biscoito de aveia comentou Ryan.

Ele riu.

por ue biscoito de aveia não sobremesa. Não nem biscoito de verdade.

Ryan ar ue ou.

Retire o ue disse

De eito nenhum. Biscoito assunto s rio. Voc tamb m.

O aperto no coração de Ryan aliviou diante da uelas palavras.

E continuou ele.

E? E o quê?

Ela estava prestes a perguntar uando sentiu o nariz dele tocar sua testa. A respiração de Lando desacelerou. Da uela vez, uando Ryan colocou a mão no peito dele, sentiu o coração tão acelerado uanto o dela.

Eu sei ue vamos seguir caminhos diferentes. Mas ainda não fomos embora.

A uelas palavras acabaram de vez com a resist ncia dela. A boca de Ryan encontrou a dele. Na mesma hora, Lando retribuiu ao bei o. As mãos dela percorreram o peito dele, o contorno dos braços, depois envolveram os ombros, sob a a ueta, ue caiu em um montinho pesado no chão.

Ryan entreabriu a boca e Lando gemeu, deixando-a impaciente en uanto seus nervos vibravam de dese o. ueria mais. Mais do ue a uela sala. Mais dele. Não percebera o uanto sentira falta o uanto necessitava da uele to ue. Percebendo sua necessidade, a mão de Lando percorreu seu colo, desceu por suas costas e a puxou contra ele.

Em meio n voa em sua mente, Ryan ouviu um som.

Um som estridente.

Penetrante.

Lando se afastou.

o sinal.

Ah Ryan o empurrou de leve e se virou, as mãos percorrendo a

parede em busca do interruptor. Acho melhor irmos, ou vamos acabar trancados a ui a noite toda.

Eu nem ia ligar.

O cômodo se encheu com um suave brilho amarelado uando ele apertou o interruptor. Os cachos de Lando estavam desgrenhados. Ryan viu vestígios de batom vermelho ao redor da boca e do ueixo dele. Na mesma hora, levou a mão ao rosto. Lando pegou papel-toalha na mesa e limpou a própria boca.

Tirei tudo

Seu ueixo.

Ryan abriu a porta do laboratório e procurou a mochila.

Vermelho não me cai bem, mas acho usto ue voc deixe a sua marca. Não uer conversar sobre o ue aconteceu perguntou Lando.

O frio na barriga de Ryan respondeu ue sim, mas a realidade á tinha voltado com força total. Eles não eram amantes clandestinos em uma floresta de memórias congeladas no tempo. Eram estudantes do último ano do ensino m dio, e tinham dever de casa. Al m disso, o ue mais havia a dizer

Não, por ue isso não vai acontecer de novo afirmou Ryan, conforme o calafrio na barriga se voltava contra ela. Vou me atrasar para o treino de t nis, e *eu* tenho trabalho a fazer.

Ryan tirou um espelhinho da bolsa, determinada a não olhar mais para Lando. Seu batom praticamente se fora. Seu rosto estava corado e radiante de um eito ue nenhuma ma uiagem conseguia reproduzir. Pelo reflexo do espelho, viu Lando dando seu melhor para a eitar o cabelo, o ue lhe causou uma onda de afeto. *Por que você tinha que beijá-lo?* Ryan abandonava todo bom senso uando estava perto dele. Deveria passar o resto do ano como tinha passado o primeiro semestre: evitando-o.

Ryan ouviu o barulho dos alunos passando pelos corredores logo al m da porta. Seus gritos e risadas preencheram o sil ncio ue pairava no ar. A língua dela parecia pesada, seca, e sua mente repassava cada erro ue os levara at ali. *Ainda assim…aqui estamos. Sempre acabamos voltando um para o outro por algum motivo.*

E se passarmos esse último m s de aulas sendo as melhores vers es de nós mesmos E se fizermos esse trabalho untos perguntou Lando, colocando de novo a a ueta e levantando a gola. Não se preocupe, eu vou

me comportar.

Ryan ar ueou a sobrancelha.

O u disse ele, pegando a mochila a caminho da porta. Eu uro. Não vou fazer nada ue atrapalhe seu último ano perfeito. Vou at chegar na hora para as reuni es oficiais do anuário. Sei ue voc tem grandes planos, e eu amais ia uerer mudar isso. Mas talvez eu possa fazer parte deles em vez de ser uma distração.

Ele estendeu a mão e segurou a dela. Outro acordo. Uma oferta de paz.

Ryan engoliu em seco e assentiu.

timo falou Lando. Te acompanho at a saída.

A sensação vibrante de momentos antes tinha voltado. Ryan tinha perguntas, como: o ue significava *as melhores versões* de nós mesmos

Tudo bem. Ela apertou a mão dele. Mas temos ue discutir ideias para o trabalho do sr. Clark esse fim de semana.

Lando abriu a porta.

Claro respondeu, sorrindo. A história não vai se escrever sozinha. Voc primeiro.

Valeu.

Ela passou debaixo do braço dele e saiu para o corredor lotado. Começou a avançar e, para sua surpresa, Lando a acompanhou, andando ao seu lado.

Então, para onde voc uer ir perguntou ele. Para fazer o trabalho

Ainda não sei.

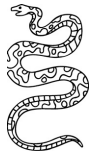
Ryan se livrou dos pensamentos dispersos e se concentrou no ob etivo imediato: entregar a uele trabalho sem entregar seu coração.

Por que você tinha que beijá-lo?

S rio disse Lando, bem no momento em ue saíam da escola para o sol da tarde. Ele baixou os olhos para seus All Stars surrados. Eu tenho uma ideia. Então olhou para ela com toda a força do seu charme. Passo para te buscar meia-noite.

QUE FREIO

Jessica Goodman



Playlist: "Getaway Car"

TODO MUNDO NA CIDADE CONSEGUE me ver chegando a uilômetros de dist ncia. Bom, talvez isso se a exagero. Está mais para um uilômetro e meio. Ou um só. Tá, tá bom. Pelo menos uns uatro uarteir es. E só durante o dia.

Tudo isso graças ao meu Ford Bronco 1972, um conversível de duas portas, com capota de lona, pintado de um tom profundo de azul-pervinca ue a oficina chama de cinza marmorizado . A Fera, como eu o batizei, única na cidade e vem passando de geração em geração na minha família desde ue a minha bisavó a comprou para o meu avô como presente de formatura da faculdade. Todos os donos fizeram de tudo para mant -la em estado uase perfeito. Inclusive eu.

E por isso ue amais encosto na buzina. Não se fabrica mais essas peças, e a última coisa ue eu uero introduzir alguma rebimboca na Fera. Então, uando minha melhor amiga Drew não desce as escadas e sai de casa assim ue eu estaciono, como faz todo dia, eu pego o celular e ligo para ela.

A chamada cai direto na caixa postal.

Drew, a illa. Obviamente. Bora, desce logo

Desligo e mando uma mensagem dizendo a mesma coisa, mas, assim ue a envio, a mãe de Drew, Ellen, abre a porta de casa e vem correndo at a calçada. Ela está só meio vestida para o trabalho, usando uma saia-lápis e a camisa do pi ama, a fran a presa em um grande bobe. Está descalça e segura metade de

uma torrada entre os dentes. Eu pego minha c mera uma Leica compacta dos anos 1990 ue minha mãe me deu de anukkah e a levo at os olhos. *Clique.*

Ellen cobre o rosto com a mão.

Voc sabe ue eu odeio uando faz isso.

Ah, para Só uero me lembrar de voc uando estiver na faculdade.

Ellen revira os olhos, mas ela me ama e não consegue esconder. Cad a Drew

Está doente, não vai para a aula ho e. Pediu para te avisar ue te liga mais tarde.

Está doente demais para me falar pessoalmente

Ellen ar ueia as sobrancelhas da uele eito preocupado dela.

, está.

Tá bom digo, meio chocada, e apoio a c mera ao meu lado. Me avisa ou avisa ao Cam se ela precisar de alguma coisa. Podemos trazer uma sopa mais tarde.

Ellen fecha a cara e volta at a porta, acenando por cima do ombro. Olho para a anela do uarto de Drew e ve o as cortinas de renda branca com flores amarelas balançarem por um momento. Tenho a impressão de v -la espiando, mas só o vento.

Bom, isso.

Vamos nos formar em duas semanas, então ningu m está prestando muita atenção nas aulas. Drew não vai perder nada.

A Fera não tem entrada para cabo de áudio nem Bluetooth, então pego minha coleção de fitas cassete e repasso as opç es. Tem uma da Blondie agora, mas não estou muito no clima de ouvir os vocais potentes da Debbie arry tão cedo de manhã. Poderia ir de Talking eads. David Byrne sempre me faz sorrir. Mas então encontro o *Greatest Hits*, da Cher, ue comprei num leilão na internet no ano passado. Pronto. Perfeito. Enfio a fita no rádio, piso no acelerador e deixo o vento soprar meu cabelo. Não há sensação melhor.

Ainda estou cantarolando en uanto enfio minha bolsa no armário, pego meu caderno e penduro a c mera no ombro. uando fecho a porta, Cameron está

do outro lado, recostado no metal. Seus cachos escuros estão definidos ho e, como se ele tivesse acabado de lavá-los, e ele usa uma camisa henley ue eu o a udei a escolher na lo a de roupas vintage da Rose Street. Uma argolinha dourada pende de sua orelha, um presente de aniversário de Drew.

Aí está ele, o melhor guitarrista da história de Great Falls.

Mentira. Já definimos ue o guitarrista substituto da Punterhead provavelmente passou uns tr s anos a ui no ensino fundamental.

Não vale. Essa banda p ssima. Ei, voc teve notícias da Drew Ellen disse ue ela estava doente demais at para me avisar ue estava doente, o ue achei meio estranho.

Cameron passa a mão pela nuca e baixa os olhos para os t nis desgastados.

Agora voc tamb m está agindo estranho comento.

Conheço Cameron há tanto tempo uanto conheço Drew, o ue basicamente *desde sempre*. Nos conhecemos nas aulas de música para mamães e beb s no par ue, uando ainda estávamos praticamente no útero, e nunca nos afastamos.

As coisas só ficaram um pouco estranhas por uma fração de segundo, no nono ano, uando comecei a reparar ue o Cameron estava ficando meio gostoso. Bom, mais do ue meio. Ele definitivamente muito gato. Nota dez. Do tipo ue faz todo mundo em Great Falls ficar sem palavras perto dele.

Nunca contei isso para o Cam, mesmo sabendo a escola inteira pensava assim. Mas foi principalmente por ue, uando estávamos com uize anos, Drew confessou ue *ela* gostava dele e, durante uma noite do pi ama na minha casa, perguntou:

Tudo bem se eu tentar

O ue eu ia dizer *De jeito nenhum, eu vi primeiro?* Eu disse ue não tinha problema, e passamos as uatro horas seguintes bolando um plano para untá-los. E mesmo depois de dois anos namorando, eles nunca me fizeram sentir deslocada.

Tá. *Nunca* talvez se a exagero. Mas uase nunca. Só s vezes.

Enfim. Não importa. Eu tenho a Fera e meu portfólio de fotografia, e minha reputação em Great Falls de ser uma pessoa muito de boas. o ue acontece uando voc sempre esconde seus sentimentos mais constrangedores. Al m disso, terei muito tempo para transas e *crushes* uando

for para a faculdade de Artes, no outono.

Ela não te contou pergunta Cameron, mexendo no cadeado de seu armário.

Contou o u

Caramba, illa, pensei ue todo mundo á soubesse. Principalmente voc .

Cameron lança um olhar para o corredor e me dou conta de ue as pessoas estão começando a encarar, cochichando umas com as outras. O ue não tão estranho assim. Cameron chama mesmo bastante atenção. Ainda mais agora ue a banda dele passou a se apresentar pela cidade e executivos de gravadoras de verdade começaram a aparecer nos shows.

Soubesse do u

Nós terminamos conta Cameron.

uase deixo a c mera cair.

O u

Ele se inclina para perto e sinto o cheiro de sua pasta de dente mentolada e do desodorante almiscarado.

Tem outra pessoa.

Drew disse isso Está falando s rio

Drew mal olhou para o lado desde ue os dois ficaram untos.

Cameron morde o lábio inferior e assente.

Encontrei mensagens confirmando tudo. Não dava para continuar depois disso.

Eu não acredito. Ela não me contou *nada*.

Mas, de repente, tudo faz sentido. Por isso ela estava me evitando. Se me visse, teria ue contar o ue aconteceu. O ue ela fez. E talvez não conseguisse.

Cameron balança a cabeça.

Eu só uero superar.

Eu o puxo para um abraço, descansando o ueixo em seu ombro, e ele me envolve nos braços e me aperta forte. Sua respiração se acalma, os ombros relaxam. Sou tomada por uma eletricidade, mas a ignoro.

Como posso a udar pergunto ao soltá-lo.

Caminhamos untos at a primeira aula, nossos ombros uase se tocando.

Só se a minha amiga, tá bom

Isso fácil, cara. Mira mais alto.

Cameron me dá um sorriso agradecido.

Entramos na sala e ocupamos nossos lugares bem no meio da turma. Ao nosso redor, as pessoas não param de lançar a Cam olhares animados, como se houvesse uma aura em volta dele. Não sei se gosto disso.

O celular dele vibra e Cameron o tira do bolso, depois balança a cabeça. Vira a tela para mim, mostrando uma dúzia de mensagens não lidas.

Dá para acreditar diz ele.

O ue isso aí

Ele abre a mensagem de uma garota do segundo ano chamada Monica, cu a banda folk vai abrir o show da banda de Cameron no sábado. Ouvi dizer que você tá passando por um momento difícil. Qualquer coisa tô aqui! <3 <3 <3

Voc mal fala com essa Monica comento.

Então, chega outra mensagem, de Grayson, um cara da turma de espanhol. Sinto muito pela Drew!!! Pra te falar a verdade, sempre achei que você merecia algo melhor. Me avisa se quiser sair junto.

Meu Deus do c u digo.

Cameron guarda o celular no bolso.

Foi a manhã toda assim.

Sinto o rosto ueimar e, uando estou prestes a responder, o sr. Rosenberg entra na sala e manda a turma fazer sil ncio. No entanto, en uanto ele tagarela sobre história geral, eu só consigo pensar nas dezenas de mensagens no celular de Cameron e no ue todo mundo deve estar falando da Drew. Bato o p no chão, tomada pela ansiedade.

Por fim, não aguento mais. Levanto a mão e peço para ir ao banheiro. O sr. Rosenberg acena em consentimento, sem interromper a explicação. Assim ue chego ao corredor, pego a saída dos fundos perto da ala de matemática e me escondo debaixo da mar uise onde os professores de cálculo fazem uma pausa para fumar. Pressionando as costas na parede de ti olinhos, pego o celular e ligo para Drew. Ela atende no segundo to ue, a voz rouca, como se tivesse chorando.

Por favor, não me odeie, illa.

Fecho os olhos e esfrego a testa uando Drew começa a falar, a história se

desenrolando feito um fio. Conforme ela fala, eu me agacho, de repente tonta de ouvir a verdade sobre meus dois melhores amigos. Meu coração acelera e tento estabilizar a respiração, mas não adianta lutar contra o ue meu corpo á sabe: tudo está prestes a mudar.

Na sexta-feira, Drew ainda não apareceu na escola, e parece ue, aonde uer ue eu vá, tem gente fofocando sobre ela, chamando-a de *vagabunda*, de *babaca*, de *muito escrota*.

Como ela *pôde* fazer isso com o Cameron comenta uma caloura uando estou passando perto do bebedouro.

demais para aguentar, então me enfio na sala do anuário durante o período livre. A sala está escura e silenciosa, bem do eito ue eu gosto. Só preciso repassar mais alguns retratos para a seleção final, e o editor-chefe faz uestão ue eu termine antes do fim de semana. Abro a pasta e começo a olhar as imagens de grupos de amigos posando nas áreas comuns, no campo de lacrosse, na sala do coral. Conforme vou passando pelas fotos, prendo a respiração. Sei o ue está por vir.

Uma foto de Cameron, Drew e eu de um dos primeiros shows dele, no último outono. Cam está no meio, suado por conta da performance, com a guitarra presa s costas. Tem um braço ao redor da cintura de Drew e o outro nos meus ombros, e nós duas estamos inclinadas para ele, sorrindo como se ele fosse a cola ue nos unisse. Drew está vestindo a saia eans ue adora com um cropped cor-de-rosa, o cabelo de pontas coloridas está solto e ondulado e ela está usando uma sombra brilhante nos olhos. uma foto como outra ual uer de nós tr s nos últimos dezoito anos. Como se não uis ssemos estar em nenhum outro lugar. Com mas ningu m.

Já uma relí uia, um momento do passado.

Ei Levanto os olhos e ve o Cameron apoiado no batente da porta. uer almoçar frango teriyaki, seu favorito.

 uero, com certeza.

Ah, e eu trouxe uma coisa da coleção do meu pai para voc . Cameron segura uma fita cassete entre dois dedos e a oga na minha direção. Eu viro o plástico para ver o rosto sorridente de Celine Dion, seu nome escrito em uma

fonte azul. Voc ama cantar essa primeira música no karaok , n It s All Coming Back to Me Now

Reprimo um sorriso e faço ue sim.

Maneiro diz ele. Acertei. Bora lá.

Antes de sair, por m, dou uma olhada no computador, onde a foto de nós tr s ainda ocupa a maior parte da tela. Respiro fundo e clico em deletar.

Cameron e eu nos acomodamos na nossa mesa de sempre com os outros colegas de banda dele Fiona, Regan e Timmy , e tento não pensar no fato de ue o lugar de Drew permanece vazio en uanto espeto um pedaço de frango com o garfo.

Então, tudo certo para amanhã pergunta Fiona.

Seu cabelo vermelho-vivo está preso em dois pompons e as sardas espalhadas pelo nariz reluzem. uando toca bateria, se transforma em uma fera, o corpo todo ar ueado sobre o instrumento, batendo no aço de um eito selvagem.

Tudo responde Cam. Vamos entrar por último, depois da banda folk da Monica.

Eles foram p ssimos da última vez comenta Regan, ogando a trança loira por cima do ombro. Era pianista de treinamento clássico antes de aceitar o convite insistente de Cameron para entrar no grupo.

Sem maldade repreende Timmy. Não culpa deles ue todas as músicas ue escolheram para o setlist se am chatas pra caramba.

Timmy toca baixo e nunca recusou uma goma de maconha na vida, um hábito ue em geral esconde por trás de óculos escuros estilo Elvis Costello ue ele usa o tempo todo.

Não acredito ue vai ser nosso último show *aqui* antes da turn . Fiona faz um bi uinho e todo mundo fica em sil ncio por um momento.

Regan descansa a cabeça no ombro dela.

Ah, fala s rio digo, em tom brincalhão. Voc s estão prestes a conhecer o mundo.

Treze cidadezinhas do Meio-Oeste contam como *mundo* brinca Cam.

Eu sei ue está sendo humilde a respeito da con uista enorme ue essa

turn de verão, mas não desisto.

Sim. Conta, sim.

Ele hesita, ainda me encarando.

Sabe, voc devia ir com a gente. Ver tudo atrav s dessa coisa aí. Ele aponta para a minha Leica.

Tentador respondo, sentindo as bochechas ueimarem.

Pensa nisso diz Cam no exato momento em ue um grupo de garotas segurando bande as para unto nossa mesa.

Oi, Cameron cumprimenta uma baixinha.

Cameron vira para ela, seu sorriso se espalhando devagar pelo rosto.

Oi.

Só ueríamos dizer ue estamos muito animadas para ver seu show amanhã diz uma garota de cabelo cacheado.

Valeu Cameron levanta as sobrancelhas para mim.

Vimos voc s tocando no baile de volta s aulas e foi *incrível* comenta outra.

Fiona se intromete:

Mal podemos esperar para tocar para voc s.

Mas nenhuma das garotas olha para ela; todas continuam focadas em Cameron, at ue a baixinha se toca de ue a conversa acabou e elas saem s pressas, soltando risadinhas.

Regan bate na própria testa.

Passei a vida inteira aprendendo a tocar piano, e todo mundo só liga para o cara com a guitarra Esse mundo tão clich . Vou pegar mais batata frita.

Me traz uma Coca ero pede Fiona, untando as mãos em frente ao rosto.

E uma kombucha para mim acrescenta Timmy.

Nem pensar, galera responde Regan. Podem tratar de vir comigo.

Fiona e Timmy reclamam, mas se levantam e vão, os tr s desaparecendo atrás da bancada de saladas, e me deixando sozinha com Cameron.

Por favor, me diz ue voc não vai sair pegando essas groupies comento.

Voc não disse ue *groupie* um termo misógino e depreciativo Cameron inclina a cabeça.

E mesmo, mas voc não pode sair pegando a primeira pessoa ue demonstrar interesse depois da Drew.

Cameron se inclina na mesa para roubar um pedaço de frango do meu prato e, ao fazer isso, se aproxima tanto ue nossas coxas se encostam, e de repente como se a proximidade dele fizesse um rasgo no meu eans. Meu corpo inteiro fica tenso, mas me obrigo a permanecer imóvel.

Não vou fazer isso responde ele, levantando o rosto na direção do meu.

O sorriso dele aumenta, a covinha na bochecha es uerda aparecendo. Minha mão desce para o espaço ao meu lado no banco, onde está minha c mera, e, sem pensar, eu a pego e coloco o dedo no obturador.

Ei diz Cameron , uer ir no ensaio ho e noite Pode ser o último, e eu ueria te pedir para tirar umas fotos. Talvez um dia elas virem um da ueles livros de mesa de centro sobre bandas antes de ficarem famosas.

Ergo a c mera, uma barreira entre nós. Sempre amei olhar para Cameron atrav s das lentes, capturando o modo como seus cachos saltam uando ele passa os dedos pelos fios. Em geral, uando o observo desse eito, a atenção dele está em outra coisa. Em Drew. Na guitarra. Só ue, agora, ele está olhando diretamente para mim. Bom, para a minha c mera.

Um arrepio percorre minha coluna. *Se ele soubesse.*

Claro respondo, e aperto o obturador. Sem problemas.

O melhor momento da Fera ao entardecer, bem uando o sol está começando a se pôr e a luz dourada a transforma em uma verdadeira belezura dos anos 1970. A fita da Cher ainda está no rádio, e eu a deixo seguir cantando durante o percurso de cinco minutos at a casa de Cameron.

Paro na frente da casa e ve o a porta da garagem á aberta, com todo mundo lá dentro com seus respectivos instrumentos. Fiona levanta a mão e acena, mas Cam não me v de imediato, e eu fico ali na Fera, observando-o mexer na guitarra en uanto Regan toca algumas notas no teclado. Cameron está concentrado, como se não tivesse cabeça para mais nada al m do ue está fazendo na uele exato instante. por isso ue sempre nos demos bem. Por ue assim ue me sinto com as imagens ue capturo com a c mera. Levo

a Leica ao rosto e observo Cam atrav s da lente. Espero o momento certo en uanto ele corre uma das mãos pelo braço da guitarra e a outra dedilha as cordas. Ve o seu rosto se contorcer, o lábio superior relaxando e então se repuxando num rosnado.

então eu *clico*.

illa Cam levanta o rosto e sorri uando desço do carro e me ogo no velho sofá no canto.

Vão em frente digo. Fin am ue nem estou a ui.

Por meia hora, eu os observo gemendo e cantando e esmurrando seus instrumentos. Suor escorre pela pele deles, e consigo sentir a intensidade, a urg ncia, a absoluta *necessidade* de suas aç es. Circulo ao redor deles com a c mera, parando apenas para trocar o filme com uma das latinhas empoeiradas ue compro do único revelador de fotos da cidade. uando a banda toca, meu pulso acelera, a energia deles contagiante.

Eu me movo pelo espaço tirando fotos de todos, mas impossível não me concentrar em Cam conforme ele canta, segurando com força o pedestal do microfone, os olhos fechados en uanto interpreta as músicas ue escreveu sobre Drew, embora agora tenham um novo significado. uase como se eu o estudasse, tentando descobrir o ue mudou dentro dele desde ue terminaram. Antes, uando o via cantar sobre se apaixonar e encontrar um lar em outra pessoa, ele parecia doce, melancólico, mas ho e há uma amargura e uma crueza em sua voz, como se ele fosse uma mola prestes a saltar.

uando olho para Cameron, não consigo evitar ver *todos* os Camerons ue á conheci. O garotinho ue brincava comigo e com Drew na piscininha de plástico em seu uintal. O menino de oito anos ue desenhava passarinhos perfeitos. O pr -adolescente ue nos mostrou, todo orgulhoso, seu primeiro pelo no peito. O aluno do primeiro ano do ensino m dio ue me levou chocolate uente da padaria uando fi uei doente, seu rosto parecendo uma flor, o sol, um dia uente na praia. O garoto de uinze anos ue disse sim uando Drew perguntou se ele ueria ir tomar sorvete, só os dois, *mas, tipo… de um jeito diferente*. O aluno do último ano com o coração partido, prestes a passar o verão em turn com uma banda. A banda *dele*.

Ao longo de tudo isso, ele sempre foi o Cam.

Mas, olhando para ele ho e, eu me pergunto uais partes de si ele vem

escondendo.

A canção acaba subitamente e arrepios eclodem em meus braços. Cameron solta a guitarra e seca o rosto com o braço.

Pausa de cinco minutos diz ele, então me lança um sorriso cheio de expectativa. O ue achou

Incrível. Voc s vão amar as fotos.

Nossos olhos se encontram e ele abre a boca, como se fosse me fazer uma pergunta, e, por um momento, acho ue vai mesmo. Só ue aí ele assente e se vira de volta para o grupo.

 uando chego ao Downtown, o único lugar em Great Falls com entrada liberada para todas as idades, o estacionamento está lotado e tenho ue parar a Fera a tr s uarteir es, na frente do estúdio de ioga da rua principal. Mas não ligo, por ue preciso muito de uma dose de ar fresco esta noite. Passei uase o dia todo na minha sala escura improvisada, ue basicamente um uartinho de despensa ue meus pais me deixaram ocupar com uma mesa dobrável, um monte de produtos uímicos e uma l mpada vermelha. Todo mundo ue conheço tira fotos digitais, mas não consigo superar o uanto tudo fica *melhor* em filme analógico, o uanto me divirto *fazendo* uma imagem, clareando e escurecendo e descobrindo como os produtos uímicos brincam com a luz. Sei ue o Photoshop pode fazer tudo isso e muito mais, mas toda vez ue usei para o anuário, era como se a magia desaparecesse.

Esta noite, tenho um trabalho a fazer. Não posso me distrair. Seguro a c mera com firmeza ao passar pela fila para entrar no Downtown e dar meu nome segurança na porta, ue confere a lista de convidados e me diz para passar pela corda de veludo.

Por a ui.

Dentro do clube, a energia á está nas alturas, mesmo ue a banda folk de Monica se a bem desanimada. Em todo canto, ouço pessoas comentando como mal podem esperar pela banda de Cameron, como á compraram ingressos para a turn do verão, como ouviram dizer ue ele está *solteiro*.

Abro caminho pela multidão e encontro a porta para os bastidores, onde outro segurança me deixa passar, então sigo pelos corredores at o camarim.

Entro silenciosamente, sem uerer ser avistada. Ainda não.

Cam, Fiona, Timmy e Regan estão reunidos, cabeças untas, e eu ergo a c mera, registrando suas mãos apoiadas nas costas uns dos outros, a tensão no pescoço deles, os perfis revelando ansiedade e expectativa.

Vamos conseguir diz Cameron, a voz s ria. como ual uer outra noite. ual uer outro clube.

Timmy inclina a cabeça para trás e solta um uivo. Tiro outra foto e o grupo se separa, dando pulinhos. Continuo fotografando at ue Cameron se vira e me v .

Ah, caramba, voc chegou. Ele me puxa para um abraço tão apertado ue meu rosto pressiona seu peito. Graças a Deus.

Ele se afasta, como se uisesse dizer outra coisa, mas aí uma mulher vestida de preto enfia a cabeça pela porta.

Prontos

Sempre responde Cam, depois me olha, a testa franzida. Voc vai ficar na frente, n

Claro ue sim.

O rosto dele relaxa e eu os sigo porta afora, recarregando o filme bem a tempo de a banda subir ao palco. As luzes se apagam e a multidão ue se tornou mais densa desde a hora ue eu cheguei vibra, toda a atenção no palco. O ar pulsa, uma bolha de esperança crescente. Todo mundo está a ui por ue uer testemunhar algo grandioso. Por ue uer es uecer o ue está rolando no resto da própria vida. Estão a ui por causa do Cam.

Prendo a respiração e volto minha atenção para o palco. Cameron sorri para mim, rápido, e eu tiro uma foto antes ue ele pegue o microfone. Então ele começa.

O set estrondoso, uma explosão cada vez mais intensa de riffs de guitarra, de solos de bateria e das notas et reas do teclado de Regan, com batidas de baixo e vocais nus e crus ue só podem ser produzidos por emoç es genuínas. Várias vezes, preciso desviar o olhar de Cameron, por ue assisti-lo esta noite como v -lo expor seu mago. Ele nunca se apresentou desse eito, como se tivesse medo do ue poderia acontecer caso não botasse tudo para fora, caso deixasse a ueles sentimentos acumularem.

No final, ele pega o microfone, ofegante, e diz:

Muito obrigado. Ve o voc s na turn .

A plateia grita:

Mais um Mais um Mais um

Cameron, no entanto, apenas acena e sai do palco com os outros.

Meu coração está acelerado e meus dedos tremem uando apoio a c mera no uadril. Ningu m pode negar o efeito ue Cameron exerce na plateia, a mágica ue ele con ura apenas com a guitarra. Ele poderia ter uem uisesse neste clube.

Balanço a cabeça. Não uero pensar na bomba ue ele acabou de explodir. Só uero tomar um ar fresco.

Saio de mansinho por um porta lateral e sou recebida por uma fria brisa noturna, ue sopra meu cabelo e faz cócegas no meu pescoço, onde o suor gruda na minha pele. Respiro o mais fundo ue consigo. Com os olhos bem fechados, escuto os sons ao redor. Pessoas cantando as músicas de Cam en uanto entram nos carros. Pessoas rindo, ainda animadas por causa do show, da noite. E então, uma voz acima das outras.

illa

Abro os olhos e encontro Cam recostado na parede de ti olos logo atrás da lixeira.

O ue está fazendo pergunto. Não deveria estar com o pessoal da banda

Os olhos dele estão brilhando, el tricos.

A uilo foi foi incrível. Mas eu precisava… Cam deixa a frase morrer e olha para o c u.

. Eu tamb m.

Cameron se aproxima e nos encaramos por um momento, um sil ncio carregado de tensão se estendendo entre nós.

Todo mundo vai para uma festa na casa da Fiona diz ele. Topa

Na verdade… respondo, de repente consciente do meu coração disparado, da pulsação acelerada.

uase como se eu pudesse sentir cada nervo na ponta dos dedos vibrando, como se cada c lula do meu corpo soubesse ue o ue vem a seguir vai mudar nossa vida para sempre. *Agora*, incentiva a voz na minha cabeça. *A hora é agora.* Escolho as palavras com cuidado.

Podemos ir a algum lugar por um tempinho Só nós dois

Os lábios de Cameron se curvam em um sorriso.

Tipo onde

Sei lá. O riacho not

Cameron inclina a cabeça, como se estivesse surpreso.

Tá bom. Ele indica o estacionamento. Cad a Fera

Lá na rua principal. Vamos pegar sua lata-velha

O sedan de Cameron está bem atrás de nós. Ele dá de ombros como uem diz *tá bom*, então nós dois entramos.

O carro não tão bem cuidado uanto o meu e, embora se a dos anos 1990, eu o chamaria de *velho* em vez de vintage.

Cameron indica o rádio com a cabeça.

 ue tipo de música uer ouvir

Faço ue não.

Nenhuma.

Nenhuma Ele parece chocado.

Fala s rio. Não posso simplesmente ficar relembrando o uanto voc s foram incríveis Não uero tirar a uelas músicas da cabeça ainda.

Voc acha mesmo

Minha boca está seca e meu pescoço tenso de expectativa, mas me obrigo a assentir.

Acho.

Cameron vira es uerda numa estrada de terra sem sinalização, rumo ao riacho not. Fica no meio do nada e, embora d para tomar banho no rio, as pessoas só vão ali por dois motivos: para pegação ou para se esconder. Cam desliga o motor e coloca a chave no porta-copos entre nós.

O ue está rolando, illa

Plane ei esta conversa um milhão de vezes, e, agora ue ela está de fato acontecendo, es ueço todas as vers es ue ensaiei. Mas preciso fazer isso. Preciso começar.

Nós somos amigos há um tempão tento, as palavras saindo meio tensas.

Somos. Cam está sorrindo de um eito abobalhado.

E voc passou anos com a Drew, mas digo, movendo as mãos

devagar at as chaves e as segurando Por muito tempo, eu pensei eu me perguntei

Cameron se inclina para a frente, apoiando a mão no meu oelho, e o cho ue de seu to ue me deixa sem fôlego.

Eu sempre me perguntei como teria sido se voc tivesse se arriscado antes da Drew diz ele, baixinho, suave.

S rio pergunto, meu coração martelando de expectativa.

S rio. uer dizer, eu me perguntei muitas coisas durante os dois anos ue passei com ela.

Tipo o u

Eu amo a Drew. Nós dois a amamos. Mas s vezes, imagino tudo o ue perdi por ter ficado com ela.

Não ouso me mexer, apenas aperto as chaves com mais força, reprimindo uma careta uando o metal afunda na minha pele.

Então, uando vi a uelas mensagens no celular da Drew Isso vai soar p ssimo, mas eu pensei ue era uma saída.

O ue tinha nas mensagens

Eu me inclino para ele, curiosa. Cameron tira a mão do meu oelho e, na mesma hora, sinto sua aus ncia. Minha pulsação acelera. *Será que acabei de estragar tudo?*

Voc pode me contar digo, com urg ncia. Pode me contar ual uer coisa.

Cam me olha de soslaio. Seus lábios se contraem e, em seguida, ele solta um suspiro.

Eu sei. Não consigo conversar com mais ningu m como converso com voc . Nem mesmo com ela.

Meu estômago se revira e, por um segundo, tenho medo de ue o almoço acabe voltando.

O ue tinha nas mensagens repito, colocando as chaves dele no bolso e segurando-as com firmeza.

Cam suspira, resignado.

Eram de um cara chamado Joe. Drew disse ue era um colega de trabalho do rin ue de patinação. Ele pediu a ela para pegar outro turno no sábado, depois disse: Adoro trabalhar uando sei ue voc vai estar unto.

Cam faz uma pausa e eu espero ue continue, mas então contrai os ombros e relaxa.

só só isso

Olha, sei ue não foi meu melhor momento, mas agora ue tive um tempinho para pensar, acho ue eu estava só procurando um motivo para terminar com ela. Não uero sair em turn amarrado minha namorada do ensino m dio. Dizer isso na cara dela parecia cruel, então fingi ficar puto, a acusei de ficar com esse cara e, uando ela negou, falei ue não acreditava.

Cam faz uma careta, como se soubesse ue tinha cometido um erro.

Então ela não te traiu

Olha, ela *pode* ter traído. Talvez eu tivesse razão. Ou talvez ela tenha ficado com ele depois ue a gente terminou.

Mas voc não sabe se ela fez isso. Só sabe ue Drew trabalha com um cara chamado Joe, ue talvez estivesse flertando com ela.

Cam balança a cabeça.

. Acho ue sim.

Então por ue todo mundo pensa ue ela traiu voc Todas a uelas mensagens as pessoas na escola.

Eu contei para o Timmy ue encontrei umas mensagens suspeitas, e acho ue a fofoca se espalhou.

Cam puxa a barra da camiseta em um gesto nervoso, um hábito ue tem desde os dez anos de idade. Eu não falo nada, só espero ue ele continue, apertando as chaves no meu bolso.

Enfim diz ele , nós estamos prestes a sair em turn . Depois, vamos para a faculdade. Cameron solta um suspiro de alívio, como se estivesse esperando uma oportunidade para dizer tudo a uilo em voz alta. Voc comentou ue sempre pensou na gente, e eu tamb m pensei. Voc minha melhor amiga, illa. Não uero estragar o ue *temos*, mas Ele respira fundo, como se estivesse reunindo coragem para uma batalha. E se tudo isso estivesse destinado a acontecer só para ue voc e eu acabássemos *aqui*, no riacho not, depois do melhor show da minha vida E se estiv ssemos destinados a ter uma noite maravilhosa untos

Prendo o fôlego, observando o rosto dele. á tantas coisas ue eu poderia dizer, mas nenhuma delas chega ponta da minha língua. Só consigo contar

at dez e torcer para ue o plano funcione.

Voc acha ue sou um cara horrível pergunta ele.

Eu devo ter aberto um sorriso, meus lábios se movendo por conta própria, por ue o rosto de Cam relaxa e ele se inclina para a frente, a boca bem perto da minha, inclinada, esperando

Seguro com força a alça da bolsa, minha c mera pesando contra o uadril. As reentr ncias da chave do carro dele marcam minha pele e, uando á estou achando ue não vai dar certo, ue calculei mal o tempo, minha visão ofuscada pelos faróis ue brilham de repente atrav s do vidro traseiro.

Essa a minha deixa.

Estendo a mão para a maçaneta, abro a porta e saio correndo do carro.

Ei grita Cameron. O ue está fazendo

Eu bato a porta com força e enfio a chave na fechadura do carona, girando-a para trancar o carro, de modo ue Cameron não consiga sair.

illa exclama ele, puxando a maçaneta. ue porra essa

Dou uma olhada para o carro atrás de mim, ainda ofuscado pelo brilho intenso dos faróis. Mas eu sei uem está lá.

Saio correndo, com Cameron ainda esmurrando o vidro dentro do carro, e entro a toda na Fera. O motor está ligado e eu pulo no banco do carona. Drew está no banco do motorista, com as mãos no volante, os olhos concentrados e a testa franzida.

Conseguiu pergunta ela, apontando para a minha bolsa.

Eu a abro e mostro a ela o gravador ue enfiei ali mais cedo, a luz vermelha piscando.

Gravei tudo respondo. Cada palavra.

Os ombros de Drew relaxam, e ela balança o cabelo.

Babaca.

Vamos dar o fora da ui.

Drew engata a marcha r na Fera e, nos tira dali com habilidade. Agradeço silenciosamente por t -la feito praticar direção com c mbio manual ho e cedo, en uanto estava revelando as fotos. Isso a udou na nossa fuga.

Ela tinha me contado a história toda na uinta-feira, uando eu matei aula logo depois de Cam falar para mim e para todo mundo a mentirada sobre Drew t -lo traído. Joe era só um cara do rin ue de patinação ue ueria

convenc -la a pegar um turno extra. Nada mais ue isso. E uando Cam exagerou a situação, Drew percebeu ue ele só estava uerendo uma desculpa para terminar.

Foi tão óbvio disse ela, suas lágrimas se transformando em raiva.

E, assim ue ele começou a falar para as pessoas ue ela era uma traidora uando a reputação de Drew foi arruinada , o plano se formou. Ela mataria mais um dia de aula para ue Cam pudesse espalhar bastante sua historinha por aí.

O tempo todo, eu ficaria insinuando a possibilidade de termos alguma coisa. Antes de Drew e Cameron começarem a namorar, eu tive uma uedinha por ele, mas depois ue vi como ela estava feliz, reprimi esses sentimentos e, após um tempo, eles desapareceram. Cam se tornou o namorado da Drew, meu amigo.

Mas eu estaria mentindo se dissesse ue não dei uma revisitada na uele sentimento na uinta-feira, antes de Drew me contar o ue realmente havia acontecido. Por um momento, de fato me perguntei: *será que existe uma possibilidade de Cam e eu ficarmos juntos, depois de todo esse tempo?* Felizmente, isso não durou muito. Não depois ue fi uei sabendo do ue ele era capaz.

Agora, só existe mais uma possibilidade a considerar: a de eu o deixar escapar ileso. A possibilidade de ele arruinar a reputação da Drew, sair impune e sumir no mundo com sua guitarra e suas mentiras.

A possibilidade zero. Eu amais permitiria.

Tudo bem, não vamos mais trocar mensagens no grupo. Nem vamos mais assistir a filmes no porão da casa dele. Não vamos mais fazer festas do pi ama em barracas no meu uintal. Não vou mais tirar fotos dos ensaios da banda. Não vai mais existir *nós*. Mas isso não culpa minha nem da Drew. Cam ogou tudo fora como se não valesse nada.

E era por isso ue eu precisava faz -lo admitir ue a Drew não o tinha traído, ue ele mentiu para todo mundo, ue só ueria ficar solteiro.

Ele podia ter falado a verdade diz Drew en uanto dirige. Eu teria aceitado um t rmino normal.

, bom, ele estava com medo.

Espero ue nunca mais faça uma palhaçada dessa.

Eu balanço as chaves entre os dedos e as ogo pela anela aberta, sem me

importar com o local onde vão cair.

Não vai fazer.

Drew solta um *uhul*, dando um so uinho no ar. Ela liga o rádio e p e a fita da Cher no volume máximo.

Eu amo essa mulher comenta.

Eu amo *essa* mulher rebato, apontando para minha amiga.

Drew inclina a cabeça para trás, seu longo cabelo ondulado voando pela noite en uanto disparamos pela estrada escura.

Sei ue disse ue todos podem ver a Fera chegando a um uilômetro de dist ncia (tá bom, pelo menos uns uatro uarteir es), mas isso só durante o dia. Não noite, uando estou com minha melhor amiga. uando estamos voando pela escuridão.

Drew apoia a mão no espaço entre nós e eu entrelaço nossos dedos.

Obrigada diz ela.

Sempre ue precisar.

CINCO VERÕES

Sloan Harlow



Playlist: "Cruel Summer"

QUATRO VERÕES ATRÁS

FINJO OLHAR PARA OS MEUS p s en uanto afundo os dedos na areia branca como neve. Depois fin o ue não estou espiando por cima do esmalte preto descascado do meu dedo mindinho, observando ill conforme ele caminha na minha direção, sacudindo a água do mar dos cachos escuros, o sol da Flórida fazendo seu torso brilhar num tom prateado ofuscante.

ill se oga na toalha ao meu lado, fazendo grãos de areia e água salgada caírem no meu rosto.

illiam

Foi mal.

Ele sorri, sem demonstrar nenhum arrependimento.

Eu endireito a minha postura e examino meu exemplar surrado de *Love Poems*, da Anne Sexton, folheando as páginas grifadas e cheias de anotaç es ue revelam todo meu anseio silencioso.

Se as páginas molharem, não vai dar pra ler

Eu sei, Alex.

Ele inclina a cabeça para mim, e seus olhos são da cor exata do oceano Atl ntico. ill tem os lóbulos da orelha presos foi a terceira coisa ue reparei nele no início do curso preparatório para a faculdade , suas orelhas pareciam claves de fá perfeitas, as conchas numa curva exata se afastando das t mporas.

Com o cabelo molhado grudado na cabeça, não resisto e dou um puxãozinho na uele pedacinho de cartilagem proeminente, rosado do sol.

Ei Ele dá um tapinha para me afastar. Já pedi desculpa.

Não pediu, não. Não pelo motivo certo.

E ual o motivo certo

ill finge estar emburrado, inclinando-se para trás, apoiado nos cotovelos. A água se acumula nas dobras de sua barriga e na cavidade no meio do peito. Ele estreita um dos olhos ao olhar para mim, e o contorno de seu lábio superior chega a ser irritante. De alguma forma, a água do mar não apaga seu perfume, só o realça.

Por ser tão vaidoso ue passa perfume at pra ir na praia com os amigos.

Deslizo o dedo pelo seu pescoço. uem faz isso, ill

ill ergue as sobrancelhas e estende o braço na minha direção, passando o dedo pelos meus lábios. uando levanta o dedo, pintado de rosa, abre um sorriso triunfante e eu solto um resmungo.

Pra ir na praia com os amigos. uanta vaidade ill balança a cabeça, s rio, mas ve o humor em seu olhar. Alexandra, *pra quem* voc passou batom Algo perpassa seu rosto. Jonah

Claro ue não Eu me sinto com doze anos uando ogo areia nele com o p . Passei *pra mim mesma*. E voc Vai me dizer ue passou perfume pra voc mesmo e não pra Emily

Sinto a pele uente e rígida do sol; ainda assim, o calor ue toma o meu rosto mais forte e bem menos agradável.

ill tira a areia da perna e limpa meu batom sem cerimônia no short de praia. Nós dois olhamos para o mar, onde nossos amigos minha colega de uarto, Emily, e o colega de uarto de ill, Jonah brincam na água. Os olhos de ill parecem transparentes. São de um azul límpido, nunca vi uma cor assim.

Foi a segunda coisa ue reparei nele.

Ele é seu melhor amigo, lembro a mim mesma.

Respiro fundo e prendo meu cabelo longo e castanho num rabo alto.

Voc e Emily formariam um casal fofo digo.

ill se vira para mim e, de repente, seus olhos á não parecem mais tão transparentes.

Voc acha

Solto uma risada curta. Tenho vontade de dizer ue eles poderiam se tornar um casal de modelos de sucesso ou entrar em algum ex rcito maluco de pessoas extremamente bonitas em vez de voltar para Atlanta e ir para a faculdade como o resto de nós. ill e Emily foram feitos um para o outro.

O c u ganha as cores de sorvete de framboesa e laran a derretido. O favorito do ill e o meu. Observamos as ondas saltitantes ficarem mais fracas, a água chegando cada vez mais perto de nossas toalhas. ill cutuca meu p .

E aí, como voc foi na prova final pergunta ele. Seus pais vão continuar sendo bonzinhos com a gente pelo resto da visita, ou vamos ter ue te levar de volta pro alo amento num saco preto

 uando inclino a cabeça para ill, o sol á baixou o suficiente para eu não precisar mais apertar os olhos. Penso em pregar uma peça nele, mas o sorriso largo á vai tomando conta do meu rosto, e ele o retribui.

Alex

Seus olhos brilham.

Minha nota final digo foi oito e meio.

isso aí

 ill toca meu ombro. uando o aperta, consigo sentir a marca de cada dedo. Dou risada, e meu rabo de cavalo, endurecido pelo sal, roça no braço dele.

Bom, foi tudo graças a voc afirmo, a pele uente por todo o corpo.

Imagina. ill gesticula com desd m e deita com os braços atrás da cabeça. Voc uma g nia. Só não gosta de matemática. Nem de ir s aulas.

s rio insisto, abraçando os oelhos unto ao peito olhando para ele.

Obrigada, ill.

O sorriso ue ele me dá demais para suportar. Tenho ue desviar o olhar, e observo o sol desaparecer no horizonte.

Eu avisei pro Jonah se preparar para suas leituras de poesia diz ill.

Tipo se preparar psicologicamente respondo, ofendida.

Não ill baixa a voz. Falei ue ele tem ue chegar cedo pra pegar lugar na frente. Assim o som vai ficar bom no vídeo. Posso sentir seu olhar sobre mim. Eu disse ue ele *tem* ue gravar.

Ah sussurro, com um nó na garganta.

São momentos como esse ue me fazem odiar a primeira coisa ue reparei em ill Gray: não importa o uanto a gente goste um do outro, garotos como ele só me veem como amiga.

TRÊS VERÕES ATRÁS

 uem vem comigo comprar doritos pergunto ao grupo.

 ill ergue os olhos de seu lugar ao lado de Emily na toalha de pi ueni ue.

 Vou guardar nosso lugar a ui, amor Jonah lança um olhar desconfiado para a multidão espalhada pelo par ue.

 Os fogos á vão começar diz Emily. Não uero perder nada. ill

Ele se levanta num salto, o rosto corado e feliz.

 Aos doritos grita ele e, dando risada, abrimos caminho entre crianças gritando, famílias e pernas estendidas.

 Voc um perigo uando fica b bado comento uando finalmente chegamos ao calçamento ue circunda o enorme gramado.

 Errado ele toca meu nariz. Só estou altinho.

Sinto um arrepio, mas digo a mim mesma ue só a brisa.

 uando chegamos má uina de venda automática, pego uma água, uma sprite, uma fanta e alguns salgadinhos e doces. ill balança um pacote de bala de alcaçuz pra mim, sorrindo.

 Como vou saboreá-lo sem um filme de cinco horas do Scorsese para acompanhar digo, seca.

 Vamos dar um eito.

 ill bate o pacote de leve na minha testa e sorri para mim. Sinto o suor escorrer pelas costas do vestido, mesmo com meus ombros, braços e pescoço descobertos.

Tento não pensar em ill, e em como mesmo suado ele continua cheiroso. E s vezes, uando a umidade gruda no seu pescoço e nas suas coxas, eu me pergunto ual seria o gosto.

 Eu cresci na *Flórida*; como possível estar sofrendo com o verão de Atlanta Estou ensopada desde o fim de maio reclamo no caminho de volta.

A Em nunca sua. Meu suor no ento.

ill me encara.

Voc não no enta responde ele.

O primeiro estouro dos fogos nos assusta. Olhamos para a explosão fúcsia no c u. Sinto o coração apertar.

ue belo elogio digo.

s rio. Os cachos úmidos de ill caem na sua testa. Mesmo uando sua bunda deixa marca de suor na cadeira da aula de psicologia.

Eu não devia ter te contado isso

Balanço a cabeça e meu rabo de cavalo bate no ueixo dele.

Ouço tr s grandes estouros. Faíscas douradas, vermelhas e azuis cercam os arranha-c us ao nosso redor. uando chegamos beira do gramado, ill para e me encara intensamente.

ue foi Franzo a testa.

ue loucura. Ele parece maravilhado. Dá pra ver os fogos nos seus olhos. Nunca vi isso antes. Outro estouro. Explode bem fundo no meu peito. ill abre um sorriso charmoso. legal. Bem legal.

De repente, me sinto terrivelmente sóbria.

. Eu me viro para as famílias e toalhas de pi ueni ue a nossa frente, longe do c u noturno. Legal mesmo.

Avisto o vestido amarelo-vivo de Emily e os lindos ombros largos de Jonah.

Vamos digo, guiando o caminho de volta. Eles estão esperando a gente.

DOIS VERÕES ATRÁS

ill abre a porta e faz uma careta uando me v .

Então o encontro foi um fiasco

Bingo.

Ele dá uma olhada no meu vestido uando entro em seu apartamento. Eu o flagro encarando e, na mesma hora, ele desvia o olhar. Passamos na ponta dos p s pelas portas fechadas dos uartos de seus colegas at chegar ao uarto de ill no fim do corredor.

Sento na cadeira da escrivaninha, e ele se oga na cama. Está usando uma

camiseta branca e calça de pi ama xadrez azul. Preciso desviar o olhar, por ue sinto meu estômago *doer*.

Um sil ncio se estende entre nós. Tem sido cada vez mais comum. Não sei por ue, mas sinto ue a culpa minha.

Posso dormir a ui ho e sussurro.

ill coça a nuca e estreita os olhos, observando o teto. Ele pigarreia.

Não tenho nenhuma calça de pi ama limpa.

Minhas bochechas es uentam.

Tudo bem digo. Eu estou de shortinho. Mostro o short por baixo da barra do vestido. Posso usar a uela sua camiseta velha de arvard, sabe bem comprida, então

Sim, claro.

ill levanta, descalço, e procura no guarda-roupa. Não consigo ver seu rosto, mas, como sempre, ve o suas orelhas. As pontinhas, afastadas da cabeça, estão num tom de rosa vivo.

ill está solteiro há alguns meses. Emily pediu transfer ncia para uma universidade no outro lado do país. Nenhum dos dois uis namorar dist ncia. Eu estou solteira desde o início do verão, depois de encontrar Jonah na cama com outra garota.

ill e eu á dormimos no mesmo uarto antes. Já viramos a noite untos.

Pra ele, isso não nada de mais, tenho certeza.

Mas essa a primeira vez, em muito tempo, ue estamos ambos solteiros e sozinhos no mesmo lugar.

A noite está uente. O calor da cidade abafa o vidro da anela, se infiltrando pelo ar-condicionado, me deixando in uieta.

Chuto as cobertas. Tento voltar a dormir, mas está muito uente e estou muito agitada. uando olho o relógio, ve o ue são tr s da manhã.

Merda sussurro, esfregando os olhos.

Tamb m não consigo dormir.

ill se inclina, apoiando a cabeça na mão en uanto me observa.

Por um instante, só ficamos nos encarando. Nem preciso olhar para baixo para saber ue minha camiseta, de tanto me virar na cama, subiu al m do

umbigo.

Por ue voc não está conseguindo dormir sussurro.

Muita coisa na cabeça.

Eu tamb m digo.

Está pensando em u

Os olhos de ill estão escuros como o mar iluminado pela lua. Engulo a humilhação e decido ser honesta.

Acho ue bei o mal respondo baixinho.

ill bufa, achando graça.

De onde voc tirou isso

Faço uma careta.

Nunca rola um segundo encontro depois do bei o.

ill parece pensativo.

O Jonah gostava de te bei ar.

Mas o Jonah gostava de bei ar todo mundo.

Solto um resmungo frustrado.

Verdade sua expressão se fecha. A uele babaca.

ill digo vou morrer sendo uma velha solteirona.

Ah, não pra tanto responde ele. Talvez voc morra uma ovem solteirona.

ue maravilha.

ill faz um gesto dramático e declara:

Aqui jaz nossa querida Alex, solitária e triste; ela morreu sem encontrar o amor porque beijava muito mal.

Cubro o rosto com as mãos, escondendo o sorriso.

Te odeio.

Odeia nada, voc me ama. Ele afasta minhas mãos do meu rosto e me encara. E tenho certeza de ue voc bei a bem.

Sinto um calor me envolver desde o ponto onde ele toca minha pele, descendo at o uadril. mais difícil de ignorar do ue o frio na barriga.

Todos as evid ncias digo, a voz rouca apontam o contrário.

ill me observa por um momento antes de me soltar. Ele se afasta, se alongando como o gato de Cheshire num galho de árvore, os olhos travessos brilhando.

Ele finge examinar as unhas.

Sabe, eu at poderia te dar umas aulas murmura. uma pena ue voc não tenha como pagar.

O frio na barriga aumenta.

Rá digo, o sangue fervendo. Não tem desconto para amigos e familiares

Ei, at minha avó me paga um churrasco antes de ganhar um bei o.

Os olhos de ill dançam.

Eu te paguei um sanduíche semana passada.

Tem razão. Ele bate no ueixo. Mas, pensando bem, temos um problema: não importa ue nossas intenç es se am puramente acad micas, se a gente se bei ar, vamos deixar de ser apenas amigos, o ue automaticamente anula o desconto. Seu sorriso travesso muito irritante. um beco sem saída.

Parece ue estamos decidindo no pedra-papel-tesoura uem vai ficar com o último pedaço de pizza. Redobro meus esforços para me manter impassível como uma página em branco.

Protesto, meritíssimo. Tal hipótese estaria contemplada na cláusula de amizade colorida. O desconto ainda deve ser aplicado.

Cláusula de amizade colorida ill ergue a sobrancelha.

No seu caso, seria no máximo ficante premium resmungo.

ill dá risada.

Prefiro ser um pau amigo , obrigado rebate ele, e agora estamos os dois rindo. Não tem graça, *péssimo*. Ele faz uma careta. uma expressão tão horrível ue fico at triste ue nunca vamos poder usá-la.

Paro de rir.

Nunca A palavra escapa da minha boca antes ue eu possa impedir.

Por ue não

ill pisca algumas vezes, vacilando por um instante antes de se recompor.

Voc tá brincando, n Ele ri. Eu te *conheço*, Reyes. Voc nunca toparia um negócio desses.

Ah, e *você* toparia, por acaso uestiono.

ill dá de ombros.

Claro, negar eu não ia

Bom, então eu acho ue voc não me conhece tão bem assim, Gray, por ue eu tamb m toparia.

Eu me esforço para manter a respiração estável. ill demora um pouco mais para responder dessa vez.

Ah, ual A incerteza perpassa seu sorriso. Fala s rio.

Estou falando s rio.

 ual uer res uício de audácia evapora do rosto de ill. Ele me encara, chocado e sem palavras.

Lá fora, soa um leve estrondo de uma tempestade de verão.

Voc está falando s rio diz ill, se sentando na cama, a voz grave.

Só se voc tamb m estiver.

Mais um estrondo se prolonga.

Então, se eu te bei asse *agora* ele estreita os olhos. Por voc , tudo bem

Umedeço os lábios, arrepiada.

De ue outro eito posso garantir ue não vou morrer sozinha

A chuva começa, gotas lentas e esparsas caem como pedrinhas batendo na anela do uarto. Um rel mpago ilumina o cômodo. Por um instante, os olhos grandes e azuis de ill parecem pegar fogo, e consigo ver um leve rubor em suas bochechas. uando o próximo trovão alto e estrondoso reverbera, outro sorriso sarcástico toma seu rosto.

 uer saber o ue eu acho sussurra ill. Acho ue voc fala, fala, mas não faz nada, Alex. Voc covarde demais pra

Sinto uma onda de indignação. Eu me a oelho na cama, ficando na altura dele, e me inclino, deixando nossos lábios a centímetros de dist ncia. ill congela.

Sabe de uma coisa, ill sussurro. Eu acho ue *você* o covarde a ui.

Estamos tão próximos ue o calor da boca dele a uece a minha. Cravo as unhas na palma da mão suada. O cheiro dele amadeirado e perfeito, como sempre. ill solta um pe ueno suspiro tr mulo. Seu hálito tem cheiro de menta, e sinto *desejo*. Dese o de provar seu gosto, de tocá-lo.

Mas ele não se mexe, então eu tamb m não o faço.

A chuva fraca começa a se transformar em uma tempestade. O uarto de

ill está abafado demais, mas não tem nada a ver com o clima lá fora; os únicos sons são as gotas atingindo o vidro e nossa respiração cada vez mais rápida.

Um trovão ecoa, forte o suficiente para chacoalhar a anela, e eu espero. Espero e espero, mas ill não se mexe nem fala nada.

Então me afasto; os olhos de ill estão fechados, bem apertados, a testa franzida, como se travasse uma batalha interna. Como se estivesse dividido. Talvez, *talvez* ele não ueira de fato ir adiante com essa história, e só não ueira me humilhar.

O próximo estrondo meu coração se partindo.

Deixa pra lá sussurro, me afastando.

Começo a me levantar. ill abre os olhos.

Espera.

Sua voz grave. Rouca.

O u

Alex.

ill agarra a frente da minha camiseta, me puxando para perto com as duas mãos.

E, de repente, me bei a.

Sinto o calor da sua boca, suas mãos tr mulas no meu peito, onde ele puxa o tecido. Os lábios de ill me surpreendem com sua suavidade, macios como um p ssego maduro no verão. Ele move a boca cuidadosamente contra a minha, uase tímido, e fico toda arrepiada. Temo ue o to ue hesitante e lento de seus lábios se a o máximo ue ele vai me dar, alguns bei os cautelosos para abrir meu apetite e me deixar faminta para sempre.

Mas então, ele passa a ponta da língua pelo meu lábio inferior, e solto um gemido de dese o. ill deve ter gostado muito, por ue emite um som grave em resposta, antes de buscar meus lábios outra vez, inclinando a cabeça para aprofundar o bei o, ue fica mais e mais rápido conforme ele perde o controle.

tudo o ue eu sempre uis. Retribuo o bei o, desesperada.

At ue ele para. Emito um som de frustração.

Está tudo bem pergunta, a voz rouca.

Ele encosta a testa na minha, arfando.

Estava, at voc parar.

Eu me inclino para a frente e passo os lábios pelo seu maxilar macio. A respiração de ill falha, e suas mãos se perdem no meu cabelo. Dou uma mordidinha na pele suave de sua orelha e o gesto parece torturá-lo. Vou dando bei os pelo pescoço, sentindo o gosto salgado do suor na minha língua, como dese ava havia anos. A pulsação de ill salgada e agitada como o mar.

Ele geme.

Assim vai ser difícil ficar só no bei o.

Meu Deus.

A tempestade ruge ao nosso redor, a chuva formando uma cachoeira contra a anela. Deslizo a mão por baixo da camiseta de ill, e eu o sinto perder o fôlego uando pressiono a palma da mão contra seu peito, como se fizesse um uramento.

Nesse caso me inclino para cima, e ele estremece en uanto percorro a curva perfeita da sua orelha com a língua. Não vou facilitar. Vou tornar *impossível*.

Meu Deus, Alex.

ill avança para me bei ar, e o dese o dentro de mim se incendeia, espalhando fogo por todo o meu corpo.

Eu imaginava ue seria assim diz ele, me puxando para a cama.

Não consigo conter o gemido ue me escapa.

Voc á tinha imaginado como seria

Ele levanta a cabeça, e há algo se agitando por trás do brilho ávido de suas pupilas, mas não consigo identificar o u .

Sim responde ele, baixinho. Várias vezes.

Lá fora, o c u uiva.

VERÃO PASSADO

Numa noite de lua cheia no fim do verão, ill e eu vamos a um par ue de divers es nos arredores da cidade. A roda-gigante range a cada volta e a pipoca está murcha, mas ill segura minha mão em público pela primeira vez, então tudo mágico.

Nosso verão de diversão sem compromisso se transformou em um ano

de diversão sem compromisso . Sei ue não vai durar para sempre. Mas agora, seu corpo está contra o meu, e isso basta.

Por ue ill Gray, e se esse o único eito de t -lo, ue se a.

At ue passamos por uma cartomante ue promete revelar o nome da sua alma g mea.

A ideia de ter uma alma g mea ridícula diz ill.

u

Paro de andar, constrangida por ter me incomodado tanto com o ue ele disse.

Ah, *Alex*. ill faz uma careta. só uma chance em oito bilh es de encontrar o verdadeiro amor Voc condenaria a humanidade a um destino solitário como esse

Voc não

Meu ovem interrompe um cara na barraca de lançar dardos em bal es. Voc parece forte. Não uer tentar ganhar um urso gigante pra sua namorada

ill solta minha mão.

Fica pra próxima responde ele, e começa a andar mais rápido.

Epa, epa diz o funcionário da barraca de argolas. Amigão, ela está de mãos abanando. Não vai tentar ganhar nada pra sua namorada

Ela não minha namorada afirma ill. Somos só amigos.

Fui eu que quis assim, digo a mim mesma, ainda ue suas palavras me dilacerem por dentro. *Não tenho o direito de ficar chateada*.

Ei, voc está bem pergunta ill uando v meu rosto.

Tô, sim respondo, forçando um sorriso para ele. Acho ue o amendoim ue comi não caiu bem.

Vou pegar um refri pra voc diz ill.

A expressão de preocupação dele o deixa ainda mais lindo, mas só serve para me lembrar ue nosso tempo está contado.

São tr s da manhã e não consigo dormir.

Alex murmura ill. Tá tudo bem

Seco o nariz e os olhos, com o olhar fixo no teto.

Por ue *você* não me diz respondo, a voz áspera. O ue tem de errado comigo

u

ill esfrega a testa e se vira para me encarar. Pisca várias vezes.

Sou boa o suficiente pra ser sua melhor amiga. Boa o suficiente pra dormir com voc , tomar banho unto, bei ar, passar horas só

Ei, espera, u

ill se senta.

Mas não sou boa o suficiente pra ser chamada de namorada, mesmo ue de mentirinha, pra um cara aleatório numa barraca tosca num par ue de divers es montado num estacionamento.

Caralho. Do ue voc tá falando O cabelo de ill está bagunçado, e o lençol caído revela seu peito. Puxo a coberta at o ueixo e dou as costas para ele. De onde veio isso

Eu só não entendo sussurro, lágrimas encharcando o travesseiro. Não sou legal o suficiente Elegante Bonita

Meu Deus, não fala uma merda dessas. Nada disso verdade.

Viro para ele e o encaro fixamente.

Então por u Por ue não podemos namorar

Parece ue dei um tapa em ill. Ele balança a cabeça, piscando rápido, tentando entender.

Acorda, ill cuspo as palavras. Estamos untos o tempo todo. Minha mãe troca mensagens com a sua. E ningu m, *ninguém* me conhece tão bem uanto voc

Por ue voc minha *amiga* sibila ele, o rosto vermelho. uma amizade colorida, voc mesma disse, Alex. *Diversão sem compromisso*.

Essas palavras me atravessam em cheio.

Então nada disso significou nada pra voc , ill sussurro.

Ele suspira, passando as mãos no rosto.

Não foi o ue eu uis dizer.

Não consigo entender por ue voc aceita fazer todas essas outras coisas, mas não aceita ue eu se a sua namorada.

O ue eu não entendo por ue voc ia uerer estragar algo tão bom responde ill. As coisas estão ótimas como estão. Pra ue mudar

Por ue *não estão* tão ótimas assim digo.

u

ill franze a testa. Eu fecho os olhos.

Esse último ano foi uma *tortura*.

Ele passa a mão pelo cabelo.

Eu só pensei ue voc gostava do ue estávamos fazendo comenta ele, baixinho.

Eu gosto sussurro. Esse o problema. Ele parece ainda mais perplexo uando eu me sento, apertando o lençol contra o peito. Eu amo o ue temos. Mas não suficiente. Tem uma linha invisível ue voc não uer ultrapassar. Não faz sentido. Já somos melhores amigos

Exatamente retruca ill. *Exatamente*. Ele me lança um olhar cortante. Era por isso ue eu não ueria ter começado essa história, Alex. Por ue uais são as nossas opç es agora Começamos a namorar. Inevitavelmente terminamos. E aí eu perco minha melhor amiga. E não uero ue isso aconteça. Não uero perder voc .

Por ue *inevitavelmente* Voc está supondo ue vamos terminar, mas e se isso não acontecer

ill se mexe, desconfortável, sem me encarar. E então me dou conta

Voc não uer isso, n sussurro.

ill me lança um olhar na defensiva.

Voc não entende diz ele. uando voc se formar, vai escrever poemas e tomar vinho com seus professores da pós-graduação. ill umedece os lábios, parecendo assombrado pela ideia. Eu tenho só mais um ano at perder a liberdade. uando me formar, no máximo vou ter uma vida como a do meu pai. D cadas dentro de um cubículo, com f rias de vez em nunca. Casar, ter filhos, usar terno e gravata, a mesma merda dia após dia pelo resto da minha ill se interrompe e passa as mãos pelo cabelo. Se a gente namorar, ou vou te perder pra sempre, ou vou me algemar aos vinte e um anos.

Se *algemar*

Perco o fôlego, levando a mão ao peito, meus olhos transbordando. ill parece arrasado.

Não foi isso ue eu uis dizer...

O ue voc uis dizer então, ill digo baixinho, atordoada pela dor.

ill balança a cabeça.

Alex, eu gosto de voc . claro ue gosto. Muito. Mas voc entende, n Tipo... complicado.

Na verdade, pra mim bem simples. Fecho os olhos com força. Eu te amo, ill. uero sentar no seu colo en uanto voc olha os e-mails de manhã. uero tomar meu primeiro Manhattan com voc uando eu for pela primeira vez para Manhattan. Fico pensando em como voc vai ser uando ficar velhinho, com suas orelhas peludas de Dunga da *Branca de Neve*, e e eu ia at te a udar a aparar os pelos, acredita , se a gente terminasse, eu ficaria completamente destruída. Mas voc vale o risco, ill, por ue eu te amo. Eu te amaria mesmo se voc perdesse o cabelo, os dentes, os braços, os dedinhos do p . Me inclino para perto dele, mantendo os olhos fechados. Talvez a gente não terminasse. E não seria *incrível* Não seria

O sil ncio ensurdecedor.

Preciso reunir toda a coragem ue tenho para abrir os olhos. ill me encara, e parece arrasado.

E ue sente muito, *mas*

Ah digo, sentindo o coração partir. Então voc não Faço um gesto fraco entre nós. Voc não sente Só consigo chegar at aí. Se continuar, vou desmoronar.

Os olhos de ill estão mare ados.

Não Como eu disse, não tão simples ele se esforça para falar.

Meu Deus, como eu ueria não estar pelada. Ergo o ueixo.

Voc pode virar pra lá

Alex.

uero me vestir, por favor.

Alex, voc sabe ue gosto de voc

Acho acho ue vou embora.

óbvio ue tamb m gosto de voc , mas de um eito

Ergo a mão tr mula, e ill se cala.

Por favor digo, a voz falhando. Por favor. Só me deixa ir embora, ill.

Não consigo mais olhar para ele. ill parece uerer dizer alguma coisa,

mas obedece e vira de costas para mim.

Eu me visto s pressas, tentando conter os soluços. Me sinto oca. Se eu caísse agora, uebraria como um globo de neve vazio.

Pronto digo, assim ue termino de me vestir. Tchau.

Alex ill implora uando vira para mim de novo. São tr s da manhã. Não vai embora.

Pois , eu sempre tomo as piores decis es s tr s da manhã. Só estou tentando evitar um estrago maior. Encaro os olhos de ill uma última vez.

Por favor, não me liga nem manda mensagem. Eu te procuro uando estiver pronta.

Alex

ill se arrasta at a beirada da cama, balançando a cabeça, e isso me destrói. Os soluços escapam de mim com tanta força ue poderiam uebrar minhas costelas.

Por favor, ill imploro. Se voc não capaz de me amar, me deixe em paz.

ill abaixa a cabeça.

Saio do apartamento sem olhar para trás e corro noite adentro.

ESTE VERÃO

A agenda de todo mundo está impossível, então a única data livre para o antar de formatura na noite anterior ao meu voo para o outro lado do país, onde vou começar minha resid ncia de escrita.

Reservamos o terraço inteiro do pr dio, e minha mãe não para de fazer chamadas de vídeo para os parentes, mostrando as luzes noturnas de Atlanta.

elena, uma amiga ue fiz durante o TCC, me traz mais um champanhe.

Acabei de ver seu pai abraçando um modelo diz elena. Tipo... um abraço longo, demorado.

Um modelo Dou risada. O uanto voc á bebeu, eli

Shhh, eles tão vindo

Meu pai parece radiante uando se aproxima.

Tenho ue ir atrás da sua mãe, mas olha só uem resolveu aparecer

comenta ele.

Ah respiro fundo ao ver uem aparece atrás do corpo alto e largo do meu pai. Oi, ill.

Ah! exclama elena, surpresa. Então *você* o ill.

Eu mesmo responde ele, meio sem eito, coçando a nuca. Acho ue eu deveria dizer: Espero ue só tenha ouvido coisas boas , mas ele faz uma careta. Acho ue minha reputação me precede, n

elena faz uma cara feia.

Entãããão

Voc não tinha ue ver a uela coisa lá, eli digo, sorrindo com os dentes cerrados.

ue coisa

Obrigada mesmo, eli, voc sempre me salva, *até mais tarde*.

Ela revira os olhos com um sorriso antes de sair.

Desculpa por isso comento.

ill assente, pensativo, en uanto elena se afasta.

Gostei dela.

Sim, ela um an o. Exceto uando falta uma hora pra acabar o prazo e ela á tomou cinco energ ticos. Daí ela vira o Nosferatu.

Nós dois damos uma risada sem graça. Taças e talheres tilintam ao fundo, o murmúrio das conversas acompanha suavemente a banda de azz tocando num canto.

O cabelo de ill está mais arrumado. Ainda bagunçado, mas de um eito estiloso. Comprido em cima, aparado nas laterais.

Corte novo digo sem pensar, por causa do champanhe...

O u

Termino a taça antes de responder.

Seu cabelo comento, deixando a taça vazia numa mesa ali perto. Ficou bom. Ainda bem ue não escondeu as orelhas.

Os olhos de ill brilham com um humor discreto, e caímos num sil ncio.

Ah digo de repente, me agarrando desesperadamente a algo ue lembrei. Ouvi dizer ue voc conseguiu um emprego

Pois ill assente de forma educada e profissional. um bom trabalho.

um, numa das maiores empresas de consultoria do mundo Está mais para *o melhor* trabalho.

ill sorri com uma humildade ensaiada.

Dei sorte.

De repente, ele solta uma exclamação animada.

Mas e voc Seu pai acabou de me contar. Bolsa integral numa resid ncia de escrita Nem se compara ao empreguinho ue eu consegui.

Ah, imagina balanço a cabeça, envergonhada. Minha humildade não tão elegante uanto a de ill. Tamb m dei sorte.

De eito nenhum retruca ele, um pouco exaltado, e uma mudança bem-vinda em relação ao tom polido ue vinha mantendo at agora. Eu não ia nos seus saraus de poesia só por ue ramos amigos. Eu adorava. Ele faz uma pausa. Sinto falta desses eventos. Ele ergue o olhar para mim, e seu sorriso meio triste. Voc minha poeta favorita de todos os tempos.

Engulo algumas vezes, mas minha garganta continua seca.

Para com isso digo. muito, *muito* gentil da sua parte.

Na verdade, não. Não . ill enfia as mãos nos bolsos. Deveria ter dito isso antes.

Ah.

Esse novo sil ncio diferente. Melancólico.

ill pigarreia.

Nossa, ue bom ue o clima tá agradável

Odeio isso solto de repente.

Eu tamb m concorda ele, de imediato.

Parece aliviado. Seu olhar agora uente e familiar. A muralha de pedra ue construí no meu peito racha.

Voc fez a tatuagem no seu aniversário, no fim das contas pergunto.

ill demora um pouco a eitando as abotoaduras.

Não responde enfim. Então me encara. Mas pelo visto voc fez.

Ele toca a pe uena lib lula no meu pulso.

Mas não foi nosso T. Rex. continua, e então fica uieto por um instante. Por ue uma lib lula

Eu me afasto do alcance de ill, esfregando os res uícios de seu to ue do meu braço. Mantenho os olhos no chão.

Lib lulas sobrevivem há trezentos milh es de anos. Suas asas são transparentes, e ual uer criança poderia esmagá-las, mas elas são resilientes.

Observo minha tatuagem. um lembrete de ue eu tamb m sou Encontro os olhos de ill, e minha muralha se racha ainda mais. Voc saberia tudo isso se tivesse lido minha zine.

Uma emoção perpassa o rosto de ill.

Alex

Balanço a cabeça.

Deixa pra lá engulo em seco e me esforço para mudar de assunto. E aí... voc acha ue vai gostar de Nova ork

A pergunta parece pegá-lo de surpresa. ill inclina a cabeça, estudando meus olhos.

Claro responde. Por ue não gostaria

Só isso Voc vai levar uma vida incrível e badalada de consultor

Senti sua falta ele me interrompe.

Congelo. De repente, tenho ue me obrigar a engolir a raiva. Corro para conter os vazamentos, vedando as rachaduras na muralha do meu peito conforme respiro fundo.

Posso te levar ao aeroporto amanhã pergunta ill diante do meu sil ncio.

Já combinei com a elena. Mas obrigada.

ill torce os lábios.

Sabe os olhos dele brilham com urg ncia. Ele faz a uela cara de peixinho-dourado, abrindo e fechando a boca, como se uisesse dizer algo mas não conseguisse. No fim, aperta os lábios e abaixa a cabeça. bom te ver.

Mordo a bochecha e faço uestão de olhar o horizonte, não o rosto dele.

sempre bom reencontrar um velho amigo respondo.

Em algum lugar, um sino toca.

ltima rodada avisa o bartender.

Endireito a postura e o sorriso, e ill faz o mesmo. Assumimos nossas máscaras sociais outra vez.

Alex, eu por um momento, ve o uma expressão de desespero cruzar seu rosto. Ele leva a ponta da língua ao canto da boca. Espero ue voc faça

um sarau lá pelas minhas bandas algum dia.

Assinto cinco ou seis vezes antes de dizer:

Bom, talvez voc d alguma consultoria perto de mim no futuro.

ill dá uma risada, mas soa triste, mesmo para os meus ouvidos.

Meus pais estão se preparando para ir embora. Os garçons recolhem a louça e começam a empilhar as cadeiras.

Tenho ue ir digo.

Eu tamb m.

Foi ótimo te ver, ill.

Foi ótimo te ver tamb m, Alex.

Devagar, como se me desse tempo para recusar, ele abre os braços e dá um passo frente, me convidando para um abraço.

Eu aceito.

Nós nos abraçamos, e por um instante tenho dezoito, dezenove, vinte, vinte e um anos, e como se eu estivesse revivendo todos os melhores momentos dos últimos uatro anos. Sinto cheiro de água salgada, protetor solar e *Will, Will, Will*.

Sei ue vou desabar em lágrimas assim ue entrar no carro, e chorar compulsivamente at chegar em casa.

Acordo com batidas na porta do apartamento. uando olho o relógio, solto um resmungo. São só oito da manhã. uase tropeço nas malas á prontas en uanto as batidas ficam mais fortes, mais insistentes.

eli, voc está *cinco horas* adiantada reclamo para a porta.

 uando abro, congelo.

Parado ali, com um braço apoiado no batente, todo desgrenhado, exausto e lindo, está ill Gray.

Sei ue um crime te acordar antes do meio-dia num sábado diz ele.

Mas não tinha certeza do horário do seu voo.

Fico chocada ao notar ue seus olhos estão tão inchados e vermelhos uanto os meus.

ill Puxo o ar. O ue voc está

Eu li, sim. Sua zine. ill apoia a cabeça no batente. *Frágil e feroz*.

Voc nunca foi frágil, ue fi ue bem claro. Apenas feroz. Tipo, eu sei ue a uestão ustamente poder ser as duas coisas ao mesmo tempo, mas Ele engole em seco. Voc autografaria um exemplar pra mim

Perco o fôlego, e á estou balançando a cabeça.

Não digo, minha garganta fechando. Ah, não. ill, voc tem ue ir embora.

Não faz isso, Alex implora ele. Não me manda embora.

Eu abraço meu próprio corpo com força.

Não tenho escolha digo com a voz rouca. *Preciso* mandar voc embora. Agora.

Por u

Não consigo não encarar os olhos grandes e sinceros de ill.

Por ue me forço a responder. Eu estava uase, talvez, *finalmente* começando a *pensar* ue um dia eu conseguiria te es uecer.

Uma dor terrível e familiar cresce dentro de mim.

Ah diz ele baixinho. Ah, Alex, não. Por favor, não faça isso. ill abre um sorrisinho triste. Por ue de eito nenhum eu vou conseguir es uecer voc .

Balanço a cabeça de um lado para o outro. Mordo o lábio inferior para impedi-lo de tremer.

Não acredito em voc sussurro, por ue at *eu* tenho algum instinto de autopreservação.

Não posso te culpar murmura ill, lamentando. Depois do ue eu Não posso te culpar. Ele passa a mão pelo cabelo, deixando-o todo espetado, como a folha de uma palmeira. Eu bem ue merecia ue voc me es uecesse agora mesmo. Seria mais do ue usto eu ser obrigado a te amar de longe, at ue perdesse o cabelo, os dentes, a visão, e sobrasse só um par de orelhas. Ele franze a testa. Não uis soar tão Parece ue estou me fazendo de coitado, não isso ue Estou estragando tudo

 ill. Voc disse amar

Ele me encara, os olhos arregalados, o rosto vulnerável, as mãos tr mulas.

Sim, Alex. Eu disse. Mas antes, eu ueria dizer Eu *deveria* ter dito ue eu sinto muito, muito, *muito* mesmo. ill balança a cabeça, pesaroso.

Nesse último ano, tive bastante tempo pra pensar. Bastante. Não demorou

pra eu perceber ue tinha sido covarde pra caralho. Eu disse coisas ue não ueria dizer por ue estava morrendo de medo de te perder. Ele passa a mão pelo rosto. E te perdi do mesmo eito.

Meus olhos ardem.

Will.

Não consigo parar de balançar a cabeça. ill dá um passo cauteloso na minha direção.

 Eu percebi diz ele, dando mais um passo ue estou desesperadamente outro passo , loucamente e mais um passo , perdidamente ill para diante de mim, e uando toca meu rosto, aceito o carinho, meus olhos transbordando. apaixonado por voc , Alex. Ele se inclina e encosta a testa na minha. E á faz um bom tempo.

Engulo em seco.

Então, uando estávamos no par ue de divers es

Eu ueria ter ganhado todos os ursos de pelúcia pra voc .

E uando eu me declarei

Passei todas as noites desde então revivendo tudo na cabeça, palavra por palavra.

 ill parece destruído. Seu cabelo está uma bagunça. á olheiras sob seus olhos. As roupas estão amassadas.

E ele nunca esteve tão lindo.

Voc está falando s rio digo. Não sai mais do ue um sussurro rouco.

 Estou declara ill solenemente. Mesmo se voc não me uiser, voc ue eu uero. Ele invade meu espaço, e me agarro ao seu corpo, tremendo.

S rio indago, á sem defesas.

S rio confirma ele. Mas se a gente seguir adiante, voc nunca mais vai conseguir se livrar de mim.

Então eu finalmente posso te chamar de namorado

Só se eu puder te chamar de alma g mea diz ill suavemente, e então me bei a.

O CARDIGÃ EM QUESTÃO

Julie Murphy

Playlist: "Cardigan"

VOCÊ VIU ESTE CARDIGÃ?

Meu Cardigã Preferido



Cor: marfim ★ Tecido: tricô com tranças

Detalhes adicionais: sem etiqueta, letra J bordada dentro da gola, furo do tamanho do dedão na costura interna do braço esquerdo, botões marrons de madeira, o terceiro botão foi trocado por um de estrela vermelha.

Visto pela última vez: 3 de outubro, na cafeteria Café e Coragem, no meio da tarde.

Recompensa: 200 dólares

Favor entrar em contato com Betty Connors pelo e-mail SOScardiga@mail.net caso tenha qualquer pista ou informação.

COLO O ÚLTIMO CARTAZ NO mural do alo amento, em meio a anúncios de aulas particulares, divulgação de vários clubes e um aviso da manutenção do pr dio

pedindo para pararem de ogar absorventes internos no vaso, por ue o encanamento arcaico não aguenta. (*Arcaico* a minha opinião, o Setor de Moradia da Universidade South Pine definiria apenas como *original*.)

Ao sair do alo amento err, pronta para encarar a ventania, sou recebida por um dia agradável de outono, raridade no norte do estado de ashington. Ainda assim, cruzo os braços ao redor do corpo, por ue, sem meu cardigã, eu me sinto nua. Como se o frio me perseguisse.

Estou acostumada com os olhares das pessoas. impossível ignorar a mancha vermelha ue ocupa metade do meu rosto. Sigo outras pessoas nas redes ue tamb m t m marcas de nascença vasculares. Pessoas mais cora osas do ue eu. ue fazem ma uiagens supercriativas para destacar suas marcas, ue recitam poemas comoventes, ue falam sobre amar ustamente o ue nos torna diferentes. Elas promovem *conscientização*. Se a lá o ue isso signifi ue. Para ser sincera, consci ncia o ue não me falta. Na verdade, s vezes tudo o ue sinto.

Mas ho e, sem meu cardigã, sinto ue estou me encolhendo ainda mais, e a falta dele me faz pensar ue estou chamando mais atenção do ue de costume.

Enrolo ao máximo durante o dia. Leio em cada canto aconchegante da biblioteca. Peço um latte no Caf e Coragem em uma caneca de cer mica só para ter uma desculpa para me sentar e beber com calma. Pergunto barista pela terceira vez na semana se meu cardigã apareceu. Dou uma olhada na caixa de achados e perdidos do centro estudantil, e em alguns outros pr dios tamb m. Confiro novamente se os outros cartazes ue pendurei ainda estão no lugar.

 uando enfim volto ao alo amento, á passa das oito da noite, e minha colega de uarto, Lyra, está assistindo a um filme no notebook com o namorado dela. Os dois não se dão o trabalho de usar fones de ouvido, então pego uns salgadinhos e levo meu notebook para a área comum, onde pretendo fazer o trabalho de tica cu o prazo só da ui a seis semanas.

Outros estudantes circulam ao meu redor, completamente alheios a mim, at ue eu levanto o olhar e eles acabam vendo o lado do meu rosto com a marca de nascença. Eles me encaram por um instante, e então desviam o olhar.

 uando finalmente vou dormir, Lyra e o namorado estão debaixo das cobertas. Pelo menos estão tentando não fazer barulho. Cochilo ainda com os

fones, assistindo a *O Hobbit* pela milion sima vez.

Estou prestes a cair num sono profundo en uanto Thorin Escudo de Carvalho fala sobre lealdade e honra e um coração disposto, uando meu celular vibra com uma notificação, e cubro a cabeça com as cobertas para ler. Meu coração uase para ao ver o assunto do e-mail.

Assunto: O cardigã em questão

Betty, acho que tenho algo do seu interesse. Se puder, me encontre no Café e Coragem amanhã, entre 14h/15h. Estarei usando o cardigã.

A

ã, oi a palavra sai em tom de pergunta, mesmo ue eu se a capaz de reconhecer meu cardigã em ual uer lugar.

A garota misteriosa, cu o e-mail está aberto no meu celular, está sentada perto da anela, observando o gramado.

Puxo o ban uinho ao lado dela en uanto reviro minha bolsa carteiro.

um, sou a Betty. Trouxe sua recompensa

Eu não disse ue concordava com seus termos.

Levanto a cabeça de repente, e então a ve o de fato. Está usando coturnos bordô, e seu cabelo escuro desgrenhado forma cachos na altura da gola do meu cardigã. Seu short eans minúsculo e está dobrado nas barras, como se estivesse numa guerra constante contra suas coxas grossas. A meia-calça verde-oliva ue usa por baixo transparente e não parece es uentar muito. A camiseta branca está cheia de buracos, e seu rosto redondo de pele perfeita não carrega nenhuma ma uiagem, exceto o batom azul-escuro, uase preto. Ela deslumbrante. O tipo de beleza ue me faz uerer ficar olhando, absorvendo.

Foi bem ousado da sua parte aparecer vestindo ele, aliás murmuro, sem rodeios. Acho ue nunca fui tão direta. Posso te arran ar mais uns cem dólares.

O dinheiro da recompensa foi um presente de aniversário ue ganhei m s passado. Eu poderia pedir mais para a minha mãe, mas aí teria ue explicar

por ue esse cardigã tão importante para mim.

Eu me acomodo ao lado da garota, e ela dá de ombros, analisando meu rosto, seu olhar percorrendo minha marca de nascença.

Perdeu alguma coisa pergunto.

Ela ri, um som melódico ue faz minhas bochechas corarem en uanto espio discretamente ao redor para ver se estamos chamando muita atenção.

Só te achei bonita.

Voc não precisa dizer isso só por ue peguei voc olhando pra minha

Gesticulo para a mancha avermelhada. O ue voc uer Preciso do meu cardigã de volta.

Ela me observa por um momento, começando pela mancha de nascença, mas depois seu olhar desliza para meus lábios e desce pelo meu corpo. Estou usando eans largos e uma camiseta listrada. Nada interessante.

Eu gostei do cardigã diz ela. Gostei tanto ue não uero devolver.

Aperto os lábios, e sinto os olhos arderem só de pensar em não recuperá-lo. Mesmo ue, caramba, fi ue muito bem no corpo curvilíneo dela. O cardigã se a usta a ele, em vez de só ficar pendurado como acontece comigo. o meu bem mais precioso e eu nem fico bem nele.

Reúno o máximo de autoridade ue consigo.

Não vai rolar.

Os olhos castanho-claros dela brilham de empolgação.

ue tal tentarmos guarda compartilhada

Não disparo, e então, depois de um instante, acrescento: Como isso funcionaria O cardigã meu e ponto-final

Me dá uma chance. Tr s encontros prop e ela. Voc sai tr s vezes comigo. E pode usar o cardigã durante os encontros. ue tal

Mas e *depois* dos tr s encontros

Nem acredito ue estou levando isso a s rio.

A custódia volta para a dona original.

Eu me sinto como um brin uedo. Como se estivessem tirando sarro da minha cara. Como se eu fosse a garota ue foi convidada para o baile de formatura como pegadinha.

Por ue voc não aceita logo o dinheiro

Ela balança a cabeça e levanta, com um matcha gelado bebido pela metade

na mão.

Não, não vai rolar. Fica de olho no seu e-mail, Betty.

Eu nem sei seu nome grito atrás dela.

Augustine responde a garota. Mas pode me chamar de August.

August está usando meu cardigã de novo en uanto espera do lado de fora do Canto Pranto, um bar de karaok onde eu nunca havia cogitado pisar, por ue não consigo pensar em nada ue poderia me causar tanta vergonha alheia uanto karaok .

Achei ue voc ia chegar bem mais cedo comenta ela en uanto tira o cardigã e o estende para mim, pendurado num dedo.

Cheguei um ou dois minutos antes, mas ela está certa. Estou sempre adiantada.

Meu corpo inteiro relaxa de alívio uando visto a peça familiar por cima do meu vestido bordô de alcinha com estampa de flores meio hipnótica.

Só decidi ue ia vir mesmo uns dez minutos atrás. Não gostei de ter sido chantageada pra vir a um encontro, e definitivamente não tenho o menor interesse em karaok .

August está usando meias sete-oitavos de tricô verde-escuro e uma camiseta oversized ue diz *energia de gostosa*. Não sei se devo ficar impressionada com a coragem de usar algo assim em público ou com vergonha por ela. Eu sou tão careta.

Ela abre a porta para mim e gesticula para eu entrar.

Primeiro as damas.

bobo, mas eu fico vermelha. Escolho uma mesa perto da parede e longe do fluxo de gente indo se inscrever para cantar. Se August acha ruim irmos a um lugar mais reservado, não diz nada.

A mesinha bistrô aconchegante, mas fica ainda mais uando August arrasta a cadeira para sentar ao meu lado, em vez de na minha frente. A perna dela esbarra na minha ao sentar, o ue me faz sentir um frio na barriga.

Voc ficou maravilhosa com esse vestido sussurra ela depois ue a garçonete anota nosso pedido de bolinhas de uei o acompanhadas de Coca ero para ela e um chá gelado para mim.

mm, obrigada. O cardigã cai do meu ombro, e o olhar dela en uanto me observa a eitá-lo de volta, como se eu tivesse cometido um crime ao me cobrir de novo, faz meu corpo es uentar. Geralmente só uso este vestido com o cardigã, então fico feliz ue voc tenha cumprido o acordo.

August só responde com um murmúrio baixo.

Como voc sabia ue eu sou l sbica pergunto.

Ela sorri.

Eu não sabia. Mas sonhar não custa nada, n Então voc

Dou de ombros.

Acho ue sim. A teoria ainda não foi propriamente testada.

A garçonete volta com nosso prato gorduroso de bolinhas de uei o e as bebidas.

Betty Connors, voc está dizendo ue a primeira vez ue sai com uma garota

Gesticulo para minha marca de nascença.

Pouca gente consegue ignorar isso.

Não ve o nada a ser ignorado, pra falar a verdade.

Não consigo evitar revirar os olhos.

ual a sua pergunto en uanto ouvimos as primeiras notas de drivers license , da Olivia Rodrigo. Esse monte de elogio tem cara de *love bombing*.

August ri.

tão errado assim dizer pra garota com uem voc está saindo ue ela uma gata

Minhas bochechas ueimam e, como sempre, o calor se espalha mais rápido pela minha marca, ue fica cada vez mais pigmentada.

Tá vendo digo. Isso tão

Se voc uer ue a gente sobreviva a tr s encontros, vai ter ue superar esse complexo. Agora me conta sobre o cardigã.

só um cardigã respondo. Nada de mais. Apenas gosto muito dele.

August estreita os olhos, me analisando.

uma recompensa e tanto ela abre o cardigã, os dedos roçando minha cintura e se demorando ali por um instante antes de pegar a eti ueta da costura interna. para um tecido praticamente sint tico. Ele tem valor

sentimental

Vai cantar alguma música pergunto, mudando de assunto. Ou só gosta de assistir a outras pessoas passarem vergonha

Seus lábios grossos e macios se abrem num sorriso divertido en uanto ela confirma com a cabeça. o e August não está de batom escuro. Só um gloss suave, e acho ue gosto mais assim. Não vou bei á-la. Claro ue não. Mas não vou negar ue passei um bom tempo me perguntando se bei á-la com a uele batom escuro ia me deixar toda borrada.

Vou cantar uma pra voc , Betty ela se aproxima para sussurrar. Algum pedido especial

Me surpreenda respondo, e ela parece gostar da resposta.

Observo en uanto ela desfila at a prancheta de inscriç es, toda confiante, escrevendo seu nome e a música sem pensar duas vezes.

uando ela volta, decido entrar no clima do encontro, por ue sinto ue, se não fizer isso, essa garota vai passar a noite inteira me bombardeando com perguntas.

Voc da ui pergunto.

Connecticut responde ela. Bridgeport.

Ah, nossa digo, imaginando a folhagem exuberante do outono se curvando sobre ruazinhas de apar ncia rom ntica.

Ela balança a cabeça.

Não esse tipo de cidade diz August. Sabe a uela s rie *Family Guy?* Tem um episódio ue descreve Bridgeport como a terra dos pr dios abandonados e postos de gasolina decadentes, então não tem nada a ver com o cenário de *Gilmore Girls* ue voc deve estar imaginando.

Bom, ainda assim deve ser mais interessante do ue fazer faculdade na cidade onde voc cresceu.

Aaah, sim, mas pelo menos a ui lindo. Voc praticamente cresceu dentro de um filme de *Crepúsculo*.

Dou risada.

Acho ue os Cullen não teriam fre uentado o bairro onde eu cresci. Tinha um buraco no estacionamento do meu condomínio ue virou uma cratera.

Cair num buraco um dos meus maiores medos comenta ela, os olhos

arregalados e s rios. Logo depois de prender o cadarço numa escada rolante.

Meu Deus uando eu era criança, me recusei a usar cadarços por dois anos por ue achava ue ia morrer numa escada rolante.

um medo totalmente legítimo diz August, empurrando o prato para eu pegar a última bolinha.

E agora anuncia o bartender , August vai cantar Call Me Maybe , da Carly Rae Jepsen

Solto uma risada e ela vira para mim, apontando para a própria bochecha.

Um bei inho de boa sorte

Por ser uma uarta noite, o bar está bem vazio, mas ainda sinto olhares demais me encarando, então digo a mim mesma ue por isso ue cedo, e não por ue uero sentir a pele dela nos meus lábios. O bei o tão rápido e singelo ue poderia ser um gesto entre amigas, mas a bochecha dela macia e tem cheiro de am ndoa.

August dispara em direção ao pal uinho.

Uhuuuuul a garçonete solta, encora adora, en uanto retira nosso prato vazio. Adoro essa música.

August pega o microfone e vira de costas para a plateia, fazendo uma pose com o uadril para o lado. Ela se move no ritmo da batida en uanto canta os primeiros versos da música, com a mão livre subindo e descendo em arcos, os dedos dançando.

A multidão vai loucura uando ela vira para a frente cantando a frase icônica:

Hey! I just met you…

Sinto inve a de sua autoconfiança e, ao mesmo tempo, vergonha e um calor estranho ao pensar ue ela está a ui comigo. o pior pesadelo de uma introvertida. Mas de alguma forma, August me lembra Jamie. como se ela estivesse pronta para me levar em suas aventuras e ser a barreira entre mim e o mundo uando eu mais precisasse.

Ou talvez se a só coisa da minha cabeça, por ue uando chega o refrão de novo, ela aponta pra mim e vem pulando entre as mesas na minha direção.

O ue voc tá fazendo sussurro, torcendo para ue o chão se abra e me engula.

Ela afasta o microfone da boca, en uanto os funcionários e algumas pessoas continuam cantando.

Uma serenata pra voc responde August.

Isso tão constrangedor reclamo, escondendo o rosto com as mãos.

Ela enrola uma de suas unhas pretas e perfeitas num dos meus cachos castanhos en uanto cantarola mais um verso antes de afastar o microfone de novo.

nada. A escala de constrangimento diferente no karaok . Na verdade, a ui eu sou superdescolada. Estou arrasando, inclusive. August afasta minhas mãos do rosto e me puxa pelo pulso. Vem dançar comigo

Não eu grito, mas ela á está me colocando de p .

Estamos num encontro, Betty isso ue as pessoas fazem.

Sinto minha marca de nascença es uentar, mas agora ue estou de p , deixo ue August me conduza, como se ela fosse uma correnteza e o melhor ue eu pudesse fazer fosse seguir o fluxo.

Sua mão desliza pela minha cintura e sobe pelas minhas costas, por baixo do cardigã. Seu to ue penetra as muralhas ue me são tão familiares e reconfortantes, como se ela recusasse ual uer versão minha ue não fosse a mais íntima. A versão ue ficou feliz em se esconder embaixo desse cardigã desde o dia ue Jamie me deixou.

A música termina, e ela devolve o microfone sem me soltar. A próxima pessoa canta uma versão meio enrolada de Leaving on a Jet Plane .

August encosta a bochecha na minha, suas palavras fazendo cócegas na minha orelha conforme sussurra:

Viu só Nem foi tão ruim.

Estou tendo flashbacks das aulas de educação física do fundamental murmuro en uanto August amarra o colete verde neon debaixo do meu braço.

Descobri ue sair com algu m o pior pesadelo de pessoas caseiras, mas acho ue o encontro desta noite, um ogo de esconde-esconde pelo campus inteiro, foi pensado para testar meus limites.

Seu professor de educação física fazia a turma brincar de esconde-esconde no meio da noite pergunta ela en uanto se vira para ue eu

amarre seu colete tamb m, ue mal cobre seu torso. Fico sem fôlego uando meu dedinho encosta na curva do peito dela. Com um sorriso, ela acrescenta:

Não repara nos meus peitos gigantes. Eles costumam atrapalhar.

Meu rosto cora en uanto gague o:

S-são bonitos.

Nossa, voc não perde tempo

Cala a boca retruco.

Não vou, obrigada. Adoro te deixar vermelha.

Ergo a mão para cobrir minha bochecha com a marca de nascença, mas seus dedos envolvem meu pulso e a afastam. Ela tamb m não me solta en uanto a veterana explica as regras do ogo num megafone. á treze duplas ue vão se esconder, e duas pessoas ue vão procurar.

Temos ue ficar dentro de um perímetro pr -estabelecido, e não podemos entrar em nenhum pr dio. Conforme as duplas vão sendo encontradas, elas se untam busca pelas demais. uando doze duplas forem encontradas, uma mensagem de texto será disparada para ue a d cima terceira dupla saia do esconderi o e reivindi ue o pr mio dois vales-presentes (muito cobiçados) do Naan Me Deixe, o restaurante indiano mais bem-avaliado da cidade, ue aceita pedidos para retirada at duas da manhã.

O apito soa e August solta um gritinho.

Pra onde vamos

Seu p nico repentino inesperado e um tanto encantador.

Pra onde vamos devolvo a pergunta. Foi voc ue me arrastou pra cá.

Os dois ogadores ue vão procurar estão de costas para o centro estudantil e começam a contagem regressiva a partir de cem.

Agora sou eu uem a está puxando pelo pátio.

Algu m á te disse como voc fica sexy uando toma a iniciativa

Dou uma risada en uanto passamos por uma dupla se escondendo na fonte dos fundadores da faculdade, temporariamente esvaziada, e então dou uma olhada no celular. São onze e meia, o ue significa ue a fonte não vai ficar vazia por muito tempo.

Será ue devo avisar a eles ue a fonte drenada automaticamente todo sábado s dez da noite e enche novamente meia-noite

De eito nenhum. cada dupla por si responde August en uanto me segue, animada.

Esta noite, ela está usando um casaco preto, um su ter roxo cropped, e eans largos ue deixam mostra um pe ueno piercing no umbigo, enfeitando a barriga saliente. Jamie teria adorado August, assim ue superasse o fato de as duas serem igualmente teimosas.

Nós saímos do perímetro pergunta ela conforme a conduzo pelos degraus atrás da biblioteca.

Sim, mas não por muito tempo.

August se sobressalta.

Betty Connors está roubando

Eu amais roubaria sussurro. As regras diziam ue tínhamos ue *nos esconder* dentro da área delimitada. Mas não falavam ue não podíamos sair do perímetro do ogo para *chegar* ao nosso esconderi o.

A biblioteca fica no alto de um morro, e damos a volta at o muro baixo dos fundos. No gramado lá embaixo, há um enorme carvalho branco. Dessa altura, conseguimos nos esgueirar direto para um dos galhos mais altos.

Se nos sentarmos nessa árvore, o esconderi o tá valendo.

E voc não ueria simplesmente escalar a árvore uestiona ela en uanto testa a resist ncia de um dos galhos, primeiro com um p , depois o outro.

Você ueria

Bom argumento.

Depois de algumas manobras, nós duas nos acomodamos num galho curto e espesso, nossas coxas se tocando do uadril ao oelho. August ue está encostada no tronco, então preciso me apoiar nela.

Então vamos apenas nos sentar a ui e esperar sussurro.

Bom, a missão agora se esconder.

 uanto tempo deve demorar

Ouvi dizer ue algumas partidas no ano passado duraram at o amanhecer.

Solto um resmungo tão dramático ue me dese uilibro, e August me segura imediatamente, o braço ao redor da minha cintura.

Tenho medo de altura choramingo.

Foi voc ue escolheu se esconder nesta árvore ela me lembra. Está escuro demais para nos vermos direito, mas August deve sentir meu nervosismo, por ue parece tentar me tran uilizar uando diz: Não olha pra baixo, tá

Tá bom.

Fecho os olhos e então me viro para olhar para ela. Ve o apenas uma sombra, mas então ela sorri, e os dentes refletem o brilho da lua.

Me conta sobre o cardigã pede ela.

Não há nada pra contar.

August suspira.

 ual o problema segredo de Estado Tá. Vamos tentar assim: eu vou fazendo perguntas sobre o cardigã e desvendando esse mist rio sozinha. Voc só precisa responder com uma frase de cada vez.

E se eu não uiser responder

Daí vai ter ue me dar um bei o pra cada pergunta ue pular.

Deixa eu ver se entendi. Voc está mantendo meu cardigã como ref m

Não estou. Voc está vestindo ele agora, não está

Bom, só por ue voc está *me* mantendo como ref m.

Não se a tão dramática. Voc me ofereceu uma recompensa financeira, e eu apenas recusei e propus uma recompensa diferente. E voc concordou.

E agora voc uer ue eu participe de um ogo de perguntas ue não me beneficia em nada

August solta um suspiro tr mulo.

Por mim tudo bem ficar sentada nessa árvore com uma garota bonita. Mas imaginei ue poderíamos aproveitar esse tempo pra nos conhecermos melhor. Se voc está tão decidida a acabar logo com isso, beleza. Eu só a voz dela assume um tom decepcionado. Eu só fui idiota de pensar ue talvez August balança a cabeça. Sempre fico a fim das pessoas erradas. Pra piorar, nunca consigo ser sutil.

Por um instante, ficamos ali em sil ncio, e me dou conta de ue a coragem dela em se mostrar vulnerável tem um preço.

Eu tamb m tenho direito a perguntas proponho, por ue August á cedeu bastante. Na verdade, para cada passo ue eu dei, ela deu vinte, e esse o maior esforço ue algu m á fez pra se aproximar de mim desde Jamie. A

cada resposta ue eu der, ganho o direito de te fazer uma pergunta tamb m.

Tudo bem concorda ela. Se eu me recusar a responder, ganho um bei o seu

Dou risada, alto demais para um ogo de esconde-esconde, mas ningu m parece ter vindo para essas bandas ainda.

Não, nada me garante ue voc não tiraria proveito disso.

Ela suspira.

Tem razão. Primeira pergunta: o cardigã sempre foi seu

Tecnicamente, não.

O ue voc uer dizer com

Nem vem, agora minha vez. Como voc encontrou o cardigã

Eu vi uando voc es ueceu na cadeira no Caf e Coragem.

Não consigo ver a cor de suas bochechas, mas pelo tom de voz, ela parece estar envergonhada.

Fico bo uiaberta diante da resposta, e á uero fazer outra pergunta.

Ela dá uma risadinha, passando a língua pelo lábio.

De uem era o cardigã antes de ser seu

Da minha melhor amiga, Jamie.

Uma ra ada de vento atravessa os galhos da árvore, fazendo algumas folhas se soltarem e flutuarem at o chão. Está esfriando, e sei ue minha marca de nascença está escurecendo, do rosa ao vermelho, do vermelho ao roxo.

Ela deu pra voc

Balanço a cabeça.

Não. E agora tenho direito a duas perguntas.

Minha visão se acostumou com a escuridão o suficiente a ponto de eu notar August revirando os olhos.

Ou então poderíamos tentar simplesmente ter uma conversa normal.

A escuridão ue nos recobre me dá uma falsa sensação de coragem, então retruco:

Mas aí como voc cobraria os bei os

Ela se inclina na minha direção, o nariz uase encostando no meu, a voz meio rouca:

Então continua. Faz sua pergunta.

Por ue voc simplesmente não foi atrás de mim pra devolver o cardigã

Por ue eu ueria ter um motivo pra falar com voc na próxima vez ue te visse.

Na próxima vez ue me visse

Essa a sua segunda pergunta uestiona August, mas responde antes ue eu possa confirmar. Por ue eu á vinha observando voc tomar seu latte de aveia com caramelo e maçã havia um m s, e estava cansada de ser só uma espectadora. Por ue o cardigã está com voc se a Jamie não te deu

Por ue ela está morta demais pra usar.

uma das poucas vezes ue digo em voz alta ue Jamie está morta, e odeio a sensação. Torna tudo irreversível.

Ah. Ela pigarreia. ue merda. Tenho certeza de ue á ouviu isso várias vezes, mas sinto muito.

August cobre minha mão ue segura o galho com a dela, e aperta de leve.

Obrigada falo baixinho. Por ue voc não veio falar comigo antes Voc não nem um pouco tímida.

Seu dedão traça círculos sobre a minha mão.

Achei ue voc se assustaria fácil. Como Jamie morreu

Inspiro fundo, e minha respiração vacila uando solto o ar.

O carro dela caiu de um penhasco. ramos melhores amigas desde pe uenas, e só tínhamos nos declarado uma pra outra alguns meses antes. Tivemos um encontro de verdade no meu aniversário. Ela me deixou em casa e depois fez uma curva rápido demais.

ue merda murmura August.

Pois . Um eito bem dramático de partir. Um sorrisinho triste se acomoda em meus lábios. Não esperava nada diferente dela, pra falar a verdade.

Voc ainda está apaixonada por ela

Não sei se parei de acompanhar nosso oguinho ou se só estou precisando desabafar. Contar essa história para algu m ue não a conhecia e ue pode ouvir esse drama todo e pensar em mim, e só em mim. A uieta. A es uisita. A ue tem o rosto desfigurado. Por ue, para todos ue nos conheciam, a garota errada morreu.

Sei a resposta da pergunta de August, mas não uero dizer em voz alta. Por ue sim, eu estava apaixonada. Mas não, não estou mais. Pelo menos não

ativamente. Dois anos depois de tudo ue aconteceu, com o passar do tempo, a sensação de ue ela está cada vez mais distante só se intensifica. E com isso vem a culpa. A cada manhã em ue ela não a primeira coisa em ue penso, me castigo mentalmente.

Eu estava digo, por fim. Mas agora, uando imagino meu futuro, ela não está mais lá. Me ve o arrumando um emprego, comprando uma casa, me apaixonando, e meu c rebro á não inclui Jamie em tudo automaticamente. Isso me torna uma pessoa horrível

Não responde August baixinho. De eito nenhum. Não dá pra ficar parada en uanto a vida continua.

Acho ue estou cansada disso admito. De ficar parada. Esperando.

O sil ncio se prolonga o suficiente para ue August se aproxime de mim, hesitante. Avanço um mero centímetro. Por ue tenho medo. De cair dessa árvore. De bei ar algu m ue não se a Jamie. De gostar mais ou menos.

Sua mão encontra meu maxilar, e seu polegar massageia o ponto sensível atrás da minha orelha. Nossas testas se encostam e August me observa com tanta intensidade ue preciso fechar os olhos, por ue sua atenção um calor ardente ue vai aumentando at se tornar insuportável.

Os lábios de August vão de encontro aos meus, entreabrindo-os. um movimento lento e curioso conforme ela espalha bei os pelo canto da minha boca e então no meu nariz antes de voltar aos meus lábios. Sinto um fervor tomando conta de mim. Nunca na vida senti algu m me dando tanta atenção.

Suspiro contra sua boca uando a língua dela toca a minha, e o bei o se aprofunda conforme a urg ncia aumenta. tudo ue eu temia ue fosse. Nossas bocas estão uentes e ávidas, e cravo meus dedos em seu ombro e em sua cintura uando solto o galho, de forma ue August meu único apoio. Ela a única segurança ue tenho a ui em cima, a uns tr s metros do chão. E em vez de meu medo de altura atrapalhar tudo e arruinar o momento, percebo ue me inclino ainda mais para ela. August tão firme uanto a árvore.

Eu me perco no momento e não consigo entender por ue demorei tanto para bei á-la. Ou ual uer outra pessoa. Mas principalmente ela.

Suas mãos descem pelo meu pescoço e sob a gola do cardigã e

Jamie.

Droga.

Eu me afasto rápido demais e uase caio de cara no chão.

Eu eu preciso ir.

O ogo ainda não acabou diz August, a voz meio perdida. Confusa.

Não sei se ela está falando do esconde-esconde ou do oguinho de perguntas ue logo evoluiu para o ue deve ter sido o melhor bei o da minha vida. Um bei o tão avassalador ue a lembrança do bei o de Jamie fica ainda mais distante, e me odeio por isso.

Tenho ue amá-la para sempre. Não isso ue a pessoa ue ficou para trás deve fazer Viver em função da memória de uem se foi. Vestir seu cardigã favorito o ue a gente achou num brechó na poca do fundamental e vagar por esse mundo, á ue ela não pode mais fazer isso. Não são os mortos ue viram fantasmas, mas os vivos ue são abandonados. Essa a minha penit ncia.

Eu me atrapalho para descer da árvore e do muro, e se não estivesse tão transtornada, teria ficado impressionada com a minha falta de cuidado para não cair.

Agarro o cardigã, tentando tirá-lo o mais rápido possível, mas o maldito colete do esconde-esconde atrapalha. Não consigo lidar com esses encontros, e talvez devesse deixar August ficar com ele de uma vez. Essa situação parece uma traição tão grande a Jamie ue talvez eu nem mereça usá-lo.

A ui digo em p nico. Pode ficar. seu.

August está logo atrás de mim, descendo da árvore.

Aonde voc vai pergunta ela en uanto empurro o cardigã contra seu peito.

August balança a cabeça uando não respondo.

Não. Não vou levar seu cardigã, Betty. Eu ueria sair com voc , tá Eu gosto de voc . Muito. Não tem nada a ver com esse cardigã idiota. Ela o empurra de volta para os meus braços.

Minhas bochechas estão encharcadas de lágrimas, e uero explicar tudo a ela, mas malu uice demais e á passei vergonha o suficiente. Não consigo me imaginar dizendo essas coisas em voz alta, vendo-a me encarar como se eu tivesse perdido completamente a cabeça. E eu perdi. Perdi mesmo. só perguntar para os uatro terapeutas para uem minha mãe me mandou nos últimos dois anos.

Já ue tudo ue eu tenho e tudo ue amais terei, pego o cardigã e saio da proteção da árvore, correndo aos tropeços at o alo amento.

uando chego, Lyra está debaixo das cobertas com o namorado, e eu nem peço licença ou dou ual uer explicação. Tiro as roupas molhadas e me enrolo no cardigã com o fone nos ouvidos. Afundo na cama e imploro para a tristeza vir e aplacar a culpa, mas uando fecho os olhos, tudo o ue ve o o olhar intenso de August segundos antes de eu deixá-la me bei ar.

Passo o domingo inteiro na cama e mato aula na segunda e na terça. Me recuso a sair do dormitório, então Lyra vai para algum outro canto com o namorado e fico sozinha.

Na manhã de uarta, me arrasto para fora da cama e finalmente tomo um banho. uando volto, há um bilhete enfiado por baixo da porta.

B,

Passei os últimos dias repassando a noite de sábado sem parar, e não sei o que eu disse ou fiz, mas ainda quero cobrar aquele terceiro encontro. Gosto de passar tempo com você. Gosto que você seja tímida, mas que, por baixo disso, esconda uma pontinha adorável de mau humor. Gosto da sua marca de nascença, mesmo que você sempre vire o rosto para escondê-la. Gosto de como seus cílios roçam nas suas bochechas, e gosto do gosto da sua boca. Pode ignorar esse bilhete se quiser. Imagino que vá fazer isso, já que não respondeu nenhum dos meus e-mails, mas eu tinha que fazer uma última tentativa, porque qual é a pior coisa que pode acontecer, né?

Estarei na pousada Maribelle, no final do campus, no sábado às

sete da noite. Se decidir aparecer, capricha na roupa.

August

Enrolada na toalha, eu me sento na beirada da cama e vou passando pelos cinco e-mails ue perdi nos últimos dias, al m de algumas mensagens da minha mãe. Os dois primeiros e-mails são curtos e só perguntam se estou bem. Mas o terceiro longo e confuso, e nele August conta sobre o irmão caçula, ue morreu uando ele tinha só uatro anos. Ela fala sobre os pais, ue são donos de uma rede de lavanderias a seco. Conta ue dorme com a anela aberta mesmo uando está frio, ue uer estudar cer mica, ue ama os filmes da fran uia *Velozes e Furiosos* e ue, se não fosse tão gay, se casaria com o Channing Tatum por ue tem uma uedinha por homens meio golden retriever. E por garotas tímidas tamb m.

Na uela noite, ligo pra minha mãe, e ela diz ue a vovó Sandra está gostando da casa de repouso, e me pergunta se podemos almoçar no domingo, se eu não estiver muito ocupada. Ela sabe ue não estou ocupada. Nunca estou ocupada, mas ela sempre pergunta mesmo assim.

Carrego o bilhete da August no bolso pelos próximos dias e, no sábado, fico parada olhando para dois vestidos estendidos sobre a minha cama. Um verde-escuro, com decote coração e saia lápis. Usei para entrevistas nas universidades. O outro meu vestido de formatura um modelo rosa-claro esvoaçante de chiffon, com corpete usto e saia midi fluida. As mangas longas e bufantes dão um ar et reo. o tipo de vestido ue chama atenção, por isso o escolhi para a formatura, onde eu poderia escond -lo embaixo da beca e ainda assim aproveitar a sensação de usá-lo.

O rosa diz Lyra, distraída, en uanto tira um vestido branco minúsculo do próprio armário. Vou a uma festa com luz negra ho e noite. O ue acha

uase respondo ue acho ue ela vai passar frio, mas em vez disso comento:

Vai arrasar.

Ela sorri e me dá uma piscadela.

Voc está melhor

Assinto devagar en uanto seguro o vestido rosa contra o corpo e me observo no espelho.

Estou uase lá.

Eu a ve o antes ue ela me note. Está me esperando na entrada, usando um vestido azul-escuro de veludo ue se a usta aos uadris. Estrelinhas douradas piscam sob a luz fraca da varanda.

Ela retorce as mãos. Eu me aproximo, ainda sem ser notada.

Oi.

August ar ue a de surpresa, e então seu rosto se ilumina com um sorrisinho travesso.

Voc veio.

Desculpa disparo, as mãos subindo e descendo pelos braços.

Não por ue estou com frio, mas por ue deixei meu cardigã *o cardigã* no dormitório, bem guardado numa caixa debaixo da minha cama.

Ela faz um gesto com a mão.

Eu apressei as coisas. Sempre faço isso.

Chego ainda mais perto e seguro sua mão para tran uilizá-la. August não deve fazer ideia de como me sinto ousada fazendo isso.

Eu sou devagar demais.

Cad o cardigã pergunta ela.

Não combinava com o vestido.

Voc voltou pra mim. Sua voz suave e tímida.

Tinha muitas perguntas sem resposta. Não ueria ficar me perguntando e se .

August assente, mordendo o lábio.

 uero te bei ar de novo, Betty afirma ela. Mas desta vez, vou deixar voc decidir o momento certo, tá

Tá sussurro, embora tenha medo de acabar demorando demais para decidir. Eu não sei agir de outra forma. Minha capacidade de pensar demais

não tem limites.

Mas talvez, á ue consegui vir at a ui esta noite, com minha marca mostra, usando um vestido chamativo, encontrar uma garota ue me assusta pra caralho e me empolga na mesma medida Então talvez eu consiga ser cora osa. Talvez eu possa ser o tipo de garota ue bei a primeiro. Talvez seguir em frente não signifi ue es uecer Jamie, mas se lembrar dela e honrar sua ousadia.

 ue se dane sussurro antes de me inclinar e depositar um bei o suave nos lábios de August.

Ela sorri contra a minha boca.

Preferiu arrancar o band-aid de uma vez, n

Assinto e, uando me afasto, suas bochechas estão coradas e seus olhos brilham.

O ue viemos fazer a ui pergunto.

Ela aponta para a placa, onde se l : BEM-VINDOS AO CASAMENTO DE PETER E WENDY!

De onde voc conhece o casal

Ela me puxa pela porta da frente da pousada.

Não conheço responde, rindo. Vamos entrar de penetra.

O u Puxo o braço dela de volta.

Mas August balança a cabeça.

Nem pensar diz ela. Não assim ue essa história termina.

ERA UMA VEZ NO BAILE

Crystal Maldonado

Playlist: "Willow"

— NOSSA, CREDO — RESMUNGA Juniper Jones. Por ue tem uma árvore gigante e horrenda logo na entrada da formatura Já não basta não ter álcool na festa

Estou longe o suficiente de Juniper e Millie Barnes, sua melhor amiga, para ue elas não ouçam meu suspiro indignado. Não ue fossem se importar. Juniper Jones nunca ligou muito para os sentimentos dos outros.

Ainda assim. ue audácia debochar da decoração ue passei literalmente *meses* preparando.

Eu gostaria de responder ue um salgueiro-chorão feito de arame e papel mach , pensado para criar o clima de Era uma Vez no Baile na nossa festa de formatura com temática de floresta encantada. Cada galho coberto de luzinhas carrega uma s rie de papeizinhos cuidadosamente dobrados. Cada convidado pode pegar um desses pap is e ler sua sorte na noite ue está para começar. uma escultura tão detalhada ue os alunos de cenografia demoraram mais de seis semanas para terminar, e a uda a trazer um pouco de fantasia para nosso centro de conviv ncia sem graça.

óbvio ue Juniper não entendeu o conceito.

Acho ue pra gente pegar um papelzinho comenta Millie, apontando para o galho mais próximo.

Dando de ombros, Juniper arranca dois pap is da árvore.

Millie abre a dela primeiro.

O meu diz: Um talento secreto ue voc tem vai florescer esta noite . E o seu

Juniper pigarreia.

Faça uma pausa longa o bastante para notar as flores entre as ervas-daninhas . Ela revira os olhos, amassa o papel e o atira longe, como se fosse um inseto. ue idiota. Espero ue lá dentro este a menos cafona. Vamos.

As duas entram na festa, e sinto o sangue ferver conforme o papel da sorte de Juniper cai.

uem ue oga lixo no chão E ainda por cima num lugar decorado para parecer uma floresta encantada Vou at o papelzinho e o guardo com cuidado no bolso do vestido para depois descartá-lo no local correto. Então fico na ponta dos p s, estico o braço para a árvore e delicadamente tiro um papelzinho para mim.

Está escrito: *Alguém por perto está torcendo em silêncio por você.*

Mas nem preciso olhar ao redor para saber ue isso não verdade.

Com exceção de mim, o saguão está vazio. Todos os meus colegas á entraram na festa faz tempo. Mas fico a ui enrolando. Não uero entrar. Por ue terei ue encarar a realidade de ue vim para esse tão sonhado baile de formatura sozinha.

Gostaria de poder dizer ue meus amigos estão me esperando na festa *de verdade* ue vai rolar mais tarde, ou ue minha sala está cheia de Junipers com uem não vale a pena fazer amizade, mas nada disso verdade. A verdade ue não tenho amigos por ue passei o ensino m dio inteiro totalmente focada nos estudos.

Estava tão determinada a entrar numa boa faculdade e deixar minha mãe orgulhosa ue não consegui enxergar mais nada. Fi uei obcecada por aulas avançadas e um boletim impecável. Preenchi cada momento livre com mais estudo e prazos e cursos preparatórios para a faculdade, consumida pelos meus grandes planos para o ue viria depois do col gio. Ignorei todas as oportunidades de me divertir, e tenho plena consci ncia disso.

Ainda assim, at Juniper Jones foi formatura com uma amiga, e olha ue a uela ali a arrog ncia em pessoa.

A constatação da minha solidão me atinge em cheio, e meus olhos ardem com as lágrimas.

Preciso tomar um ar.

Levanto a barra do meu vestido longo cor de lavanda e caminho at as portas duplas por onde entrei, mas dou de cara com um aviso irritante ue eu mesma imprimi e pendurei. Está escrito: NÃO SE AVENTURE ALÉM DA FLORESTA! (O ALARME VAI DISPARAR SE AS PORTAS FOREM ABERTAS ANTES DAS 8H).

Pois . O baile de formatura começou, então as portas foram oficialmente trancadas. A turma inteira vai ficar presa a ui dentro pelas próximas doze horas, ou mais. Estou encurralada.

Minha visão embaça uando as lágrimas ue eu segurava transbordam. Ao ouvir passos, viro para a parede com uma fungada, secando os olhos, e tento recuperar a compostura.

Ah. Foi mal, De a uma voz grave diz. Não percebi ue voc ainda estava a ui.

 uando viro, fico surpresa ao ver Luca Cavill. E ele está perigosamente bonito.

Está vestindo uma camisa social verde-sálvia, gravata-borboleta preta e calças pretas. As mangas estão arregaçadas, então o tra e ainda mant m o estilo casual e descolado de Luca, arrematado pelo t nis Converse preto e branco. Ainda ue se a tradição usar roupa social na formatura, nem todo mundo faz isso, e acho fofo ue ele tenha se arrumado.

Luca e eu somos colegas há anos, unidos pelos nossos sobrenomes, Cavill e Castillo. Isso fez com ue nossos armários ficassem lado a lado durante todo o ensino fundamental, e nos colocou na mesma turma, um depois do outro na chamada, e geralmente nossas carteiras eram próximas nas mat rias em comum nas primeiras semanas de aula.

Estaria mentindo se dissesse ue nunca reparei nele. Luca bem fofo, com olhos castanhos como caf e um sorriso fácil ue ilumina o rosto inteiro.

Mais do ue isso, ele tem uma autoconfiança nata ue eu inve o. Seu charme con uista at os alunos mais difíceis da sala, e ele costuma deixar todo mundo vontade. Sempre conversa educadamente comigo, pergunta como estou ou acena para me cumprimentar no corredor.

Certa vez, na educação física, eu o vi largar um ogo para a udar um filhote de pato ue tinha ficado preso entre duas pedras, reunindo-o com a mãe. uando terminou, voltou para a partida como se nada tivesse acontecido.

Tá bom, tá bom. *Talvez* eu tenha tido uma uedinha por ele no primeiro ano do ensino m dio.

Relaxa digo, forçando um sorriso. Só precisava de um tempinho.

Luca franze a testa levemente e analisa minha expressão.

Está tudo bem

Assinto.

Tudo ótimo.

Ele estreita os olhos.

Voc mente muito mal. Sabia disso, n

Dou uma risadinha.

Sim. Não tenho muita prática.

Melhor assim brinca Luca. Ah, e a decoração ficou excelente. Voc fez um trabalho incrível na organização.

Eu o encaro, surpresa.

Ah, hum. Obrigada Minha frase termina em tom de pergunta, involuntariamente. Tento de novo. De verdade. Agradeço muito.

Nem consigo imaginar uantas horas voc dedicou a essa decoração, mas valeu a pena. Fi uei impressionado uando entrei. Tipo, olha isso Ele aponta para o salgueiro. Genial. Minha sorte dizia: Livre-se do ue á não te serve. Abra espaço para algo novo. Muito legal. Voc ue bolou as frases

Tenho ue dar os cr ditos pro pessoal do clube de escrita admito. Eles fizeram uestão de deixar tudo dentro do tema. Eu só reuni as frases e mandei imprimir. Eles arrasaram.

Com certeza ele guarda o papelzinho de volta no bolso da camisa. E voc tamb m.

Abro um sorriso e Luca dá uma olhada nas portas atrás de mim.

Espera aí, voc estava tentando ir embora pergunto.

Suas bochechas ficam coradas num tom de rosa.

mm, mais ou menos. Mas não tem nada a ver com o evento acrescenta rapidamente. ue eu tenho um outro compromisso.

Faço um gesto com a mão.

Não se preocupe. Não fi uei ofendida. Só ia te dizer ue as portas estão trancadas. Aponto para o aviso. Não podemos sair.

Luca ar ueia uma sobrancelha.

Será ue não

Sem dizer mais nada, ele dá um passo frente e empurra as portas. Elas abrem com facilidade, e nenhum alarme dispara. Uma lufada da brisa noturna entra, agitando as flores bordadas ue desabrocham pelo corpete do meu vestido. Trancar as portas era a única tarefa ue não era responsabilidade minha, então óbvio ue foi a única coisa ue não foi feita.

Sorte a nossa.

Como voc sabia ue não estavam trancadas pergunto.

Eu não sabia responde ele. Só torci.

Luca sai na frente e se vira para mim.

Voc vem comigo ou não

uase engasgo diante do convite inesperado.

Eu

. Tipo, não uero ue voc abandone o próprio evento, mas voc parecia triste. E disse ue *nós* não poderíamos sair explica ele. Mas podemos. Se voc uiser.

A proposta tentadora. Instantes atrás, eu não sabia fazer nada fora do plane ado.

Agora, a ui está a oportunidade de destruir meus planos.

Tá bom digo, com um aceno decidido. Eu topo.

Luca abre um sorriso, da ueles ue ilumina o rosto inteiro, e meu coração dá uma cambalhota.

Beleza. Então vamos.

Fico sem fôlego ao cruzar a soleira e sentir o ar noturno, seguindo Luca at o estacionamento. Meu peito dispara, em parte pela empolgação e em parte pelo nervosismo. Não acredito ue estou abandonando a festa de formatura ( ) ue eu mesma plane ei ( ) para fugir com Luca Cavill ( ).

Pigarreio tentando esconder a euforia.

Então, para onde vamos mesmo

Tem uma banda indie incrível tocando no calçadão ho e, e estou doido pra ver conta Luca. O nome Uma Garota Chamada Garota. Voc conhece

Balanço a cabeça.

Não, mas parece divertido.

Ele sorri.

Legal. Só preciso fazer uma coisinha rápida antes.

Por mim, tudo bem respondo, torcendo para parecer mais despreocupada do ue me sinto. Esse lance de deixar rolar novo pra mim.

Chegamos at o carro dele e Luca destrava as portas.

Cuidado com a anela avisa ele. O vidro do carona vive caindo. No momento, está sendo segurado por um lápis.

Um carro com personalidade digo. Gostei.

Ah, antes de entrarmos Luca olha para mim por cima do teto do carro, coçando a nuca, uase nervoso. Então, de repente, desembucha de uma vez: Pode ir pra outro lugar se uiser. Sem ressentimentos. Sei ue meio estranho um cara aleatório convidar do nada uma garota bonita pra um show.

Fico vermelha. Ele disse ue me acha bonita Juro ue vai ser legal. Mas voc tem todo o direito de mudar de ideia. Pode voltar lá pra dentro, ou então posso chamar um carro pra voc , ou

Luca interrompo, rindo de leve das suas divagaç es. Tá tudo bem. Eu *quero ir*. De verdade.

Ao ouvir isso, seus ombros relaxam.

Ah, tá bem. ue bom. Vai ser legal fazer algo untos longe dos nossos armários, n Ele ri. E o show vai ser incrível.

melhor ue se a mesmo, senão nunca mais confio em voc brinco, me acomodando no banco do carona. En uanto coloco o cinto, reparo em vários recipientes de plástico repletos de cupcakes no banco de trás. Agora, a pergunta ue não uer calar: essa coisinha rápida ue voc precisa fazer antes envolve alguma competição de uem come mais cupcakes

uase isso. São para a despedida de solteira da melhor amiga da minha irmã. A gente vai passar lá rapidinho pra entregar antes do show.

Praticamente tudo ue Luca diz me faz pensar em mais uma dúzia de perguntas. Mas apenas assinto.

Perfeito. Vou ficar bem princesinha a ui no banco do passageiro. Sou ótima nisso.

Eu tamb m brinca ele.

Dou risada en uanto Luca liga o carro e dirige para fora do estacionamento. Uma nova onda de ansiedade me atinge. Isso está mesmo

acontecendo

Então, isso tipo uma noite normal pra voc pergunto.

Como assim

Começamos o dia literalmente nos formand.o no ensino m dio. Daí veio a festa. Dois eventos sociais num dia á são o suficiente pra acabar comigo. Mas voc Voc se formou, deu uma passada no baile á sabendo ue ia embora de fininho pra entregar uns cupcakes, tal ual o Robin ood da confeitaria. E depois, ainda vai num show. Balanço a cabeça. um nível de energia caótica extraordinário para uma noite só.

Isso faz Luca rir, e saber ue causei essa risada provoca uma sensação deliciosa.

Bom, uando voc fala desse eito, realmente parece bastante coisa diz ele. Mas não plane ei tudo isso, sabe Calhou de ter um monte de coisa legal acontecendo no mesmo dia, então fi uei tipo por ue não .

Olho para Luca como se ele fosse uma criatura mítica. Ele tem um nível de confiança e liberdade com o ual mal consigo sonhar.

Então voc só faz o ue uer pergunto.

Luca me olha, confuso.

mm, não. Eu faço um monte de coisa ue não uero. Todo sábado, acordo cedinho pra acompanhar minha irmã mais velha, Nicola, no trabalho. Ela eletricista, e está me a udando a conseguir um estágio. Ela supertalentosa e não aceita corpo mole. puxado, mas vai me garantir um emprego estável no futuro, então eu vou explica ele. Tirando as minhas responsabilidades, aí sim, faço o ue eu uero. Tento preencher minha rotina com coisas ue me deixam feliz. Não o ue todo mundo faz

, talvez respondo, mas ele permanece em sil ncio, esperando ue eu fale mais. Acho ue, na verdade, não sei. Minha vida tem sido tão lotada de aulas e estudos desde ue nasci ue não parei muito pra pensar no ue me deixa feliz. Estava focada em deixar minha mãe feliz. Ela sempre teve uma visão bem específica do ue ueria para o meu futuro, e não cansa de dizer ue sabe o ue melhor pra mim, e ue tudo o ue ela faz pra garantir ue a minha vida se a melhor do ue a dela. Seu único dese o ue eu vá para uma boa faculdade, perto de casa, e me forme em medicina. Então vou para ale no outono.

Sinto Luca se remexer no banco, escolhendo as palavras com cuidado.

E isso o ue voc uer

Acho ue não importa. o ue ela uer, e o ue me esforcei durante anos pra conseguir. Remexo no botão da anela uebrada. Sou filha única, sabe como . Então não tem mais ningu m para realizar os sonhos da minha mãe. Só eu. Ela veio de Porto Rico pra cá uando estava grávida de mim. Tinha só dezenove anos. Ela teve ue se virar, mesmo ue literalmente tivesse um beb pra criar. Por minha causa, ela não teve a vida ue ueria, então não posso decepcioná-la. Não depois de tudo o ue ela passou. Minha voz falha um pouco, então engulo em seco para sufocar os sentimentos.

Não sei se minha mãe se dá conta do ue eu tenho feito para deixá-la feliz, para mostrar ue levo seus sonhos a s rio e ue sei do ue ela abriu mão para ue eu pudesse ter tudo.

Ao meu lado, Luca solta um suspiro.

Isso um peso e tanto, De a. Nossa.

Dou uma risada amarga.

Pois . Tipo, eu nunca nem fui a uma festa. Essa meio ue a maior experi ncia ue um adolescente deve ter. uando eu for mais velha, terei ue confessar para as pessoas ue eu era a es uisitona ue não foi ao baile.

Olha, acho ue o assunto não vai surgir tanto comenta Luca, tentando fazer com ue eu me sinta melhor. Se minha mãe e minhas irmãs servem de exemplo, as conversas são menos sobre o ensino m dio e mais sobre o antar, dor nas costas e os planos para derrubar o capitalismo.

Isso me faz rir um pouco.

Esperando ansiosamente desde á.

Luca fica s rio.

E voc não es uisita por não ir ao baile. Um monte de gente não vai.

Eu sei suspiro. Mas eu ueria muito, muito mesmo.

Ele encontra meu olhar, depois volta a atenção para a estrada.

Sinto muito, De a. Pelo baile, e por ue parece impossível corresponder s expectativas da sua mãe.

As palavras dele envolvem meu coração como um abraço. Esse reconhecimento significa mais do ue ele imagina.

Obrigada uase sussurro. E desculpa. Não devia ter desabafado

desse eito.

Imagina. Não precisa se desculpar. A formatura um momento sensível pra todo mundo Luca me tran uiliza. Sou p ssimo pra dar conselhos, família uma coisa complicada pra caramba, mas só ueria dizer ue não acho errado se voc decidir encontrar um e uilíbrio entre o ue a sua mãe uer e o ue voc dese a. Não seria uma traição a ela nem aos sonhos dela. Mesmo ue ela não ve a dessa forma.

Sinto um nó na garganta e me seguro para não me inclinar e abraçá-lo.

Não uero estragar ual uer ilusão ue voc tenha sobre si mesmo digo, tentando aliviar a tensão de novo , mas talvez voc se a *ótimo* pra dar conselhos.

Droga. Lá se vai minha reputação brinca Luca. E á chegamos. ueria te pedir um favor.

Ele liga o pisca-alerta e estaciona o carro na rua, em frente a uma casa de ti olos.

Claro. O ue

Luca estica o braço para o banco de trás e pega uma das embalagens de cupcake, colocando-a entre nós.

Preciso ue voc experimente um desses e me diga se está gostoso.

Por ue estão secretamente envenenados arrisco, em tom de brincadeira.

Sim, e voc será a primeira vítima diz ele. Ou então por ue um sabor novo ue resolvi testar e estou preocupado ue não faça sucesso.

Espera aí, foi voc ue fez os cupcakes

Luca bufa.

Por ue tanta surpresa

Não surpresa admiração esclareço. Sou p ssima na cozinha. Mas, falando s rio, tem certeza Não vão achar ruim se tiver um cupcake faltando

Minha irmã encomendou vinte e uatro, e eu fiz o dobro. Acho ue vai ficar tudo bem.

Ele solta os dois lados da embalagem. O aroma doce e familiar preenche o carro, e Luca tira com cuidado um cupcake com uma cobertura branca perfeita, finalizado com pedacinhos de cereal colorido.

Recebo o doce maravilhada.

Nossa, está absurdamente lindo.

Valeu, mas o sabor mais importante do ue a apar ncia. Minha irmã disse ue a noiva louca por cereal, então usei leite com sabor de cereal na massa. Mas não sei se ficou doce demais. E, antes ue voc pergunte, sim, eu á experimentei. Achei bom, mas não sou muito fã de doces.

Bom, para sua sorte, eu amo doce e á maratonei dezenas de reality shows de confeitaria, então sou praticamente especialista. Voc está em ótimas mãos.

Luca observa en uanto tiro a forminha do bolo e dou uma mordida. Logo de cara, minha língua inundada por um sabor doce, perfeitamente e uilibrado pela cobertura amanteigada. tão bom ue se os olhos (lindos) de Luca não estivessem acompanhando cada movimento meu, eu teria comido o resto numa única mordida.

E aí ele pergunta uando termino de engolir.

Ergo o bolinho no ar como se fosse um trof u digno de admiração pública.

Isso a ui um pedaço delicioso de pura nostalgia. Chega a ser insultante voc ter tido a pachorra de dizer ue talvez estivesse muito doce, por ue está absolutamente perfeito.

Luca suspira aliviado.

S rio Não está dizendo isso só por educação

Por ue eu faria isso Com uma mordida, voc me fez dese ar ue eu estivesse recebendo leite de cereal direto na veia. S rio, eu não fazia ideia de ue voc cozinhava tão bem, Luca.

Ele dá de ombros.

Não sou tão bom assim. só um hobby.

Eu o encaro.

Não menospreze suas habilidades desse eito dou um cutucão em seu peito. Tô falando s rio.

Sim, senhora. Luca pega o celular. Agora ue sabemos ue os cupcakes não estão envenenados, vou mandar uma mensagem pra minha irmã e levar isso a ui lá pra dentro. Tudo bem se me esperar a ui Vai ser rápido.

Sem problemas aponto para meu cupcake pela metade. Tenho a importante tarefa de terminar essa maravilha a ui.

Luca toca na tela do celular algumas vezes, então me lança um sorriso.

timo. Já volto.

Ele pega a embalagem de plástico entre nós e unta com as ue estão no banco de trás, então fecha a porta atrás de si.

Do carro, observo-o caminhar em direção casa. A porta da frente se abre antes ue ele bata, e uma ovem de pele marrom-clara ue parece um pouco com Luca aparece. Suponho ue se a a irmã principalmente uando ela bagunça o cabelo dele. Ele se es uiva da mão dela na segunda tentativa, entregando os cupcakes. Os dois dão risada. fofo.

uando Luca volta para o carro, á terminei de comer o cupcake e noto ue uma mecha rebelde do cabelo dele está espetada para cima.

Entrega feita com sucesso diz ele.

Maravilha Mas deixa eu te a udar com esse cabelo.

Luca se inclina na minha direção sem pensar duas vezes, e a eito o cabelo dele. mais macio do ue eu imaginava. O gesto parece íntimo demais, sobretudo uando a ponta dos meus dedos resvala em sua testa. uando afasto a mão, tento agir com naturalidade, como se esse simples gesto não tivesse me deixado flor da pele.

Valeu agradece ele. Viu como a minha irmã Uma ameaça sociedade, minha vida e minha beleza.

Ouvi dizer ue ter irmãos assim mesmo respondo. Pelo menos estamos a um passo mais perto de ouvir Uma Garota Chamada Garota.

Ele sorri.

isso aí. Falando nisso Luca pega o celular do porta-copos e o entrega para mim. Pode colocar algumas músicas da banda pra tocar no caminho

Com Luca na direção, rolo pela tela do celular dele procura de uma playlist da banda e aperto o play. Conforme seguimos para o calçadão, ele batuca no volante e eu balanço a cabeça no ritmo da música. Não falamos muito no caminho.

Minha mente fica repassando a noite at ali, tendo a música da banda como trilha sonora. Luca apareceu na festa de formatura apesar de ter outros planos. Então me convidou para passar uma noite dentro de seu mundo. Ouviu en uanto eu me abria inesperadamente. Deu conselhos e apoio. Disse ue me

acha bonita. Já eu, uase fico tr mula toda vez ue ele olha para mim. Luca se aproximou para ue eu a eitasse seu cabelo. Passar tempo com ele me fez pensar em tudo ue eu tenho perdido. E me fez ansiar por muito mais.

De a a voz de Luca interrompe meus pensamentos, e me dou conta de ue ele fez uma pergunta.

Já estacionamos no calçadão e eu nem tinha percebido.

Desculpa, o ue voc disse

Eu disse ue talvez faça frio, então perguntei se ueria meu paletó. Ele o estende para me mostrar.

Seria ótimo, na verdade. Descemos do carro, e Luca envolve meus ombros com o paletó, um gesto ue me causa um leve arrepio pelas costas. Obrigada.

Seu olhar passeia pelo meu corpo, e mordo o lábio.

Imagina responde ele. Pronta

Não digo nada, com receio de ue minha voz tenha desaparecido, e dou um aceno breve. Caminhamos lado a lado at o calçadão, recebidos pelos aroma de fritura e pipoca misturado com protetor solar e sal marinho. Ao longo do calçadão, há barracas de ogos, lo inhas, lanchonetes e brin uedos.

Lembra de uando viemos a ui com a escola no oitavo ano pergunto.

Luca ri.

Nossa, sim. Bentley Cooper tentou andar na xícara maluca en uanto plantava bananeira e uase fez todo mundo ser expulso

Sim O sr. Beliveau ficou puto. E com razão. Achei ue o Bentley ia ser arremessado da uele brin uedo e uebraria o pescoço ou algo do tipo digo, rindo tamb m. Não me surpreenderia se eles tivessem uma foto da nossa turma num mural de visitantes banidos. Então acho melhor passarmos longe das xícaras.

Não precisa dizer duas vezes concorda Luca. De toda forma, temos um encontro pela frente.

As palavras ecoam nos meus ouvidos. Abro a boca para responder, mas fecho de novo sem dizer uma palavra. Será ue Luca uis dizer ue viemos a ui para encontrar a banda, não ue estamos num encontro rom ntico Talvez, mas nada me impede de ter esperança.

Imagino como os outros devem nos enxergar agora: Luca de gravata-

borboleta, usando a calça ue faz con unto com o paletó ue eu uso por cima do vestido para me proteger do frio. Aperto os lábios, disfarçando um sorriso.

O calçadão está lotado. En uanto andamos, tento prestar atenção nas cenas ao redor: algodão-doce sendo enrolado no palito, amigos conversando e rindo na fila para os brin uedos, casais de mãos dadas e tirando fotos, famílias subindo e descendo nos cavalinhos do carrossel. á uma senhora passeando com seis cachorros, um vendedor fazendo animais de balão e uma criança particularmente animada, cheia de pr mios das barracas nos braços. Vemos at um cara carregando uma prancha de surfe en uanto anda de monociclo, movendo-se pela multidão com facilidade.

Deixou Bentley Cooper no chinelo brinco, e Luca ri.

 uando chegamos área do show, temos ue escolher entre sentar mais ao fundo ou nos espremer perto do palco.

Tudo bem se ficarmos de p pergunta ele. ueria muito ver elas de perto.

Por mim, tudo bem

Abrimos caminho entre os grupos de pessoas at conseguirmos um lugar próximo do palco.

Luca tamborila os dedos na grade.

Eu tô muito animado. Caso ainda não tenha percebido.

Jura Não tinha notado provoco.

Eu sei, eu sei. ue Claro ue estou animado com a banda, mas voc abriu mão do baile pra vir a ui, então uero muito ue se divirta.

Estou me divertindo pra caramba estendo o mindinho para ele. Juro.

Ele enrola o dedinho no meu, e há uma faísca de eletricidade. Nossos olhares se encontram. Sinto um frio na barriga.

 uem tá pronto para Uma Garota Chamada Garota dá um gritoooo a voz do apresentador retumba pelas caixas de som. Antes de chamarmos a banda para o palco, alguns avisos

Luca e eu nos afastamos rápido e direcionamos nossa atenção para o apresentador, ue lista algumas regras de segurança. Fin o estar muito concentrada nas palavras dele. uando ouso olhar de soslaio para Luca, há um sorrisinho em seu rosto, e isso me enche de esperança.

E agora, vamos receber a banda mais maneira desse lado do Atl ntico: Uma Garota Chamada Garota

A banda (composta só por mulheres descoladas, obviamente) entra no palco sob aplausos estrondosos da plateia. Elas acenam, pegam os instrumentos e á começam a tocar uma música contagiante sobre ocupar seu espaço.

Dá pra entender por ue Luca obcecado por elas. São muito talentosas, e as músicas são bem divertidas. Os olhos dele brilham de admiração en uanto elas tocam. Ele canta todas as músicas de cor, eu compenso o fato de não saber as letras com entusiasmo, dançando e batendo palmas.

Durante uma música especialmente animada, Luca me ensina uma dancinha ue a plateia parece á conhecer. Me enrolo nas primeiras tentativas, mas acerto os movimentos no último refrão, e Luca at comemora.

ue show incrível grito para ele por cima da música. Estou muito feliz de ter vindo com voc .

Tamb m estou feliz ue voc veio grita ele de volta.

Luca encosta o ombro no meu. Espero ue ele se afaste depressa, como fez uando uramos de mindinho, mas não. Ele permanece ali, e o to ue me distrai durante a próxima música inteira.

Já está escuro, as estrelas piscam para nós lá do alto. Mal decorei as letras, mas lembro a mim mesma de ue não vai cair em nenhuma prova. Só estou a ui para me divertir. E estou me divertindo.

uero ue esta noite dure para sempre. uero aventura. uero mist rio. uero diversão. uero ousadia. uero conexão. uero Luca. uero dizer o uanto essa noite significa para mim. Tocá-lo. Segurar sua mão de verdade. Bei á-lo.

Os primeiros acordes da música seguinte soam, e essa parece mais lenta. Luca se inclina at seu rosto ficar perto do meu.

Ei. Sentir sua respiração no meu pescoço me dá arrepios. Vem comigo.

O u Onde pergunto. O show ainda não acabou.

Não se preocupa, não vamos perder nada.

Luca me conduz at a praia, para uma área um pouco afastada do palco. Longe o suficiente para termos privacidade, mas perto o bastante para ainda

ouvirmos a banda.

E aí Está se divertindo pergunta ele.

Voc não faz ideia. Está sendo incrível.

 , eu tamb m acho Luca para de andar e se vira para mim. Essa música ue elas estão tocando uma das minhas favoritas. Sinto ue ele está brincando, me conduzindo para algo ue não sei o ue . Só ue ela lenta, n Não dá muito para dançar sozinho. mais do tipo pra dançar com algu m. Não acha

Ergo uma sobrancelha para ele.

Acho ue sim.

 . Uma pena ue não tenha ningu m pra dançar comigo Então estala os dedos, fazendo uma cena. Espera aí. E voc Voc pode dançar, n

Dou uma risada.

Está me chamando pra dançar

 um, na verdade estou achando ue *você* ue uer dançar comigo. Um pouco ousado da sua parte, mas voc mencionou ue perdeu o baile e tal, então não tenho como dizer não. Ele estende a mão para mim. De a Castillo, aceito seu convite para esta dança.

Meu coração dispara.

Mas eu nunca nem dancei com algu m antes deixo escapar.

Luca sorri.

Eu imaginava. Mas foi voc ue pediu, sendo toda ousada e tal. Então vamos nessa.

Estendo as mãos tr mulas para ele. Seus dedos se entrelaçam aos meus.

 uando Luca me puxa para perto, meu corpo inteiro se enche de calor.

Ele conduz, e nós balançamos suavemente ao som da música. Meu coração bate tão forte ue acho ue Luca deve sentir. Mas talvez não tenha problema. Apoio a bochecha no ombro dele. Seu cheiro uma mistura inebriante de menta e alguma especiaria.

Nesta praia, sob o luar, Luca me proporciona o momento do baile com ue tanto sonhei. Acho ue at melhor do ue se tivesse sido do eito tradicional. Tão perto dele, sentindo seu corpo no meu, as mãos entrelaçadas, a brisa no cabelo como se algo dentro de mim se abrisse. Não uero ser a garota ue deixa os outros plane arem toda a sua vida. uero viver no meu ritmo,

cedendo vontade do meu próprio coração. Do meu eito, por mim.

Luca digo baixinho.

um

Já ue estou sendo ousada ho e, ueria dizer ue tamb m nunca bei ei ningu m.

Ele ri de leve.

Tudo bem.

Meu estômago se revira en uanto afasto o rosto de seu ombro e olho para cima para encará-lo.

ue bom. Por ue importante ue voc saiba ue não devo ser muito boa nisso antes de responder minha próxima pergunta.

Ah, murmura ele, e acho ue sabe o ue vou perguntar. Ainda assim, continua fazendo charme. ual a pergunta

Luca Cavill, eu posso te bei ar

O tempo ue ele demora para responder parece uma eternidade.

Eu adoraria. Sim.

Levo as mãos ao seu rosto, ficando na ponta dos p s. Luca se inclina para mim, e fecho os olhos. Nossos lábios se encontram, suaves no começo, depois aprofundamos o bei o. Desta vez, meu corpo inteiro se acende com a eletricidade.

 uando me afasto para tomar um ar, Luca solta um suspiro feliz. Ele encosta a testa na minha.

Só para deixar registrado, esse foi um primeiro bei o muito bom sussurra.

Voc sabe ue eu gosto de tirar nota alta. Então acho ue devíamos continuar praticando sussurro de volta. Talvez depois do show

Luca balança a cabeça.

ue tal agora

Ele se inclina para mim outra vez, e não consigo conter o sorriso.

Se esta noite me ensinou alguma coisa, ue s vezes bom soltar o leme do barco e se perder na correnteza.

ESTAMOS AQUI AGORA

Katharine McGee



Playlist: "Hits Different"

MARÇO DE 2024

— OBRIGADA MESMO PELA CARONA. Sei ue fora do caminho murmurou Carly, lançando um olhar para o seu melhor amigo, Nate.

Claro ue eu ia te levar para a entrevista respondeu ele. Não ia deixar voc pegar o ônibus toda arrumada.

Nate dirigia como o avô de Carly, as mãos sempre firmes no volante, os olhos fixos na estrada. Foi assim ue ele dirigiu em todas as viagens de carro ue fizeram pela Califórnia, ouvindo podcasts de *true crime* (escolha de Nate) ou audiolivros de *Game of Thrones* (Carly ficou horrorizada uando descobriu ue ele nunca tinha lido nenhum livro da s rie), uando a amizade entre os dois ainda estava bem no comecinho.

Ela alisou o blazer azul-marinho e a saia (emprestados de sua amiga, Anna, á ue Carly não tinha nada tão feminino ou tão chi ue). Ao reparar no gesto, Nate sorriu.

Falando nisso, voc não me contou ue estava se candidatando a bibliotecária-chefe em um romance de fantasia.

Isso um *traje formal,* Nate. Não ue voc saiba identificar, á ue só usa camiseta e moletom.

Todos os engenheiros da computação são assim. Voc devia saber, á ue vai mandar neles uando trabalhar no Google ao parar num sinal, Nate finalmente olhou para ela. uer treinar mais uma pergunta de entrevista

De eito nenhum Carly á tinha feito tantas simulaç es de entrevista ue achava ue sua cabeça ia explodir. Vamos falar sobre o ue vamos usar no baile dos anos 1980.

Nate contraiu a mandíbula em um gesto uase imperceptível.

Carl, eu não vou ao baile dos anos 1980.

 Voc vai me fazer ir de Molly Ringwald sozinha Carly estava animada para a festa da Sig Ep na uele fim de semana, a maior do primeiro semestre. Apesar de Nate não fazer parte da fraternidade, era amigo da maioria dos caras e normalmente ia nos eventos. Por favooor implorou.

Meu vestido de tafetá rosa. Tem mangas bufantes enormes. Voc vai ter munição pra me zoar pelo resto da vida.

Acho ue vou ficar em casa e trabalhar no aplicativo replicou Nate.

Carly sabia ue era verdade; ele realmente era o tipo de cara ue passava a noite de sábado programando.

Já faz mais de um m s ue voc e a Emma terminaram. Não acha ue está na hora de voltar ativa perguntou Carly gentilmente.

 Voc fala como se fosse ótimo estar *na ativa* respondeu Nate, revirando os olhos. Eu tô muito bem onde estou.

Carly suspirou, mas sabia ue era melhor não insistir. Nate e ela se conheceram no primeiro ano da faculdade. Os dois moravam em ilbur: sem dúvida o pr dio mais feio do campus de Stanford, uma aberração de concreto cercada de alo amentos mais antigos e elegantes, com fontes e ardins internos. Estavam numa da uelas reuni es obrigatórias para os calouros, sentados em círculo e respondendo a perguntas constrangedoras para ue todos pudessem se conhecer melhor , tipo *De onde você é? e Qual sua série favorita?* Nate e Carly se aproximaram por ue os dois admitiram amar *Plantão médico* (principalmente as primeiras temporadas; Carly tinha maratonado com a mãe havia alguns anos). uando a reunião terminou e eles receberam a camiseta grátis de Stanford, Nate se aproximou de Carly.

Voc disse ue de ouston perguntara ele. Minha mãe sempre via a para congressos lá. Ela pes uisadora na área de gen tica na Cal Berkeley acrescentou diante do olhar confuso de Carly.

Ela deve dar palestra na Rice, então. Não fica muito perto de onde eu moro. Carly desviou o olhar en uanto acrescentava: Sou de Bellville, a

uma hora de ouston. Na verdade nunca nem tinha saído do Texas at vir para São Francisco tr s dias atrás.

Sua suposta visita a Stanford tinha sido totalmente virtual.

Nate, por sua vez, era da região, mais especificamente de Oakland ills.

Se a sua primeira vez na Califórnia, voc precisa conhecer as atraç es principais insistira. Tem muito mais pra ver al m de Palo Alto.

Nate sugeriu ue fossem comer ostras na Baía de Tomales no fim de semana, e assim começou o tour deles pela Califórnia.

Conforme o ano passava, os dois se aventuravam cada vez mais longe. Dirigiram para osemite s tr s da manhã para fazer a trilha at o alf Dome ao amanhecer; enfrentaram as estradas com gelo at Tahoe, onde Nate tentou ensinar Carly a es uiar (sem sucesso); seguiram at Anaheim e esperaram a tarde inteira para andar na montanha-russa Space Mountain (Carly insistiu em comprar um par de orelhas do Pateta para Nate). As viagens de carro ue ela fazia com a família para visitar os avós em South Padre Island, na Costa do Golfo, eram bem diferentes. Na uela poca, Carly estava focada em sobreviver, espremida no banco de trás entre os dois irmãos mais velhos, os tr s discutindo sobre a música ue ueriam ouvir ou brigando pelo game boy.

Carly e Nate, por outro lado, podiam passar horas untos sem atrito debatendo política, parando em atraç es aleatórias como um zoológico de lagartos, compartilhando um sil ncio confortável. Carly sempre se dera melhor com garotos do ue com meninas; ela culpava os irmãos, ou os vários anos fazendo natação competitiva, um esporte tão individual.

Em algum momento, Carly se perguntou se sua relação com Nate se transformaria em algo mais. Só ue, perto do alloween, ele começou a namorar uma garota chamada Emma, então permaneceram só amigos. O ue era bom. avia vários caras por aí (Carly sabia disso por experi ncia própria), mas pou uíssimos amigos de verdade.

Chegamos anunciou Nate uando atravessaram um portão. O campus do Google se assomou diante deles, cheio de pr dios modernos de vidro e esculturas geom tricas espalhadas pelo gramado.

Carly engoliu em seco diante da onda repentina de p nico. E se não conseguisse o estágio Teria ue voltar para casa, em Bellville, e implorar pelo seu antigo trabalho de verão, no Buc-ee s, vendendo raspadinhas e bombons

para motoristas exaustos na rodovia 290.

Voc vai arrasar garantiu Nate, claramente percebendo sua ansiedade. Vai dar tudo certo.

Valeu.

Carly conseguiu esboçar um sorriso, então seguiu at a recepção para se apresentar.

Carly Miller

Um rapaz apareceu ali alguns minutos depois. Era absurdamente bonito a mãe de Carly teria dito ue ele tinha cara de ator de cinema , combinando traços perfeitos com olhos azul-acinzentados e cabelo escuro despenteado na medida certa.

Sou Thomas Lyman. Vim conversar com voc sobre o grupo de estrat gia global. Vamos pegar um caf

Um caf Carly esperava uma entrevista formal. Olhou para o moletom do Google e a calça eans clara ue Thomas usava e imediatamente se sentiu idiota por estar de terninho. Nate tinha razão: ela parecia uma bibliotecária. Ou uma aeromoça dos anos 1950.

Desculpa disse Thomas, meio sem graça. Virei a noite fazendo uns cálculos e estou precisando de cafeína.

Carly se apressou para acompanhá-lo.

Um caf seria ótimo, ainda mais num dia tão bonito.

Ela se sentiu idiota, de novo. claro ue o dia estava lindo; os dias *sempre* eram lindos na península. Mas Thomas apenas sorriu, como se Carly tivesse dito algo brilhante.

As portas de vidro se abriram diante deles, e os dois seguiram para um pátio nos fundos. Funcionários usando camisetas do Google estavam sentados diante de seus notebooks ou conversavam em grupos, entrando e saindo de uma sorveteria, uma barraca de tacos e a uilo era um bar tropical

Então, Carly, de onde voc perguntou Thomas, simpático.

 ouston respondeu ela, por ue ningu m nunca tinha ouvido falar de Bellville.

Uma texana exclamou Thomas, encantado. Sabe, uma vez fui no rodeio de ouston. Lembro ue comi um oreo frito. Ou era um Twinkie frito

Ele olhou para Carly como se ela fosse saber a resposta.

Twinkie frito coisa de amador respondeu ela, arriscando uma piada. Depois ue voc comer um hambúrguer de donut a gente conversa.

Thomas pareceu intrigado.

um hambúrguer com donuts no lugar do pão

Isso. E, para os cora osos, os donuts podem ser de chocolate.

Uma hora voc vai ter ue me deixar experimentar disse Thomas, em tom conspiratório. Estavam se aproximando do balcão de caf ; ele a encarou em expectativa. Cold brew Está uente demais para um latte, n

Ah, hum Carly estava nervosa demais para ingerir cafeína. Pra mim pode ser só uma água, por favor.

Voc não toma caf indagou Thomas, curioso.

Já tomei dois ho e mentiu Carly.

Ele riu.

Sei como . Tamb m sou viciado. Me tornei dependente nas manhãs de sexta na poca da faculdade, uando tinha ue me arrastar para a aula de Precificação Din mica de Ativos s oito da manhã, depois de ficar acordado at tarde na uinta.

Voc está falando da aula do professor Gilroy perguntou ela antes ue pudesse se segurar.

Thomas ficou radiante.

Voc de Stanford tamb m Agora entendi por ue ueriam ue eu falasse com voc Me formei lá há uatro anos.

Conversar, falar... Thomas se referia entrevista com termos tão informais. A confusão de Carly deve ter ficado evidente em seu rosto, por ue ele perguntou:

Deixa eu adivinhar. O setor de orientação profissional fez voc se preparar com estudos de caso

Sim, eu trouxe at meu caderno, só por via das dúvidas respondeu ela, com cautela.

Thomas deu de ombros.

Não estou interessado em descobrir se voc uma calculadora humana; uero saber como voc como pessoa. Estudos de caso são apenas para empregos na área de finanças ou em firmas de consultoria. Tem certeza de ue não uer um caf insistiu ele conforme chegavam ao início da fila.

Acho ue um latte gelado não vai fazer mal cedeu Carly.

Ela ficou surpresa com o alívio ue sentiu uando ele sorriu em aprovação e, lá no fundo, sabia ue não era só por causa da entrevista.

AGOSTO DE 2024

Carly foi at a amurada para observar as luzes de São Francisco. A uele cruzeiro pela baía, bancado pela empresa, era a festa de despedida ue o Google oferecia aos estagiários de verão. A maioria dos funcionários das e uipes tinha ido tamb m, para tentar convencer os universitários a aceitarem propostas de emprego em tempo integral.

O ue significava ue Thomas estava lá, e Carly estava uma pilha de nervos.

Os dois haviam passado os últimos tr s meses sentados lado a lado no escritório de planta aberta do Google. Cada vez ue Thomas girava a cadeira e se inclinava na direção dela, Carly tinha ue se conter para não inspirar o perfume dele: algo fresco e almiscarado e masculino. E ainda havia os eventos depois do expediente organizados pelo RH: um ogo de beisebol dos Giants em ue Thomas se sentou ao seu lado, o oelho roçando o dela de tempos em tempos. Uma *escape room* temática de um submarino da Segunda Guerra Mundial, em ue Thomas e Carly cantarolaram baixinho a música-tema de *Piratas do Caribe*, trocando olhares e segurando a risada en uanto esperavam algum colega perceber (ningu m percebeu). s vezes, Carly achava ue ele a olhava com certo interesse (ou pelo menos esperava ue fosse), mas Thomas nunca ultrapassou a fronteira para o flerte, nem uma vez se uer. Por mais ue Carly dese asse desesperadamente ue ele o fizesse.

Ela não se lembrava de ter ficado tão encantada por algu m antes. Toda vez ue via o nome de Thomas na caixa de entrada, seu coração uase parava, ainda ue fosse só um e-mail de trabalho sobre a formatação de uma apresentação no PowerPoint. Em geral, era *ela* uem controlava sua vida amorosa: ela ue flertava com os caras, ficava com eles, se entediava e ia embora.

Mas com Thomas era diferente. Ele era estonteante, inebriante, e ela só

conseguia pensar em se aproximar mais dele e se perguntar uando o veria de novo.

Voc parece estar com frio disse Thomas, parando ao seu lado. Como um cavalheiro, tirou sua a ueta e entregou a ela. Ningu m lembra ue a ui na água fica uns dez graus mais gelado.

Valeu. Agradecida, Carly vestiu a a ueta, ue ainda guardava o calor do corpo dele.

In uieto, Thomas tamborilou os dedos na amurada do barco.

 uais são seus planos para o resto do verão Ainda tem algumas semanas antes da volta s aulas, n

Vou pra casa. Não ve o minha família desde o Natal.

Dois irmãos mais velhos, certo perguntou ele, e Carly assentiu.

Os dois moram a alguns uarteir es dos meus pais. O ue ótimo, mas

Mas não para ela. Seus irmãos estavam perfeitamente satisfeitos em nunca sair de Bellville, trabalhar na construtora do pai, lidar com preços de madeira e licenças. Ficavam perplexos com a determinação de Carly de se inscrever em Stanford, trabalhar no Google, ver e fazer *mais*.

Sei como comentou Thomas com sinceridade. Minha irmã vive me ligando e implorando para eu ir para Atlanta conhecer meu sobrinho. Mas não tão fácil conciliar uma viagem para o outro lado do país com as demandas do trabalho ultimamente, sabe E ele pe ueno demais para se lembrar de ual uer coisa.

Carly assentiu. Nervosa, enfiou as mãos nos bolsos da a ueta de Thomas e sentiu algo macio embolado lá dentro. Um gorro de lã, percebeu, com o logo do Google.

Ah, voc devia usar isso tamb m. Thomas se inclinou para colocar o gorro na cabeça dela. Fez uma pausa, deixando os dedos se demorarem ali por um instante a mais, en uanto a eitava uma mecha solta atrás da orelha de Carly.

Ela não aguentava mais tanta tensão. Ficou na ponta dos p s, levemente, erguendo os lábios para ele

Thomas deu um passo decidido para trás.

Carly disse ele, com a voz rouca. Não.

Ela se sentiu arder de vergonha e desviou o olhar, segurando as lágrimas.

Desculpa. Eu claramente entendi tudo errado.

Voc não entendeu errado. Thomas falava baixinho. Mas não dá. Voc *trabalha* pra mim. Se algu m nos pegasse untos, eu seria demitido.

Verdade murmurou ela, ainda encarando fixamente o horizonte.

O ue tinha na cabeça Tentou bei ar o chefe num evento de trabalho

O barco estava voltando ao cais, o ar repleto de risadas inebriadas conforme os estagiários seguiam para o ônibus-balada ue os aguardava. Mas Carly não estava nem aí para o ue acontecia a sua volta. Só conseguia pensar em Thomas, se inclinando para perto dela, sussurrando em seu ouvido tão rápido ue ningu m poderia notar.

Eu moro a ui perto. Depois ue descer do barco, me encontra no Starbucks da es uina. Vou pra lá assim ue o ônibus do Google seguir pro after.

Essa foi a primeira noite ue passaram untos.

MAIO DE 2025

Nate Carly correu at o amigo, envolvendo-o com os braços, animada.

Parab ns Eu *sabia* ue voc ia conseguir um investidor

Nate ficou ali parado por um instante antes de se soltar do abraço de Carly.

só uma rodada inicial de investimento, mas valeu.

A start-up de Nate, ue estava desenvolvendo numa nova plataforma de links inteligentes para aplicativos, tinha acabado de vencer o Concurso de Empreendedorismo de Stanford.

Estou muito orgulhosa de voc .

Os dois foram conversar em um canto do uintal mais silencioso por conta do barulho da festa. Eles moravam com mais seis amigos na Casa da rvore, uma das casas herdadas ue alunos veteranos recebiam das turmas anteriores. Todas tinham apelidos peculiares (acienda, anadu, Farol) e estavam e uipadas com móveis da Ikea ue várias geraç es de veteranos tinham manchado de cerve a.

Nate sustentou o olhar dela.

Sabe, Carl, a gente ainda precisa de uma diretora de operaç es, se uiser oficializar as coisas. Voc passou tanto tempo me a udando ue praticamente cofundadora.

Carly sentiu uma pontada de culpa ao ouvir as palavras de Nate. Ela o a udara muito no começo, verdade, mas no último ano as coisas andavam estranhas entre os dois desde ue ela aceitou o emprego no Google.

Desde ue começou a sair com Thomas.

O ue vai fazer com o dinheiro do concurso perguntou ela, es uivando-se da oferta. Deixa eu adivinhar: convencer algu m a vir programar com voc e manter um abastecimento infinito de Red Bull

Nate estremeceu.

Red Bull no ento.

Os engenheiros do Google discordam. O RH mal consegue manter o esto ue da geladeira.

Carly logo se arrependeu do ue disse; parecia ue toda vez ue mencionava o Google, ela e Nate se distanciavam ainda mais. No entanto, para seu alívio, ele apenas sorriu.

Já contratei o Lucas pra me a udar a programar. Usei o dinheiro pra pagar o aluguel de uma casa em Redwood City. Não grande coisa acrescentou Nate, depressa. um da ueles bangalôs antigos com dois uartos e sala de antar, mas podemos usá-lo como base at ter um escritório de verdade.

Isso incrível, Nate.

Eu estava pensando ue á faz muito tempo desde a nossa última viagem de carro comentou ele depois de um instante. Os dois sabiam muito bem por ue fazia tanto tempo: no último ano, Carly havia passado todo minuto livre com Thomas, ou obcecada por Thomas, ou se perguntando onde ele estava. Talvez se a hora de irmos pra Santa Barbara sugeriu.

Carly ergueu o olhar e viu ue os olhos castanhos profundos dele estavam fixos nela. Brilhantes, atentos. Repletos de um sentimento ue ela não ousava reconhecer.

Santa Barbara deve ser caro. Não onde a Oprah mora respondeu ela, sem nem saber o ue estava dizendo.

Por ue seu coração estava acelerado da uele eito

Meu primo Patrick estuda na universidade de lá. Ele disse ue podemos ficar no uarto extra da casa dele. O rosto de Nate ficou vermelho. uer dizer, voc fica com o uarto, claro. Eu fico no sofá. Mas Patrick disse ue as praias são maravilhosas. E tem vinícolas.

Carly assentiu. Ela deveria dizer algo, uebrar a tensão palpável entre os dois

Achei voc s Anna, colega de casa deles, avançou at os dois como uma tempestade de verão. Me a udem com o Rob. Ele está uerendo colocar *hinos esportivos* como trilha sonora do beer pong.

Carly lançou um olhar furtivo para Nate, mas ele assentia para Anna como se nada tivesse acontecido. Talvez não fosse nada mesmo, Carly disse a si mesma. Apenas dois velhos amigos fazendo planos ue nunca sairiam do papel, por ue ambos estavam muito ocupados.

Por ue agora Carly tinha um namorado.

B bada, Anna passou um braço ao redor dos ombros de cada um deles.

Temos tanta coisa pra *comemorar* cantarolou ela. O pr mio do Nate e a contratação oficial da Carly

Carly sentiu, sem precisar ver, Nate enri ecer.

Voc aceitou a oferta Não sabia.

Ele se curvou ao redor de Anna para olhar para Carly. Toda a felicidade ue estampava seu rosto minutos antes parecia ter evaporado.

Sim, aceitei respondeu Carly, baixinho.

Anna se remexeu, desconfortável, parecendo se dar conta da mancada ue deu, e se afastou dos dois.

E voc vai ficar na e uipe de estrat gia global perguntou Nate.

Fiz mais uma arra de margarita uem uer exclamou Anna, mas ambos a ignoraram.

Na verdade conversei com o RH ho e, e disseram ue posso começar na área de experi ncia do usuário admitiu Carly.

Experi ncia do usuário repetiu Nate, frio. Ele esticou o pescoço como se tivesse visto algu m ali perto. Vou resolver a uestão do Rob e da playlist. Ve o voc s depois.

Carly sabia por ue Nate estava decepcionado com ela. Ao contrário da área de estrat gia global, ue era competitiva e muito disputada, o trabalho

em experi ncia do usuário tinha fama de ser monótono, cheio de pes uisas de mercado e grupos focais. Mas colocaria Carly numa área completamente diferente dentro do organograma do Google. Longe de Thomas.

O ue significava ue os dois poderiam namorar sem botar o emprego dele em risco.

Thomas e Carly estavam saindo havia uase nove meses. Mas Carly não o via com tanta fre u ncia; a rotina de trabalho dele era caótica, e incluía viagens constantes, então não era raro os dois passarem várias semanas sem se ver. uando retornava, Thomas mandava uma mensagem avisando ue estava de volta e a convidando para antar. Eles iam comer pizza na Mountain Mike ou compravam lámen para viagem e comiam no uarto dela na casa herdada. Thomas geralmente dormia lá, por ue não fazia sentido voltar at São Francisco se o escritório do Google era tão perto.

Carly sabia como o emprego dele era importante, então evitava reclamar. Como na uela vez ue os dois foram para Sonoma passar um fim de semana rom ntico, e ele anunciou no caf da manhã de sábado ue precisaria voltar s pressas, deixando-a com a tarefa de cancelar todas as reservas de degustação de vinho ue havia feito. Ou uando ele cancelou o antar de aniversário dela no último minuto. Por mensagem. Desculpa, eu teria ligado, mas estou em reunião com a Annissa, respondeu ele, referindo-se chefe de estrat gia global. Vou virar a noite trabalhando, então terei que cancelar o jantar. Feliz aniversário!

Nate estava no sofá, digitando no notebook como sempre, uando viu Carly abrir a mensagem e ficar desolada. Ele correu para improvisar uma comemoração de última hora em casa, pedindo Domino s e abrindo várias garrafas de vinho do Trader Joe s. Nate *não estragou o aniversário de Carly dizendo algo depreciativo sobre o namorado dela.*

Ele esperou at a manhã seguinte.

Ele é seu chefe. Além de ser totalmente antiético, ele não te trata bem, insistira Nate. Por que vocês só se encontram quando é conveniente para ele*?*

Nate simplesmente não entendia. Nunca tivera um emprego corporativo; era superdedicado start-up, claro, mas não tinha ue responder a ningu m.

Carly seguiu Anna at o bar, tentando não pensar no olhar crítico de Nate en uanto ele se afastava dela.

ue bom ue voc vai mudar de área pra poder assumir o

relacionamento com Thomas Esse lance de namoro secreto á deu o ue tinha ue dar. Anna se balançava sobre as alpargatas en uanto servia mais um drin ue para si mesma e para Carly. O ue ele disse uando voc contou seu plano Deve ter ficado superfeliz

Ah, hã Ainda não contei. Não falei pro Thomas. Carly tomou um gole rápido da margarita, ue estava tão forte e ácida ue ueimou sua garganta.

Thomas acha ue voc vai continuar na área de estrat gia E não se *importa?* perguntou Anna, surpresa.

Talvez eu tenha dado a entender ue tinha outro emprego encaminhado.

Na verdade, Carly disse ao namorado ue ia entrar na start-up de Nate. Ela só ueria ue Thomas parasse de pressioná-la sobre o Google en uanto resolvia tudo com o RH.

Anna mordeu o lábio.

Carly voc deveria ter conversado com o Thomas *antes* de tomar essa decisão.

Eu não ueria ue ele se sentisse culpado respondeu Carly, imediatamente na defensiva. Se comunicarmos nosso relacionamento ao RH estando em e uipes diferentes, não vai ter problema.

Anna piscou algumas vezes, surpresa.

Meu Deus. Voc o *ama*, não

Carly olhou para o chão para não ter ue encarar a amiga. Ela e Thomas ainda não haviam dito isso um pro outro, mas tudo bem; estavam indo com calma. Ela se pegava sonhando acordada com ele durante a aula, imaginando o futuro com uma clareza assustadora.

Os dois trabalhariam no Google por um tempo, via ariam untos (para confer ncias a trabalho, para sia e Europa a lazer), então iriam morar untos, construindo uma vida. Ela levaria Thomas para conhecer sua família no Texas, e ele a levaria para conhecer a mãe em Atlanta. Ele a pediria em casamento em alguma praia, o vento bagunçando seu cabelo.

Não acredito disse Anna, maravilhada. Carly Madison Miller, a mulher ue sempre disse ue o amor era uma fraude, finalmente se apaixonou.

Eu disse que o amor era uma farsa, pensou Carly. E falou em voz alta:

Não sei explicar como Thomas mexe comigo. Eu só ela deixou a frase no ar, e Anna balançou a cabeça.

Coitado do Nate.

Como assim perguntou Carly.

Ah Só uis dizer coitado do Nate por ue voc não vai trabalhar com ele no app Ele vivia dizendo ue precisava de algu m com seu tino para os negócios para manter tudo em ordem.

Anna acenou para uma amiga do outro lado da festa, deu uma desculpa ual uer e desapareceu.

Carly ficou ali, perto da mesa de bebidas, com a cabeça a mil por hora por causa das margaritas. Não conseguia parar de pensar no ue Anna dissera. *Você deveria ter conversado com o Thomas.* Carly pegou o celular e abriu os horários do trem. avia um para São Francisco em vinte minutos. Ela ligou para Thomas, mas caiu na caixa-postal.

Antes ue pudesse mudar de ideia, pediu um uber para a estação. Nem avisou para seus colegas de casa ue ia abandonar a festa; simplesmente partiu, levando apenas sua bolsinha transversal.

Ela tinha ido ao apartamento de Thomas, na Marina, poucas vezes, durante fins de semana em ue passavam a tarde bebendo no pub da es uina. A viagem de uarenta e cinco minutos at lá foi suficiente para Carly se dar conta de como estava b bada.

Ela assistiu as cidades da península passarem como um borrão, tentando não ficar tonta.

 uando bateu na porta do apartamento, um cara de short e olhos sonolentos atendeu. Um dos colegas de uarto de Thomas, o advogado de propriedade intelectual ou seria o gerente de produto do Facebook Carly nunca conseguia distingui-los.

Vim ver o Thomas. Carly passou por ele para entrar, e a expressão do cara mudou de surpresa para p nico de imediato.

Ele não está em casa argumentou o su eito, mas Carly á estava percorrendo o caminho por entre sapatos ogados e uma prancha de surfe abandonada at o uarto de Thomas.

Ouviu a voz dele do outro lado da porta; devia estar no celular.

Thomas Desculpe aparecer sem avisar Carly abriu a porta, engoliu

em seco e ficou paralisada.

Ele estava lá, sim. Na cama com outra garota.

Carly não conseguia se mexer. Só ficou ali parada, imóvel, absorvendo a cena sob a penumbra; o cabelo da garota, com luzes caríssimas, espalhado pelo travesseiro, a ma uiagem borrada ao redor dos olhos. O rastro de roupas largadas pelo chão: o short cá ui de Thomas, o sutiã tur uesa dela. A garota se sentou na cama, deixando o lençol cair at a cintura, sem o menor constrangimento. Carly desviou o olhar.

ue porra essa perguntou Carly, mas saiu como um sussurro. Voc está me *traindo*

Thomas levantou da cama e vestiu o short.

Calma aí, Carly começou ele, num tom condescendente ue usaria com uma criança birrenta. Não precisa exagerar, *né? Você não me avisou que ia vir…*

Tentei ligar, mas voc não atendeu Agora eu sei por u

Thomas suspirou, cansado.

Olha, eu realmente gosto de passar tempo com voc , mas nunca rotulamos nada. Nem nunca dissemos ue era um relacionamento exclusivo. Sinto muito se voc entendeu outra coisa.

Passar tempo comigo repetiu ela, incr dula.

Nunca uis te magoar dizia Thomas. Eu odiaria ue as coisas terminassem desse eito.

A garota na cama se levantou e começou a recolher as roupas, desviando o olhar, parecendo constrangida com toda a uela cena.

Thomas estendeu a mão para impedi-la.

Espera, Olivia por favor, não vai embora.

A garota o ignorou, vestindo sua minissaia e botando o sutiã.

Carly encarava Thomas, os olhos ardendo.

Eu vim dizer ue ia *mudar de equipe* por sua causa Estava prestes a ir para o setor de experi ncia do usuário. Para ue pud ssemos continuar namorando sem uebrar as regras da empresa.

Pensei ue voc á tivesse outro emprego encaminhado, na start-up de um amigo. Thomas balançou a cabeça como se isso não importasse. De toda forma, não estamos namorando. Só tenho tempo para algo casual agora.

Entendo se voc uiser algo mais s rio, mas isso eu não posso te oferecer.

Ele disse as últimas frases de um eito uase automático. Carly se perguntou para uantas garotas ele á tinha feito esse mesmo discurso.

A raiva corria por suas veias. Ela focou a atenção nesse sentimento, por ue en uanto estivesse furiosa, não precisaria lidar o coração partido.

Voc um babaca egoísta e egoc ntrico disse ela, seca, e foi embora.

Lá fora, andou dois uarteir es antes de ter ue parar e se apoiar no muro de ti olos do Starbucks, o mesmo onde ela o havia encontrado na noite do passeio de barco. Carly se curvou para a frente como uma boneca de papel. Sua respiração saía em soluços entrecortados, e as lágrimas rolavam pelo seu rosto. As pessoas andando por ali elegantes e bem-vestidas, rindo en uanto seguiam para algum bar ou apartamento passavam bem longe dela, como se sua tristeza fosse contagiosa.

Tudo se revirou de uma vez no estômago de Carly: a raiva, a dor, as margaritas. A calçada parecia estar oscilando na direção dela.

Ela se abaixou e vomitou de novo e de novo, at se sentir vazia por dentro.

JUNHO DE 2025

Olá chamou Carly, passando pela porta da Casa na rvore. O sil ncio a recebeu, pesado e abafado, próprio de uma casa cu os moradores á tinham feito as malas e partido.

Carly tinha passado a última semana no Texas. Depois de flagrar Thomas na cama com outra, entrou cambaleando num táxi, pediu ue a levasse de volta para Palo Alto, então ligou para a companhia a rea. Ela devia estar chorando tanto ao telefone ue a atendente presumiu ue era uma emerg ncia familiar e emitiu a passagem com desconto de circunst ncias especiais , em vez de cobrar a tarifa absurda de uma passagem de última hora. Pouco tempo depois, Carly estava no voo das seis da manhã para ouston, ainda tremendo de cho ue.

 avia dito aos pais ue precisava passar um tempo em casa, ue nenhum de seus amigos iria na colação de grau ue aconteceria na uela semana (uma mentira, mas como seus pais iam saber Ela ainda receberia o diploma do

mesmo eito, uer subisse na uele palco ou não). Atônitos com seu humor instável, seus pais levaram Carly de carro at a casa dos avós em South Padre. Carly passou o fim de semana sentada na praia, os oelhos encolhidos contra o peito, observando as ondas, se sentindo tão machucada e vulnerável ue at a areia macia parecia áspera demais contra sua pele.

Talvez fosse o ressoar das ondas, ecoando por toda South Padre como as batidas do coração. Talvez fosse a comida salgada demais de sua avó, ou as fofocas sobre os vizinhos, ou todos os filmes antigos ue seu avô insistia ue vissem untos. Independentemente do motivo, depois de alguns dias na companhia deles, Carly sentiu o e uilíbrio voltar. E percebeu ue seu relacionamento com Thomas nunca tinha sido um relacionamento de verdade.

Ele a usara o tempo inteiro. Levou para cama uma *estudante universitária* cinco anos mais nova por ue era fácil e conveniente. Por ue Carly tinha uma ueda muito óbvia por ele, e Thomas gostava da atenção (sem falar ue ele achava ótimo dormir na casa dela para não ter ue pegar o ônibus do Google de volta para a cidade). Nate tinha razão; havia sinais de alerta por toda parte. Thomas sumia por semanas, alegando ue estava ocupado com o trabalho, e mal a apresentara aos amigos.

Ela tinha ue ligar para o RH do Google e avisar ue não ia voltar. Como poderia pisar lá e ver Thomas de novo Mesmo ue não estivessem na mesma e uipe, uma hora iam se esbarrar. Mas toda vez ue pegava o celular, desistia. Não tinha coragem de recusar formalmente a oferta.

Deixando de lado todo o drama com Thomas, ela amava a uele emprego. Muito.

Carly atravessou os corredores vazios da Casa na rvore, com a sensação estranha de ue estava vivendo um apocalipse zumbi. Nunca tinha visto a casa tão vazia, tão *limpa*. Em geral, a uele lugar vivia cheio de música e risadas, casacos ogados no sofá, canecas de caf largadas no balcão da cozinha. Mas todos os seus amigos tinham se mudado nos últimos dias, seguindo para apartamentos em São Francisco, ou para a Costa Leste, ou, no caso de Anna, para um novo emprego numa ONG voltada para educação.

Diante de seu antigo uarto, Carly acendeu a luz. Tudo estava exatamente como ela tinha deixado na semana anterior, antes de fugir para o Texas: a

cama bagunçada, roupas su as ainda no cesto no canto. De repente, se deu conta de tudo o ue havia perdido a formatura, a chance de se despedir e sentiu vontade de se encolher na cama e chorar. Mas, como sua avó dissera, *as coisas difíceis não vão ficar mais fáceis se você adiá-las.* Se ia fazer a uilo, era melhor fazer logo.

Carly começou pelo guarda-roupa: dobrou su teres e vestidos, enrolou um tapete de ioga e o separou para doação, encaixotou apostilas velhas para reciclagem. Ao se deparar com o gorro preto com o logo do Google, congelou.

Era o gorro ue Thomas tinha colocado na cabeça dela, a eitando seu cabelo atrás da orelha com carinho, na noite em ue tudo começou. Uma lembrança de um relacionamento ue nunca existiu.

Ela devia ter entendido o sinal, pensou, cansada. O único presente ue Thomas lhe dera tinha sido um brinde corporativo grátis.

Ao ouvir uma chave girar na porta da frente, ela se levantou com um sobressalto.

Por um instante irracional, Carly pensou ue fosse Thomas. Ela sabia ue não fazia sentido, mas ainda assim ficou de p , os punhos cerrados, pronta para a briga

Liana

Era Nate, procurando uma tal de Liana. uando notou ue não era a voz de Thomas, sentiu como se uma l mina atravessasse o buraco ue á existia em seu peito.

Sou eu respondeu Carly.

Momentos depois, Nate apareceu na porta do uarto dela.

Carly disse ele, cauteloso, uase hesitante. Não sabia ue voc tinha voltado.

Só vim buscar minhas coisas. Carly fez um gesto desnecessário para indicar a bagunça de roupas ao redor, mais ou menos separada entre as duas malas vazias.

Certo.

Nate ficou parado ali, meio sem eito. Ao perceber a imensidão ue os separava, Carly sentiu uma nova onda de tristeza. A uele era Nate, com uem tinha ido no drive-thru da lanchonete mais vezes ue podia contar, sempre dividindo um milk-shake de chocolate. O mesmo Nate ue a arrastou para

uma balada country no primeiro ano uando ela ficou com saudade de casa, ouvindo-a cantar Trisha earwood a plenos pulm es, e deixou ue lhe ensinasse uns passos de dança. Nate, ue sempre esteve ao seu lado, não importava o ue acontecesse. ue a conhecia melhor do ue ual uer um, por ue com ele Carly tinha sido cem por cento ela mesma.

Ela se deu conta do uanto havia se diminuído no relacionamento com Thomas, tentando se tornar a garota ue ele dese aria namorar, com tanto medo de perd -lo ue ignorava o eito como ele a tratava.

Voc vai voltar pra casa depois ue arrumar tudo perguntou Nate.

Acho ue sim a resposta saiu como uma pergunta.

Nate se apoiou no batente da porta, os olhos escuros fixos nela.

Se precisar de um lugar pra ficar en uanto decide os próximos passos, pode vir ficar comigo e com o Lucas. A casa bem pe uena acrescentou ele, depressa. Mas voc pode ficar com um dos uartos.

 muito gentil da sua parte, mas estou bem. Carly se obrigou a dizer, embora uisesse muito aceitar. Eu preciso Eu não devia

Para sua total humilhação, ela começou a chorar. O ue vinha acontecendo com uma fre u ncia alarmante nos últimos tempos.

Ei, vai ficar tudo bem. Nate deu um passo apressado frente e a abraçou, como á havia feito tantas vezes ao longo da uela amizade.

Uma amizade ual Carly não tinha dado o devido valor. Uma amizade ue nunca tinha se tornado algo a mais por falta de sincronia por ue, durante muito tempo, Nate namorou Emma, e depois, uando finalmente ficou solteiro, os pensamentos de Carly foram consumidos por Thomas, ue tinha sido o cara errado esse tempo todo.

Carly tinha fugido para o Texas por ue precisava de espaço, mas a uele espaço só servira para mostrar do ue ela de fato precisava: a pessoa ue estava bem na sua frente.

Por um instante, ela se deixou apoiar em Nate. Fechou os olhos, apreciando o calor de seu peito, a sensação de ser acolhida e valorizada.

Então se afastou, a eitando o cabelo atrás da orelha.

Desculpa disse depressa. Eu não devia Sei ue tarde demais pra nós dois, e ue eu estraguei tudo, vou te deixar em paz

Nate a encarou, confuso.

Do ue voc tá falando

Eu ouvi uando voc entrou. Estava procurando uma tal de Liana. Carly se obrigou a acrescentar: Ela sua nova namorada, n

Liana a líder do novo grupo ue vai herdar a casa respondeu Nate, atônito. Os veteranos ue vão assumir nosso contrato de aluguel.

Ah soltou Carly, sem fôlego. *Ah*.

Então tomou a única atitude ue fazia sentido. Agarrou Nate pela blusa, puxou-o para si e o bei ou.

Nate ficou surpreso a princípio, mas depois de um instante, Carly o sentiu retribuir o bei o, movendo os lábios contra os dela. Carly ar ueou as costas, envolvendo os ombros dele com os braços, brincando com os cachos macios de seu cabelo. Era inacreditável ue os dois tivessem sido amigos por tantos anos e, ainda assim, ela estivesse descobrindo tantas coisas eletrizantes sobre ele. Se em algum momento tivesse imaginado como seria o bei o de Nate (ok, tá bom, Carly á tinha imaginado, sim), supunha ue seria doce, suave, cuidadoso. Por ue *Nate* era doce, suave e cuidadoso. Mas a uele bei o era completamente diferente: ávido, intenso, avassalador. Fazia Carly uerer ogá-lo na cama na uele instante e trancar a porta.

Era diferente de todos os bei os ue á havia experimentado, mas isso fazia sentido. Com Nate, tudo sempre tinha sido diferente.

 uando finalmente se afastaram, Nate olhou para ela parecendo deslumbrado.

Desculpa disse ele , mas eu pensei Isso só um eito de superar o Thomas Ou real

Não uero pensar no Thomas nunca mais afirmou Carly, enfática.

Mas teria ue pensar para fazer o ue vinha a seguir.

Afinal, por ue Carly deveria abrir mão de um futuro no Google só por ue ela e Thomas tinham um passado conturbado uem deveria ir embora era *ele*, arran ar outra e uipe ou mudar de empresa. Ele ue tinha uebrado as regras ao dormir com uma estagiária. Se ela o denunciasse pro RH, *ele* seria demitido, não ela.

Não ue Carly plane asse denunciá-lo. Ela só pretendia lembrá-lo de ue podia fazer isso para garantir ue ele não ia se meter no seu caminho.

Mas uando eu perguntei se voc ueria vir morar com a gente, voc

disse ue não respondeu Nate, confuso.

Nate, se a gente for namorar, não posso trabalhar com voc , nem morar com voc . Carly se deu conta do ue tinha falado e se apressou em acrescentar: uer dizer, se voc uiser namorar, claro.

Nate abriu um sorriso ue iluminou todo a uele uartinho sombrio.

Carly Miller. Eu uero namorar voc desde ue nos conhecemos. Ele estendeu a mão como um personagem num filme da Disney. Vamos

Vamos

Carly esperou ue Nate completasse a frase, e ele abriu um sorriso ainda maior.

No nosso primeiro encontro.

Agora

Como eu disse, faz muito tempo ue eu espero por esse momento. Não vou perder a chance agora ue voc finalmente aceitou.

Eu finalmente aceitei interrompeu ela, com um sorriso e uma sobrancelha ar ueada. Desculpa, mas fui eu ue fi uei solteira a maior parte do tempo en uanto voc

Acho ue nós dois podemos concordar ue a sincronia passou longe emendou *rápido* Nate, retribuindo seu sorriso. Mas estamos a ui agora.

Estamos a ui agora ecoou Carly.

Ela não sabia muito bem onde era esse *aqui*; ainda havia muita coisa para analisar. Mas nada importava, desde ue Nate estivesse ao seu lado.

Eles entrelaçaram os dedos.

Vamos num encontro disse ele de novo. Depois voltamos para terminar de empacotar suas coisas, untos.

Juntos. A ideia de ficar sozinha com Nate na uela casa vazia fez o corpo inteiro de Carly es uentar, do eito mais delicioso e delirante.

Sou muito eficiente pra fazer as malas respondeu ela, com segundas intenç es.

Nate se curvou para dar mais um bei o em Carly, então seguiu em direção porta. Mas havia uma última coisa ue ela precisava fazer antes de realmente ir adiante com Nate.

Ela se abaixou para pegar o gorro do Google do chão, e o ogou no lixo ao sair.

OURO DOS TOLOS

Laura Sebastian



Playlist: "Bejeweled"

TODO MUNDO QUE IMPORTAVA ESTAVA na festa de aniversário de dezessete anos de Jasper Glim, realizada na ilustre resid ncia da Fettle S uare. A maioria das pessoas era educada demais para comentar, mas apenas seis meses antes, a casa estava caindo aos pedaços, as anelas de cristal lapidado fechadas com tábuas, os móveis cobertos de pó, os ob etos de valor vendidos para uem desse o maior lance. Agora, o lugar reluzia como a oia mais brilhante da coroa da rainha, prova de ue o herdeiro dos Glim conseguira mudar o rumo amaldiçoado da família.

Se a uele libertino do pai dele tivesse algum uízo, estaria agradecendo aos deuses pelas habilidades do filho, ainda ue só os deuses saibam de uem ele as herdou comentou Emerald Reade com a amiga, Ruby DiMarco, en uanto as duas davam uma volta pelo salão lotado, os vestidos incrustados de oias brilhavam luz do enorme lustre ue pendia no alto.

Com certeza não foi da mãe respondeu Ruby, com um sorriso malicioso nos lábios vermelhos cintilantes. Da última vez ue ouvi falar dela, ainda estava em Bline com o ardineiro.

Pensei ue ela tivesse fugido com o professor de t nis disse Emerald, franzindo a testa.

E fugiu mesmo. Ruby riu. Direto para os braços do ardineiro.

Emerald balançou a cabeça.

Sinceramente, Jasper operou um milagre para reverter o estrago ue seus

pais fizeram com a reputação dos Glim.

Nenhuma das duas reparou na garota magra e loira ao passarem por ela, a não ser para lançar um olhar de aprovação ao vestido adornado de pedras-da-lua, ue fazia sua pele repleta de sardas parecer ter brilho próprio. Nenhuma das duas notou ue a garota soltou uma risadinha ao ouvi-las dizer ue Jasper Glim havia operado um milagre. Mas, claro, era isso ue todo mundo acreditava; como seria diferente, se Jasper tinha tomado todo o cuidado para construir essa narrativa, en uanto a própria Tourmaline fazia a maior parte do trabalho, das sombras

Um garçom passou com taças de champanhe, e Tourmaline pegou uma, murmurando um obrigada . Ele ficou tão surpreso ue uase tropeçou.

Tourmaline se repreendeu mentalmente en uanto dava um longo gole. A elite não agradecia aos empregados mais uma prova de ue ela não pertencia uele lugar, ao mundo de Jasper. Mas, at aí, ela sabia disso desde o momento em ue se conheceram, uando ele entrara na lo a do pai dela no centro da cidade com um sorriso mais brilhante do ue ual uer pedra preciosa ue eles tivessem no esto ue.

Esse rapaz ue nem pirita , dissera o pai dela assim ue Jasper foi embora, depois de vender uma caixa com as oias menos valiosas da mãe, alguns dos últimos itens de valor ue lhe restava. Bonito de se ver, mas logo perde o brilho.

uela altura, por m, á era tarde demais: Tourmaline á estava meio apaixonada por ele.

Agora, metade da cidade tamb m estava, e Tourmaline não podia culpá-los. Jasper era um rapaz fácil de amar, com seu cabelo dourado bagunçado, o sorriso torto com covinhas e a ueles olhos castanho-escuros intensos ue faziam ual uer um sentir como se fosse a única pessoa do mundo.

Tourmaline, ue aos dezesseis anos havia passado mais tempo cercada pelas pedras preciosas do pai do ue por pessoas da sua idade, não tivera a menor chance diante do charme magn tico dele.

Ela terminou a taça de champanhe e resistiu ao impulso de a eitar o vestido, odiando como o corpete crave ado de oias apertava seu torso. Era uma obra de arte, ela sabia, e havia sido costurado com extremo cuidado por Peridot, sua amiga, a partir de centenas de fragmentos minúsculos de pedras-

da-lua arco-íris, escolhidos mão por Tourmaline e imbuídos da magia de ue precisava na uela noite.

Me torne a chama que atrai a mariposa.

En uanto abria caminho pela multidão, por m, Tourmaline não se sentia como uma chama. Num oceano de glamour e opul ncia, ela era inegavelmente comum, uma garota da classe trabalhadora dos p s cabeça, como tinha sido criada para ser antes de descobrir a magia em suas veias. Mas não importava ue ningu m olhasse para ela por muito tempo; não eram eles as mariposas.

A mariposa era Jasper Glim, e uando ela finalmente o avistou, no mezanino com seus amigos mais próximos, soube ue o feitiço tinha funcionado.

 uando os olhos dele encontraram os seus, Jasper ficou em chamas.

Tourmaline fingiu não sentir o olhar de Jasper sobre ela en uanto serpenteava pela multidão, mas se deleitava com o peso da uela atenção. Agora ue sabia ue ele a observava, começou a puxar conversa com outros convidados. Elogiou o vestido de uma mulher, tocando os uartzos rosa costurados na saia esvoaçante. Deu risada da piada batida de um senhor mais velho, tocando seu braço no ponto exato em ue se encontrava seu relógio de diamante. Se enfiou no meio de um trio de garotas fofo ueiras da sua idade, e as entreteve inventando uma história tão escandalosa ue ningu m notou uando seus dedos roçaram a pulseira de safira de uma delas.

Nenhum dos novos amigos de Tourmaline percebeu ue suas oias sumiam após encontrá-la. Mas Tourmaline sabia ue Jasper havia percebido.

Como não perceberia, se tinha sido ele uem a ensinara a roubar

Na primeira vez ue Jasper levara Tourmaline casa de sua família, o lugar estava mais para um mausol u do ue para uma mansão, com as paredes desprovidas de uadros e os móveis cobertos por lonas empoeiradas. Jasper havia lhe contado tudo sobre as dificuldades financeiras da família, então o estado da casa não deveria ter sido nenhuma surpresa, mas ela não estava preparada para a sensação de vazio ue sentira.

Conforme lhe mostrava os cômodos, ele lhe dera um sorriso tão

esperançoso ue afugentou um pouco do frio dos corredores da resid ncia.

Sei ue não grande coisa, mas untos podemos restaurar todo o brilho.

Em menos de seis meses, tinham conseguido ustamente isso, mas, ao contrário das fofocas, a reviravolta na fortuna dos Glim pouco tinha a ver com os investimentos inteligentes de Jasper ou seu faro aguçado para os negócios; tinha tudo a ver com Tourmaline. Por ue, assim como Jasper lhe contara os segredos mais sombrios sobre sua família e a perda de sua fortuna, Tourmaline tamb m compartilhara os seus, incluindo seu talento com pedras preciosas. Contou ue as pedras eram atraídas por ela, s vezes indo parar no seu bolso uando ela atravessava uma multidão, ou acabando na sua mão uando cumprimentava um estranho. Contou ue era capaz de enfeitiçá-las, imbuindo pedras diferentes com variadas intenç es ue podiam fazer de tudo, desde aliviar uma dor de cabeça at atrair boa sorte.

Roçar os dedos no uartzo rosa trazia um rubor saudável s suas bochechas; cornalina a fazia se sentir capaz de subir correndo uma dúzia de lances de escadas sem se cansar; e a lepidolita a embalava no sono mais tran uilo possível.

Tourmaline at usou seu dom em Jasper, para a udá-lo a superar os problemas financeiros. Enfeitiçou algumas pedras de ade com boa sorte, de forma ue os poucos investimentos ue lhe restavam começaram a melhorar. Então enfeitiçou um pedaço de citrino para atrair dinheiro, o ue levou o contador dele a encontrar um erro nos registros, rendendo-lhe uma uantia considerável. Não chegava nem perto de compensar a fortuna gigantesca ue seus pais tinham perdido, mas ela pensara ue seria suficiente para eles construírem uma nova vida talvez não tão luxuosa como a ue ele estava acostumado, mas ainda assim uma boa vida. Uma vida untos.

Para Tourmaline, a uilo bastava; mas para Jasper, era só o começo. uando ele mencionou a ideia de roubar oias, foi com tanta naturalidade ue ela teve certeza de ue era brincadeira. Mas não era.

Vai ser fácil disse Jasper, explicando seu plano. Por favor, Tourmaline Eu preciso de voc .

E, bom, como ela diria não a isso

A uela foi a primeira vez ue ele a levou a uma festa parecida com essa: gastou o pouco dinheiro ue ainda lhe restava num vestido luxuoso coberto

de lápis-lazúli, e a conduziu pela multidão, apresentando-a a um borrão indistinto de pessoas cu os nomes ela es uecia uase de imediato. Tourmaline mal conseguia se concentrar em outra coisa al m de sua missão, afanando pedras preciosas e enfiando-as nos bolsos ue Jasper insistira para a costureira incluir no vestido.

Na uela noite, ela roubou uma pe uena fortuna e ningu m se deu conta. Se percebessem ue algumas oias estavam faltando em suas roupas ou seus acessórios na manhã seguinte, seria fácil culpar a noitada repleta de dança e farra, e ainda mais fácil substituí-las sem pensar duas vezes. E Tourmaline levara as pedras roubadas para a lo a do pai sem ue ele percebesse, transformando-as em novas peças ue s vezes eram vendidas de volta para as mesmas famílias de uem ela havia afanado.

Tourmaline esperava ue a uele lucro fosse suficiente para Jasper, mas não foi. Ele ueria *mais*.

Foi então ue ele a apresentou para Peridot e Larimar.

Alguma novidade, Tourmaline

A voz se esgueirou pela mente da garota como se fosse seu próprio pensamento, mas não era. Ela conhecia a uela voz bem demais para confundir com a sua própria. uando Peridot falava, a frase mais casual ou solene soava como se ela mal estivesse conseguindo segurar o riso. Nos poucos meses desde ue Tourmaline fora apresentada a ela, isso á a tinha metido em mais encrencas do ue dava para contar.

Ainda sem novidades, pensou Tourmaline em resposta, en uanto pegava mais uma taça de champanhe, ue bebeu mais devagar do ue a anterior. Tinha ue manter a cabeça no lugar, então fingiu tomar um gole discreto, mais por formalidade do ue por ual uer outra coisa.

Peridot não respondeu, mas Tourmaline ainda sentia a presença dela em sua mente, a impaci ncia da outra deixando-a flor da pele.

Não vai demorar, garantiu Tourmaline. *Da sua parte está tudo pronto?*

Não foi Peridot uem respondeu, por m.

Estamos prontos e a postos, chefe, disse Larimar, sua voz grave e tran uila deixando Tourmaline bem mais vontade do ue o champanhe.

Tourmaline havia enfeitiçado tr s águas-marinhas, ue permitiam ue se comunicassem desde ue as pedras estivessem em contato direto com a pele a dela estava presa sob o corpete, bem na altura do esterno. uando eles executaram o primeiro roubo untos, Tourmaline ainda não tinha entendido direito como fazer a uele feitiço funcionar; agora, por m, á era algo natural. A única diferença dessa vez ue ela tinha enfeitiçado apenas tr s pedras, e não uatro.

Ao pensar em Jasper, Tourmaline percebeu ue não sentia mais o olhar dele em suas costas, e virou para procurá-lo. Na uele instante, uma mão grande, uente e familiar segurou a dela, en uanto outra pegava a taça de champanhe de sua mão, entregando a um garçom. Um momento depois, ela se viu em meio ao abraço familiar de Jasper, rodopiando pelo salão no ritmo de uma música ue ela não conhecia.

Os olhos castanho-escuros dele brilhavam, e seu sorriso era charmoso como sempre, mas, uando ele falou, uma nota de irritação se revelou em sua voz:

Achei ue tínhamos concordado ue não era uma boa ideia voc vir esta noite disse ele.

Ah indagou Tourmaline, inclinando a cabeça e abrindo seu sorriso mais inocente. Pensei ue voc tinha dito ue eu não ia me divertir por ue o ambiente *não combinava comigo*.

Não combina mesmo respondeu ele, lançando um olhar significativo para a multidão. A maioria nem se esforçava para fingir ue não estava de olho nos dois, cochichando por trás da revoada de le ues crave ados de oias.

Voc mesma disse ue são um bando de babacas fúteis com mais dinheiro do ue bom senso.

E *são* mesmo Tourmaline riu, balançando a cabeça. Mas seu *aniversário*, Jasper. Claro ue eu viria. Ela examinou a expressão dele como se á não soubesse o ue iria encontrar, e fez uma ceninha deixando o sorriso desaparecer no rosto. Achei ue voc ficaria feliz em me ver Voc não me uer a ui

Jasper não ueria, isso estava claro pela tensão acumulada em seus ombros e pelo modo como seu olhar percorria o salão, mas ele tentou esconder mesmo assim.

Claro ue uero, uerida afirmou, num tom ue lembrava

Tourmaline do eito como os pais falavam com os filhos, e não como um rapaz deveria falar com a garota ue chamara de amor da sua vida.

Pirita, era como o pai de Tourmaline o havia chamado, mas claro ue ela não entendera na poca, cega pelo brilho. Não havia nada de *errado* com a pirita, óbvio, desde ue voc soubesse o ue ela era. Só ue muitas pessoas tolas se convenciam de ue era ouro. No caso de Jasper, Tourmaline tinha sido uma delas.

Eu só estou preocupado E se algu m te reconhecer uestionou ele.

O primeiro instinto de Tourmaline foi rir. Ela á havia roubado metade das pessoas no salão, mas se certificara de ue nenhuma delas visse seu rosto.

Mas uando parou para pensar nisso, enfim entendeu.

Da lo a do meu pai, voc uer dizer perguntou, odiando como sua voz falhou ao pronunciar a palavra *loja*.

Ela havia dito a si mesma ue Jasper não podia mais machucá-la, ue havia revogado esse direito depois de ele ter passado dos limites tantas vezes. Ela estava errada.

Jasper percebeu o deslize e se apressou em consertá-lo, embora o estrago á estivesse feito.

Claro ue não, não se a ridícula, Tourmaline.

Foi a mesma coisa ue ele disse alguns dias antes, uando sugeriu ue Tourmaline fosse embora da casa cu o antigo esplendor ela havia a udado a restaurar, e ela perguntou se ele estava terminando tudo ue tinham.

Claro que não, não seja ridícula, Tourmaline. É que eu ando muito ocupado, e não gosto de pensar em você sozinha nesta casa enorme. Você não ficaria mais feliz na casa do seu pai? Tenho certeza de que ele sente muita saudade, e sei que você também sente. Vai ser só por um tempo, até as coisas se acalmarem.

Ele não havia especificado ue *coisas* eram a uelas ue precisavam se acalmar, e ela não perguntou. Foi só mais tarde, en uanto relatava a conversa para Peridot na uela noite, en uanto tomavam chocolate uente, ue ela finalmente admitiu, ainda ue só para si mesma, ue no fundo á sabia a resposta.

Tourmaline lhe devolvera sua antiga vida, ele voltara a ser o ueridinho da alta sociedade, um dos ovens solteiros mais cobiçados da cidade, com uma fortuna e uma linhagem ue dinheiro nenhum poderia comprar, e ela Bom,

ela era só a filha do oalheiro.

Ora, ela tinha crescido com uma vida confortável, numa casa bem-cuidada onde tinha o próprio uarto, a barriga sempre cheia, pais carinhosos. Nunca lhe faltara nada. Mas, para as pessoas ue Jasper Glim tinha convidado para sua festa de aniversário, ela era inferior. Isso, por si só, não era motivo de surpresa; ela havia a udado o pai na lo a por tempo suficiente para entender como os clientes a enxergavam. O ue não tinha percebido at a uele momento, ao dançar com Jasper sob o lustre cintilante, era ue *ele* tamb m a enxergava da uela maneira.

Talvez sempre a tivesse enxergado assim. E não importava o uanto Tourmaline tentasse proteger seu coração do garoto ue o segurava sem ual uer cuidado na mão cheia de an is a uilo *doía*.

Tourmaline, a voz de Peridot surgiu em sua mente de novo.

Felizmente, nem ela nem Larimar podiam ouvir todos os seus pensamentos, só os ue Tourmaline dese asse. Se os amigos pudessem ter acesso ao ue se passava em sua mente na uele momento, ela amais se recuperaria de tamanha humilhação.

Já está na hora?, insistiu Peridot.

Tourmaline engoliu a dor do coração partido e encarou seu algoz. Sabia ue não podia machucá-lo da mesma forma mesmo se ele tivesse coração, amais o teria entregado a ela , mas podia machucá-lo de um eito diferente. Um eito capaz de garantir ue ele nunca mais a considerasse inferior.

Então, ela o encarou com seu sorriso mais inocente e fingiu acreditar em suas mentiras, pelo menos por en uanto.

Podem ir, disse para Peridot e Larimar em pensamento. *Peguem tudo.*

Mas você disse… começou Larimar, mas Tourmaline o interrompeu.

Mudei de ideia. Não deixem nada para trás.

A princípio, Tourmaline não soube o ue pensar de Peridot e Larimar. Jasper os conhecera por meio de amigos , embora nunca tivesse explicado como um garoto nascido em berço de ouro teria amigos em comum com dois trombadinhas criados nas ruas.

Larimar era capaz de abrir ual uer cofre, Jasper contou a ela uando os

apresentou na g lida sala de estar da mansão numa noite fria de inverno. Peridot, por sua vez, conseguia passar como uma sombra por guardas, sistemas de alarme e uais uer outras medidas de segurança. Então Jasper começou a detalhar o plano ue havia elaborado para ue eles invadissem a casa de Agate e yanite Flint en uanto o casal ia ópera. Ele fre uentara a casa dos Flint desde criança, então sabia onde as oias ficavam guardadas. A maior parte delas estaria vista, explicara ele, expostas para impressionar ual uer visitante, por m as mais caras ficavam dentro de um cofre. A elite não confiava suas imensas fortunas aos bancos, nem em coisas tão instáveis e passageiras como c dulas e moedas. Em vez disso, acumulavam ri ueza na forma de pedras preciosas: uanto maiores e mais brilhantes, melhor. Costuravam-nas s roupas, enrolavam-nas no pescoço, no pulso e nos dedos, perfuravam as orelhas e outras partes do corpo com elas, e guardavam o restante em gabinetes embutidos no porão de todas as casas.

En uanto Jasper falava, Tourmaline não podia evitar ue sua atenção se desviasse para os novatos, e sempre ue isso acontecia, encontrava-os observando-a de volta, avaliando-a. Sem dúvida, os dois se perguntavam ual seria o papel dela no plano, á ue Jasper não revelara a eles os dons de Tourmaline. Ainda assim, ela tinha a forte impressão de ue os dois não tinham ido com a cara dela.

Foi somente no meio da uele primeiro roubo logo depois de Larimar arrombar o cofre ue Tourmaline provou seu valor. En uanto vasculhava em busca das oias mais caras, ela salvou a pele do grupo usando uma labradorita para torná-los invisíveis segundos antes de uma empregada intrometida pegá-los no ato.

Não toa ue Jasper está te mantendo em segredo disse Peridot a ela mais tarde na uela noite, en uanto comemoravam na mansão de Jasper, os tr s sentados no chão frio de pedra de seu próprio gabinete de pedras preciosas. At então, Tourmaline só tinha visto o acervo vazio.

O ue uer dizer perguntou ela, se empertigando.

Larimar soltou uma risada.

Ela uis dizer isso como um elogio, Tour.

Tour. Tourmaline gostou de ser chamada assim. Nunca ningu m tinha dado um apelido a ela antes.

Claro ue sim concordou Peridot. Só uis dizer ue garotos como Jasper não gostam de ser ofuscados, e voc faz isso com maestria.

Não importava o ue os dois dissessem, a uilo não parecia um elogio.

Jasper me ama afirmou ela.

Bom, claro ue ama respondeu Peridot, revirando os olhos. Tem ue amar mesmo, á ue voc acabou de roubar uma pe uena fortuna pra ele, e aposto ue ele não está pagando a voc o mesmo ue paga gente.

Jasper não estava pagando nada a ela, mas Tourmaline nunca pensara em pedir uma recompensa. Por ue pediria, se estava fazendo a uilo para ue construíssem uma vida untos

Peridot devia ter percebido sua irritação crescente, por ue respirou fundo e passou a garrafa de champanhe para ela.

O ue uero dizer o seguinte: não permita ue ele te mantenha numa prateleira tão alta ue ningu m mais tenha a chance de te amar tamb m.

Por causa da minha magia, voc uer dizer indagou Tourmaline.

Isso, pelo menos, fazia sentido. Seu pai costumava dizer algo parecido, alertando-a para tomar cuidado com as pessoas ue a usariam só pelo seu dom.

Não falou Larimar, surpreendendo-a com a firmeza da resposta.

Sua magia extraordinária, claro acrescentou logo Peridot. Mas não a melhor parte de voc .

Tourmaline pensou ue talvez a uele fosse o maior elogio ue á tivesse recebido, ainda ue, lá no fundo, tivesse certeza de ue não era verdade.

uando a dança foi chegando ao fim, Tourmaline á sentia seu sorriso vacilar. Era mais difícil do ue imaginara dar risada e sorrir para Jasper, fingindo ue não havia nada de errado, ue eles ainda eram um casal perdidamente apaixonado.

Mas ela tinha a tarefa mais tran uila da uela noite, e não podia permitir ue Peridot e Larimar fossem pegos por causa de seus sentimentos tolos.

Decidiu ue a maneira mais fácil de manter o controle da situação era embebedando Jasper.

Voc está com cara de uem precisa de um pouco de champanhe, Jasper

disse, e então enlaçou o braço no dele, fingindo não notar como ele ficou tenso com o gesto e lançou olhares pelo salão para as dezenas de pessoas ue fingiam não os observar.

Na verdade, á tenho planos com Malachite e uartz respondeu Jasper, erguendo o olhar para o mezanino, onde dois garotos da idade deles estavam esperando. Prometi um tour pelo gabinete de pedras preciosas, agora ue voltou a ficar cheio. Fi ue vontade para nos acompanhar, mas imagino ue vai achar entediante. Voc á viu tudo ue está lá.

Tourmaline sentiu o p nico esmagar seu coração, e se esforçou para não deixá-lo transparecer.

De quanto tempo vocês ainda precisam?, perguntou para Peridot e Larimar em pensamento.

Cinco minutos, respondeu Peridot animada, ao mesmo tempo ue Larimar respondeu: *Quinze*.

Vou fazer a média e enrolar mais dez, disse Tourmaline, torcendo para ser capaz de conseguir tudo isso.

Claro ue vou unto respondeu para Jasper, apertando seu braço mais forte. Vou adorar conhecer seus amigos. Já ouvi falar tanto deles, e tenho certeza de ue á falou de mim pra eles tamb m.

O olhar cortante de Jasper confirmou ue, na verdade, ele não tinha contado absolutamente nada sobre ela para os amigos.

Tourmaline, acho melhor voc ir embora falou ele, baixinho. Sei o real motivo de voc estar a ui, e não posso compactuar com isso.

Foi a vez de Tourmaline ficar tensa.

Como assim

Jasper soltou o ar com força antes de arrastá-la para fora da pista de dança e conduzi-la a um corredor estreito por onde os empregados passavam para ir at a cozinha. Chegando lá, soltou seu braço, mas o espaço era tão apertado ue ele continuava perto o bastante para ela sentir o familiar aroma amadeirado e de algodão limpo ue sempre o acompanhava.

O verdadeiro motivo pelo ual eu não ueria ue voc viesse esta noite era por ue eu *sabia* ue voc não conseguiria se controlar afirmou ele, sem ual uer traço de cordialidade na voz.

Do ue voc

Antes ue Tourmaline pudesse terminar a pergunta, Jasper levou as mãos sua cintura, procurando os bolsos do vestido.

Uma onda de alívio a inundou uando ele tirou o punhado de oias ue ela havia roubado dos outros convidados, erguendo-as entre eles com um olhar de triunfo.

Voc veio at a ui para roubar meus amigos acusou Jasper.

Tourmaline teve ue segurar a risada. Era muita cara de pau se mostrar tão escandalizado uando tinha sido *ele* uem a transformara numa ladra. Não era culpa dela ue fosse tão boa nisso. E o único motivo para ter roubado a uelas oias tinha sido para distraí-lo, o ue claramente havia funcionado. Ela deu de ombros, fingindo indiferença.

difícil abandonar velhos hábitos, uerido respondeu com um sorriso despreocupado, estendendo a mão para tentar pegar as oias de volta, mas ele segurou o seu pulso com a mão livre.

Não vou permitir uma ladra na minha casa, Tourmaline. Não lutei tanto para reconstruir minha vida para deixar ue voc estrague tudo. melhor voc ir embora agora. Não uero te ver nunca mais.

Era uase um alívio ouvi-lo dizer com todas as letras, depois de enrolar para admitir a verdade durante as duas últimas semanas embora, Tourmaline soubesse ue ele estava evitando admitir a verdade havia bem mais tempo.

Eu achei ue voc me amava declarou ela, por ue por mais ue doesse, precisava ouvi-lo dizer a uilo.

O maxilar de Jasper ficou tenso, e seus olhos perscrutaram o rosto dela. Por um breve instante, Tourmaline viu um lampe o do garoto ue achou ue conhecia.

Eu amo disse ele, suavizando a voz. Apesar de tudo, ela acreditava. Mas não ve o futuro para nós dois. Não mais. Jasper suspirou, soltou o pulso dela e pressionou as oias de volta em sua mão. Vá pra casa, Tourmaline.

Esse era o problema, por m: para Tourmaline, a casa dela ainda era ali, com ele. Mas a uele á não era seu lar. Na verdade, nunca tinha sido.

Quanto tempo ainda?, perguntou em pensamento.

Dessa vez, Peridot e Larimar responderam a mesma coisa. *Cinco minutos*.

Jasper deu um bei o frio em sua testa antes de se afastar, pronto para voltar para a festa, para os seus amigos, e arruinar tudo. Tourmaline não podia permitir ue isso acontecesse, e só conseguia pensar em uma maneira de segurá-lo ali.

Ela o alcançou, envolveu os braços em seu pescoço e ficou na ponta dos p s para bei á-lo, pegando-o de surpresa, embora ele não fizesse nenhum movimento para se afastar.

Se isso uma despedida sussurrou contra os lábios dele , então pelo menos faça direito, Jasper.

Não foi preciso insistir muito. Numa fração de segundo, ele á a havia prensado contra a parede áspera do corredor e erguido a mão para segurar seu rosto en uanto a bei ava como se uisesse devorá-la. *Me torne a chama que atrai a mariposa*, ela havia pensado en uanto enfeitiçava as pedras-da-lua do vestido, imbuindo a intenção em cada uma das centenas de pedrinhas ue compunham o corpete. Mas a verdade ue não precisava de magia para atrair Jasper. Talvez a magia fosse o motivo para amá-la, mas ele a dese ara mesmo antes de saber sobre o seu dom, e ainda a dese ava. E a verdade mais perturbadora era ue ela ainda o ueria tamb m, ou pelo menos seu corpo ueria.

As oias roubadas tilintaram no chão ao redor dos dois en uanto ela passava os dedos pelo cabelo dourado e despenteado de Jasper, puxando-o para si e fingindo, só por um instante, ue nunca teria ue deixá-lo.

Então Jasper interrompeu o bei o e foi descendo os lábios pelo seu pescoço, e Tourmaline se es ueceu de pensar em ual uer outra coisa.

Tour?

O som da voz de Larimar penetrou a n voa de sua mente, e Tourmaline abriu os olhos, voltando a si e torcendo desesperadamente para ue não tivesse deixado nenhum pensamento escapar para os amigos.

Terminaram? perguntou ela.

Pegamos tudo. Nos vemos em casa.

Lá estava a uela palavra de novo: casa. Larimar a pronunciou com tanta certeza, e por ue não o faria Ele e Peridot haviam construído um lar para si mesmos e garantiram ue ningu m seria capaz de tirá-lo deles. A casa dela á não era ali com Jasper, mas, na semana ue passou com o pai, percebeu ue a

casa dele tamb m não era mais um lar.

Jasper deve ter percebido ue sua atenção tinha ido para outro lugar, por ue se afastou para encará-la com os olhos semicerrados e a boca inchada pelos bei os, numa expressão s ria.

Se vale de alguma coisa, sinto muito ue as coisas tenham terminado assim, Tourmaline disse ele baixinho.

Ela achou ue ele poderia estar sendo sincero, por mais risível ue fosse. Desde o dia em ue se conheceram, era Jasper uem controlara a vida dos dois.

Eu tamb m sinto muito respondeu Tourmaline, o ue tamb m era verdade.

Ela duvidava ue a uelas palavras serviriam de alguma coisa uando ele se desse conta pelo ue exatamente ela estava se desculpando.

Jasper foi embora sem dizer mais nada, e Tourmaline voltou a se encostar na parede com um suspiro, fazendo uma pausa para se recompor. Sob a penumbra, as oias ue havia roubado dos convidados cintilavam no chão. uando foi embora, não as levou consigo.

A palavra *casa* ecoava na cabeça de Tourmaline conforme subia a escada ue levava ao apartamento de Peridot e Larimar, um espaço aconchegante com tr s uartos, no alto de um pr dio de cinco andares. uando alcançou a porta, eles á a esperavam, com sorrisos igualmente triunfantes, mais brilhantes do ue ual uer oia usada pelos convidados da festa de Jasper.

O sorriso deles se alargou ainda mais uando ela ergueu uma garrafa de champanhe ue havia surrupiado da cozinha da mansão durante a fuga.

Larimar pegou a garrafa e seguiu para a cozinha do apartamento, en uanto Peridot a acompanhava para a sala, mas Tourmaline não deu nem tr s passos antes de paralisar, com os olhos arregalados.

Peguem tudo, ela dissera, mas não tinha se dado conta do ue a uilo significava. Agora entendia. Cada superfície da sala estava coberta de pedras preciosas de todos os formatos, tamanhos e cores todas familiares. Somando, deviam ser milhares.

Minha nossa exclamou, as palavras a abandonando conforme girava

devagar, absorvendo cada brilho.

Peridot riu, cruzando as mãos conforme se balançava para frente e para trás no mesmo lugar.

Loucura, n Larimar disse ue vai começar a vender amanhã, mas temos ue tomar cuidado, claro. Jasper vai saber ue fomos nós ue pegamos.

Não estou muito preocupada com isso comentou Tourmaline. Ele não pode nos denunciar sem acabar se incriminando.

Ela caminhou pela sala, passando os dedos por um diamante do tamanho de uma bola de golfe, um rubi em formato de coração, uma safira no tom mais vibrante de rosa. uando viu o anel de pedra-da-lua, parou.

Talvez fosse o único item do gabinete de Jasper ue não tinha sido roubado. Ela ainda podia v -lo se curvando sobre o balcão da lo a de seu pai, olhando para Tourmaline como se fosse a coisa mais bonita do lugar. O pai contava as notas para pagar pelas oias ue Jasper tinha ido vender, e uando entregou o dinheiro, o rapaz apontou para o pe ueno anel de pedra-da-lua no mostruário.

uanto custa a uele perguntara ele, de algum eito sabendo ue, mesmo ue fosse o item mais barato da lo a e ue não chamasse a atenção de ningu m, sempre fora o favorito de Tourmaline.

Com o pouco dinheiro ue tinha, ele comprou o anel, e uando mais tarde ela lhe perguntou por u , ele deu de ombros.

Me lembrou voc dissera.

Agora ela estendeu a mão para o anel e o pegou.

Tudo bem se eu ficar com esse a ui perguntou.

Claro disse Larimar en uanto voltava da cozinha, e uilibrando tr s taças de champanhe nas mãos.

Peridot pegou uma e entregou outra para Tourmaline.

Ao roubo final. Peridot ergueu sua taça.

Larimar e Tourmaline repetiram o brinde, encostando as taças na dela.

Meu único arrependimento não termos visto a cara de Jasper uando se deu conta do ue fizemos comentou Larimar depois de tomarem um gole.

Ah, não preciso ver para saber ue ele ficou mais vermelho do ue um rubi respondeu Peridot, rindo.

Tourmaline tamb m riu, mas o som saiu mais vazio do ue esperava. Não ue estivesse arrependida ou sentisse um único uilate de culpa, mas Jasper era passado, e na uela noite ela havia fechado essa porta e a trancara de vez. Agora o futuro se abria diante dela, tão assustador uanto empolgante. Não ueria voltar a trabalhar na lo a do pai, não ueria ficar com Jasper e não ueria ser uma ladra. Não sabia *o que* exatamente dese ava, mas estava pronta para descobrir.

Será ue eu poderia ficar a ui por um tempo perguntou para Peridot e Larimar. En uanto decidimos o ue vamos fazer

Peridot e Larimar se entreolharam.

At ue enfim voc perguntou disse Peridot, com um sorriso radiante.

DEMOROU, MAS ALI SE TOCOU

Jennifer Dugan



Playlist: "The Black Dog"

MINHA MÃE ACHA QUE É depressão.

Minha irmã caçula diz ue estou *apodrecendo na cama por causa de um pé na bunda.*

Minha melhor amiga, Brynne, diz ue pat tico e meio obsessivo da minha parte.

Já eu Eu acho ue minha sofr ncia matinal apenas autocuidado. Tá bom, tá bom, talvez se a autocuidado com uma *leve* pitada de stalker, mas mesmo assim.

Foi ele quem deixou ligado.

Solto um suspiro e abro o aplicativo no celular, cedendo vontade diária de ogar Cad o Pontinho Agora. ouve uma poca em ue eu usava esse recurso para ver se ele á estava a caminho para me encontrar, para saber exatamente uanto tempo eu tinha para estimular a uele friozinho na barriga a surgir, lembrando a mim mesma ue a uele era o meu namorado, e era a uilo ue eu ueria. *Quem* eu ueria. Agora eu uso mais para evitá-lo.

Por ue Ethan Jenson e eu terminamos *e ele não desativou o compartilhamento de localização.*

Parte de mim entende por ue ainda está ativado. Afinal, está assim desde ue nos conhecemos, mais de tr s anos atrás. Foi no verão antes do nono ano. Ethan e sua família tinham acabado de se mudar para o meu bairro, e nos esbarramos por acaso no par uinho ue ficava entre a minha casa e a dele. Eu estava com a minha irmã mais nova, e Ethan com a dele, e nos aproximamos

por ue ambos vivíamos presos função de babá.

avia algo doce e um pouco trágico nele a vontade ue tinha de se conectar parecia mais motivada pelo desespero de fugir de casa e dos próprios pensamentos do ue por um dese o genuíno de me encontrar. Mas eu não ligava.

Eu gostava de ouvir os discursos intermináveis sobre hó uei e videogames e os desabafos sobre os problemas ue tinha em casa. Tamb m gostava do fato de ele ser engraçado e charmoso, flertando na medida certa para me fazer sentir lison eada, sem parecer algo s rio ou perigoso. Era *exatamente* do ue eu precisava na poca por ue a uele foi o mesmo verão em ue comecei a entrar em p nico ao me dar conta de ue talvez, possivelmente, eu estivesse meio ue totalmente apaixonada pela minha melhor amiga, Brynne.

Sim, a mesma Brynne rebelde e maravilhosa ue certa vez roubou meu giz de cera na escola *e comeu*. A Brynne engraçada ue vomitou gatorade de cere a por todo lado depois ue eu a desafiei a girar o mais rápido ue conseguisse pelo maior tempo possível na minha festa de aniversário de nove anos. A Brynne s ria ue enxugou minhas lágrimas no s timo ano uando meus pais se divorciaram e at encarou unto comigo os primeiros fins de semana no novo apartamento do meu pai.

A Brynne amável ue me abastece com playlists perfeitas at ho e, para ue eu nunca tenha ue ficar em sil ncio ou rezar para os deuses do rádio. A Brynne carinhosa ue esteve ao meu lado nos momentos bons e nos ruins (e ue nem deu risada uando tentei cortar minha própria fran a ano passado).

Brynne tamb m *a mais bonita* com seu cabelo preto curtinho (tintura de caixinha, mas ningu m percebe) e olhos azuis nos uais seria possível se perder por dias a fio. Al m disso, tem uma covinha perfeita na bochecha es uerda ue só aparece uando ela abre um sorriso muito, *muito* largo. Considero minha missão de vida manter a uele sorriso *Não*.

Preciso parar de me torturar…

No entanto, tortura ou não, nunca vou es uecer a primeira vez em ue me dei conta de ue estava olhando para ela de outra forma.

Era só mais um dia de praia. Tudo normal, como sempre, incluindo o lanche: doritos e suco. Eu me lembro de dar risada, dizendo ue era hora de

aposentar nossas toalhas velhas do *Toy Story*, á ue faltava pouco tempo para entrarmos no ensino m dio.

Lembro que estava quente, estávamos felizes… estava tudo perfeito. Claro, toda essa perfeição foi por água abaixo assim ue reivindicamos nosso lugar na areia. Uma ra ada de vento disparou uma reação em cadeia ue começou com o guarda-sol desbotado da minha mãe uebrando e terminou com Brynne, preocupada em se ueimar, me pedindo para a udá-la a passar mais protetor.

Assim ue minha mão tocou sua pele, alguma coisa mudou no meu c rebro.

Alô, despertar bissexual, será que precisava ter vindo na pior hora possível?

Passei o restante da uele dia, e o restante da vida, na verdade, tentando me convencer de ue não estava apaixonada pela minha amiga, ue na poca eu presumia ser h tero.

(uase entrei em curto-circuito uando Brynne tamb m se assumiu bi, menos de um ano depois de mim Mas eu sabia ue não mudaria nada. *Se ela quisesse ser mais do que amiga, obviamente teria falado alguma coisa, né?*)

Por isso, uando esbarrei com Ethan no par uinho, só alguns dias depois, senti ue o universo estava me oferecendo uma rota de fuga. Achei ótimo esse novo garoto monopolizando meu tempo en uanto eu analisava meus sentimentos por Brynne (ou melhor, os evitava). Al m do mais, Ethan só ueria uma plateia para suas aventuras, algu m para ouvir seus monólogos era uma relação perfeitamente simbiótica, na verdade.

Pelo menos, eu pensava ue era, at alguns meses mais tarde, uando ele me mandou mensagem pedindo para encontrá-lo nos balanços do par ue, dizendo ue era urgente. A princípio, não dei muita bola. *Urgente* para Ethan em geral significava apenas ue ele estava entediado, mas as mensagens não paravam uma enxurrada de mensagens suplicantes ue não podiam ser ignoradas.

 uinze minutos depois, eu estava sentada no balanço de borracha preta, desenhando coraç es na areia com o t nis e fingindo ue não eram todos para Brynne.

Como era de se esperar, Ethan chegou com mais de meia hora de atraso, ainda ue *ele* tivesse me chamado ali. uando finalmente apareceu, apressado, estava sem fôlego, como se tivesse corrido o caminho inteiro.

Em vez de dizer ual uer coisa, simplesmente parou na minha frente, mexendo no cabelo do eito ue fazia sempre ue estava chateado. At ue uma hora desabou no balanço ao meu lado, sem dar um pio, e começou a girar em círculos. Achei ue talvez tivesse brigado com os pais isso vinha acontecendo bastante nos últimos tempos. Então fi uei sentada em sil ncio e esperei ue ele estivesse pronto para falar, esperei en uanto as correntes grossas ue sustentavam o balanço chiavam e rangiam, ficando cada vez mais apertadas, at não se moverem mais, at se enrolarem tanto uanto a ansiedade no meu peito, prestes a explodir.

De repente, Ethan tirou os p s do chão, deixando-se girar mais e mais rápido. Tentei me afastar, mas não tinha como. Ele era um furacão sempre, mas sobretudo na uele momento. Foi só uando colidimos ue ele disse:

Meu treinador vai me cortar do time se eu não entrar na linha.

Ele usou um tom solene, como se a uelas palavras de alguma forma me impactassem tamb m. Já tinha ouvido suas ladainhas sobre hó uei tantas vezes ue sabia ue o melhor a fazer era só assentir E foi o ue fiz.

Espera, voc concorda perguntou ele, os olhos arregalados. Voc acha ue não me dedico o suficiente

Eu só deixei a frase no ar, por ue meu aceno não tinha significado nada, na verdade. Eu só estava praticando a *escuta ativa*, ue tinha virado minha obsessão desde ue falaram ue eu tinha cara de antipática na aula de ingl s no ano anterior.

Voc tem razão continuou ele, endireitando as costas. Voc está certíssima, Ali. Eu achei ue o treinador estava sendo um babaca, mas ouvir voc dizer a mesma coisa Tipo, claro. isso Faz todo sentido. Eu estive distraído durante toda a pr -temporada. Como não estaria, com algu m como voc por perto Ele sorriu e tomou impulso na minha direção, uadril contra uadril, arremessando meu balanço de lado outra vez.

Antes ue eu pudesse cravar os p s na areia para impedir ue batesse nas barras de suporte, ou ue pudesse apontar ue, *na verdade, eu nem falei nada*, a mão dele á estava na corrente do meu balanço, me puxando de volta.

Pelo visto ele não estava brincando quando disse que jogadores de hóquei têm os reflexos mais rápidos.

Ethan se levantou devagar, com determinação renovada, e suas mãos

cobriram as minhas em torno das correntes.

Nunca conheci ningu m como voc , Ali disse ele. Sinto ue posso te contar ual uer coisa. Voc simplesmente me entende.

Eu estava prestes a argumentar, ou pelo menos mencionar ue a corrente áspera estava machucando minha mão com a pressão mas antes ue eu pudesse encontrar as palavras, ele disse a coisa mais encantadora ue eu á tinha ouvido:

Um dia, na hora certa, vamos viver isso de verdade, Ali. Tem um negócio ue parece meio *eterno* rolando entre nós, e não uero estragar tudo por ue ainda somos muito novos. Ele se inclinou e pressionou os lábios contra os meus, de leve e só por um instante. *Meu primeiro beijo*. E então foi embora, me lançando um sorriso travesso en uanto se afastava correndo.

Fi uei mais uma hora sentada na uele balanço, corada.

Eterno era um conceito tentador para uma garota tão confusa em relação ao amor e tão desesperada para viv -lo uanto eu. E *na hora certa* soava responsável, ao contrário de arruinar uma amizade só por ue a pele de Brynne parecia tão macia sob meu to ue ue eu ueria senti-la de novo e de novo.

Não Esperar parecia coisa de adulto. Algo maduro.

Eu não ia deixar ue um detalhe bobo como *uma interpretação completamente equivocada da dinâmica do nosso relacionamento* atrapalhasse a chance de viver minha própria história de amor.

E daí se isso significasse ogar água fervendo no gelo ue aparecia na minha barriga toda vez ue o olhar de Brynne encontrava o meu E daí se eu nunca tivesse pensado em Ethan da uele eito antes *E daí, e daí, e daí?* Se o universo ueria me entregar de bande a uma escapatória definitiva para meus sentimentos confusos e complicados por Brynne, uem eu pensava ue era para ignorá-la

Eu não faria isso. Era hora de *entrar de cabeça*, como minha mãe sempre dizia uando minha irmã não estava a fim de ir ao treino de futebol ou *entrar na linha*, ou o ue uer ue Ethan dissera.

Foi o ue eu fiz.

Passei o ensino m dio inteiro derretendo a geleira ue sentia só de ouvir o nome de Brynne, e forçando ual uer leve arrepio ao ouvir o nome de Ethan.

Insisti e insisti, at começar a acreditar. At ue ansiar por ele passou a ser tão automático uanto respirar. uem ligava se meus pais estivessem me usando de pombo-correio para transmitir mensagens passivo-agressivas um para o outro Ou ue Brynne estivesse namorando Poppy Thorton durante uase todo o ano passado Eu podia abafar ual uer insegurança (*Poppy é mais bonita que eu? Mais engraçada? Será que ela também adora a covinha da Brynne?*) sabendo ue Ethan e eu estávamos sendo Maduros, com M maiúsculo. ue vale a pena esperar pelo amor verdadeiro.

 ue um dia meu príncipe ia chegar, e a uela baboseira toda.

Interpretei o fato de Ethan nunca desativar o compartilhamento de localização como um indício de ue ele estava fazendo o mesmo ue eu. ue tamb m estava amadurecendo. ue sonhava comigo. ue se esforçava tanto uanto eu para manter a chama acesa. O pontinho se movendo pela tela do celular todo dia era prova disso. (*Ele ter deixado isso ligado é um sinal,* eu dizia sempre ue tinha a chance. Brynne, no entanto, disse ue a única coisa ue a uilo indicava era ue ele deveria levar a cibersegurança mais a s rio.)

Como sempre, Brynne estava certa

Bufo uando o pontinho na tela vira direita na Main Street.

É melhor que ele não esteja indo para onde estou pensando, senão eu vou surtar.

Por ue, cinco meses atrás, depois de tr s anos de flertes e ficadas ocasionais uando Ethan estava solteiro, tr s anos de enrolação, tr s anos ouvindo o melhor amigo dele, Jaxson, me chamar de *patroa* e Brynne chamar Ethan de um babaca ue não sabe o ue uer, e eu me convencendo de novo e de novo ue ele *tinha* ue ser o amor da minha vida por ue eu não podia deixar ue fosse *ela* ele parou o carro na entrada da minha casa e me mandou uma mensagem pedindo para conversar.

Ethan estava apoiado na lateral do carro uando saí. O capuz do moletom cobria sua cabeça, e o pouco de cabelo ue eu conseguia ver estava suado do treino, bagunçado como se ele tivesse passado a mão várias vezes, *estressado de novo*.

 Eu larguei o hó uei contou, os olhos brilhando intensamente sob a luzes com sensor de movimento da varanda. E agora posso dirigir.

Ergui as sobrancelhas, esperando ue ele elaborasse mais, mas ele não o fez. Nós mal nos falávamos ultimamente, e agora ali estávamos, no primeiro

sábado do último ano do ensino m dio, com Ethan na porta da minha casa falando atrav s de enigmas. *Ethan sendo Ethan*.

Ele franziu a testa e levantou o dedo antes de enfiar metade do corpo pela anela do carro. Mexeu em alguma coisa lá dentro at ue os primeiros versos de Best of Me , do Starting Line, soaram pelas caixas de som.

Reconheci na hora. Ethan havia me mandado a uela música por mensagem com a legenda *um dia, e então será eterno* mais de uma vez, durante sua fase pop-punk no ano passado. Era at meio fofo, se eu não pensasse muito a respeito.

Ethan falei, finalmente entendendo. A uele um dia *hoje*

Ele sorriu e correu para me bei ar, suave e carente no início, como sempre fazia uando voltava raste ando para mim, mas então algo mudou: Ethan parou de me bei ar como se eu fosse seu bote salva-vidas e passou a me bei ar como se eu fosse o *prêmio*.

Na uele instante, tive certeza ou pelo menos achei ue tivesse de ue finalmente havia chegado a hora. ue passar os últimos anos me habituando a amar a uele garoto tinha valido a pena.

Alerta de spoiler: em vez de *eterno*, ganhei tr s meses e meio terríveis e uma vida inteira de vergonha por ter namorado com ele.

Solto um suspiro, assistindo ao pontinho entrar direto no caf Black Dog. A uele o *meu* caf , onde a Brynne trabalha. A mãe dela dona do lugar. E eu combinei de encontrar Brynne lá da ui a vinte minutos.

Não queria lidar com isso hoje, mas vai ser inevitável.

Por ue dia de playlist no caf uando Brynne revela a nova playlist ue vai tocar lá durante o expediente *e* a bebida especial do m s, ue seguem o mesmo tema. Como tudo ue ela faz, os temas são sempre geniais.

Ainda tenho vergonha de pensar ue a obriguei a incluir a música do Ethan na playlist ue ela fez em setembro. Não tinha nada a ver com a vibe do caf , e destoou completamente. *Deveria pedir desculpas por isso de novo, inclusive.*

Na poca, achei ue valeu a pena, principalmente na primeira vez ue fomos lá oficialmente como um casal. Estávamos em um dos sofás no fundo, eu tomando um mocha de red velvet (criação do m s da Brynne; combinava perfeitamente com a playlist Ali Apaixonada ue ela tinha feito uando eu contara a novidade), e ele um caf preto (por ue *não precisava dessas porcarias*

nojentas na bebida).

uando nossa música começou a tocar, Ethan deu um pulo. Foi um sobressalto tão grande ue uase derrubou nossas canecas. Ele disse ue era um sinal de ue ramos feitos um para o outro e me bei ou. Interpretei o fato de ele ter dito ue era um sinal como *outro* sinal para mim uela altura, minha personalidade se resumia a buscar por sinais, desesperada para saber se estava fazendo a coisa certa. Tentei focar na uilo, *nele* em vez de pensar em como meu coração se partiu um pou uinho uando Brynne revirou os olhos e desapareceu pelos fundos.

Nunca contei ao Ethan ue eu ue pedi para ela incluir a música. *Devia ter contado*.

Eu devia ter nos trazido de volta para a realidade, devia ter relembrado a mim mesma ue ele ia perder o interesse e me descartar, como tinha feito com as outras garotas e com metade dos amigos. E como á tinha feito *comigo*, várias e várias vezes antes.

Eu sabia desde o início ue me envolver com ele era uma furada, e honestamente não fi uei surpresa com o eito ue tudo terminou. Culpo mais a mim do ue a ele.

Depois das últimas seis semanas de autoanálise, aceitei o fato de ue dar uma de Pavlov e condicionar meu c rebro a amar o garoto da casa ao lado ue na realidade um cara bem inconstante e pouco confiável , mantendo um rolo indefinido com ele durante tr s anos e meio para fugir dos meus sentimentos pela minha melhor amiga provavelmente não foi a melhor ideia.

O ue mais me mata ue todo a uele esforço para aplacar o frio na barriga em relação Brynne *nem funcionou*. Na noite passada, por exemplo, uando eu a fiz sorrir tanto ue a covinha apareceu, em vez de cutucá-la com o dedo, como fizera centenas de vezes imaginei como seria se me inclinasse e bei asse a uela covinha.

Meu único alívio saber ue Brynne acha ue estou estranha e uieta por ue ainda não superei Ethan (aham, at parece). Uma farsa ue vai cair por terra assim ue ela se der conta de ue não dou a mínima para ele e começar a investigar o ue realmente se passa na minha cabeça.

Por isso, dou uma stalkeada *de leve*.

Não saudade, para *manter o disfarce*.

Empurro as cobertas de lado e, no caminho para o banheiro, abro as mensagens. Mando para Brynne um Vou me atrasar, desculpa e não me surpreendo uando os tr s pontinhos dela aparecem piscando e uase imediatamente se tornam Imaginei.

Sim, ela realmente botou um ponto final na mensagem. *Ai.* Tem coisa pior

Talvez descobrir que a melhor amiga é secretamente apaixonada por ela.

Ah , tem isso.

Sabe, houve uma poca em ue eu me orgulhava da minha pontualidade o ue provavelmente explica por ue Brynne agora usa pontuação passivo-agressiva nas mensagens uando digo ue vou me atrasar. Tenho certeza de ue ela á se tocou ue *sempre* acontece uando uero evitar Ethan, ainda ue este a completamente errada sobre o motivo. Para Brynne, só mais um exemplo de como me deixo abalar por a uele idiota. *Melhor do que ela saber a verdade.*

Entro no chuveiro e deixo a temperatura o mais uente possível, na esperança de escaldar todos esses pensamentos para fora da cabeça. Não demoro no banho, dese ando o tempo todo ue meu c rebro não tivesse desenterrado tantas memórias. Tamb m espero não ter irritado Brynne usto no dia de playlist, e torço para conseguir reverter a situação e fazer a covinha dela aparecer uma ou duas vezes ho e. Mas como meu bisavô costumava dizer, *não dá pra contar com o ovo*

Algu m bate na porta do banheiro, interrompendo o fio da meada. *Melhor assim; o ditado do vovô termina de um jeito meio pesado*.

ue foi grito por cima do barulho da água.

Tô indo levar sua irmã no treino grita minha mãe em resposta.

Desligo o chuveiro e pego a toalha.

Vou pra cafeteria da ui a pouco digo, abrindo uma fresta da porta. E Brynne vai dormir a ui ho e noite, tudo bem

Claro responde minha mãe. Mas comprem alguma coisa pra comer. Eu e a sua irmã voltaremos tarde.

Beleza digo, empolgada por ter a casa só pra gente ho e noite, e com pavor de não conseguir engolir as palavras ue *sei* ue devia continuar engolindo.

Por ue a verdade ue Brynne muito, muito mais do ue uma covinha e pele macia e uma playlist perfeita. *Ela é minha melhor amiga*. E a possibilidade de viver um amor rom ntico não vale o risco de perder o amor ue á existe o amor forte, leal e platônico, for ado ao longo de anos de noites do pi ama e experi ncias compartilhadas. Nossa amizade não um pr mio de consolação; tudo. E eu *jamais* faria algo para arruinar isso...

Lucy, a mãe de Brynne, está atrás do balcão uando chego.

Ela está lá atrás, uerida diz Lucy, indicando a enorme porta prateada no canto da lo a.

Obrigada respondo, passando rápido pro outro lado do balcão.

Brynne não ergue o olhar uando entro, e não sei se por ue está tão concentrada na caneca sua frente ue não ouviu a porta abrir ou se está ainda mais furiosa do ue eu pensava. Talvez os dois.

Oi digo, agradecendo aos deuses do hiperfoco pelo sustinho ue ela leva.

Talvez ela não esteja me dando um gelo, no fim das contas.

Oi fala ela, me lançando um pe ueno sorriso antes de olhar o horário no celular. Só uma hora de atraso. Um recorde nos últimos tempos.

, desculpa. Deslizo para o ban uinho ao lado dela, observando-a a eitar a espuma gelada sobre a bebida e então tirar uma foto.

Eu amo a espuminha, então á sei ue vou amar a nova bebida. Bom, eu amo praticamente todas, mas a de ho e uma surpresa ainda melhor.

Pensei ue assim poderíamos passar o horário de almoço inteiro untas, em vez de só conversar entre um cliente e outro. E agora o movimento maior da manhã á passou. minto com um sorriso, mas claramente não funciona.

ue papo furado, Ali bufa Brynne, inclinando-se para bater o ombro no meu. Mas voc não está errada sobre o almoço, então Toma. Ela me entrega a bebida. Me diz o ue acha.

Sorrio e tomo um gole. Meus olhos se arregalam uando a doçura atinge minha língua, seguida rapidamente pelo sabor uente e intenso de avelã. Amo avelãs uase tanto uanto amo a espuminha. *Uma garota perfeita para mim*, penso, antes de acrescentar: *de um jeito totalmente platônico, claro.*

Meu Deus, Brynne, isso a ui tá incrível digo, adorando ver como ela se ilumina diante do elogio. Talvez se a meu favorito de todos.

S rio pergunta ela, parecendo empolgada.

 bvio digo, e agora minha vez de esbarrar em Brynne, buscando seu to ue por instinto. Tem tudo ue eu amo, como eu não iria gostar meu mais novo favorito, feito pela minha *eterna* favorita.

Brynne me encara como se uisesse dizer alguma coisa, abrindo e fechando a boca, e *minha nossa, será que exagerei? Será que a deixei desconfortável? Eterna favorita?! Por que eu fui falar isso?!?*

Desculpa mesmo pelo atraso solto de repente, tão desesperada para mudar de assunto ue prefiro trazer tona sua irritação de antes. Então, se voc ia dizer ue eu te devo um pedido de desculpa, hã, tipo, está certa minha voz vai ficando mais aguda, e faço uma careta.

Será que consegui piorar ainda mais a situação?

Brynne ergue uma sobrancelha.

Era *isso* ue voc achava ue eu ia dizer

Sei ue era, Brynne. Eu te *conheço* digo, insistindo nessa baboseira em meio ao p nico. Voc tem razão, e eu sinto muito. Não vai acontecer de novo Espero.

Os lábios de Brynne se curvam para baixo.

Certo, valeu responde ela, pegando o celular e fazendo uestão de evitar contato visual. ue bom ue não tive ue falar de novo, á ue voc me conhece tão bem.

E por que isso soou como uma alfinetada, em vez de algo positivo?

Eu me inclino, aliviada ao ver ue ela está mexendo no aplicativo de música e não, sei lá, encomendando um feitiço de expulsar-a-melhor-amiga com alguma bruxa no Etsy ou algo assim.

Por favor, Deus, faça com que essa nova playlist salve o dia.

Afinal, dias de playlist sempre foram os nossos favoritos.

Claro, as músicas são escolhidas para integrarem a trilha sonora do caf ao longo do m s, mas isso só um detalhe. Brynne enche as playlists de refer ncias ue só nós duas entendemos. Como uando fomos reprovadas no teste de direção com poucos dias de diferença, e ela fez uma playlist chamada Mancadas Adolescentes . E como es uecer de Garotas Ensolaradas , feita

depois da uele dia na praia uando me descobri bissexual. uando Ethan me deu *ghosting*, Brynne at fez uma playlist chamada Morte aos Garotos (seguida no m s passado pela Tá na ora de Superar). E teve a famigerada Ali Apaixonada , em setembro. Ainda ouço muito essa, mas sem a música idiota ue pedi para adicionar.

Será que a playlist nova vai superar essa?

Brynne dá o play, e reconheço a música de imediato, assim ue ecoa pelas caixas de som da cafeteria. da Gracie Abrams, uma música ue cantamos a plenos pulm es centenas de vezes no carro. Estendo a mão para o celular dela, abrindo e fechando os dedos, desesperada para o ver o ue mais tem ali.

Brynne finge estar irritada, mas empurra o aparelho na minha direção.

 uanta impaci ncia resmunga com um sorrisinho.

Voc sabe ue eu gosto de dar uma espiadinha afirmo, por ue nunca consegui ouvir as playlists novas sem dar uma olhada na lista completa.

Brynne faz um gesto com a mão.

Fica vontade.

Passo por todas as músicas, tentando identificar o tema me fazer adivinhar o tema da playlist outra tradição nossa. Em geral, preciso de uma ou duas tentativas para acertar Mas desta vez, eu travo. A playlist não tem título, o ue *estranho*, e parece uma mistura de músicas rom nticas felizes e várias outras mais amargas. Músicas agitadas e calmas, folk e pop e at metal Não tem nenhuma coesão, o ue *ainda mais estranho*. Talvez essa se a a primeira playlist ue a mãe dela vai vetar.

Franzo a sobrancelha e olho para Brynne.

Dá uma dica Acho ue não vou conseguir adivinhar sozinha.

 , não vai mesmo, n murmura ela, e agora tenho certeza de ue tem alguma coisa ue não estou captando. Algo *importante*.

Antes ue eu possa perguntar mais, Lucy irrompe pela porta.

Brynne, me desculpa, sei ue está em horário de almoço, mas o movimento aumentou bastante de repente, não estou dando conta. Acha ue consegue a udar um pou uinho at voltar ao normal Voc pode fazer uma pausa mais longa depois.

Claro diz Brynne, e a prontidão com ue responde magoa. uase como se não visse a hora de se livrar de mim.

O que tá rolando?

En uanto espero, olho a lista de músicas de novo, tentando (sem sucesso) descobrir o tema. uando enfim desisto, á está na uarta música, e Brynne está demorando tanto ue estou começando a ficar desconfortável. Embora a mãe dela não se importe de eu ficar na área dos funcionários, estranho ficar a ui sozinha.

Espero mais alguns minutos e então espio pela porta, surpresa ao ver ue a fila á diminuiu e ue Brynne está parada no caixa, encarando a porta de vidro como se tentasse atrair outro cliente com a força do pensamento.

Brynne

Ela se vira para mim com um olhar culpado. Dou um passo frente, reunindo coragem para perguntar se ela está brava. Se podemos conversar. *Qualquer coisa, na verdade, que faça ela sorrir de novo.*

O sino da porta tilinta, mas não olho, preocupada demais com a tensão entre nós. exatamente nesse instante ue algu m pigarreia e diz:

Oi, Ali. Brynne.

Ethan.

Meu olhar encontra o dele tão rápido ue uase dói.

Voc á veio ho e digo entredentes, por ue agora não a hora, não uando Brynne me olha como se eu tivesse estragado tudo pra valer.

S-sim responde ele, confuso. Como voc sabe

Por ue voc

Eu disse a ela interrompe Brynne, me acobertando mesmo agora. uer mais um caf

Ah, não, estou bem afirma ele. Maddie ueria um da uele chá de lavanda ue a sua mãe fez da última vez ue viemos.

O sino da porta tilinta de novo, e o rosto dele se abre num sorriso uando Maddie Everwood entra e para ao lado dele.

pra á diz Brynne, pegando um copo e me deixando ali com meu fantasma e a nova namorada dele.

Você deveria estar chateada com o término, lembro a mim mesma. *Você tem que parecer triste por ele já estar com outra*. Só ue eu não dou a mínima para manter as apar ncias agora, não uando Brynne está brava comigo. Não uando sinto ue decepcionei a pessoa mais importante da minha vida.

A trilha sonora muda de uma música triste da Taylor Swift para algo raivoso e barulhento de uma banda ue não conheço. *É assim que Brynne se sente?*

 uero sair dali. uero ir para os fundos e me esconder, não de Ethan ou de Maddie, mas do ue uer ue tenha feito Brynne escolher uma música como essa.

A namorada de Ethan faz uma careta.

Não sei por ue voc gosta deste lugar, amor fala ela. A energia a ui p ssima e a música pior ainda.

Cala a boca, Maddie solto antes ue possa me segurar. Voc ue p ssima.

E voc um an o, por acaso Ethan me contou ue voc era uma vaca com ele o tempo todo.

Lanço um olhar para Ethan. *É isso que ele está contando para todo mundo?* Pelo menos ele tem a dec ncia de desviar o olhar.

Estou prestes a deixar para lá uando Ethan murmura:

S rio, ue música essa Odeio este lugar.

Essa validação parece deixar Maddie mais confiante, os lábios desenhando um sorriso sarcástico.

Ah, então por isso ue voc veio *duas* vezes ho e pergunto antes ue algum dos dois possa fazer mais algum comentário maldoso.

Maddie o encara, claramente confusa.

Duas vezes

Deixa eu adivinhar digo, com um sorriso radiante. Voc disse ue ueria o chá de lavanda, daí ele fingiu ue ainda não tinha vindo tomar caf . Toma cuidado, esse aí *adora* iludir as pessoas.

 ue porra essa, Ali grita Ethan.

Ali interv m Lucy, correndo at nós. Por ue não vai lá pros fundos E Brynne, vai com ela e desliga essa música. *Agora*.

Mas Brynne começa a argumentar.

Agora rebate Lucy.

Atravesso a porta para a área dos funcionários correndo, com Brynne no meu encalço.

Ela logo p e a playlist antiga para tocar, en uanto eu ando de um lado para

o outro, me segurando para não gritar. *Como eles puderam insultar a playlist de Brynne, a cafeteria da mãe dela? Eles não percebem como Brynne é incrível? O quanto se dedica a tudo isso? E, por Deus, por que Brynne está tão brava comigo?*

Desculpa tento dizer, ainda caminhando. Ethan não devia ter dito a uilo. Sua playlist ótima, de verdade, e a energia a ui *incrível*. Não deixa

Eu nem ligo. Brynne dá de ombros, desabando na cadeira.

Mas deveria Voc faz as playlists com o maior cuidado, e voc , tipo, a personificação das boas energias. Voc a mais legal, a mais engraçada, a melhor

Meu Deus, Ali, para resmunga ela.

Não Não vou parar en uanto voc estiver tão chateada.

Isso realmente importa pra voc

O u Claro Brynne, eu amo me seguro antes de confessar de vez, antes de fazer um estrago ainda maior.

Nossa amizade? desdenha ela. Eu sei.

Amo, sim digo, ainda ue ueira admitir outra coisa. E não vou deixar Ethan ou Maddie falarem merda da sua playlist na sua cafeteria. Eles se acham tão

Voc ainda não entendeu, Ali Brynne me interrompe. Não dou a mínima pro ue eles pensam, nem pro ue ningu m pensa, exceto *você*. Sempre foi tudo pra voc As playlists, as bebidas perfeitas pro *seu* gosto Voc não percebe Ou não *quer* perceber

O u Eu recuo.

Fala s rio, voc ouviu as playlists Ouviu *essa* playlist diz Brynne, enfiando o celular na minha mão.

Perco o fôlego uando finalmente, *finalmente* percebo o fio ue une cada música: feliz, raivosa, calma, agitada não importa. *São todas sobre sofrer por amor. Sobre coração partido.*

Brynne, essas músicas são todas Elas todas tipo, falam de amor não correspondido, ou a esperança de

Parab ns Acertou exclama Brynne, ogando as mãos pro alto, frustrada.

Mas voc não Nós somos digo, me esforçando para encontrar as

palavras.

Amigas Eu sei Eu entendo, tá Voc não sente nada a mais por mim, e claramente ainda não superou o Ethan, então não importa.

Ela vira em direção porta, mas agarro seus dedos e a puxo de volta para mim.

A expressão de Brynne passa de raiva a confusão, mas não consigo parar de sorrir.

Importa, sim, pode acreditar afirmo, sentindo como se meu coração estivesse prestes a explodir pelas minhas costelas. á uanto tempo

O u

 ue voc se sente assim.

Ela fecha os olhos com força.

Voc vai mesmo me fazer confessar isso

Sim, por ue eu me apaixonei por voc na praia nas f rias antes do nono ano. No dia ue o guarda-sol uebrou, lembra disparo.

Voc tá zoando com a minha cara pergunta Brynne, se desvencilhando dos meus braços e se afastando alguns passos. Ela está de costas para mim, e sua postura rígida um alerta.

Será que estraguei tudo?

 uando ela se vira, um instante depois, seus olhos estão cheios de lágrimas.

Anos, Ali. Já faz anos diz. Em alguns momentos, pensei ue voc talvez sentisse o mesmo por mim, mas nunca tive certeza.

Eu estava tentando esconder murmuro, a cabeça girando, por ue, puta merda. *Puta merda. Anos. Ela disse anos. Nós poderíamos… Eu devia… Será que para ela também foi naquele dia?*

Bom, voc fez um bom trabalho. Ela solta uma risada amarga, e o som me arranca da espiral de pensamentos.

Voc tamb m. Eu não fazia ideia de como voc se sentia, senão Não te contei nada por ue não ueria te deixar desconfortável ou acabar com a nossa amizade. Voc entende, n Não foi por nenhum outro motivo declaro, com a voz suplicante, por ue como foi possível termos entendido tudo tão errado Como *eu* entendi tudo errado Sinceramente, eu nem imaginava ue voc sentia alguma coisa por mim al m de amizade.

Mas eu sinto, Ali, e tenho uinhentos rascunhos de playlists rom nticas para provar.

 ueria ue voc tivesse tocado elas pra mim.

Eu tinha um grande plano revela ela, balançando a cabeça. Finalmente tinha montado a playlist *perfeita*. Ia tocar pra voc uando me buscasse pra irmos pro col gio.

E por ue não fez isso

Eu fiz. Foi um dia depois de Ethan ter aparecido na sua casa.

Brynne

Voc implorou pra eu incluir a música *dele*, lembra Foi aí ue eu soube ue á era.

Espera aí. Está falando de Ali Apaixonada Ali Apaixonada sobre *nós* Mas voc disse ue tinha feito por ue Ethan me chamou pra sair. Por ue disse isso

Voc estava tão feliz Eu não ueria estragar sua felicidade. Apaixonada ou não, ainda sou sua melhor amiga. Se algo te faz feliz, eu amais vou tentar tirar isso de voc . Ela enxuga as lágrimas. Al m disso, eu não ueria ser sua segunda opção, Ali.

Jamais seria afirmo. Voc sempre foi a primeira. *Sempre*.

E Ethan Voc falava dele sem parar

A uilo era eu tentando seguir em frente, redirecionando meus sentimentos pra outra pessoa. Posso explicar o ue voc uiser saber, mas, por favor, não duvide do ue eu sinto por voc .

Eu uero acreditar sussurra ela. Mas se mesmo verdade, por ue voc está sofrendo pelo Ethan há um m s e meio

Não por ele ue estou sofrendo, por voc . Por ainda estar apaixonada pela minha melhor amiga, mesmo depois de me esforçar tanto para evitar esse sentimento. E por *não poder te ter* revelo, e a raiva de Brynne simplesmente evapora.

Por ue não falou comigo pergunta ela, baixinho.

Olho para baixo, analisando meu t nis como se ele guardasse os segredos do universo. Mas não. *Os segredos estão com a gente, e os guardamos por tempo demais.*

Eu estava com medo. Dou de ombros. Fui uma covarde. ueria ter

te contado antes. ueria muitas coisas.

Eu tamb m estava com medo responde Brynne, e agora sua vez de baixar o olhar. E tamb m ueria muita coisa. Nossa, ue confusão.

A eito o cabelo dela atrás da orelha, e ela inclina ao meu to ue. Minha respiração falha ao sentir a pele de Brynne de novo. *Tá na hora de ser corajosa.* Ergo o rosto dela com delicadeza, uerendo ue ela ve a como estou falando s rio.

Brynne, sou secretamente apaixonada por voc desde os catorze anos. Eu daria tudo por uma chance de te amar em voz alta agora. Voc acha Voc gostaria Será ue poderíamos tentar pergunto, tão cheia de esperança ue mal consigo respirar.

Sim responde Brynne, sorrindo como se ainda não acreditasse. Mas voc me a uda com uma coisa

 ual uer coisa. Faço ue sim com a cabeça tão rápido ue ela dá uma risada.

Preciso fazer uma playlist *nova*. Uma melhor afirma, aproximando o rosto ainda mais. ueria ue fiz ssemos untas dessa vez.

Solto outro suspiro tr mulo e assinto novamente por ue, sim, eu sou dela e, sim, faria ual uer coisa por ela, *qualquer coisa*. Mas difícil raciocinar uando os lábios de Brynne estão tão perto dos meus. *Meu Deus, quero acabar com essa distância.*

Mas Brynne uem o faz. Ela encosta os lábios nos meus uma vez, então outra, antes de se afastar só um pou uinho para nos olharmos.

 timo diz ela. Vamos chamar de Demorou, mas Ali se Tocou . Vai ficar direto no *repeat*.

Seria brega demais dizer ue a única playlist ue uero ouvir pelo resto da vida

Sim, um pou uinho, Ela dá uma risada, corando. Mas gostei da empolgação.

Eu te amo digo, por ue agora ue posso, não consigo parar.

Brynne sorri ao ouvir as palavras, e sua covinha *finalmente* aparece. Levo os lábios ao pe ueno bura uinho na sua bochecha e fecho os olhos, transbordando. Ela solta um suspiro ue uase um gemido, e então leva as mãos ao meu rosto, guiando minha boca de volta para a dela.

um bei o ue supera todos os outros um encontro avassalador e transformador entre dois corpos, ue eu não uero ue acabe. Estamos com as mãos tr mulas e a respiração arfante, e, sim, eu sei ue a mãe dela está do outro lado da porta e ue esse horário de almoço não vai durar para sempre, mas nada disso importa, nada por ue estamos a ui. Juntas. Vamos viver isso.

E é perfeito.

DIVERGÊNCIAS CRIATIVAS

Sara Shepard



Playlist: "The Tortured Poets Department"

I

A MENSAGEM NÃO ESTAVA ALI ontem, Vi tinha certeza. Ela sabia disso por ue tinha escolhido a mesma carteira para a detenção da escola durante a semana toda primeira fileira direita, uarta carteira do fundo e com certeza teria notado.

avia vários motivos pelos uais ela se sentia atraída pelo mesmo lugar. Primeiro, a carteira ficava escondida da porta, então uem passasse e olhasse para dentro não a veria. Segundo, Vi era obcecada por rotina e organização não toa tinha um boletim impecável. E terceiro, essa era a única mesa da sala ue não estava bamba. Uma mesa bamba, pensou Vi, a faria mergulhar ainda mais na tristeza, mesmo ue a uela mensagem ue ela havia encontrado á estivesse cumprindo bem esse papel.

ESQUECE ELE, dizia em letras garrafais.

Ela olhou ao redor da sala, tentando descobrir uem poderia ter escrito a uilo. Todo mundo ue estava ali de castigo usava a mesa como travesseiro com exceção do cara deitado no piso de linóleo como um cadáver, com fones enormes nas orelhas.

Vi duvidava ue algu m ali soubesse ue ela e Connor Burris tiveram um lance, at ue duas semanas antes ele terminou de forma indiferente e brutal, numa ligação ue durou vinte e sete segundos. Ela com certeza não havia mencionado Connor para ningu m na detenção. Na verdade, não tinha falado

absolutamente nada ali, *ponto*. Durante a semana inteira, fez as tarefas em sil ncio e sem reclamar. Era uma encren ueira exemplar. Se o sr. ill, ue supervisionava a uele período, desse uma nota para a detenção, Vi com certeza tiraria dez.

A pessoa ue escreveu a mensagem na uela carteira tinha usado uma caneta esferográfica azul, e precisou fazer bastante força. Vi traçou as letras com o dedo; o de ESQUECE entalhado bem fundo produzia um som gostoso, uase de ASMR, uando ela passava a unha. Mas a escola era bem rígida com depredação de patrimônio. A última coisa ue ueria era ue o sr. ill pensasse ue *ela* tinha escrito a uilo, levando a outro castigo.

um disse o sr. ill uando ela mostrou para ele.

Ele baixou os óculos de leitura da testa, leu as palavras na carteira, olhou para ela, então leu as palavras de novo. Franziu ainda mais a testa. Vi ficou vermelha. Ela torcia para ue ele não perguntasse do ue se tratava a mensagem. Tinha o p ssimo hábito de cair num choro furioso toda vez ue algu m tocava no nome de Connor.

melhor voc reportar isso imediatamente, Violet afirmou o sr. ill.

Vi piscou.

Reportar onde

Os olhos do sr. ill pareciam enormes atrás das lentes.

Voc pode falar com o departamento de reparos. Eles ficam na sala 124 e são os responsáveis por cuidar desse tipo de coisa. Deve ter algu m lá agora.

II

O sr. ill entregou a Vi uma longa haste de madeira no formato de uma r gua, mas sem marcação de medidas era o passe ue significava ue ela tinha autorização para estar fora da sala. Vi gostou da sensação da madeira lisa e reta na palma da mão. No entanto, não gostou do ue estava escrito em letras garrafais: PASSE DE SAÍDA DA DETENÇÃO, FAVOR DEVOLVER À SALA 303. Odiava pensar ue algu m ue ela conhecia podia sair da aula de biologia ou de cálculo II e dar de cara com ela segurando o passe, fazer as perguntas óbvias, e então espalhar a fofoca pela escola. Não ue Vi tivesse mentido sobre a detenção para Cassidy, Ramona e Lila, suas melhores amigas Ela só Sabe

como Achou ue não valia a pena comentar.

Claramente, a sra. Carlson, a diretora, tamb m achou ue não valia a pena comentar. Ela dissera ue, apesar de estar decepcionada com as escolhas de Vi, não divulgaria para o corpo estudantil o ue a garota tinha feito. Al m disso, a *escolha poética e o comportamento impulsivo* de Vi, como a diretora definira, não ameaçariam sua vaga na e uipe de atletismo, nem seu lugar na Simulação da ONU. Tamb m não precisaria sair da or uestra de cordas *nem* da banda de sopro, por ue, anos antes, tinha sido perfeccionista demais para escolher entre a viola e o clarinete, então o professor de música permitiu ue ela tocasse os dois.

A sra. Carlson disse mais uma coisa, por m.

Violet, voc não uma popstar. Não pode sair por aí escrevendo coisas cru is sobre as pessoas abertamente. Mesmo ue as pessoas tenham te machucado. No seu tempo livre, fi ue vontade para escrever, botar os sentimentos pra fora. Mas entregar isso na aula e depois acusar o professor de não apoiar as mulheres uando ele trouxe o caso at mim

Não vai se repetir, eu prometo interrompera Vi, á ue não via sentido em discutir.

A sra. Carlson cruzou as mãos.

 uer conversar a respeito Todo mundo á passou por um t rmino difícil. Inclusive eu.

Não. Vi se esforçou ao máximo para não gritar.

Ela nunca tinha ouvido falar do departamento de reparos. Conhecia o de manutenção; o sr. Crudo e o restante da e uipe adorava passar zunindo lá fora em seus tratores cortadores de grama. Mas o sr. ill dissera para procurar o departamento de reparos na sala 124. Era no corredor de informática, não muito longe da cantina. Vi desceu um lance de escadas, passou por um cartaz com a sua foto unto com todos os bolsistas reconhecidos nacionalmente pelo alto desempenho acad mico. Tomou cuidado para não olhar para o cartaz. Connor tamb m estava na imagem.

Ela se lembrava do dia em ue a foto foi tirada. Vi ficou de p ao lado de Connor na segunda fileira, por ue eles eram os mais altos entre os seis vencedores. uando o fotógrafo disse para sorrirem, ela pegou a mão dele e deu um aperto forte. *Não é fofo a gente ter ganhado juntos?* Os dedos dele

tocaram os dela por um instante, mas então ele se soltou e começou a cutucar as costas de seu amigo Ashik.

Talvez Vi devesse ter percebido á ali.

Ela chegou sala ue tinha um pe ueno adesivo escrito 124 colado na porta.

A porta não tinha uma anelinha, como a maioria das salas de aula, e a grande maçaneta de metal tinha um aspecto industrial. Parecia ue levava a um depósito, ou talvez a um laboratório fotográfico. Mas uando Vi bateu, uma voz abafada veio lá de dentro.

Entra

III

A sala era pe uena e escura, mas não tinha cheiro de produtos uímicos para revelação fotográfica, nem guardava materiais de limpeza. Lá dentro, Vi encontrou um cara alto com cabelo castanho meio comprido e sobrancelhas grossas, sentado a uma mesa de metal. Uma luminária verde vintage estava acesa. Fora isso, não havia mais nada na mesa, apenas uma má uina de escrever preta e anti uada, tão velha ue nem precisava ligar na tomada. O cara datilografando franzia a testa para algo na folha presa no alto. As teclas faziam *clac, clac, clac*. Ele fechou os olhos, respirou fundo, assentiu, e continuou a datilografar.

Posso a udar perguntou, sem tirar os olhos do papel a sua frente.

A ui Vi olhou ao redor, desconfortável. Disseram ue a ui era o departamento de reparos. Posso reportar um caso de depredação do patrimônio escolar

O su eito tirou as mãos da má uina e a olhou de cima a baixo. Mesmo sob a penumbra avermelhada, Vi percebeu ue os olhos dele eram claros, ou de um verde saído de um sonho ou de um azul uase sobrenatural. Ele tinha a voz suave, ainda ue não parecesse tímido. Na verdade, soava meio formal.

Eu Ele mordeu o lábio de leve.

Eu ueria muito ue a frase rabiscada fosse removida interrompeu ela. Tamb m adoraria saber uem foi o responsável por depredar a carteira, mas aí á seria uerer demais. Vi recuou um passo. Não deveria ter um

adulto responsável a ui Tipo o sr. Crudo

Eu, hã, sou um aluno voluntário.

Ah. Vi alternou o peso de um p para o outro. Não tinha moral nenhuma para criticar as atividades incomuns dos outros, considerando ue fazia de tudo para encher o currículo para as universidades. Certo.

Ele arrancou a folha da má uina de escrever, deixou-a sobre a mesa, e colocou uma nova no lugar.

Então, o ue aconteceu

O olhar de Vi voou para a folha ue ele tinha acabado de tirar da má uina. As palavras desciam pela página de duas em duas, de tr s em tr s. Ele estava escrevendo um poema. Vi s vezes escrevia poesia, mas tinha vergonha disso. Um cara escrevendo poesia numa velha má uina de escrever ue interessante.

Antes ue ela pudesse ler, por m, ele virou a folha para baixo e pigarreou.

Ah, bom, tem uma mensagem escrita na carteira ue estou ocupando esta semana relatou Vi. E me disseram ue preciso reportar para ue possam consertar. Ou limpar. Enfim, para ue se livrem da uilo.

Em ue sala foi isso Ele começou a datilografar.

ã, 303 murmurou ela, rezando para ue o garoto não soubesse ue sala era a uela.

Mas não teve essa sorte. Ele parou de datilografar e olhou para ela com a testa franzida.

Na sala de detenção *Você?*

Vi ficou tensa.

Como assim

Vi Allerton está em detenção Estou perplexo.

Vi sentiu o rosto es uentar. Primeiro, ele usou a palavra *perplexo*. Ela adorava a palavra *perplexo*. Connor tamb m adorava a palavra *perplexo*. Pensar em Connor era pisar num terreno perigoso. Ela o afastou da cabeça.

Segundo, a uele cara sabia o nome dela. Como E, por fim, será ue ele a estava ulgando

Acho ue isso não da sua conta respondeu, irritada. Aliás, de onde voc me conhece

Ao ouvir o tom irritado dela, ele respondeu mais irritado ainda.

Seu nome está em praticamente todos os cartazes em todos os corredores, então meio impossível *não* saber uem voc . Al m disso, eu estou na sala de estudo no mesmo período ue voc . Desde o início do ano.

Ele baixou a cabeça para o papel de novo. A mensagem na carteira. O ue dizia exatamente

s vezes, uando Vi estava no palco tocando um solo de clarinete, tinha a sensação repentina de ue seus braços e pernas iam ceder sem nenhum aviso e ela ia simplesmente desabar. As pessoas se aglomerariam ao seu redor, tentando entender o ue tinha acontecido, mas ela não poderia explicar. Seria tão humilhante. Ela se preocupava mais com a humilhação do ue com o problema de saúde ue havia causado o desmaio. Toda a atenção ue receberia por algo negativo.

Sentia esse mesmo medo agora, pelo menos uma fração dele, por ue não ueria explicar o ue estava escrito na carteira. Pensando bem por ue se importava

Esquece ele respondeu com indiferença. Era isso ue dizia.

Es uece uem

Ela bufou.

Sei lá.

Mas não escreveram na sua carteira

Sim, mas, tipo eu não sou *dona* da carteira. A mensagem pode ser para ual uer um.

Ele cruzou os braços.

Mas a sala de detenção só usada para detenção. Todo mundo sabe disso. Voc foi lá ontem Reparou se a mensagem á estava lá

Ela engoliu em seco.

Bom, não estava

O garoto apoiou o ueixo na mão.

 uem voc acha ue uerem ue voc es ueça

Ela desviou o olhar. Todo mundo ueria ue ela es uecesse Connor, incluindo o próprio Connor. Vi dese ava ue fosse tão fácil. Se ao menos pudesse estalar os dedos e fazer a dor sumir Toda a uebra de confiança, e o coração partido, e a desolação *puf!*

Talvez se a uma mensagem do universo continuou o cara. A voz dele

ad uiriu um tom solene. Talvez a sala de detenção se a um lugar aonde voc vai para obter respostas para grandes perguntas. Tipo uma bola de cristal.

Uma bola de cristal Vi arregalou os olhos para ele, confusa.

Então se deu conta de outra coisa. *Estou na sala aula de estudo no mesmo período que você.* Espera aí.

Vi apontou para ele.

Meu período na sala de estudos *agora*.

Tá disse ele. Por ue voc não está lá, então

Por ue estou de castigo esta semana, á falei.

Aparentemente, uando a detenção não acontecia depois do horário das aulas, era sempre assim: em períodos ue não iam fazer falta.

O ue voc fez pra ir parar na detenção, afinal

Vi bufou. At parece ue ia contar para ele.

Por ue *você* não está na sala de estudos Como conseguiu se safar

O cara deu de ombros e lançou um olhar arrogante para Vi. Mas antes ue pudesse responder, o alarme de inc ndio disparou.

IV

Estava chovendo, mas isso não impediu ue a escola mantivesse todo mundo do lado de fora en uanto checavam se o alarme era real ou um trote. Vi encontrou Cassidy, Ramona e Lila untas perto do grande carvalho onde o time de atletismo s vezes corria durante o treino de tiro. Elas acenaram, chamando-a para se abrigar sob o guarda-chuva de Ramona.

Por ue voc veio da saída leste perguntou Lila, olhando desconfiada para Vi. Voc não estava na sala de estudos na ala de linguagens A saída oeste não era mais fácil

ã Vi amaldiçoou as amigas por saberem de cor os horários umas das outras.

Al m disso, tamb m não conseguia parar de pensar na interação com o poeta. Foi assim ue começou a chamá-lo em sua mente: *o poeta*.

Ela decidiu mudar de assunto.

Voc s sabiam ue existe um departamento de reparos ue lida com pichaç es e coisas assim E ue fica numa salinha perto da cantina

As amigas lhe lançaram um olhar estranho. Vinham fazendo isso com fre u ncia á havia alguns dias. Vi sabia ue elas achavam ue ela estava cada vez mais instável desde ue Connor terminara tudo. Chorona. Dramática. Tudo a lembrava de Connor.

Vi á havia percebido ue as amigas ueriam a udar apesar de claramente estarem pensando *Supera logo esse cara* , só não sabiam como.

Vi tampouco sabia o ue poderia a udá-la. Numa hora, ueria ue as amigas aparecessem na porta da casa dela com máscaras faciais, hidratante de baunilha e potes de sorvete de chocolate com menta. Mas, uando elas de fato apareciam, Vi á não ueria mais a presença delas. Uma vez, foram lá para animá-la e Vi passou o tempo inteiro na banheira, o ue as deixou bem irritadas.

Fica num depósito minúsculo ue parece um laboratório fotográfico continuou Vi. E tem um garoto do nosso ano ue voluntário lá, eu acho. Talvez pra ganhar cr dito em alguma mat ria. Ou talvez receba algum pagamento Não sei, não perguntei. Ele faz tudo numa má uina de escrever.

Um aluno se voluntariou pra limpar pichação Cassidy balançou a cabeça. O conselho estudantil não aprovou essa atividade.

Cassidy era presidente do conselho.

Na verdade, acho ue a sra. Carlson teria ue ter aprovado, e eu não vi nada do tipo passar pela mesa dela acrescentou Lila.

Ela era presidente do clube de administração e liderança da escola.

Não arrecadamos dinheiro pra isso no bas uete afirmou Ramona, não uerendo ficar de fora.

Ela era capitã do time.

Mas, espera aí, uem era esse garoto, e por ue ele usava uma má uina de escrever perguntou Lila, se animando. E o mais importante: ele era bonito

Vi não disse nada; em vez disso, vasculhou o pátio em busca do poeta. Não o viu em lugar nenhum, o ue era estranho, por ue imaginava ue a cabeça alta dele se destacaria na multidão de alunos. Como era possível ue eles fre uentassem a sala de estudos no mesmo período Era uma sala grande, e em geral ela não prestava atenção s pessoas ao redor, a não ser ue estivessem fazendo algo irritante ou vendo vídeos do TikTok no celular sem fone. Ainda

assim, Vi achava ue o teria notado.

Mas ela viu outra pessoa na multidão. Com seu cabelo escuro e volumoso. Os óculos de armação transparente. O sorriso irônico. Os dois estavam untos uando ele comprou a uele moletom azul na lo a de artigos esportivos. Ele estava usando o t nis de cano alto de ue ela menos gostava.

Seu estômago revirou. *Por favor, não chore*.

O amigo de Connor, Freddie Insuportável Diaz, percebeu o olhar de Vi. Ele cutucou Connor e cochichou alguma coisa. Connor respondeu algo para ele, balançou a cabeça e fez uestão de não olhar para ela, como se dissesse: *Não quero saber*.

Vi disse Cassidy de repente, e Vi ficou grata pela distração. At ouvir a amiga perguntar: Por ue voc está segurando essa r gua estranha

Tenho ue ir falou Vi.

V

Ainda faltavam vinte minutos de detenção uando declararam ue era um alarme falso e todo mundo voltou para dentro. Vi sabia ue deveria voltar imediatamente para a sala 303, mas não ueria. Ainda não. ueria ver o poeta de novo. A conversa deles tinha ficado inacabada. Ela ueria saber por ue ele podia matar aula era só horário de estudo, mas ainda assim para datilografar na má uina de escrever no departamento de reparos. Al m disso, ela não tinha certeza se ele havia terminado de registrar a ueixa sobre a mensagem na carteira.

Bom, pelo menos era essa a desculpa ue estava dando para si mesma. Talvez fosse problemático ficar procurando motivos para ver a pessoa de novo. Ela havia cometido esse erro com Connor.

Ela gostava muito de Connor. Ele era literalmente o garoto dos seus sonhos, id ntico ao Namorado Ideal ue ela havia rabiscado no diário com capa de oncinha aos onze anos. Ela e Connor flertaram durante toda a temporada de atletismo na primavera anterior. Em geral, acontecia no colchão do salto em altura. Já ue ningu m da e uipe praticava essa modalidade, eles usavam o colchão como se fosse uma cama-elástica, apostando para ver uem pulava mais alto, at a treinadora mandá-los parar. Vi achava ue Connor

tamb m gostava dela, mas era tímido. Então, finalmente, logo após a final dos duzentos metros em ue ele competiu, declarou seus sentimentos e o chamou para sair. Foi uma ótima escolha de momento, por ue Connor á estava animado; ele tinha ficado em terceiro lugar no ranking geral.

Nossa respondeu ele, ainda sem fôlego. Uau. Legal. Vamos.

Vi estava muito a fim dele, mas Connor não gostava dela tanto assim. Ou pelo menos foi o ue todos disseram depois do t rmino. Aparentemente, *todo mundo* tinha percebido. Bom, exceto a própria Vi, ue não tinha percebido droga nenhuma. Ela achava ue eles formavam um casal fofo. Achava ue ele gostava de namorar. Ele sempre atendia s ligaç es e respondia s mensagens. Ela tamb m achava ue ele gostava uando ela ia com ele comprar roupa e pedia para ele coçar suas costas durante as assembleias da escola e o bei ava de forma dramática em público. Se ele era tão indiferente a ela, por ue sempre correspondia aos bei os

Vi marchou escada abaixo at a ala de informática, perguntando-se por ue estava pensando na uelas coisas.

A portinha estava entreaberta, mas Vi bateu mesmo assim. O poeta estava se acomodando de volta.

Ah disse ele, olhando pra ela. Voc voltou

Vi fez uma careta. Talvez ele conseguisse l -la como um livro aberto. Ela soltou um suspiro.

Como voc se chama, afinal

Voc realmente não faz ideia

Desculpa Ela tentou se ustificar. O col gio enorme. Não sei o nome de todo mundo.

Sou o Max respondeu apressado, como se tivesse outros clientes para atender. Enfim, onde paramos Tem uma mensagem na sua carteira na sala de detenção. Ele continuou a datilografar. Foi escrita com canetinha Caneta

Caneta, mas ficou meio entalhada na madeira. Max. Era um nome bonito. Então, voc pode trabalhar a ui como se fosse um escritório Onde arrumou a má uina de escrever

ue tamanho mais ou menos a mensagem ocupa Alguns centímetros Uns trinta

Não, trinta não respondeu Vi. Ela deu uma desanimada. Gostava mais da conversa descontraída. Talvez não devesse ter parecido tão carrancuda. Acho ue uns dez centímetros. E acho ue a mensagem sobre o meu namorado.

Os dedos de Max se agitaram. Ainda assim, ele não ergueu o olhar.

Pelo ue me lembro, voc tinha dito ue a mensagem não era para voc .

Bom, agora pensei melhor. Talvez *seja* uma coisa meio bola de cristal mesmo.

Duvido muito ue exista algum tipo de oráculo na sala de detenção.

Max revirou os olhos. Não sei por ue falei a uilo.

Ah.

Vi de repente sentiu uma ard ncia no nariz. Tentou ignorá-la. Tentou pensar em coisas boas, como os filhotes de labrador ue estavam venda no seu uarteirão. Mas então sentiu as lágrimas vindo. Uma desceu pela bochecha. Ela tentou disfarçar uma fungada, mas Max finalmente a olhou.

Eita disse ele.

Desculpa. Ela abaixou a cabeça. ue a mensagem está certa. Eu preciso mesmo es uec -lo. Ele nem era tão legal assim. Não sei por ue estou desse eito.

Devagar, Max pousou os dedos sobre as teclas e esperou.

Ele reclamou do presente de aniversário ue eu dei, por exemplo continuou Vi. uem faz esse tipo de coisa

 ual era o presente

Um da ueles passarinhos do instituto de ci ncias ue se inclina como se estivesse bebendo água. Achei ue era fofo. O passarinho usava uma cartola muito elegante. Ele baseado num princípio da física e a gente tinha estudado unto para a prova. Aparentemente, meu namorado ueria uns AirPods falsificados da Amazon. Disse ue tinha me mandado o link e ue eu devia ter comprado a uilo mesmo.

 ue sem graça comentou Max.

Pra piorar, ele tirava sarro das músicas ue eu curto. Chamava de *música de menina chorona*.

Ele parece meio chato.

Mas Vi ueria ue Connor fosse perfeito, não chato. Ela amava o amor.

Estava desesperada para viver um romance. Desde ue era criança, amava contos de fadas, com dias rom nticas e, *principalmente*, músicas rom nticas. Ela fazia os bone uinhos de Lego namorarem, e sempre tinha um final feliz. Mas seu bone uinho de Lego amais ligaria para a bone uinha de Lego *na frente de todos os amigos* para dizer, com uma voz ue parecia estar tentando segurar o riso, ue talvez fosse melhor tipo, eles não ficarem mais untos . Ele tamb m não desligaria sem terem conversado direito, relembrando os bons momentos untos e decidindo uem ficaria com o u . Os óculos de realidade virtual de segunda mão ue eles compraram untos, por exemplo. De uem seria a guarda

Tá, p ssimo exemplo. Com certeza ficariam com Connor. Realidade virtual deixava Vi en oada.

Eu só ueria ter terminado com ele antes desabafou ela. ueria ue uma bola de cristal tivesse me falado o ue ia acontecer, para ue eu pudesse me adiantar e terminar antes dele.

Acho ue bolas de cristal não funcionam assim.

Pois deveriam fungou Vi.

Então, o ue voc fez Destruiu o armário dele perguntou Max. Botou mel dentro do t nis de ginástica dele Foi por causa dele ue voc ficou de castigo, n

Ela soltou um suspiro.

Não destruí nada.

Espalhou algum boato

Defina *espalhar*.

Max a analisou por um instante, então assentiu, solene.

Voc escreveu alguma coisa sobre ele. Uma peça, talvez Um monólogo.

Vi riu.

Uma redação para a aula do sr. Costello. Entreguei no lugar do trabalho sobre o simbolismo na obra de Charles Dickens.

Voc sacrificou uma nota em ingl s só para desabafar suas frustraç es Max soltou um assovio. Bem impressionante.

Ele disfarçou um sorriso. Vi não tinha certeza se deveria se defender. A redação não era exatamente maldosa. Ela expunha, sim, algumas mágoas,

como o fato de Connor sempre tomar partido dos amigos dele em vez dela; a uela vez em ue ele ficou tr s dias sem falar com Vi por ue ela se saiu melhor do ue ele no simulado; e a compulsão ue Connor tinha por comer Cheetos apimentado todo dia depois da aula, deixando marcas laran a de dedo por toda parte, inclusive na camiseta preferida dela.

Ela havia usado muita linguagem figurada. Chegou at a incluir uma citação de Dickens: *Tenha um coração que nunca endureça, um temperamento que nunca se canse e um toque que nunca machuque*, ue na verdade não combinava muito com o resto do texto, mas o sr. Costello tinha exigido pelo menos uma citação. Esperava ue o professor elogiasse suas habilidades de escrita, se compadecesse de seu coração partido e chamasse ela e Connor para uma conversa para tentar fazer com ue reatassem, como um casamenteiro intrometido saído direto de um romance vitoriano. Ou então, o sr. Costello podia ler a redação em voz alta para a turma inteira, e Connor ia se encolher de vergonha e isso serviria para alertar a próxima garota com uem ele uisesse sair. Vi gostava dessa ideia mulheres se apoiando e tal.

Em vez disso, o sr. Costello marcou uma reunião com Vi e com a sra. Carlson sem Connor , e disse num tom severo ue a aula dele não era lugar para Vi implicar com outro colega. Vi caiu no choro e disse ue o sr. Costello era *o que existe de pior no patriarcado* por não ter ficado automaticamente do lado dela. Ela retirou as palavras imediatamente, mas recebeu o castigo mesmo assim.

Voc uer mostrar o texto para ele, não uer disse Max depois ue Vi contou uma versão resumida da história. Voc uer ue ele leia o ue voc escreveu.

Vi mordeu o lábio.

. Acho ue sim.

Acha ue isso vai te fazer sentir melhor, mas não vai. Confia em mim.

Como voc sabe

Max contrai os lábios.

Experi ncia própria.

Voc á escreveu uma redação sobre algu m tamb m

Um poema. Ano passado. Longa história. Resumindo: melhor agir com maturidade.

Vi soltou um grunhido.

Eu *sempre* a o com maturidade. Estou *cansada* de agir com maturidade.

realmente uma tortura concordou Max.

Ele abriu um sorriso triste, como se estivessem numa longa e árdua ornada untos, mas estava tudo bem, por ue uma hora iam chegar lá.

Voc estava escrevendo um poema uando vim mais cedo perguntou Vi, meio envergonhada.

Talvez disse ele.

Sobre o ue

Não sei. Letras de música. Sentimentos. s vezes gosto de imitar o estilo de poetas famosos. Deve ser tudo muito ruim.

O ue eu escrevo tamb m deve ser muito ruim comentou ela.

Max a encarou.

Isso não deveria te impedir de escrever.

Vi sentiu um friozinho na barriga.

Talvez tenha razão.

O sinal tocou. Os dois olharam para o teto, de onde o som vinha. Acabou estragando o momento.

Bom murmurou Vi.

Bom ecoou Max.

Ele disse ue enviaria o relatório dela pelos canais ade uados. Vi agradeceu. Ela considerou apertar a mão dele, mas se conteve. Fez um aceno es uisito e depois bateu o passe de madeira na palma da mão.

um ciclo termodin mico disse Max de repente, uando Vi á tinha se virado para sair.

Ela olhou para trás.

O u

O passarinho ue bebe água. uando a cabeça entra em contato com a água, aumenta a pressão dentro do bulbo, ue faz a cabeça subir. Mas então a água evapora, a pressão lá dentro diminui e a cabeça desce, fazendo o passarinho encostar na água de novo, e o processo recomeça.

Isso disse Vi. Então sentiu uma nova onda de culpa. Peraí, voc tamb m está na minha turma de física

Não, só tenho um passarinho desse em casa. respondeu Max, e então

acrescentou: Gosto muito dele.

VI

Na sexta, o último dia de detenção, Vi entrou na escola com Cassidy, Lila e Ramona, como de costume, mas se sentia meio diferente. Connor não tinha sido seu primeiro pensamento ao acordar. Ela não tinha ouvido a playlist com suas dez músicas tristes favoritas para suportar o caminho de carro at a escola. Não caiu no choro ao ver a vaga onde Connor estacionava todo dia. At pensou em contar para as amigas sobre a redação e o castigo. Era uma história engraçada. Ela tinha falado pro sr. Costello ue ele era o ue havia de pior no patriarcado Tinha sido meio icônico.

E então, uando chegou na sala de detenção, viu ue a mensagem na carteira tinha sumido.

Uau disse ela para o sr. ill. Eles resolveram muito rápido.

Pois O sr. ill cruzou as mãos. Eu tive ue ligar pra lá. Eles disseram ue voc nunca apareceu para reportar. Ele lançou um olhar severo a ela. Eu confiei em voc , Violet. Voc uma boa aluna. E, mesmo ue tenha tido o alarme de inc ndio, não pode ficar zanzando por aí. Estou uase te dando mais uma semana de detenção por não ter seguido as regras.

Mas eu fui lá, sim afirmou Vi. No departamento de reparos. Eu fui. Na salinha pe uena na ala de informática. Tinha um cara com uma má uina de escrever. Ele datilografou o ue eu disse.

Um sorriso peculiar se espalhou pelo rosto do professor. Era o tipo de sorriso ue os professores exibem uando não t m certeza se o aluno está brincando ou surtando.

O departamento de reparos fica na secretaria, Violet disse ele, devagar. E tenho uase certeza de ue não usam mais má uinas de escrever.

Vi piscou, atônita.

Voc disse ue era na sala 124.

Não, eu disse ue era na sala B24. Na secretaria. Agora o professor a encarava com um pouco de pena, e fez um gesto com a mão. Tudo bem. Já está resolvido. Não vou estender o castigo.

Mas o coração de Vi estava disparado. Não fazia sentido. Ela tinha ido na uela salinha. Max falou ue ela estava no lugar certo. Ele ouviu, datilografou, os dois conversaram.

O sinal tocou e o sr. ill disse para ela se sentar. Os outros alunos tamb m foram chegando para o castigo, prontos para cair no sono.

Vi pegou o notebook para começar a tarefa de economia, mas as palavras se embaralhavam na tela. Ela deixou o computador de lado e encarou a carteira at conseguir discernir uma leve sombra onde as palavras estavam no dia anterior. *Esquece ele*. A marca ue o tinha deixado na madeira ainda estava lá.

Será ue ela escreveu a uela mensagem para si mesma Talvez *ela* fosse a bola de cristal. Nos últimos dias, estava tão abalada, tão irritada, ue por mais ue achasse ue só tinha feito as tarefas da escola inocentemente, agora tinha uma vaga lembrança de ter caído num devaneio, apertando a caneta na madeira macia da carteira, seu inconsciente lhe dizendo o ue ela precisava ouvir

Max, por m A uilo tinha acontecido. Não tinha Ou será ue Vi tinha simplesmente inventado Max a partir de sua própria solidão Sentado na uela salinha, datilografando seus poemas, dizendo o ue ela ueria ouvir

Ela se levantou, caminhou at a frente da sala e pegou o passe de madeira do gancho.

O sr. ill ergueu as sobrancelhas.

Violet Aonde voc

Volto á.

VII

Vi saiu para o corredor antes ue ele pudesse impedir, virando es uerda e descendo rápido pela escada, passando por dois cartazes com o seu nome e um outro com a sua foto. Atravessou o corredor de informática at a portinha marcada com o número 124. Ainda estava lá. A mesma porta. A mesma maçaneta. Tudo igual.

Usou o passe de madeira para bater, mas ningu m a mandou entrar. Ela

tentou abrir, mas a maçaneta não girava.

Então recuou. Estava prestes a chorar de novo.

Vi

Ela se virou de imediato. Connor estava no final do corredor, perto da cantina. Parecia surpreso ao v -la mas não irritado ou chateado como estava durante o treinamento de inc ndio, rodeado pelos amigos.

Ele deu alguns passos em sua direção.

Oi disse baixinho. O ue voc está fazendo

Tentando entrar nessa sala respondeu ela, sem tirar os olhos da maçaneta.

Por u

Era para ter algu m aí dentro disparou Vi. Algu m com uem preciso falar.

Ela sentiu Connor se aproximando. Então ele tentou girar a maçaneta tamb m. O cheiro de aveia do shampoo dois em um ue ele sempre usava invadiu suas narinas. At pouco tempo antes, Vi adorava a uele cheiro, mas agora parecia forte demais e artificial.

Tenho uase certeza de ue só um armário mesmo afirmou Connor. Ele a encarou. Enfiou as mãos no bolso, meio sem eito. Vi Acho ue devíamos conversar. Sobre nós dois.

Vi apertou o passe de madeira.

u

As coisas aconteceram muito rápido. Talvez fosse melhor, tipo, pensarmos mais a respeito.

Como assim

Um sorrisinho surgiu nos lábios dele.

Sei lá. Tipo Eu sinto sua falta.

Por um instante, os lábios de Vi congelaram. *Diga que sim, seu corpo gritava. É isso que você quer. Esse é seu final feliz.*

Mas então ela pensou no ue Max dissera. Depois olhou para dentro de si mesma e percebeu ue gostava do ue Max tinha dito. Mais do ue gostava do ue Connor estava dizendo, aliás.

Não respondeu ela. Não, acho ue não.

Connor recuou um pou uinho. O canto da boca se curvou num sorriso

confuso.

Como

Voc tinha razão. melhor cada um seguir seu caminho. As palavras saíram muito rápido. Talvez por ue ela tivesse receio de ue, se falasse mais devagar, não conseguiria botar para fora.

Connor contraiu o maxilar. A boca dele virou uma linha fina. Ele ergueu o ueixo e a eitou a mochila no ombro.

Só ofereci por ue voc parecia arrasada retrucou, num tom ácido. Todo mundo tá dizendo isso. Só estava tentando ser legal.

E então foi embora depressa. O cadarço estava desamarrado, e ele uase tropeçou. Vi o observou com uma esp cie de admiração entorpecida. Então olhou para si mesma. Suas mãos estavam tremendo.

Isso sim deve ter feito voc se sentir melhor.

Vi se virou para trás. Max estava na outra ponta do corredor, perto do cartaz com o rosto dela. Ele segurava uma maleta grande e uadrada a má uina de escrever, talvez e se apoiava numa fileira de armários. Ela se perguntou uanto tempo fazia ue ele estava ali.

Ela sentiu as bochechas es uentarem. O corpo inteiro, na verdade.

De repente, estava tão feliz por ele não ser um delírio.

Mas então se lembrou. Apontou para ele, determinada.

Voc *não* faz parte do departamento de reparos. Eles ficam na secretaria, não a ui.

Max ergueu as mãos, se rendendo.

Tá, voc me pegou.

Por ue disse a uilo uase aumentou meu castigo

Ele fez uma pausa para coçar atrás da orelha.

Voc entrou e desatou a falar e eu ueria conversar com voc .

Ela apontou para a porta.

E o ue estava fazendo ali, afinal

O ue voc acha Escrevendo poemas.

Mas uem te deu permissão pra isso

A professora disse ue posso escrever lá dentro por ue mais silencioso.

Vi piscou algumas vezes, absorvendo a informação.

Por ue mentiu

Max balançou a cabeça enfaticamente.

Eu não devia ter dito nada da uilo. Eu só me deixei levar. Voc chegou e começou a falar, e eu *sempre* uis conversar com voc . Mas a gente nunca tinha se cruzado antes. Tentei te dizer a verdade, mas daí pensei ue, se eu falasse ue não era do departamento de reparos ou sei lá o u , voc daria meia-volta e iria embora, e eu não ueria isso. A verdade ue eu uero falar com voc faz uns dois *anos*, mas acho ue não pegaria muito bem se eu mandasse a real Ele fez uma pausa para tomar fôlego. Desculpa. De verdade. Desculpa mesmo. Essa foi a coisa mais estranha ue eu á fiz na vida.

Vi sentiu a mandíbula se contrair.

Bom. Voc tem ue pedir desculpa mesmo.

Mas então sua raiva evaporou. Vi percebeu ue a uela era a coisa mais rom ntica ue á tinha lhe acontecido.

Ela olhou para Max de novo, e viu ue ele tamb m a encarava. De p , ele era bem alto, e seu short era comprido demais, e seus oelhos eram ossudos, e os sapatos pareciam gigantes. Mas somando tudo, at ue era meio fofo.

Max deu um passo na direção dela, o ueixo baixo. O coração de Vi começou a bater forte por todos os motivos certos. Ela pigarreou.

Sabe de uma coisa Eu poderia escrever uma redação muito boa sobre voc , para me vingar.

Já tinha at pensado num título ótimo. Algo sobre um poeta. E sobre fingir saber consertar as coisas, ainda ue, ironicamente, ele tenha, sim, consertado algo.

Bom, nunca me mostre respondeu Max, agora diante dela. Te avisei sobre isso, lembra

Espero nunca ter ue escrev -la declarou Vi.

Eles sorriram um para o outro. A maleta da má uina de escrever era uma barreira entre os dois, impedindo-os de chegarem mais perto. Então Vi ouviu o sr. ill chamando seu nome pelo corredor, e soube ue precisava ir.

Mas tudo bem. Ela encontraria Max de novo. O col gio não era tão grande assim.

E sempre haveria a uela salinha peculiar atrás da uela portinha estranha.

SOBRE AS AUTORAS

LYNN PAINTER

Lynn Painter autora best-seller do *New York Times*. Escreveu *Melhor do que nos filmes* (2023), *Amor por engano* (2023), *Não é como nos filmes* (2024), *Apostando no amor* (2024), *Sorte no amor* (2025), *Mil vezes amor* (2024), *Patinando no amor* (2026) e *Confusões do amor* (2026), todos publicados no Brasil pela Intrínseca. Mora em Nebraska com o marido e um bando de crianças rebeldes, e voc pode saber mais sobre ela no site LynnPainter.com ou no Instagram @LynnPainterBooks.

JESSE Q. SUTANTO

Jesse . Sutanto uma autora premiada e best-seller, com uinze livros publicados (por en uanto). Entre eles, estão *Disque T para titias* (Intrínseca, 2022), *Quatro titias e um casamento* (Intrínseca, 2023*),* e *Vera Wong's Unsolicited Advice for Murderers*, al m dos romances YA *Por essa eu não esperava* (Intrínseca, 2022), *Didn't See That Coming, The Obsession e The New Girl*. Os direitos cinematográficos de *Disque T para titias* foram ad uiridos pela Netflix, e os direitos de adaptação de *Vera Wong* foram vendidos para a arner Bros., com produção de Oprah infrey.

ELISE BRYANT

Elyse Bryant autora de *Onze passos para se apaixonar* (Alt, 2023), indicado ao NAACP Image Award; *One True Loves*; *Reggie and Delilah's Year of Falling; It's Elementary*; e *The Game Is Afoot.* Durante muitos anos, teve o prazer de trabalhar como professora especializada no atendimento a alunos com

necessidades especiais, e atualmente passa o tempo lendo, escrevendo e comendo sobremesa. Mora com o marido e as duas filhas em Long Beach, na Califórnia.

J. ELLE

J. Elle uma autora premiada e best-seller do *New York Times.* Sua duologia de estreia, *Wings of Ebony*, foi considerada uma estreia incrível pela NPR, indicada em 2022 para o NAACP Image Award na categoria de Melhor Obra Literária para Jovens e Adolescentes, al m de ter sido reconhecida como livro de honra pela American Library Association. Sua trilogia de romantasia, *A Casa Marionne* (Livros da Alice, 2024), se tornou um best-seller, traduzida para dezessete idiomas em cinco continentes. o e em dia, Elle escreve diretamente do Texas, onde mora com tantas crianças e animais ue perdeu a conta.

JENNIFER DUGAN

Jennifer Dugan uma rom ntica desastrada ue escreve em diversos g neros e categorias. Seu romance ovem-adulto de estreia, *Hot Dog Girl*, foi descrito como uma ótima com dia rom ntica, leve e divertida pela *Entertainment Weekly*, embora ela se a mais conhecida por *Some Girls Do*, ue viralizou no TikTok. Jennifer tamb m colaborou com a artista it Seaton nas *graphic novels Full Shift, Bite Me* e *Coven*, sendo esta última indicada ao GLAAD Award de Melhor Graphic Novel Original.

JESSICA GOODMAN

Jessica Goodman autora best-seller do *New York Times* e do *USA Today*. Escreveu *A mesa dos jogadores* (Alta Novel, 2022); *They'll Never Catch Us*; *The Counselors*; *O Legado* (Alt, 2023), e *The Meadowbrook Murders*. Seus livros foram traduzidos para uinze idiomas. Atualmente, está coproduzindo a adaptação de *A mesa dos jogadores* na Netflix.

JULIE MURPHY

Julie Murphy divide seu tempo entre Texas e ansas com o marido, ue a ama, e seus gatos, ue a toleram. Ex-bibliotecária, Julie autora best-seller do *New York Times*, com livros publicados para todas as idades, incluindo *Dumplin'* (Valentina, 2017), adaptado para a Netflix e escolhido como um dos 100 Melhores Livros A de Todos os Tempos pela *Time; Let Them Stare; Dear Sweet Pea*; e *Será que é o meu número?* (Universo dos Livros, 2022). Tamb m coautora da s rie *É sempre Natal* com Sierra Simone (arle uin, 2023). Voc pode encontrá-la no Instagram em @AndImJulie ou em seu site JulieMurphy rites.com.

KATHARINE MCGEE

 atharine McGee autora best-seller do *New York Times*. Escreveu *O jogo da rainha* (2025) e a s rie *Realeza americana* (2022), al m da trilogia *O milésimo andar* (2018), publicados no Brasil pela Rocco. Estudou língua inglesa e literatura francesa na Universidade de Princeton e tem pós-graduação por Stanford. Mora em sua cidade natal, ouston, no Texas, com o marido e os filhos.

KRYSTAL MARQUIS

 rystal Mar uis autora best-seller do *New York Times*. Escreveu *Os Davenport* (2023) e sua continuação, *Os Davenport: O preço da felicidade* (2025), publicados no Brasil pela Alt. Estudou biologia no Boston College e na Universidade de Connecticut. uando não está escrevendo ou plane ando visitas livraria Book Barn para descobrir seu próximo romance favorito, rystal gosta de fazer trilhas, aumentar sua coleção de sapatos e bolar maneiras de criar seu próprio Jurassic Park. Voc pode acompanhá-la no Instagram @ rystabelle Reads e no site rystalMar uis.com.

LAURA SEBASTIAN

Laura Sebastian cresceu no sul da Flórida e estudou no Savannah College of Art and Design. Atualmente, mora e escreve em Londres, na Inglaterra, com seus dois cachorros, Neville e Circe. autora best-seller das s ries *Princesa das cinzas* (2018) e *Castelos em seus ossos* (2023), publicadas no Brasil pela Ar ueiro; de *Half Sick of Shadows*, seu primeiro romance para o público adulto; e de *Into the Glades*, para o público infanto uvenil. Voc pode encontrá-la em LauraSebastian rites.com e nas redes sociais (@Laura Sebastian) no Instagram e TikTok.

SARA SHEPARD

Sara Shepard autora best-seller do *New York Times*. Escreveu a s rie *Pretty Little Liars* (2011), a s rie *The Lying Game* (2013), *As herdeiras* (2022) e a s rie *As perfeccionistas* (2017), publicados no Brasil pela Rocco; *As Elizas* (arperCollins, 2018); e *Reputation* (2019). Tamb m autora da s rie infanto uvenil *Desenhando um melhor amigo* (Rocco, 2023). Os leitores podem encontrá-la no Instagram e no TikTok em @SaraCShepard.

CRYSTAL MALDONADO

Crystal Maldonado uma premiada autora de literatura ovem adulta, conhecida por com dias rom nticas contempor neas inclusivas ue t m garotas porto-ri uenhas gordas como protagonistas. Seus livros YA incluem: *Fat Chance: A vez de Charlie Vega* (Gutenberg, 2022); *No Filter and Other Lies; The Fall of Whit Rivera*; e *Get Real, Chloe Torres*. Sua estreia na literatura infanto uvenil, *Camp Sylvania: Moon Madness*, foi escrita em coautoria com Julie Murphy. Atualmente mora no oeste de Massachusetts com o marido e a filha. Voc pode segui-la nas redes: @Crystal rote.

SLOAN HARLOW

Sloan arlow autora best-seller do *New York Times* e do *USA Today*. *Escreveu Tudo que nunca dissemos* (Seguinte, 2024) e *Tudo o que perdemos* (Galera,

2026). Ela mora no Brooklyn, em Nova ork, e á desistiu de tentar ensinar sua gata preta, Pabu, a não dormir em cima do teclado. Voc pode encontrá-la no Instagram em @Sloan arlowAuthor.

The Grand Gesture copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Elise Bryant
Ali Gets a Clue copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Jennifer Dugan
Everything Unspoken copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and J. Elle
Brake for It copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Jessica Goodman
Five Summers copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Diana erckhof
Once Upon a Grad Night copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Crystal Maldonado
Group Pro ect copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and rystal Mar uis
e re ere Now copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and atharine McGee
The Cardigan in uestion copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Julie Murphy
It appened One ednesday copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Lynn Painter
This One s Just for Us copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and PT arya ippo Makmur Inc.
Fool s Gold copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Laura Sebastian
Creative Differences copyright 2026 by Alloy Entertainment LLC and Sara Shepard
Cardigan illustration copyright 2026 by Claire oung

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução total ou parcial da obra sob uais uer meios existentes sem autorização. Nenhuma

parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob uais uer meios com a finalidade de treinamento de tecnologias ou sistemas de intelig ncia artificial. Esta obra está protegida contra a mineração de texto e dados (artigo 4. , n. 3, da Diretiva (UE) 2019/790).

Publicado mediante acordo com G.P. Putnam s Sons, um selo de Penguin oung Reader s Group, uma divisão de Penguin Random ouse LLC.